

MIGUEL RODRIGUES DE SOUSA NETTO

**HOMOEROTISMO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO:
REPRESENTAÇÕES, AMBIGUIDADES E PARADOXOS.**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UBERLÂNDIA, MARÇO DE 2011**

MIGUEL RODRIGUES DE SOUSA NETTO

**HOMOEROTISMO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO:
REPRESENTAÇÕES, AMBIGUIDADES E PARADOXOS.**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em História.

Área de concentração: História Social

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Vera Lúcia Puga

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UBERLÂNDIA, MARÇO DE 2011**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- S725h Sousa Netto, Miguel Rodrigues de, 1978-
 Homoeerotismo no Brasil contemporâneo [manuscrito] : representações,
 ambiguidades e paradoxos. / Miguel Rodrigues de Sousa Netto. -
 Uberlândia, 2011.
 187 f. : il.
- Orientadora: Vera Lúcia Puga.
 Tese (doutorado) – Universidade Federal de Uberlândia, Programa de
 Pós-Graduação em História.
 Inclui bibliografia.
1. História social - Teses. 2. Homossexualidade - História - Teses. 3.
 Homossexuais - Aspectos sociais - Teses. 4. Homofobia - Teses. I. Puga,
 Vera Lúcia. II. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-
 Graduação em História. III. Título.

CDU: 930.2:316

SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. *Homoerotismo no Brasil contemporâneo: representações, ambiguidades e paradoxos*. Tese (Doutorado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

BANCA EXAMINADORA:

PROF. DR. ANTÔNIO DE ALMEIDA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

PROF^a. DR^a. DIVA DO COUTO GONTIJO MUNIZ
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

PROF^a. DR^a. MARIA CLARA TOMAZ MACHADO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

PROF^a. DR^a. CLÁUDIA DE JESUS MAIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS

PROF^a. DR^a. VERA LÚCIA PUGA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
ORIENTADORA

EM 24 DE MARÇO DE 2011

Para o amigo Aguinaldo Rodrigues Gomes,
companheiro leal nesta estrada.

AGRADECIMENTOS

É, certamente, difícil uma boa hora como esta dedicada a tornar públicos nossos afetos e agradecer a generosidade vária encontrada no transcurso desta jornada.

Devo agradecer à minha orientadora professora Doutora Vera Lúcia Puga por receber-me entre seus orientandos de Iniciação à Pesquisa, ainda no início da graduação em História na Universidade Federal de Uberlândia, e por orientar-me no curso de doutoramento de maneira sempre correta, disponível e esperançosa da qualidade do trabalho (espero neste último ponto não tê-la decepcionado). Assim, agradeço à amiga Vera Puga, capaz de olhos fraternos para aqueles que, como eu, trilham os primeiros passos da carreira acadêmica, e de oferecer com a sua companhia ótimas horas regadas a cerveja gelada e boa comida (de preferência quando ela se transforma de orientadora em cozinheira).

À professora Doutora Maria Clara Tomaz Machado e ao professor Doutor Antônio de Almeida, por suas leituras cuidadosas e generosas quando do Exame de Qualificação. Suas contribuições de tão valiosas repercutirão em mim por muito tempo ainda. Para além dessas considerações, a dedicação à universidade pública desses três professores, Vera, Maria Clara e Antônio, à universidade pública faz, de cada um, exemplo a ser seguido.

Às professoras Doutoras Diva do Couto Gontijo Muniz e Cláudia de Jesus Maia, agradeço o aceite em participarem desta banca de defesa de tese e, antecipadamente, por suas contribuições que a competência e reconhecimento de cada uma me garantem.

Gostaria de destacar a importância que a Universidade Federal de Uberlândia teve em minha formação, da graduação ao doutorado. A propósito, agradeço aos meus professores por participarem em todas as minhas etapas acadêmicas e que contribuíram significativamente para elaboração de um pensamento humanístico; agradeço também àqueles com quem pude (e ainda posso) conviver, a exemplo da sempre querida professora Doutora Raquel Cristina Radamés de Sá.

Desde 1997, quando cheguei nessa instituição, minha estada foi facilitada e, sobretudo, alegrada, pelo convívio com os queridos João Batista (Coordenação do Curso de História), Gaspar, Luciana (Secretaria do Instituto de História) e, finalmente, Josiane (Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História). Nos dois anos em que trabalhei como professor substituto, só consegui aumentar meus débitos com o estimado João Batista.

Aos colegas do curso de doutorado em História, agradeço pelo convívio e pela partilha de ideias em cada disciplina e outros espaços.

Minha família tem despendido a mim, em toda minha trajetória, amor, carinho, confiança e esperança. Devo agradecer a todo o panteão divino por cada um de vocês. Muito obrigado ao meu pai, Jesusmar, minha mãe Vera – que me ensina as artes de um otimismo perene –, meu irmão Cássio que, além do amor, dedica a mim longas horas de debates da mais alta competência. E cada um dos meus sobrinhos lindos, Cauê, João Pedro e Gabriel, que me oferecem alegria sem fim.

Tenho a sorte de contar com maravilhosos amigos: Cidinha Fonseca, Marcos R. Alves, Kesley F. Soares, Nádia C. A. Fraga, Maria José Alves, Jokmass A. Silva, Abadio César Silva; os constantes Nicarlos Simão e Letícia Viana – garantia eterna de risos e bordões. Agradeço a Sandra A. Fiúza e Eduardo M. Warpechowiski, com quem há tanto tempo partilho noites, cerveja, vinho, comida, debates e afeto (e aos sempre

impressionantes Guilherme e Nicolas). Agradeço a Luciano Carneiro Alves por sua amizade e pela alegria que me traz sempre.

Aos amigos André Luiz Ribeiro, Luis Gabriel de Paula Nascimento Moge, Daniel Hiraici, agradeço pela companhia para ótimas conversas, regadas a (muuuuita) cerveja e boa comida. Vanilda Perfeito e Iza Lúcia, sempre amáveis e incentivadoras, são também por mim aqui lembradas.

Agradeço a Lucelma Rosa Pereira dos Santos pela presteza em que, mesmo com o pouco tempo que lhe permiti, auxiliar-me com a correção deste trabalho, bem como por sua amizade singular, por me acolher em sua família tão amável e festiva, de figuras carinhosas como Danilo, Diego, Roberta, Leonardo, Alice, meus afilhados Renata e Freddy, Dona Fia, Júnior e Lidiane.

Agradeço a amizade e a possibilidade de conviver com Gleides Pamplona, com Cida Chaves, com Vanda e Daniel Sampaio. Se eu não tivesse tido a oportunidade de conhecer a cada um de vocês, eu sentiria uma falta sem saber do quê, sem saber de quem. Estar com cada um de vocês é uma alegria; longe, lembrar de vocês também o é, obrigado.

Agradeço às professoras Doutora Silma do Carmo Nunes, Doutora Jorgetânia da Silva Ferreira, Mestre Vilma Ferreira, Mestre Dulcina Tereza Bonatti que foram companheiras no curso de História da Faculdade Católica de Uberlândia e, muito mais, amigas.

Há anos encontro exílio certo em casa de André Luiz Xavier. Além de agradecer pelo auxílio com a língua inglesa, agradeço pela amizade, pelo acolhimento, pelas noites e mais noites de comida, cinema, música em companhia de pessoas espetaculares, como a sua e a de Peterson José de Oliveira. Tudo regado a milhares de metros cúbicos de Antártica.

Tendo deixado Uberlândia, fui recebido de forma carinhosa em Campo Grande pelo clã Squinelo: Ana Paula, Ruiz, Cida e Vinícius, muito obrigado. Do Campus de Aquidauana da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, agradeço aos colegas e amigos: Vera Lúcia Ferreira Vargas, Marta Beck, Ana Paula, Franchis Marizette, Elenir de Melo, Zaíra Andrade, Edivaldo, Alberto, Eduardo, Alfredo, Lílían. Carlos Martins, Antônio Firmino de Oliveira Neto e João Fernando Pelho Ferreira que me auxiliaram em diversas oportunidades, suportando minhas ausências quando precisei me dedicar mais demoradamente à escrita da tese. E agradeço a companhia freqüente para a cerveja necessária. Agradeço à amizade de Edelberto Pauli Júnior e Núbia Ribas, sempre tão agradáveis. Aquidauana se tornou menos árida pelo acolhimento e amizade de Sandra Nara da Silva Novais: obrigado, “miguxa”. Ao Edvaldo Correa Sotana agradeço não apenas o empréstimo de material e sugestões, mas a grande amizade. Helen Paola Vieira é companheira fiel desde minha chegada à UFMS: obrigado pelo acolhimento, pela companhia, pelo afeto sempre, sua e de sua família, com José Bueno, Giovanna e Dona Lourdes Vieira.

Durante dois anos, tive a oportunidade de conviver cotidianamente com três grandes amigos. Sem o apoio de cada um deles teria sido, é certo, muitíssimo mais difícil e menos agradável meu trajeto. Agradeço a Luiz Ricardo Prado pelo riso, pelo auxílio, pelo incentivo. A Thaís Leão Vieira, que há longo tempo é família, agradeço por tanto alegria, tanto amor; ela que me acolheu com toda sua família e tornou meu mundo melhor, muito melhor, melhor todo dia; amiga que dedica e dedicou sua leitura e seu auxílio para favorecer as minhas reflexões nestes anos. Aguinaldo Rodrigues Gomes participa deste trabalho desde a sua primeira ideia que nasceu há alguns anos; se há aqui algum mérito, ele existe por sua causa. Por isso e por sua amizade, este trabalho é dedicado a ele.

SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. *Homoerotismo no Brasil contemporâneo: representações, ambiguidades e paradoxos*. Tese (Doutorado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

RESUMO

Neste trabalho objetivamos compreender o processo de transformação dos grupos sociais formados por gays, lésbicas bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros no Brasil contemporâneo. A invisibilidade destes indivíduos e grupos, seu silenciamento e a opressão por eles sofrida, a constituição de uma sociedade homofóbica, bem como o tensionamento para que ocultamento e silêncio, injúria, violência e morte cessem, são elementos privilegiados nesta análise. Aspectos característicos da sociedade burguesa aqui instalada, juntamente com uma tradição religiosa cristã fortalecida, são alinhavados para tornar mais clara a construção de uma cultura heterossexual normativa, patriarcal, machista e excludente que se fez hegemônica, presente no Estado, na educação, no seio familiar. As diversas ações que visaram/visam a garantir visibilidade e direitos fundamentais aos indivíduos LGBTTT são objeto de análise, assim como as críticas mais profundas a esta cultura hegemônica, na elaboração de uma cultura que lhe faz oposição. Partindo da História Social e verticalizando nossa análise a partir da categoria relacional que é o Gênero, buscamos compreender estes tensionamentos e as possibilidades de construção de uma cultura política que leve à desnaturalização das diferenças das experiências erótico-afetivas rumo a uma sociedade efetivamente democrática.

PALAVRAS-CHAVE: homossexualidades; diversidade; homofobia; cultura; democracia.

SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. *Homoerotismo no Brasil contemporâneo: representações, ambiguidades e paradoxos*. Tese (Doutorado em História Social), Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

ABSTRACT

In this work we objectify to understand the process of transformation of the social groups formed by gays, bisexuals, travesties, transsexuals and transgenders lesbians in Brazil contemporary. The invisibility of these individuals and groups, its silence and the oppression for them suffered, the constitution of a homophobic society, as well as the tenseness so that holding back and silence, injury, violence and death can be ceased, are privileged elements in this analysis. Characteristic aspects of the bourgeois society installed here, together with a fortified Christian religious tradition, are tacked to become clearer the construction of an heterosexual normative, patriarchal, male chauvinist and refusing culture that made itself hegemonic, present in the State, the education, the familiar household. The diverse actions that had aimed at/aim at to guarantee visibility and basic rights to LGBTTT individuals are analysis object, as well as the critical deepest ones to this hegemonic culture, in the elaboration of a culture that makes it opposition. For the Social History and doing vertical form to our analysis from the connective category that is the Gender, we search to understand these tenseness and the construction's possibilities of a political culture that takes to the denaturalization of the differences of the erotic-affective experiences on the way of an effectively democratic society.

KEY-WORDS: homosexualities; diversity; homophobia; culture; democracy.

– Muito interessante, Mr. Wizard. Mas, porque diabos está me contando isso? (...) Essa doença... – Síndrome. – Tanto faz. Ela afeta, na maior parte das vezes, os homossexuais e os drogados. (...) Então, por que está insinuando que eu... O que está insinuando, Henry?

– Não insinuei nada.

– Não sou drogado.

– Ora, Roy.

– O quê? “Ora, Roy” o quê? Você pensa que eu sou um viciado, Henry? Você vê as marcas? (mostra os braços nus)

– Isso é absurdo. (responde Henry)

– Então, diga.

– Dizer o quê?

– Diga: “Roy Cohn, você é um...”. – Roy.

– “Você é um...”. Vamos. Não “Roy Cohn, você é um amigo drogado”. “Roy Marcus Cohn, você é um...” Fale, Henry, comece com a letra “H”.

– Não vou me envolver...

– Com a letra “H”, Henry, e não é “hemofílico”. Vamos!

– Por que está fazendo isso, Roy?

– Não, estou falando sério. Diga. Diga: “Roy Cohn, você é um homossexual”. E eu vou prosseguir sistematicamente para destruir sua reputação e sua clínica. E sua carreira no estado de Nova York, Henry. E você sabe que eu posso fazer isso.

– Roy, você é meu paciente desde 1958. Fora as plásticas, eu tratei você de tudo, desde sífilis...

– Peguei de uma prostituta em Dallas.

– Desde sífilis até verrugas venéreas em seu reto, as quais você pode ter contraído de uma prostituta em Dallas. Mas não era uma prostituta mulher.

– Então, diga.

– Roy Cohn, você é... Você fez sexo com homens. Muitas, muitas vezes, Roy. E um desses homens, ou muitos deles, o deixou muito doente. Você tem Aids.

– Aids? Sabe? O seu problema, Henry, é que você está preso a palavras, em rótulos que você acredita que signifiquem o que aparentam. Aids, homossexual, gay, lésbica. Você acha que essas palavras dizem com quem você vai para a cama? Elas não dizem isso.

– Não?

– Não. Assim como todos os rótulos, dizem uma coisa, apenas uma coisa: onde é que um indivíduo, assim identificado, se encaixa na cadeia alimentar, na hierarquia social. Não a ideologia ou preferência sexual, mas algo muito mais simples: influência. Não com quem eu transo ou quem transa comigo, mas quem irá atender o telefone quando eu ligar. Quem me deve favores. É isso que um rótulo significa. Agora, para alguém que não entende isso, homossexual é o que eu sou porque faço sexo com homens. Mas, na verdade, isso é errado. Homossexuais não são homens que dormem com outros homens. Homossexuais são homens que durante quinze anos de tentativas não conseguem aprovar uma lei antidiscriminação na Câmara Municipal. Homossexuais são homens que não conhecem ninguém e que ninguém os conhece. Que não têm influência. Isso se parece comigo, Henry? – Não.

– Não. Eu tenho influência. Muita. Eu posso pegar esse telefone, discar quinze números, e sabe quem estará do outro lado da linha? Em menos de cinco minutos, Henry?

– O presidente.

– Melhor ainda, Henry. A mulher dele.

– Estou impressionado.

– Não quero que fique impressionado. Eu quero que você entenda. Isso não é sofística nem hipocrisia. Isso é a realidade. Eu faço sexo com homens, mas, diferentemente de quase todos os homens que fazem o mesmo, eu levo o cara que eu estou comendo para a Casa Branca e o Presidente Reagan sorri para nós e o cumprimenta, porque o que eu sou é totalmente definido por quem eu sou.

Diálogo entre o cínico Roy Cohn (Al Pacino) e seu médico Henry (James Cromwell), ao ser diagnosticado com Aids, na minissérie *Angels in America* (Minissérie (adaptada da peça homônima escrita por Tony Kushner) produzida pelo canal HBO, dirigida por Mike Nichols. Estados Unidos da América/Canadá, 2003, drama, 352 minutos. A trama se desenrola na segunda metade dos anos 1980 e retrata, sob o pano de fundo do governo de Ronald Reagan, o impacto inicial da Aids nos Estados Unidos. Contou em seu elenco com Al Pacino, Meryl Streep, Emma Thompson, Justin Kirk, Ben Shenkman, Mary-Louise Parker, Jeffrey Wright, Patrick Wilson, James Cromwell).

SUMÁRIO

RESUMO.....	6
ABSTRACT.....	7
INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I	
HOMOEROTISMO CONTEMPORÂNEO: UMA LEITURA CALEIDOSCÓPICA.....	29
O CÂNON CRISTÃO: REGISTROS DE UMA TAXINOMIA DO PECADO.....	32
COMPONDO A MARGEM: OLHARES SOBRE ANÔNIMOS OU EXCLUÍDOS SOCIAIS.....	40
NOTÍCIAS DA MARGEM –	
SOCIABILIDADES, ESPAÇOS, ATITUDES, FORMAS DE EXPRESSÃO.....	43
REPRESENTAÇÕES NA MÍDIA E DIVERSAS LINGUAGENS CULTURAIS.....	49
VIABILIZAÇÃO DOS DESEJOS:	
LUGARES E “DESLUGARES” DAS SOCIABILIDADES E REPRESENTAÇÕES GAYS.....	58
CAPÍTULO II	
“E NUNCA FOI TÃO NATURAL SER DIFERENTE QUANTO AGORA?”:	
PERMANÊNCIAS E RUPTURAS.....	64
SOB A ESPREITA DA RELIGIÃO.....	65
A ESCOLA E SUA PROMOÇÃO DE INJÚRIA E HUMILHAÇÃO.....	75
NAS FRONTEIRAS DO PRECONCEITO	
E DA DISCRIMINAÇÃO: A PSICOLOGIA, A FAMÍLIA E O ESTADO.....	81
CAPÍTULO III	
UMA LIBERDADE CONSENTIDA, OU, OS LIMITES DA VISIBILIDADE?.....	92
ESTRATÉGIAS E ASTÚCIAS NO MUNDO DA INVISIBILIDADE GAY.....	93
A (IN)VISIBILIDADE E A MILITÂNCIA PELA CIDADANIA.....	100
NO MUNDO GAY: MILITÂNCIA OU NATURALIZAÇÃO?.....	111
CAPÍTULO IV	
ONDE ANDARÁ MELINHA MARCHIOTTI?	
OU, HOMOSSEXUALIDADES, POLÍTICA E AMBIGUIDADE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO...	120
NOS TEMPOS DE MELINHA.....	121
A HOMOSSEXUALIDADE COMO OBJETO DA MEDICINA.....	125
O MOVIMENTO GAY EM MOVIMENTO: A IMPRENSA GAY.....	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	149
APÊNDICE.....	159
DOCUMENTAÇÃO.....	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	173



Introdução



Para aqueles que ainda não adivinharam, eu sou uma transformista, ou, o que sobrou de uma. Me apresento com o nome de Virgínia Hamn. Não soa como um chute na bunda? Deveriam ouvir alguns dos meus nomes anteriores: Anita Mann, Fonda Boys, Claire Voyant, Fay Ways, Bang-Bang Ladesh. Sim. Sou de uma raça em extinção. Bem, quando os direitos civis para os gays forem instituídos seremos varridas para debaixo do tapete, como os negros fizeram com Amos, Andy e Aunt Jamima. Mas está tudo bem. Com essa voz e esse rosto, não tenho porque me preocupar: posso dirigir um táxi.

Fala de Arnold Beckoff, interpretado por Harvey Fierstein, na primeira sequência de *Essa estranha atração*¹.

O homoerotismo é objeto de estudiosos das mais variadas áreas e, no seio da História, pode sê-lo sob os diversos eixos da disciplina. A escolha, neste trabalho, versa acerca das práticas sociais e representações² dos homossexuais no Brasil, em especial nas últimas décadas do século XX e nesta primeira década do século XXI. É preciso acrescentar, ainda, que a contemporaneidade³ na qual estamos inseridos é marcada pela produção de imagens e pelo realçamento das individualidades (privadas) no espaço

¹ *Essa estranha atração (Torch song trilogy)*. Tragicomédia dirigida por Paul Bogart. Estados Unidos da América, 1988, 118 min., cor.

² O historiador francês Roger Chartier articula as noções de práticas sociais e representações em três níveis: o primeiro, no qual os indivíduos se incorporam no mundo social e criam configurações intelectuais por meio das quais a realidade é construída pelos diversos grupos; o segundo, “as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social” e, finalmente, as formas institucionalizadas e objetivadas por meio das quais representantes marcam de forma visível a existência do grupo. Há, nestes movimentos, dois outros: por um lado, alguns grupos têm o poder de classificar em cada sociedade, de outro, cada grupo faz uma classificação de si (e dos demais). Estabelece-se, assim, uma luta de representações que se dá no corpo social. (Cf. CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: _____. *À beira da falésia* – a História entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002, p. 73.) No que tange a este estudo, veremos que se trata de uma disputa social iniciada há longo tempo e que tem colocado em desvantagem aqueles que divergem da heteronormatividade patriarcal, mesmo que busquemos analisar como isso se dá no Brasil, em especial na passagem do século XX para o século XXI.

³ O termo tem uma delimitação algo fluida. Podemos compreender como contemporâneo aquele que participa do meu tempo (ou, do tempo daquele que enuncia), daquele que nomeamos (“Marx, contemporâneo de Engels”, por exemplo), ou ainda, atermo-nos ao quadripartismo francês: a Idade Contemporânea, inaugurada pela Revolução Francesa de 1789. Olgária Matos, leitora magistral, retoma a obra de Walter Benjamin para perceber ali elementos formadores de uma “outra” contemporaneidade: é a partir da segunda metade do século XIX (Benjamin apreende os elementos a partir da poesia baudelaireana) que sofreríamos uma contração do tempo, sua intensificação, o apagamento da experiência em um presente perpétuo. Esses elementos ultrapassam o séc. XIX e se nos mostram ainda hoje. Assim, utilizamos o termo contemporâneo em uma acepção pouco delimitada, mas que compreende, neste estudo, dos fins do séc. XIX aos dias atuais, vendo mais permanências no modo de produção capitalista e sua modulação sócio-temporal do que rupturas (razão pela qual não utilizaremos termos como “pós-modernidade”). Cf. MATOS, Olgária. *Contemporaneidades*. São Paulo: Lazuli/Cia. Editora Nacional, 2009, notadamente os capítulos “História e Memória” (p. 71-77) e “O mal-estar na contemporaneidade: *performance* e tempo” (p. 91-106).

público. Esta produção imagética diz respeito, também, aos homossexuais, seja no que tange às imagens que estes indivíduos produzem de si mesmos, aquelas produzidas por outrem e aquelas produzidas no embate entre as duas. A luta pelo espaço, pela memória se estabelece no campo da produção de representações e, estas têm se constituído como matéria privilegiada dos historiadores da cultura.

João Silvério Trevisan abre seu livro de estreia, *Testamento de Jônatas deixado a David*⁴, citando a música *Vingança*, de Lupicínio Rodrigues: “a vergonha é a herança maior que meu pai me deixou”. Logo abaixo, lê-se, de Octavio Paz: “Así se crearon zonas crepusculares, habitadas por semirrealidades: la poesía, la mujer, el homosexual, los proletarios, los pueblos coloniales, las razas de color. Todos esos purgatorios e infiernos vivieron en ebulición clandestina”. O que poderia trazer tamanha vergonha, levando a habitar zonas crepusculares, e ser caracterizado como “semirrealidade”? Ao que nos parece, esta caracterização tem um sentido de des-pertencimento (como o zumbi que, sendo um morto-vivo, não pertence nem ao mundo dos mortos nem ao mundo dos vivos, vagando entre ambos, desterrado), ou seja, ocupando um des-lugar⁵.

Amylton de Almeida⁶ aponta, na década de 1980, que epiléticos, *hippies*, mães solteiras, loucos, homossexuais, delinquentes, prostitutas, vagabundos, drogados, alcóolatrás, surdos-mudos, tísicos, exibicionistas, anões, leprosos, sífilíticos, albinos, anarquistas, mulheres, impotentes, frígidas, os que se creem covardes, inconstantes ou perigosos, os pecadores, os tímidos ou os que têm pênis pequeno (ou seja, ao menos metade da humanidade) sentem-se culpados por haver transgredido a norma ou se sentem enfermos, anormais, tarados, por não terem se ajustado em sua conduta, sentimentos e atitudes aos ditames da classe dominante. Ou, ainda, sentem-se envergonhados ou humilhados por não corresponderem aos valores ou expectativas construídos socialmente enquanto representações sociais sobre o “padrão ideal” do ser humano, seja do ponto de vista estético ou comportamental. E Almeida afirma ainda que:

Para todos esses se reservou um espaço: cárceres, reformatórios, hospitais, ghettos, comunidades, sanatórios, casas onde são etiquetados, diagnosticados, classificados; onde são reabilitados, reestabelecidos ou reformados, para que,

⁴ TREVISAN, João Silvério. *Testamento de Jônatas deixado a David*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

⁵ MELLO, João Baptista Ferreira de. Espaço, lugar e deslugar. *Redes*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 93-107, 1997; _____. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”. *Espaço e Cultura*, Edição comemorativa, p. 167-174, 2008.

⁶ ALMEIDA, Amylton de. *My funny valentine e A noite das longas facas, segunda parte*. Vitória: [s/n], 1985, p. 64-65.

uma vez expiados, limpos, ordenados e disciplinados, possam integrar o sistema ou, caso contrário, serem segregados e até eliminados fisicamente.⁷

Porém, apesar do tratamento dispensado, “todos esos infiernos vivieron en ebulición clandestina”. Não obstante a vergonha, o grito. É da margem social, de sua produção ou mesmo o intercuro sexual explícito ou o corpo tantas vezes transformado, dessa margem composta pelos cárceres, sanatórios, guetos, reformatórios, que tais aberrações fantasmagóricas buscam chegar ao mundo dos vivos – quiçá assombrá-los.

No final dos anos 1970, um dos grupos marginais, as chamadas “minorias” sexuais, grupos marginais, tornaram-se mais visíveis e, conseqüentemente, explicitou-se a luta entre elas e os grupos conservadores – também mais acirrada em razão da própria visibilidade. Por outro lado, a denominação que lhes foi atribuída, minorias, parece imprópria. Em seu editorial, a revista *La Gandhi Argentina*, afirmava que “as minorias nunca poderiam se traduzir como uma inferioridade numérica, mas sim como maiorias silenciosas que, ao se politizar, convertem o gueto em território e o estigma em orgulho gay, étnico, de gênero”⁸.

Sua visibilidade tem efeitos contraditórios: por um lado, alguns setores sociais passam a demonstrar uma crescente aceitação da pluralidade sexual e, até mesmo, passam a consumir alguns de seus produtos culturais; por outro lado, setores tradicionais renovam seus ataques, realizando desde campanhas de retomada dos valores tradicionais da família até manifestações de extrema agressão e violência física⁹. Tal afirmação leva-nos a pensar que talvez a visibilidade hoje usufruída pelos gays ainda seja uma forma de segregação, pois que tal visibilidade dá-se em espaços específicos, como ocorria ainda em meados do século XX no Brasil.

Observamos que o embate, por si só, merece uma especial atenção de estudiosos da cultura. Mas o que o torna mais complexo é sua contínua transformação e instabilidade.

⁷ Idem, ibidem, p. 65. Sobre o tema, cf.: MACHADO, Roberto (org.). *A danação da norma*. Rio de Janeiro: Graal, 1978; CHAUI, Marilena. *A repressão sexual, essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984; FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978; _____. *Vigiar e Punir – o nascimento da prisão*. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 1998; _____. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001; SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César & MISKOLCI, Richard (orgs.). *O legado de Foucault*. São Paulo: Editora da Unesp, 2006; CASTRO, Edgard. *Vocabulário de Foucault – um percurso sobre seus temas, conceitos e outros*. Belo Horizonte: Antártica, 2009; MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006; RIBEIRO, Renato Janine (org.). *Recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985; TRONCA, Ítalo (org.). *Foucaultiano*. Campinas: AP Pontes, 1987; MENEZES, Paulo & BRUNI, José Carlos (orgs.). *Michel Foucault: um pensamento desconcertante*. 7 ed. São Paulo: Edusp, 1995.

⁸ Editorial. *La Gandhi Argentina*. Ano 2, vol. 3, nov. 1998, p. 5.

⁹ Cf. COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999; DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

O grande desafio é não apenas assumir que as análises teóricas sobre gênero e sexualidade se multiplicaram e que é impossível lidar com elas apoiadas em esquemas binários, mas também admitir que as fronteiras do conhecimento sobre esse tema venham sendo constantemente atravessadas e que o lugar social no qual muitos desses sujeitos vivem é exatamente a fronteira.

A homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. Se antes as relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo eram consideradas sodomia (uma atividade indesejável ou pecaminosa a que qualquer um poderia sucumbir), tudo mudaria a partir da segunda metade daquele século: a prática passava a definir um tipo especial de sujeito que viria a ser assim marcado e reconhecido.

Ora, o aparecimento, no século XIX, na psiquiatria, na jurisprudência e na própria literatura, de toda uma série de discursos de espécies e subespécies de homossexualidade, inversão, pederastia, e “hermafroditismo psíquico permitiu, certamente, um avanço bem marcado dos controles sociais nessa região de “perversidade”...”¹⁰

Categorizado e nomeado como desvio da *norma*, seu destino só poderia ser o segredo ou a segregação, um lugar incômodo para se permanecer. Ousando se expor a variadas formas de violência e rejeição social, alguns homens e mulheres contestam a sexualidade legitimada e se arriscam a viver fora dos limites previamente estabelecidos.

A ciência, a Justiça, as crenças, grupos conservadores, hegemônicos e/ou emergentes iriam atribuir a esses sujeitos e a suas práticas distintos sentidos. A homossexualidade, discursivamente produzida, transforma-se em questão social relevante.

Novos discursos e práticas, porém, é algo deveras recente, uma vez que, somente a partir dos anos 1970/80, gradativamente, os movimentos sociais foram se diversificando, à medida que o “borbulhar” da década anterior se mantinha por meio dos movimentos feminista, étnicos, ecológico e de liberação homossexual. Na academia – e em alguma medida transpondo seus portões – os núcleos de estudos da história das mulheres e, posteriormente, de gênero, seriam os responsáveis por divulgar tais temáticas, discutindo-as e publicizando tais reflexões por meio de obras – coletivas ou individuais – e

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I* – a vontade de saber. 13 ed, Rio de Janeiro: Graal, 1999, p. 96.

periódicos¹¹. No campo da História, porém, o homoerotismo não tem ainda gozado do mesmo tratamento. São poucos ainda os trabalhos sobre o tema.

A produção discursiva sobre o homoerotismo centra-se, fundamentalmente, em seu significado moral. Enquanto alguns assinalam o caráter desviante; a anormalidade ou a inferioridade do homossexual, outros proclamam sua normalidade, mas um grande número de intelectuais e/ou homossexuais parecem estar de acordo de que se tratam de “tipos” humanos com demandas específicas e formas várias de experiência/representação do desejo.

Há uma miscelânea destes “tipos”. Não há que se pensar em algo como “o” homossexual, “a” lésbica, “o/a” travesti, “o/a” transexual, etc, bem como não há que se falar “na” homossexualidade. Já em fins dos anos 1970, o militante político Herbert Daniel apontava para a necessidade de não procedermos “essencializações” neste campo.¹² Vicente Parizi ressalta que mudanças recentes ocorreram na apresentação/representação dos homossexuais masculinos entre os anos 1950-1970:

As mudanças na percepção do que constitui um “homem gay” - da feminilidade vigente nos anos 1950 à hipermasculinidade dos 1970 – reflete o impacto profundo causado pela obra de Tom, que parece ter captado um movimento pré-existente na subcultura homossexual e dado-lhe forma: se tantos aderiram ao seu ideal hipermasculino, é porque esse ideal já existia, enquanto desejo, latente nos que a ele aderiram. Ou seja, Tom utilizou estereótipos já existentes na cultura e os definiu através de seus desenhos, revelando e tornando público o desejo de uma parcela dos homossexuais. É importante notar que, mesmo traduzindo o desejo inconsciente de outros, Tom era, antes e acima de tudo, fiel ao seu próprio desejo: o que retratava era seu tipo ideal, não o ideal coletivo. Encontramos aqui a coincidência entre o desejo do artista e o desejo coletivo, e por isso a tradução do desejo pessoal de Tom tornou-se a revelação do desejo coletivo.¹³

¹¹ Há que se ressaltar a importância de núcleos como o Núcleo de Estudos de Gênero, Violência e Mulheres (NEGUEM), da Universidade Federal de Uberlândia, responsável pela publicação da *Caderno Espaço Feminino*, o Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero da Universidade Federal Fluminense, órgão publicador da revista *Gênero*, do Instituto de Estudos de Gênero da Universidade Federal de Santa Catarina, que publica a revista *Estudos Feministas*, do Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Campinas, responsável pela publicação dos *Cadernos Pagu*, do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher da Universidade Federal da Bahia, de onde advém o curso de Graduação em Gênero e Diversidade e o Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher, Gênero e Feminismos, e a Coleção *Bahianas*, e, na Universidade de Brasília, a publicação da revista *Labrys – Estudos Feministas*, dentre outras publicações e grupos de pesquisas voltados para os estudos de gênero.

¹² DANIEL, Herbert. Homossexual: defesa dos interesses?. *Gênero*, Niterói, vol. 8, nº. 2, 1º sem. 2008, p. 15-21.

¹³ PARIZI, Vicente. Uberman: mudanças na (auto)imagem masculina, homossexualidade e homofobia analisadas a partir de imagens produzidas por Tom of Finland. *História & Perspectivas*, Uberlândia, nº 35, jul.-dez. 2006, p. 57-98. Cf. também: BESSA, Karla. História da sexualidade revisitada: “queering” a leitura de Michel Foucault. *História & Perspectivas*, Uberlândia, nº 35, jul.-dez. 2006, p. 291-298.

A exclusão das figuras determinadas socialmente por suas práticas sexuais diferentes daquela hegemônica (heterossexual) ocorre de longa data, incluso na tradição abraâmica que nos chegou e da qual o Brasil faz parte. As práticas consideradas perversas, ou ainda, o que os sacerdotes, juízes e reis¹⁴ do povo escolhido, da raça de Adão e dos patriarcas futuros, encararam como perversidades estão listadas em alguns dos livros que compõem o cânon religioso abraâmico. Nos livros comuns às bíblias (*Torá*, *dos Setenta*, *Romana* e o *Corão*), a referência às práticas sexuais impuras, abomináveis, encontram-se no Gênesis¹⁵ e no Levítico (lei)¹⁶.

Luiz Mott afirma que para os nossos ancestrais judeus e, em seguida, para toda a cristandade, a homofobia provinha, dentre outros elementos, do temor pela “ameaça desestabilizadora” representada nos amantes do mesmo sexo, na medida em que estes colocavam em xeque os costumes tradicionais daquela sociedade, tais como o “prazer desvinculado da procriação, a tentação da androginia e da unissexualidade, o questionamento da naturalidade da divisão sexual do trabalho e dos papéis de gênero”¹⁷. Tratava-se da falocracia apresentada na superioridade javédica do homem e na segregação e subjugação das mulheres. Em uma cultura tribal com fortes traços militaristas e cujo aparato moral/religioso estava tão entranhado no governo da nação hebraica que se constituía, um homem que estivesse propenso a abdicar de sua virilidade ou de seu papel social viril estava fadado à ira divina, demonstrada pelas mãos de seus compatriotas dispostos a apedrejá-los frente à comunidade civil, religiosa e militar.

Doutra feita, Norbert Elias afirma que a existência do humano só pode se dar no interior do ambiente social. Conclui, ainda, que tal existência se efetiva através de figurações organizadas pelos agentes, de maneira recíproca, expressando as variadas formas de interação experimentadas por eles. Essas figurações que efetivam a existência do humano são caracterizadas por tensionamentos advindos da disputa pelo poder e pela interdependência intrínseca dos homens.¹⁸ A tradição javédica criou, no interior da sociedade abraâmica, figurações de si e do outro, bem como na interdependência

¹⁴ O governo do povo de Israel (o escolhido por Deus a partir da aliança feita com Abraão, ou seja, sua descendência) foi exercido inicialmente pelos sacerdotes, depois por juízes eleitos pelas tribos e, finalmente, pelos reis, num período de unidade das mesmas. Cf. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 26-28. Todas as notas exegéticas utilizadas neste trabalho e as citações da *Bíblia* que de constam são retiradas de: *A Bíblia de Jerusalém*. Ed. rev. e amp. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

¹⁵ Gênesis 19, 1-29.

¹⁶ Levítico 20, 8-27.

¹⁷ MOTT, Luiz. Homossexualidade: uma história tabu e uma cultura revolucionária. *ArtCultura*, Uberlândia, vol. 4, nº 4, jan.-jun. de 2002, Edufu, p. 12.

¹⁸ ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 23.

estabelecida com os gentios. Na passagem do século XVIII para o século XIX, outro ser e outras figurações surgiram.

Guy Hocquenghem inicia seu *Prelúdio* perguntando-se: “em que momento e através de que excesso de peso (...) alguém mergulha no papel de homossexual público (...) assumindo uma determinação social que permite descarregar sobre essa pessoa necessidades de encarnação, acusação e distanciamento”?¹⁹ Guy explica que se forjou lentamente um personagem novo, dotado de substância psicológica própria (e, no princípio do século XX, de uma fisiologia própria criada pela medicina legal) que foi “o primeiro ser constituído a partir de uma chave oficialmente sexual”²⁰.

Se, em um primeiro momento, tratava-se de um conjunto de atos punidos por um deus, naquele momento, a questão estava modificada para a punição, por parte da sociedade, de uma identidade, uma construção da persona. Uma nova figuração do outro se erigia naquele momento. A figuração deste outro (classificado como anormal, exceção) mostrava-se necessária para figurar a regra (o normal) – o heterossexual.

Jonathan Ned Katz localiza, no final do século XIX, a invenção da heterossexualidade como princípio médico, jurídico e religioso imediatamente contrário à noção recém criada da homossexualidade.²¹ O autor observa que três ideias básicas foram veiculadas no processo de legitimação na norma heterossexista: 1) a necessidade de sobrevivência da espécie tornaria a heterossexualidade uma necessidade constante; 2) todas as sociedades reconhecem a diferença entre os sexos masculino e feminino e tal reconhecimento tornaria a heterossexualidade perpétua; 3) o prazer físico trazido pela união entre um homem e uma mulher é a base da perpetuação da heterossexualidade.²²

A heterossexualidade surge, pois, na esteira da homossexualidade, esta compreendida como uma forma cabal de desejo erótico e prática sexual. Homossexualidade e heterossexualidade significam, assim, modos historicamente datados e específicos de dominar, pensar, avaliar e organizar socialmente os sexos e seus prazeres. Se a compreensão do outro (fora da norma) pautou-se inicialmente pela religiosidade (daquele que integra o centro do poder, dentro da norma), a sociedade contemporânea não poderia manter tal compreensão: seria necessário que o saber construído pela razão lograsse substituir o obscurantismo do além. O discurso científico (normatizador) figurava novos seres.

¹⁹ HOCQUENGHEM, Guy. *A contestação homossexual*. São Paulo: Brasiliense, 1980, p. 7.

²⁰ Idem.

²¹ KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.

²² Idem, *ibidem*, p. 25.

Hocquenghem afirma que a figura do homossexual só pode ser percebida por meio da existência do normal, ou seja, o homossexual apenas existe “de fora”, figurado pelo outro. Se podemos falar de “grupos homossexuais”, seus integrantes, “de dentro”, não se tratam por este termo.²³ São bichas, viados, bibas, monas... O homossexual é, para as regras sociais burguesas e puritanas, assim, o outro. Não um outro qualquer, mas um outro balizado, avaliado, medido, enquadrado por aqueles que ocuparam/ocupam o centro hegemônico do poder (o “heterossexual”).

Se tomarmos a compreensão de Elias acerca dos “estabelecidos” e dos “*outsiders*”, podemos compreender a figuração do um e do outro em questão. O olhar estabelecido (por uma longa tradição religiosa e outra científica) heterossexual vê o outro (homossexual) como inferior. A norma é superior à exceção. Durante séculos, os homossexuais (*outsiders*) se viram em uma dupla jornada: por um lado, afirmaram-se a partir do olhar heterossexual, ou seja, apropriaram-se desse olhar que os lançava para baixo, interiorizando a inferioridade com que foram tratados; por outro, criando espaços próprios (mesmo que efêmeros) mantiveram-se a partir da sua própria classificação e construíram uma gama de aspectos identitários (quase todos pautados pela exclusão – de seus desejos e social).

As expressões da norma serviram para manter os heterossexuais no comando da formação de figuras de si e do outro, o homossexual. As ideias norteadoras da heterossexualidade citadas anteriormente por Katz serviram para isso. O patriarcalismo serviu para manter a ideia de superioridade do homem heterossexual – aquele que penetra, que com seu membro viril submete o penetrado, seja ele uma mulher ou um homem.²⁴ Aquele que é penetrado (homem ou mulher) é submetido, aniquilado, depreciado. Ainda assim, é o homem penetrado o “outro”, sujo, menor, menos importante. Um sentimento moral os separa, penetrantes e penetrados, lançando “para baixo” os últimos. Eles constarão dos sermões religiosos e dos catálogos de medicina legal. Serão fotografados, expostos. Os heterossexuais falarão deles abertamente e eles serão apontados nas ruas ou nos cárceres.

O eixo da inclusão/exclusão é aquele que norteará as ações dos heterossexuais em relação aos homossexuais no momento em que estes novos “seres” estavam sendo criados. É no final do século XIX e no começo do século XX, quando ambos “existem” como

²³ HOCQUENGHEM, Guy. *A contestação homossexual*. Op. cit., p. 8.

²⁴ GREEN, James Naylor. *Além do carnaval – a homossexualidade no Brasil no século XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000, p. 56.

categorias, que as ações (de classificação, estudo, reabilitação, extermínio) são levadas a cabo por aqueles que, encontrando um lastro de unidade entre si, elegerão o “outro”, farão com que seja visto e que permaneça no seu lugar – aquele destinado à escória. Nas últimas décadas do século passado, seriam representados na mídia, das mais diversas formas.

No fim da década de 1980, lésbicas na novela *Vale Tudo*. Década de 1990, lésbicas morrendo na explosão de *shopping*. Uálber e seu amigo histriônico levantando audiência, mais uma vez no horário nobre. Em *Mulheres Apaixonadas*, duas adolescentes descobrem o amor e o preconceito. Nos programas de calouros as travestis que reinaram na década de 1980 deram lugar às *drag queens* divertindo os telespectadores domingueiros. As “paradas” figuram nas primeiras páginas dos jornais, revistas e têm destaque nos telejornais. Literatura homoerótica pode ser encontrada com certa facilidade nas livrarias, editoras lançam coleções específicas e até uma editora GLS (a sigla para Gays, Lésbicas e Simpatizantes) surge no mercado brasileiro²⁵. E?...

Vanderley e Odilon são muito unidos e vão pro Maracanã todo domingo/ criticando o casamento e o papo mostra que o casamento anda uma bosta.../ Yolanda e Adelina são muito unidas e fazem companhia todo domingo/ que os maridos vão pro jogo./ Yolanda aposta que assim a nível de proposta o casamento anda uma bosta/ e a Adelina não discorda./ Estruturou-se um troca-troca e os quatro: hum-hum... oquê... tá bom... é.../ Só que Odilon, não pegando bem a coisa, agarrou o Vanderley/ e a Yolanda ó na Adelina./ Vanderley e Odilon bem mais unidos empataram capital e estão montando restaurante natural cuja proposta é cada um come o que gosta./ Yolanda e Adelina bem mais unidas acham viver um barato e pra provar tão fazendo artesanato e pela amostra Yolanda aposta na resposta./ E Adelina não discorda que pinta e borda com o que gosta./ É positiva essa proposta de quatro: hum-hum... oquê... tá bom... é.../ Só que Odilon ensopapa o Vanderley com ciúme e Adelina dá na cara de Yoyô.../ Vanderley e Odilon, Yolanda e Adelina cada um faz o que gosta/ e o relacionamento... continua a mesma bosta!²⁶

Edward MacRae nos informa que, no Brasil da abertura, os antigos códigos de atuação política foram questionados pela parcela mais jovem daquela sociedade que ambicionava uma revolução que perpassasse os âmbitos individual e coletivo na liberalização dos corpos,²⁷ talvez como consequência da redemocratização do país; na década seguinte, os grupos definidos por sua prática sexual não-hegemônica se

²⁵ A Edições GLS foi criada em fins da década de 1990, sediada em São Paulo, publicando títulos voltados especificamente para o público gay, lésbico, bissexual, de travestis e transgêneros.

²⁶ BOSCO, João. *Comissão de Frente*. Rio de Janeiro: Ariola, 1982, faixa 2, A nível de, Composição de João Bosco & Aldir Blanc.

²⁷ MacRAE, Edward. *A construção da igualdade – identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

institucionalizariam. A “parada” gay de São Paulo busca patrocínios para sua realização cada vez mais dispendiosa, um projeto de legalização de parceria civil entre pessoas do mesmo sexo é apresentado à Câmara Federal.

Noutro sentido, um mercado foi criado, ou ainda, ampliado: o GLS. Os guetos voltados para os homossexuais abriram suas portas para os “simpatizantes”, e *gays* e lésbicas (sobretudo *gays*) foram/são buscados por um mercado cada vez mais setorizado que oferece hotéis, bares, grifes²⁸.

João Bosco e Aldir Blanc, em 1982, questionaram a novidade dos costumes na música citada, *A nível de*. Faz-se necessário, assim, questionar a “novidade” e a eficácia da superexposição como jogo político adotado pelos grupos homossexuais (ou no qual eles foram lançados).

Se Hocquenghem afirma que na passagem do século XVIII para o século XIX os homossexuais foram transformados em figuras visíveis para a sociedade,²⁹ Katz lança este debate aliado à formação dos heterossexuais como grupo específico e hegemônico (moral e discursivamente) para o final do século XIX e princípio do século XX.³⁰ Ambos concordam, porém, que foi na década de 1960 que os homossexuais buscam sua visibilidade (que antes lhes era impetrada pela norma heterossexista).

Hocquenghem assinala, ainda, o caráter transformador silencioso das ações feministas e homossexuais. Afirma, porém, “que os termos ‘revolução homossexual’ ou, melhor dizendo, ‘revolução do homossexualismo’, não significam uma contestação social muito maior do que a revolução do automóvel, por exemplo”.³¹ Isso se dá porque os processos de identificação dos grupos foram criados primeiro nos países capitalistas avançados que, muito rapidamente, agregam os novos valores dispostos por este grupo ao rol dos já existentes.

Podemos afirmar, por meio de tal constatação, que a chamada revolução homossexual – sua visibilidade, um conjunto programático-reivindicatório disponível nas disputas políticas a partir dos anos 1960 – não chega a desencadear mudanças mais profundas na sociedade, uma vez que é por ela fagocitada. Ora, se por um lado o mercado se apresenta voraz para encampar os possíveis consumidores, os modelos de relacionamento a eles disponibilizados não são, em muito, diferentes daqueles oferecidos

²⁸ PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil: entre a militância e o consumo*. São Paulo: Publifolha, 2011 [no prelo].

²⁹ HOCQUENGHEM, Guy. *A contestação homossexual*. Op. cit., p. 9.

³⁰ KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da heterossexualidade*. Op. cit., p. 25-26.

³¹ HOCQUENGHEM, Guy. *A contestação homossexual*. Op. cit., p. 8.

para as moças de família do princípio do século XIX ou para os rapazes do final do século XX.

Os papéis pré-estabelecidos de penetrante e penetrado, o viril em oposição àquele que é efeminado, são mantidos. Vanderley e Odilon, Adelina e Yolanda não conseguiram tirar seus relacionamentos do estágio em que se encontravam quando os mantinham dentro da norma heterossexista (“a nível de proposta o casamento anda uma bosta”). Uma vez invertida a ordem dos casais, Odilon mantém a postura daquele que penetra e esbofeteia Vanderley, enquanto é Adelina que assume tal papel para dar na cara de Yolanda. Uma configuração aparentemente nova e “revolucionária” (porque lança os antes “outsiders” no campo da visibilidade não como algo censurado, mas como um novo valor) parece manter as coisas como estão (“e o relacionamento... continua a mesma bosta!”).

No espaço globalizado diagnosticado por Bauman,³² o desengajamento se torna a tônica. Enquanto MacRae apontava para um processo de transformação que passava pelo indivíduo e pelo coletivo (que podemos compreender como uma trajetória que dá sentido ao “eu”, à medida que leva em consideração o “outro” na disputa por territorialidades alternativas), Bauman sugere um espaço marcado por uma aparência homogênea. Mesmo os diferentes se tornam bastante parecidos, sobretudo porque todos são lançados num turbilhão temporal que nos transforma em uma massa sem características definidas. E afirma que “os sólidos que estão para ser lançados no cadinho e os que estão derretendo neste momento, o momento da modernidade fluida, são os elos que entrelaçam as escolhas individuais em projetos e ações coletivas”.³³

A supervisibilidade dos grupos definidos por uma afetividade/sexualidade alternativa, que em outro momento foi dissonante da norma, parece não alcançar mais o seu sentido desagregador da ordem vigente, mas serviu para empapar os olhares e torná-los parte de uma paisagem deformada pela alta velocidade do trem em movimento.

Ao que tudo indica, estamos rodopiando no labirinto, sem que possamos perceber o entorno e, assim, escolher o caminho a seguir. Mesmo que seja um caminho que nos leve para mais uma parede ou outra encruzilhada, mas uma trajetória escolhida. O preço da alta velocidade da viagem é o enjoo.

³² BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

³³ Idem, ibidem, p. 12. Ver também: LASTÓRIA, Luis Camon Nabuco. Uma nova economia psíquica ou mutações tópicas? Elementos para reflexão acerca da subjetividade contemporânea. In: DURÃO, Fábio Akcelrud; ZUIN, Antônio & VAZ, Alexandre Fernandez (orgs.). *A indústria cultural hoje*. São Paulo: Boitemp, 2008, p. 65-77.

Numa outra vertente, que trata o presente como um mal estar na contemporaneidade, Olgária Matos afirma que esse tempo (...) “é fatalizado pela ordem das urgências que significa uma oscilação na razão instrumental, o culto dos meios e o esquecimento dos fins. Ele é o reino das revoluções tecnológicas do progresso”, contudo, o que se verifica é (...) “a flexibilização dos direitos sociais (...) e o cidadão travestido de consumidor, (...) acentuando a superficialidade dos vínculos e uma pobreza interior (...) resumindo-se a um presente perpétuo”.

Nessa mesma lógica, Lastória observa que “vivemos um estado de violência”; a linguagem marcada pela ausência de interlocutores, cuja mediação simbólica dos conflitos fica entregue a apenas um controle formal do direito liberal que, sob o manto da igualdade, deixa se conduzir por uma lógica hedonista. Assim, para Lastória, esse presente se orienta

... cada vez mais para a correção das supostas insatisfações em vista do conforto de codificação como “justo” numa cultura que enaltece o “bem estar”. Ora, o campo da diferença entre os sexos, promovido pela medicina e legitimado juridicamente pelo direito, alcança, assim, na figura paradigmática do transexual, uma de suas expressões melhor acabadas.³⁴

Os anos 1960/1970 foram marcados por tentativas de construção de uma política identitária por parte de grupos sociais que sofriam como o poder do patriarcado heteronormativo e opressor, tais como os feministas (“nós, mulheres”) ou a liberação gay e lésbica (“nós, os homossexuais”). Tal estratégia, parece-nos, não conseguiu romper efetivamente com o lugar a que esses indivíduos estavam lançados. Assim, na década de 1990, gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros modificaram a política de identidade homossexual proposta no período anterior e que revelava insuficiências. Gradativamente, surgiram proposições que tornariam o desejo e a prática homoerótica pertencentes ao domínio do campo jurídico, em face de a inserção social dar-se na mesma medida em que se utilizavam de modelos pré-estabelecidos do próprio *status quo*, como o matrimônio ou a constituição de família nuclear (mesmo que aqui, a maternidade/paternidade biológica seja substituída pela adoção, ou outros métodos).

Outra mola propulsora das mudanças de comportamento, a economia, oferece dados importantes para o surgimento de uma nova postura em relação aos homossexuais. A busca de novos mercados consumidores e a crescente segmentação do consumo encontra, em determinadas parcelas dos homossexuais, pessoas com poder aquisitivo acima da média

³⁴ MATOS, Olgária. *Contemporaneidades*. São Paulo: Lazuli/Cia. Editora Nacional, 2009, p. 91-106.

nacional. O cidadão homossexual, do ponto de vista mercadológico, possui características que o difere positivamente dos demais: não cabe a gays e lésbicas prover dependentes; em geral, são pessoas vaidosas e com alto potencial de consumo; são solteiros e, quando vivem com parceiros, não é comum a divisão dos papéis em “sustentador” e “sustentado” como ocorre tradicionalmente nas relações heterossexuais; representam um significativo contingente da população mundial. Atento a esses dados, o mercado passou a encarar os homossexuais como um nicho a ser explorado.

Uma chave de leitura para este fenômeno social é apresentada por Raymond Williams. Sobre seus conceitos de cultura residual e cultura emergente ele escreve: “por ‘residual’ quero dizer que algumas experiências, significados e valores, que não podem ser verificados ou expressos nos termos da cultura dominante, são, apesar de tudo, vividos e praticados sobre a base de um resíduo – tanto cultural quanto social – de alguma formação social prévia”³⁵. E continua: “por ‘emergente’ entendo, primeiro, que novos significados e valores, novas práticas, novas significações e experiências, são criadas continuamente”.³⁶

Para além de tais questões, importa-nos perceber como se desenvolveu a trajetória dos movimentos gays contemporâneos no Brasil – o que pode se efetivar a partir da leitura de matérias publicadas nos principais jornais do país e na produção dos grupos de afirmação homossexual surgidos no final da década de 1970 e seguinte; e confrontar as duas principais posições do movimento de afirmação homossexual brasileiro – uma libertária, que a ruptura com os modelos pré-existentes e que encontrou na apropriação dos modelos pré-existentes brechas de atuação.

Para tanto, buscamos parte daquilo que restou dos feitos de outro tempo. Se não é possível reconstituir *ipsis verbis* os diversos embates entre aqueles que hoje nomeamos LGBTTTs (ou seus antepassados *molles*, sodomitas, invertidos, perversos, pederastas...) e os grupos hegemônicos (religiosos ou civis), é possível tomar o que deles restou e proceder sua análise. Assim, utilizamo-nos do cânon abraâmico e da tradição que o segue, de jornais, revistas, imagens, da bibliografia médico-legal, do cinema e das produções televisivas, da literatura. Nem tudo, entretanto, receberá o mesmo tratamento.

O cânon bíblico foi utilizado na construção deste trabalho uma vez que, ao lado de uma ampla tradição que o segue, foi utilizado em diversas temporalidades como justificador da exclusão e da violência (ou eliminação física) daqueles que destoaram da

³⁵ WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. *Revista USP*. mar./mai. 1989. São Paulo: USP/CCS, 1989, p. 218.

³⁶ Idem.

heteronormatividade. Papas, cardeais, bispos, padres, pastores e leigos têm se reportado ao texto de fé para justificar a exclusão das práticas sexuais divergentes daquela hegemônica. Em razão disso, os trechos justificadores mais recorrentes (e significativos) foram selecionados e aqui analisados, certamente, não na profundidade ideal, mas dentro das perspectivas temático-temporais presentes no trabalho; ao mesmo tempo, buscamos perceber como tais elementos textuais aparecem nos discursos veiculados na mídia contemporânea, em especial a brasileira.³⁷

A produção médico-legal de fins do século XIX e primeira metade do século XX, sobretudo, que busca suplantar o discurso religioso na sua origem, aparece, nesta análise, na tentativa de caracterizar o pensamento laico e de viés científico que versou sobre as formas assumidas pela sexualidade e identidades dela advindas. Se tal discurso buscava contrapor-se ao nebuloso pensamento religioso, no Brasil eles serão utilizados conjuntamente para a opressão dos grupos caracterizados por sua sexualidade, levando-os diversas vezes ao confinamento. Os autores foram elencados, notadamente no último capítulo deste trabalho, e, quando possível, filiados uns aos outros e os principais elementos de suas teorias, analisados.³⁸

Grande parte da documentação utilizada para construção das interpretações que ora se desenrolam vem mídia impressa, jornais e revistas. Se a literatura e o cinema surgem neste texto como grandes inspirações, com suas falas recortadas, trazidas da memória por significativas que são; se parte das imagens foi aqui posta para corroborar com a interpretação, outras, vindas de jornais e revistas, se prestam a mais. A imprensa tem sido utilizada com frequência no ofício do historiados nas últimas décadas. Sobre ela, escreveu Maria Helena Capelato:

³⁷ Sobre o tema, ver: ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001; BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985; HOORNAERT, Eduardo (org). *História da Igreja na América Latina e no Caribe. 1945-1995. O debate metodológico*. Petrópolis: Vozes, 1995; ISAIA, Artur César. O campo religioso brasileiro e suas transformações históricas. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Ano I, n. 3, p. 95-105, Jan. 2009; LUNEAU, René. MICHEL, Patrick (orgs). *Nem todos os caminhos levam a Roma*. As mutações atuais do catolicismo. Petrópolis: Vozes, 1999; MANOEL, Ivan Aparecido. FREITAS, Nainora M. B. de. *História das Religiões: Desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

³⁸ Ver: CORRÊA, Mariza. Antropologia & medicina legal: variações em torno de um mito. In: EULALIO, Alexandre. *Caminhos cruzados – linguagem, antropologia e ciências naturais*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 53-63; MARTINS, Carlos. Magistrados e homossexuais: saber jurídico e homossexualidade no Brasil da *Belle Époque*. In: GOMES, Aguinaldo Rodrigues & SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. *Poéticas do Desejo*. Campo Grande: Life, 2009, p. 51-85. PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O direito de curar: homossexualidade e medicina legal no Brasil dos anos 30*. In: ____ & HERSCHMANN, Micael M. (orgs.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 88-129.

a imprensa, ao invés do espelho da realidade, passou a ser concebida como espaço de representação do real, ou melhor, de momentos particulares da realidade. Sua existência é fruto de determinadas práticas sociais de uma época. A produção desse documento pressupõe um ato de poder no qual estão implícitas relações a serem desvendadas³⁹

O documento midiático está marcado, ainda, por uma imensa capacidade de penetração em esferas distintas. Mesmo que a forma do discurso se modifique entre as diversas publicações, ora mais conservadoras, ora menos, voltadas para as elites ou para as camadas populares, tornando as notícias mais ao gosto de cada público, esta dificuldade se mantém: conseguir elucidar as relações de poder imbricadas em sua produção e sua capacidade de penetração social.⁴⁰

Há um número relativamente grande de atores envolvidos nas disputas sociais permeadas pela sexualidade e as várias identidades e representações dela originadas. Várias formas de expressá-las podem ser percebidas e acionadas para compreendermos aspectos da sociedade brasileira das últimas décadas, notadamente no que concerne a uma cultura homofóbica e excludente e outras que ora se lhe opõem, ora caminham ao seu lado.

Raymond Williams⁴¹ aponta uma perspectiva interessante: na sociedade, multifacetada, há grupos produtores de uma cultura hegemônica e outros que produzem uma cultura de oposição e aqueles que constroem uma cultura alternativa. Entendo a proposta de ruptura como uma cultura de oposição e aquela que pode conviver com a norma (ou nela inserir-se, ocasionalmente) como uma cultura alternativa.

A partir da segunda metade dos anos 1980, passou-se a discutir muito mais a sexualidade em suas várias instâncias sociais. A preocupação em engajar-se no combate à Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA/Aids) fez com que organismos oficiais,

³⁹ CAPELATO, Maria Helena R.. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1988, p. 24-25.

⁴⁰ Cf. RODRIGUES, Adriano Duarte. Delimitação, natureza e funções do discurso midiático. In: MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. 2 ed. Brasília; Editora da UnB, 2002, p. 219. Sobre a utilização da mídia, especialmente impressa, além da obra de Maria Helena R. Capelato supra citada, ver: BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*, vol. I – História da Imprensa Brasileira. 4 ed. São Paulo: Ática, 1990; MELO, José Marques de (org.). *Imprensa Brasileira – personagens que fizeram história*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e Universidade Metodista de São Paulo, 2005; MOTTA, Luiz Gonzaga (org.). *Imprensa e poder*. Brasília/São Paulo: Editora da UnB/Imprensa Oficial do Estado, 2002; MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. Op. cit.; RIZZINI, Carlos. *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1945; SOTANA, Edvaldo Correa. *A paz sob suspeita* - representações jornalísticas sobre a manutenção da paz mundial, 1945-1953. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2010; WERNECK SODRÉ, Nelson. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966. No que se refere ao humor presente nos periódicos, especialmente as charges, ver: SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008; SILVA, Marcos Antônio da. *Prazer e Poder do Amigo da Onça*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989; _____. *Caricata Republica - Zê Povo e O Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

⁴¹ Idem.

tais como o Ministério de Educação e Cultura, passassem a estimular projetos de educação sexual – em 1996, o MEC incluiu-a como tema transversal nos seus Parâmetros Curriculares Nacionais. Porém, as condições que possibilitaram a ampliação da discussão sobre a sexualidade também tiveram o efeito de aproximá-la das ideias de risco e de ameaça, colocando em segundo plano sua associação ao prazer e à vida.

Durante os anos de 1970, gays e lésbicas assumiram um discurso unificador, o que possibilitava uma maior aceitação e a integração dos homossexuais no sistema social mais amplo. A maior visibilidade de gays e lésbicas sugeria que o movimento já não perturbava como antes. No entanto, tensões internas se faziam sentir: para uma parcela de lésbicas, o movimento repetia a supremacia masculina da sociedade patriarcal, o que fazia com que suas reivindicações permanecessem secundárias; para bissexuais e transexuais essa política de identidade era excludente e mantinha suas condições marginalizadas. O que estava sendo posto em xeque era a concepção da identidade homossexual unificada que vinha se constituindo na base de tal política de identidade. A comunidade apresentava cisões internas e seria difícil silenciar as vozes discordantes.

Multiplicaram-se os movimentos e os seus propósitos: alguns grupos homossexuais permanecem lutando por reconhecimento e por legitimação, buscando sua inclusão, em termos igualitários – tal como o movimento feminista, inspiração inicial para os homossexuais –, ao conjunto da sociedade; outros estão preocupados em desafiar as fronteiras tradicionais de gênero e sexuais, rompendo com os dualismos masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual; e ainda outros não se contentam em atravessar as divisões, mas decidem viver a ambiguidade da própria fronteira. A nova dinâmica dos movimentos sociais de caráter sexual e/ou de gênero provoca mudanças nas teorias e, ao mesmo tempo, é alimentada por elas.

Os homossexuais têm deixado o gueto nas últimas décadas e preferido a rua. Se tomarmos o sentido mais corrente de território, ou seja, o de espaço apropriado por um ator sintagmático, podemos afirmar que a rua se apresenta como um novo território construído por gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgêneros? Por outro lado, este pode ser um novo gueto, na medida em que este espaço é apropriado em situações específicas e sazonalmente, a partir da máscara e do riso⁴² próprios do carnaval? Nem o território, nem a máscara, nem o riso duram o ano todo. Se há mais de um conceito de cultura disponível⁴³,

⁴² MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003, p. 107.

⁴³ EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2005, p. 51.

é possível caracterizar os homossexuais de tal maneira a conferir-lhes uma “cultura gay”⁴⁴? Ou várias “subculturas gays”? Que cultura(s) seria(m) essa(s)? A transformação do discurso permeando-o de um caráter jurídico e de garantia de existência a partir do mercado não estaria trancafiando o desejo homoerótico num modo de vida alternativo e retirando-lhe quaisquer perspectivas de opor-se ao modo de vida dominante?⁴⁵

Essas são algumas perguntas que nortearam a elaboração desta tese e, por conseguinte, a maneira como o texto foi organizado. Assim, dedicamo-nos, no primeiro capítulo, *Homoerotismo contemporâneo: uma leitura caleidoscópica*, a compor um panorama sobre algumas das representações sobre o indivíduo homoeroticamente inclinado. O campo religioso foi acionado, assim como o midiático. Telenovelas e outros programas televisivos se mostraram importantes para a circulação de determinados “tipos” específicos, imagens do “outro” que passam a ser veiculadas maciçamente. O aparecimento do homoerotismo na academia, nos estudos de gênero foi ali tratado, mesmo que se apresentando ainda lacunar. Por outro lado, a presença de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros tornou-se mais frequente nos espaços públicos e na mídia, e isso também foi levado em consideração, juntamente com os espaços de sociabilidade e expressão. Há uma profusão de elementos distribuídos neste primeiro quarto do texto, talvez para dar conta da própria profusão interna à comunidade LGBTTT.

No segundo capítulo, intitulado “*E nunca foi tão natural ser diferente como agora?*”: *permanências e rupturas*, uma matéria publicada recentemente pela revista semanal *Veja* serve de elemento motivador. Partindo da premissa dos jornalistas de que hoje é bastante fácil viver abertamente uma sexualidade distinta daquela tornada hegemônica, buscamos refutar tal análise. Assim, as permanências de um discurso religioso milenar e ainda muitíssimo forte em nossa sociedade foram aclaradas, ao mesmo tempo em que instituições sociais como a escola se apresentam, ainda, como promotoras da injúria e da humilhação dos integrantes da comunidade LGBTTT. Não obstante o árduo trabalho das escolas em dissimular o tema ou construir cidadãos homofóbicos, a família também se torna objeto de análise, à medida que é nela, primeiramente, que gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros experimentam o ódio alheio. Os resquícios de uma ciência que vê nas homossexualidades a doença também foram aqui analisados, ao

⁴⁴ Termo utilizado por Green (GREEN, James Naylor. *Além do carnaval – a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Op. cit.) e Eríbon (ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008).

⁴⁵ WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. Op. cit., p. 219.

mesmo tempo em que o papel do Estado como uma das instituições que pode tornar mais equânime as relações entre distintos grupos sociais.

No terceiro capítulo, *Uma liberdade consentida, ou, os limites da visibilidade?*, a invisibilidade dos homossexuais no Brasil, notadamente em fins do século XIX e princípio do século XX, seja como estratégia do poder instituído, seja como astúcia dos grupos oprimidos, foi objeto de consideração. A militância dos anos 1960-70 e a busca pela visibilidade como principal demanda do período seguem em nossa análise para nos voltarmos para os anos 1990 e as modificações no mercado voltado para gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, bem como um novo conjunto de demandas que, até agora, vimos frustradas.

Finalmente, no quarto capítulo, *Onde andaré Melinha Marchiotti? ou, Homossexualidades, política e ambiguidade no Brasil contemporâneo*, retomamos a militância homossexual dos anos 1970, ambicionando compreender suas influências e as formas que assume no período, contrapondo suas identidades ao campo médico-legal fundado aqui em fins do século XIX. Os movimentos de afirmação de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros, suas modificações e modulação ao discurso jurídico incluso do período, juntamente à imprensa gay, encerram nosso campo de análise.

Capítulo 1

Homoerotismo Contemporâneo:



uma leitura caleidoscópica.

No século passado foi que o problema do homossexualismo começou a ser estudado por médicos e psiquiatras, interessados em descobrir suas causas, afim de que juristas e sociólogos pudessem modificar as legislações existentes, e fosse possível seu tratamento, em moldes científicos.

As práticas de inversão sexual não podiam continuar a ser consideradas, ao acaso, como pecado, vício ou crime, desde que se demonstrou tratar-se, em grande número de casos, de indivíduos doentes ou anormais, que não deviam ser castigados, porque careciam antes de tudo de tratamento e assistência.

Leonidio Ribeiro, *Homossexualismo e Endocrinologia*.

Nasci pra ter vida de malandro. e vou levar é rasgada.

Eu sou bicha porque eu quero. E não deixo de ser homem por isso não!

Madame Satã, interpretado por Lázaro Ramos
em filme homônimo.

O sargento me empurrou. Entre a farda verde e o robe cheio de manchas, o cheiro de suor e perfume adocicado, imprensado no corredor estreito, eu. Isadora cantava *que queres tu de mim que fazes junto a mim se tudo está perdido amor?*. Um ruído seco, ferro contra ferro. A cama com lençóis encardidos, um rolo de papel higiênico sobre o caixote que servia de mesinha-de-cabeceira. (...) Sentei na cama, as mãos nos bolsos. Ele foi chegando muito perto. O volume esticando a calça, bem perto do meu rosto. O cheiro: cigarro, suor, bosta de cavalo. Ele enfiou a mão pela gola da minha camisa, deslizou os dedos, beliscou o mamilo. Estremeci. Gozo, nojo ou medo, não saberia. Os olhos dele se contraíram.

– Tira a roupa.

Caio Fernando Abreu, *Sargento Garcia*.

No ano de 2009 ocorreram, no Brasil, cerca de duzentas e sessenta “paradas” gays: manifestações que levaram às ruas dezenas, centenas, milhares ou milhões de indivíduos dispostos a se apresentarem como gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros; no ano de 2010, cerca de duzentos eventos similares ocorreram (ao lado de outros 80, entre feiras, seminários, mostras de cinema, teatro, oficinas e jogos)⁴⁶. A esses aglomerados, necessariamente se juntam os “simpatizantes”, já retirados das siglas atualmente utilizadas pelos movimentos de afirmação homossexual (LGBTTT,

⁴⁶ Eventos registrados no calendário da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transgêneros. Disponível em <http://abglt.org.br/port/paradas2009.php>, consultada em 21/10/2010 e <http://www.abglt.org.br/port/paradas2010.php>, consultada em 15/02/2011.

GLBT, LGBT) em detrimento daquela que ecoou pelos anos 1990 (GLS⁴⁷). A parada do orgulho LGBTTTT de São Paulo é considerada, há cerca de meia década, a maior do mundo (é o segundo evento de maior arrecadação para aquela cidade, sendo ultrapassado pelo Grande Prêmio de Fórmula 1, e o segundo que mais atrai turistas, precedido pela Virada Cultural)⁴⁸.



Parada Gay de São Paulo, 2009.

A edição número 28 da revista *Franquia & Negócios*, de circulação nacional e voltada para o empresariado dos mais variados portes, levou para as bancas, no mês de janeiro de 2010, capa que nomeava “O poderoso mercado gay”⁴⁹. Uma extensa reportagem sobre o *pink money* e seus “consumidores de respeito”⁵⁰ aclarava ao empresariado a importância do consumidor gay, sobretudo masculino, salientando suas características: maior grau de escolaridade, salários mais altos, maior consumo no setor de entretenimento, cultura, roupas e lazer; um consumidor exigente e de maior poder aquisitivo. Sem quaisquer dúvidas, um nicho de mercado ainda pouco disputado.⁵¹

No dia seis de fevereiro de 2000, o adestrador de cães Edson Neris da Silva foi morto com chutes e socos na Praça da República, em São Paulo, atacado por um grupo neo-nazista, os Carecas do ABC.⁵² São contabilizados cerca de duzentos assassinatos motivados pela homofobia no Brasil anualmente, o que significa que um gay, lésbica, bissexual, transexual, travesti ou transgênero é morto a cada dois dias em razão de sua orientação afetivo-sexual.⁵³ A maior parte destes crimes não encontra solução.

⁴⁷ Sigla usada nos anos 1990, atribuída do *Festival Mix Brasil de Cinema da Diversidade Sexual*, criada para incluir o amplo público que lotou as sessões do primeiro festival, em 1993 (Cf. NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003, p. 180). Bastante utilizado pela mídia naquela década, foi substituído pelas demais siglas (GLBT, GLBTT, GLBTTT ou LGBT) visando ganhos políticos por evitar a ambiguidade do “simpatizante”.

⁴⁸ Cf. LAGE, Beatriz (coord. téc.). *Indicadores e pesquisas do turismo da cidade de São Paulo*. São Paulo: São Paulo Turismo, 2008, p. 53-57; p. 63-67; p. 73-77. Disponível em http://spturis.com/download/arquivos/indicadores_pesquisas_spturis_2008_r.pdf, consultado em 22/10/2010.

⁴⁹ *Franquia & Negócios*. São Paulo, ABF, Ano 5, nº 28, dez.-jan. de 2010.

⁵⁰ VAISBIH, Renato. Consumidores de respeito. *Franquia & Negócios*, op. cit., p. 20-24.

⁵¹ Idem. Um estudo inovador sobre os padrões de consumo dos homossexuais foi publicado pela doutora em Psicologia Adriana Nunan. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Op. cit.

⁵² SILVA, Adriana Souza. Skinheads espancam e matam homem em SP. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 07 de fevereiro de 2000. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0702200007.htm>, consultada em 21/10/2010.

⁵³ MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo & ALMEIDA, Cláudia. *O crime anti-homossexual no Brasil*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2002.

Ao pesquisar junto ao Banco de Teses e Dissertações da Câmara de Apoio à Pesquisa e Pós-Graduação, CAPES, em setembro de 2010, utilizando palavras-chave como homossexualidade, homossexualismo, homoerotismo (no período de 1987 a 2009) foram encontrados apenas quatro trabalhos em nível de doutorado, teses defendidas junto aos programas de pós-graduação em História, em todo o país⁵⁴. Essas informações, assim lançadas, nos levam a uma série de questões, que explicito.

O CÂNON CRISTÃO: REGISTROS DE UMA TAXONOMIA DO PECADO

O psicoterapeuta Jurandir Freire Costa aponta, em seus estudos sobre o tema⁵⁵, a dificuldade de caracterização do que nomeia “indivíduos homoeroticamente inclinados”. Chegaremos a tal nomenclatura, mas, grosso modo, chamamos homossexuais aqueles que se inclinam eroticamente para indivíduos do mesmo sexo. Tais indivíduos foram, em diversas sociedades e tradições, marginalizados, segregados, ou mesmo eliminados fisicamente. Tomo por eixo da discussão aqui apresentada aquelas que diretamente atentam ao Brasil, quais sejam, a tradição abraâmica e a relativamente fluida moral ocidental. Não pretendo, aqui, voltar-me ao mito das origens do homoerotismo, mas sim, aclarar aquilo que, nessas tradições, ainda nos diz respeito hoje, na interpretação e inserção/exclusão dos homossexuais no Brasil.

Quando buscamos tais referentes, compreendemos que, juntamente com ameríndios e africanos, o Brasil formou-se a partir das ações dos portugueses (grupo que

⁵⁴ BELMONTE, Pilar Rodriguez. *História da homossexualidade: ciência e contra-ciência no Rio de Janeiro (1970-2000)*. Tese (Doutorado em História das Ciências), Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009, 224 p. GOMES, Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega. *História de confissões e de leituras: a emergência histórica das Edições GLS*. Tese (Doutorado em História do Norte-Nordeste do Brasil), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007, na qual a autora busca mapear as condições históricas que possibilitaram a criação desta editora e analisar seu catálogo; GUIMARÃES, Celeste M. B. *Homossexualismo: mitologias científicas*. Tese (Doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994, na qual a autora busca os objetos, lugares e sujeitos responsáveis pela construção discursiva – sobretudo no campo científico – do homossexualismo; NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *Do convés ao porto: a experiência dos marinheiros e a revolta de 1910*. Tese (Doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002, na qual o tema do homoerotismo aparece pontualmente quando o autor trata das razões possíveis para os maus tratos impingidos aos marinheiros; TROVÃO, Fávio Vilas-Bôas. *“O Exército Inútil” de Robert Altman: Cinema e Política (1983)*. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010, na qual o autor dedica um de seus capítulos ao movimento de liberação homossexual nos Estados Unidos da América durante o governo de Ronald Reagan, nos anos 1980 (esta última não consta do Banco de Teses e Dissertações da CAPES, mas, sabedor de sua defesa, a incluí).

⁵⁵ COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício – estudos sobre o homoerotismo*. 3 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994; _____. *A face e o verso – estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo: Escrita, 1995.

exerceu sua hegemonia na formação deste país), cujo catolicismo lhes estava entranhado por mais de um motivo. A religiosidade havia sido componente do próprio processo de formação do estado português três séculos antes de suas investidas sobre a América, bem como forjou o unitarismo de sua nação por meio das cruzadas (em solo ibérico e para além dele), uma disputa por território mascarada por outra, religiosa.

No longo processo de imposição dos portugueses sobre o território americano que lhes cabia por meio de diversos tratados, a exemplo do de Tordesilhas, os interesses pelo capital econômico (de burgueses, nobres e mesmo do monarca) e pelo capital político (sobretudo do rei) estavam aliados aos interesses ideológicos de expansão do catolicismo (mesmo que a Igreja também tivesse interesses econômicos e políticos) em um momento de cisma religioso interno à Europa trazido pela Reforma Protestante. Assim, na formação do que viria a ser chamado Brasil, a catequese católica funcionou como braço intelectual (e, por vezes, de lei) da coroa portuguesa.⁵⁶

A junção de Estado e Igreja manteve-se no Brasil até o nascimento da República, nos últimos anos do século XIX, mas a influência da religião sobre o primeiro é ainda hoje perceptível. Mas, o que nos interessa em tal tradição? Certamente o conjunto de normas impostas para o ato sexual prescrito pela Igreja antes do seu nascimento como católica, ainda no seio que daria origem às três grandes religiões monoteístas que temos, quais sejam, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

Marilena Chauí⁵⁷ busca, no cânon bíblico, possíveis interpretações do longo processo de normatização do espectro sexual. É no primeiro livro da *Bíblia* cristã, o *Gênesis*, que a autora encontrará a narrativa da “queda”, da expulsão de Adão e Eva, casal primordial, do paraíso construído pelo Deus javédico. Para os patriarcas da humanidade, separar-se de Deus significou tornarem-se menos assemelhados a ele: ter conhecimento de seu corpo e perder os atributos divinos como a imortalidade, a incorporeidade, a infinitude, a auto-suficiência e a plenitude. “Corporeidade significa carência (necessidade de outra coisa para viver), desejo (necessidade de outrem para viver), limite (percepção de obstáculos) e mortalidade (pois nascer significa que não se é eterno, é ter começo e fim”).⁵⁸ Pelo sexo os humanos se (re)afirmam, perenemente, corpóreos e carentes, mas também permanecem produzindo seres finitos, ou seja, fadados à morte. Se, num primeiro

⁵⁶ Ver: ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes – formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000; LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro: Portugália/Civilização Brasileira, 1938/1950; HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1992.

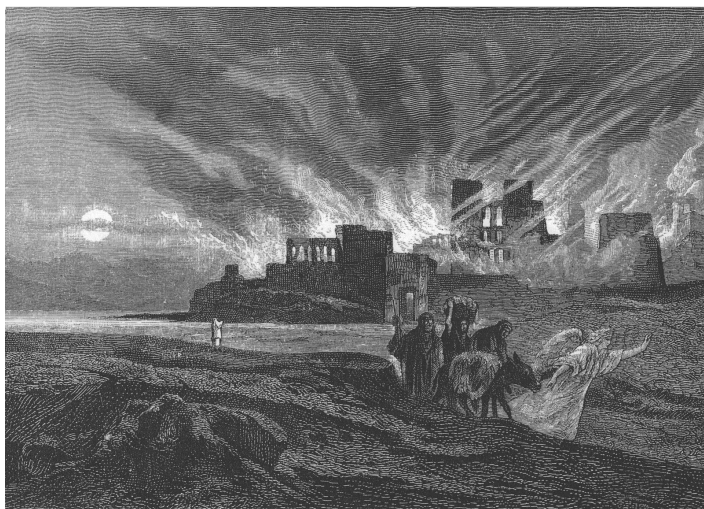
⁵⁷ CHAUÍ, Marilena. *Repressão sexual, essa nossa (des)conhecida*. Op. cit.

⁵⁸ Idem, ibidem, p. 86.

momento, são criados do barro (Adão) e da costela (Eva), ou seja, não têm o nascimento que traz a finitude, sendo jardineiros do Deus criador em seu Paraíso, em seguida são tornados finitos, lançados fora do Éden, portanto, apartados de Deus. Os que deles nascem são a perenidade da finitude, a manutenção do apartamento entre criador e criaturas.

Seria necessário que os sacerdotes, juízes e reis⁵⁹ do povo escolhido, da raça de Adão e dos patriarcas futuros, buscassem interpretar as vontades deste Deus que se havia distanciado e, assim procedendo, transformaram-nas em normas para o povo escolhido, com vistas a impedir maior distanciamento e fúria da divindade; listaram virtudes e vícios, qualificando algumas práticas como “perversas”. Daquilo tornado perverso, parte se refere aos atos sexuais e estão listados em alguns dos livros bíblicos. Nos textos comuns às *religiões do livro* (*Torá*, dos judeus e muçulmanos e as *Bíblias* cristãs) a referência às práticas sexuais impuras, abomináveis, encontram-se no *Gênese*⁶⁰ e no *Levítico* (lei)⁶¹.

O primeiro texto refere-se à destruição de duas cidades, Sodoma e Gomorra. Chegando à Sodoma três homens (anjos enviados por Deus), Ló, homem de bem, levou-os para sua casa para dar-lhes pouso, comida, lavar-lhes os pés, ou seja, recebê-los hospitaleiramente. Os homens da cidade, “dos mais velhos aos mais novos”, foram bater à



A destruição de Sodoma, Alexandre Bina, 1874.

casa de Ló para abusar dos estrangeiros – no trecho referente ao abuso, os exegetas fazem referência ao texto seguinte, o *Levítico* 20, 13, do qual falaremos a seguir. Ló (homem bom que é) pede que não façam mal àqueles homens, pois estavam sob seu teto, oferecendo aos habitantes de Sodoma suas duas filhas

virgens para que delas fizessem o que bem entendessem. Na recusa, os homens atacam Ló e os anjos vêm em seu auxílio cegando jovens e velhos para que não encontrassem a porta

⁵⁹ O governo do povo de Israel (o escolhido por Deus a partir da aliança feita com Abraão, ou seja, sua descendência, já citada) foi exercido inicialmente pelos sacerdotes, depois por juízes eleitos pelas tribos e, finalmente, pelos reis.

⁶⁰ *Gênesis* 19, 1-29.

⁶¹ *Levítico* 20, 8-27.

da casa. Determinaram que Ló chamasse sua mulher, suas duas filhas e seus futuros genros para saírem da cidade, pois ela seria destruída pela ira divina, devido às perversidades daqueles homens. Assim o fizeram.

Do trecho, notamos a constituição da moral israelita – o povo escolhido –, na qual a virgindade das filhas vale bem menos que a hospitalidade a um estrangeiro. A subjugação da mulher – as mulheres são inominadas – à vontade do patriarca ao serem oferecidas para o “uso” dos homens da cidade. Por outro lado, a tradição tem usado pelos séculos esta passagem para determinar a ignomínia daqueles que praticam o sexo contra a natureza, ou seja, daqueles homens que se deitam com outros homens. É preciso lembrar que o sexo praticado entre mulheres não é mencionado (nem no texto seguinte), já que, mais que o sexo “entre elas”, “elas” não eram dotadas de importância naquela sociedade, e sua sexualidade tampouco, apenas lembrada quando referendada por sua “raça”: filhas de Eva, aquelas que arrastam os homens ao pecado.

O segundo texto, retirado do *Levítico*, é dividido em duas partes. A primeira refere-se às faltas cultuais, dele denotando a separação entre israelitas e gentios, bem como suas práticas religiosas – no caso dos israelitas, marcada pelo monoteísmo. A segunda parte refere-se às faltas contra a família. É a fala do próprio Deus a Moisés, patriarca, e levada ao povo – tribo. As recomendações e sanções são, em sua maioria, restrições às práticas incestuosas, em sua variedade (pai-filha; filho-mãe, irmão-irmã etc), e às abominações: “O homem que se deita com outro homem como se fosse uma mulher, ambos cometeram uma abominação, deverão morrer, e o seu sangue cairá sobre eles. (...) O homem que se deitar com um animal deverá morrer, e matareis o animal”.⁶²

Para estes casos, incestos, homossexualidade, bestialidade, a sansão é a mesma – o sangue dos praticantes deverá ser derramado sobre eles. A falocracia é aí apresentada, seja na superioridade javédica do homem, seja na segregação e subjugação das mulheres. Em uma cultura com fortes traços militaristas e cujo aparato moral/religioso estava tão entranhado no governo da nação que se constituía, um homem que estivesse propenso a abdicar de sua virilidade ou de seu papel social viril estava fadado à ira divina, demonstrada pelas mãos de seus compatriotas, bastante dispostos a apedrejá-los frente à comunidade civil/religiosa/militar.

Cumprе ressaltar que a constituição de tal norma separa, de maneira bastante simples, os atos entre “puros” e “impuros”, bons e maus, aqueles que podem/devem ser

⁶² Levítico 20, 13; 15.

realizados e aqueles que devem ser punidos caso sejam praticados. Essa divisão, que não é arbitrária, pois visa a criar uma ordem social. A distinção entre aquilo que é puro e o seu contrário foi objeto de estudo da antropóloga Mary Douglas, publicado no Brasil em meados dos anos 1970; a autora, porém, volta-se para as prescrições da dieta que constam do cânon abraâmico.⁶³

Em outro trecho da narrativa bíblica, de autoria de um dos maiores escritores morais da Igreja e do maior número de textos reunidos da *Bíblia* cristã⁶⁴, tomamos contato com Paulo, ex-fariseu convertido ao cristianismo nascente. Seus escritos são epístolas, cartas dirigidas a comunidades ou figuras específicas da nascente igreja cristã, fossem para animá-las, fossem para instruí-las. Paulo é um missionarista. Em sua trajetória realiza três grandes viagens para levar a fé cristã, cobrindo grande porção do Mediterrâneo e chegando à África. Essas cartas, escritas quando ele estava em alguma das várias cidades por que passou ou na prisão (por professar sua fé no cristianismo), constituem-se como instrumentos teológicos e morais, visando, em sua maioria, responder a questões específicas de cada comunidade.

São duas as ocasiões em que Paulo nos oferece uma lista de pecados ordenados em uma hierarquia: na primeira carta aos Coríntios e na primeira carta a Timóteo⁶⁵. Philippe Ariès⁶⁶ busca compreender a concepção de “mal” nas epístolas paulinas, sendo que nela se unem o judaísmo e o helenismo da época⁶⁷. Ariès afirma que em Paulo aparecem grandes tendências do que viria a ser a moral cristã; todavia, já era uma moral pagã em formação⁶⁸ e, nela, o lugar da sexualidade é bastante interessante, e afirma:

⁶³ Ver: DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976, notadamente o capítulo “As abominações do Levítico”, p. 57-74.

⁶⁴ São quatorze epístolas (cartas): aos Romanos, 1ª e 2ª aos Coríntios, aos Gálatas, Efésios, Filipenses Colossenses, 1ª e 2ª aos Tessalonicenses, 1ª e 2ª a Timóteo, a Tito, Filemon e aos Hebreus. Mesmo as epístolas que são endereçadas a indivíduos particulares (Tito, Filemon) não perdem o sentido primeiro que é de falar a toda uma comunidade (aos romanos, aos coríntios etc).

⁶⁵ I Coríntios 6, 9-10 e I Timóteo 1, 9-10.

⁶⁶ ARIÈS, Philippe. São Paulo e a carne. In: ____ & BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades ocidentais – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 50-53.

⁶⁷ Os exegetas estudiosos dos textos paulinos atribuem a este semita uma boa cultura grega, recebida desde sua infância em Tarso, enriquecida por repetidos contatos com o mundo greco-romano (Paulo, mesmo semita, é um cidadão romano). Esta influência reflete em sua maneira de pensar, linguagem, estilo, citando às vezes autores clássicos (I Coríntios 15, 33; Tito 1, 12; Atos dos Apóstolos 17, 28) e é certo que conhece a filosofia popular baseada no estoicismo, da qual tira algumas noções, como a partida da alma separa em direção ao mundo divino, sua argumentação rigorosa marcada por perguntas curtas e respostas ou mesmo explanações por acumulação retórica. Quando usa frases longas e sucessivas, nas quais as proposições se acumulam sucessivamente, o modelo literário pode ser encontrado na literatura religiosa helenística, uma vez que falava fluentemente o grego, como uma segunda língua materna. Cf. Introdução às epístolas de São Paulo. *A Bíblia de Jerusalém*. Op. cit., p. 2105-2117.

⁶⁸ ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades ocidentais – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. Op. cit., p. 50.

Nesses dois textos, os pecados se dividem em cinco grandes categorias: contra Deus, contra a vida do homem, contra seu corpo, contra os bens e as coisas, e, finalmente, os da palavra. Pecam contra Deus, em primeiro lugar, os idólatras, o que é evidente; a seguir, os que se opõem à *Justitia*, os rebeldes, os que desobedecem os mandamentos e não respeitam a *Pietas* (nós diríamos o sagrado), os sacrílegos, os profanadores, os ímpios. Pecam contra os homens os assassinos: os parricidas, os matricidas, e a seguir todos os homicidas. Em seguida vêm os que pecam contra seu corpo, que São Paulo define como templo do Espírito de Deus, portanto, um lugar sagrado onde não se faz o que se quer.⁶⁹

A partir deste ponto, Ariès explicita os subgrupos dos pecadores da carne, nomeados desde palavras que tinham um sentido amplo e vago até aqueles nomeados diretamente. Em primeiro lugar os prostituídos; em segundo, os adúlteros, não se dá maior atenção às suas práticas, àquilo que se faz no ofício mesmo da prostituição ou do adultério. As práticas sexuais ou gestos ali presentes não são do interesse do apóstolo. O terceiro subgrupo é o dos *molles*, *mollities*, o que é uma novidade. “O termo é pejorativo, e aproxima-se do de ‘passividade’, na qual (...) os romanos viam um aviltamento do homem, uma desonra, uma prática indigna, condenável”⁷⁰. Daí a importância de não desempenhar o papel passivo – seja no amor heterossexual ou homossexual. Para além, há, nessa palavra – *molles*, (que designaria posteriormente a masturbação) –, um conjunto de práticas que retardam o coito – se não o evitam – com a finalidade única de “gozar melhor e por mais tempo”, uso exclusivo do prazer, inadmissível para Paulo. Finalmente, há os *masculorum concubitores*, os homens que dormem juntos⁷¹. Em si, esta relação já traz uma gradação do erro, uma vez que um dos dois amantes usaria o papel “passivo”, o que foi previamente condenado no caso da *mollitie*. Para além, a homossexualidade, considerada normal no mundo helenístico, passa ao rol dos atos abomináveis, proibidos – e, portanto, silenciados, reprimidos, negados –, sendo o único dos pecados contra o corpo cujo nome está ligado univocamente a uma atitude física.

Esta atitude reprovadora sobre as atividades sexuais, se não era privilégio dos cristãos – parte desta visão vem do estoicismo⁷² –, foi elaborada nas cartas do apóstolo Paulo e difundida entre os cristãos como orientação moral e teológica, fixando-se nos

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Idem, *ibidem*, p. 51.

⁷¹ Idem, *ibidem*, p. 52.

⁷² O estoicismo é uma doutrina filosófica (fundada por Zenão de Cíntio), cuja expressão, noto nas obras de Sêneca, é a busca pela da razão e propõe uma vida pautada na *apathea* (indiferença), sendo nefasta toda e qualquer paixão, sentimento que afasta o ser da harmonia. Ver. SÊNECA, Lucio Aneu. *A tranquilidade da alma* e *A vida retirada*. São Paulo: Escala, 2005; EPICURO (de Samos). *Carta sobre a felicidade, a Meneceu*. São Paulo: Unesp, 1997. BRUN, Jean. *O estoicismo*. Lisboa: Edições 70, 1986; GAZOLLA, Rachel. *O ofício do filósofo estoico: o duplo registro do discurso da stoa*. São Paulo: Loyola, 1999.

caracteres da cultura ocidental. Juntamente a esses dados, os primeiros cristãos, notadamente os apóstolos e primeiros padres da Igreja, esperavam um retorno muito breve do Cristo para o “juízo final”, por meio do qual Deus faria o julgamento de todos os vivos e mortos (condenando e salvando almas), instituindo, a partir de então, o reino dos céus na própria terra. Destarte, nem a procriação era objeto de interesse nem o casamento, servindo este último para aplacar a fúria do desejo, quando não fosse possível controlá-la e a primeira para justificá-lo. Ronaldo Vainfas afirma que

A remissão do casamento na moral cristã já existia (...) desde a Antiguidade tardia, presente nas falas de inúmeros adversários do gnosticismo. Voltado exclusivamente para a procriação, o casamento era um bem, embora fosse o pior dos bens. Mas era preciso ir adiante, fazer dele uma união sagrada, e a isso se devotaram os teólogos medievais.⁷³

Somente séculos mais tarde a Igreja buscou compreender os atos sexuais, na intenção de classificá-los e puni-los. Ronaldo Vainfas insere esse objetivo no carrear dos séculos XII e XIII. Inicialmente, a Igreja trará para seu seio o casamento, normatizando a união da carne, pois inevitável que ocorra.

Foi Pedro Lombardo, nas suas famosas *Sentenças* de 1150, quem deu o passo decisivo, incluindo o matrimônio no rol dos sete sacramentos: entre os esposos, dizia o teólogo, havia uma dupla conjunção, isto é, “segundo o consentimento das almas e segundo o enlace dos corpos”. E, ainda, a *desponsatio* era o símbolo da união espiritual entre a Igreja e Cristo, ao passo que o enlace dos corpos era símbolo de sua união corporal. Assimilado ao mistério da encarnação, o matrimônio impôs-se definitivamente como verdadeiro sacramento.⁷⁴

A partir da institucionalização do matrimônio, ou ainda, em sua decorrência, a Igreja viu-se na necessidade de esquadriñar, esmiuçar os atos sexuais, para também deles tomar conta, já que os tinha permitido por meio do casamento. Para tanto, fez-se necessário instituir a *confissão* como técnica, tornando-a obrigatória e periódica a partir do Concílio de Latrão, em 1215⁷⁵. O historiador britânico Jeffrey Richards afirma que

O sexo não deveria ser usado por prazer. Segundo esta definição, todo sexo fora do casamento, tanto heterossexual quanto homossexual, era pecado, e, dentro do casamento, só deveria ser usado para fins de procriação. Os teólogos medievais enfatizaram que era um pecado mortal fazer amor com a esposa

⁷³ VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão*. 2 ed. São Paulo: Ática, 1992, p. 30.

⁷⁴ Idem, *ibidem*, p. 31.

⁷⁵ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I – a vontade de saber*. Op. cit., p. 58.

unicamente por prazer. “Um homem que está ardentemente apaixonado por sua esposa é um adúltero”, disse São Jerônimo no século IV, uma opinião frequentemente reiterada no decorrer da Idade Média.⁷⁶

Seguidamente à obrigatoriedade e periodicidade da confissão⁷⁷, os padres e teólogos puderam classificar os atos, constituindo uma pedagogia tanto para ouvir quanto para fazer falar. Assim, buscou-se inquirir sobre os atos sexuais, ao mesmo tempo em que o confessor buscava em cada palavra, cada gesto ou hesitação, um laivo do pecado. Conjuntamente, imprimia-se o tom do pecado onde antes não havia. O silêncio tornado sinal de culpa, como um engasgo ou pequena meditação. A partir daquilo que os confessores ouviam, foi possível um aumento na lista paulina das infrações, ou, pelo menos, seu esmiuçamento, tornando os termos designativos do pecado mais precisos.

A mão punitiva da Igreja visava os fornicários, aqueles que exerciam o prazer ilícito, fosse dentro ou fora do casamento, pois, mesmo com sua esposa, o marido não devia manter relações indignas, como o coito anal e oral, o desperdício do sêmen, a cópula aos domingos e no Natal, a posição passiva (por baixo). Visava os *molles*, aqueles que se entregavam ao vício solitário, ao retardamento ou adiamento do coito, notadamente em posição passiva.

Com a sacramentalização do casamento, a procriação foi um importante álibi na regulação sexual, já que era o fim último do casamento. Assim, um ato sexual que não ambicionasse o abastecimento de seres à terra, não tinha razão de ser. Porém, frisa Vainfas, sua punição era maior para as mulheres, por sua condição de subjugação “natural” ao homem e menor e indulgente para os homens, principalmente para que estes não caíssem no mal maior, a sodomia⁷⁸. Quanto a esta, estava listada nos atos abomináveis. Sendo Igreja e Estados tão próximos como durante a modernidade, não é de se estranhar que tal instituição tenha tomado para si a tarefa de descobrir fornicadores e puni-los (a exemplo do Tribunal e Visitações do Santo Ofício), ou mesmo influenciar os vários governos para tanto, além, claro de estar imiscuída da construção de uma cultura moral que perpassava vários territórios.

⁷⁶ RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p. 34

⁷⁷ A confissão auricular (individual, entre cada pecador e seu confessor) foi institucionalizada pelo Concílio de Latrão (em 1.215) e, ainda hoje, é obrigatória para os católicos, ao menos uma vez ao ano, pela celebração da páscoa do Cristo.

⁷⁸ VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão*. Op. cit., p. 63-64. Sobre o casamento no seio da Igreja, ver: AQUINO, Tomás. *Suma teológica*. São Paulo: Loyola, 2000, vol. 4; AQUINO, Tomás de. *Comentario a las sentencias de Pedro Lombardo*. Pamplona: Universidad de Navarra, 2004; ARIÈS, Philippe. O casamento indissolúvel. In: ____ & BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades ocidentais ocidentais – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. Op. cit., p. 163-182.

A Igreja baseava-se nos textos já comentados, a destruição de Sodoma e Gomorra, a condenação do Levítico e de Paulo, castrando, decepando membros viris e queimando os praticantes do pecado nefando em fogueiras (prática assimilada pelo regime nazista e adaptada por outros regimes, como o afogamento na China maoísta, a prisão e o trabalho escravo na Cuba castrista⁷⁹ e o linchamento nas ruas do Brasil contemporâneo).

Da destruição de Sodoma e Gomorra à confecção das leis do Levítico, das epístolas paulinas à categorização/punição dos atos luxuriosos e abomináveis pela Igreja e, deles à violência cotidiana destinada aos homossexuais em um país como Brasil, muita coisa mudou?

COMPONDO A MARGEM: OLHARES SOBRE ANÔNIMOS OU EXCLUÍDOS SOCIAIS

Como apontado, aqueles que explicitaram seu desejo por indivíduos do mesmo sexo foram, a partir da influência da tradição abraâmica aliada a aspectos seculares, acréscimos intelectuais mais recentes, a exemplo do amplo campo médico-legal que se imporia a partir de fins do século XIX (e do qual trataremos oportunamente), deixados à margem. Não que estivessem “fora” da sociedade, uma vez que a margem também a compõe, mas em um lugar destinado aos párias, aos menores, aos ruins, aos defeituosos, aos imorais, aos decadentes física e moralmente, àqueles acometidos por um excesso de desejo ou por uma disfunção do desejo, ali colocados pelos grupos hegemônicos.⁸⁰

Aqueles que compuseram os mais variados extratos das margens se tornaram, ocasionalmente, objeto de estudo dos historiadores que, em muito, buscaram reabilitar tais figuras. É certo que os primeiros marginais a serem “reabilitados” pela História foram os trabalhadores. O fim da Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945) ocasionaria uma nova ordem, estabelecida em um mundo bipolarizado, tendo de um lado os países

⁷⁹ ALMEIDA, Amylton de. *My funny valentine e A noite das longas facas* – segunda parte. Op. cit., p. 11-27.

⁸⁰ Sobre o conceito do campo político cunhado pelo intelectual italiano Antonio Gramsci, *hegemonia*, assim escreve Raymond Williams: “Uma das grandes contribuições de Gramsci é que ele enfatiza a questão da hegemonia, e a compreende numa profundidade que considero rara. Pois hegemonia supõe a existência de algo verdadeiramente total, que não meramente secundário ou superestrutural, como na acepção fraca de ideologia, mas que é vivido numa tal profundidade e satura a sociedade de tal maneira que, como Gramsci coloca, constitui a substância e limite do senso comum para muitas pessoas sob sua influência e corresponde à realidade da experiência social muito mais claramente do que quaisquer noções derivadas da fórmula de base e superestrutura. (...) Essa noção de hegemonia como algo no qual a consciência de determinada sociedade está profundamente imersa me parece fundamental.”. WILLIAMS, Raymond. *Base e superestrutura na teoria cultural marxista*. Op. cit., p. 216. Ver também: GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

capitalistas (capitaneados pelos Estados Unidos da América) e, do outro, os países socialistas (estes dirigidos pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). O tensionamento que marcou as relações entre esses dois blocos, até o fim da URSS em 1991, foi chamado de Guerra Fria.

Se a vitória dos trabalhadores organizados em torno dos *soviets*, organismos responsáveis pela formação política e fio condutor das ações dos trabalhadores, em outubro de 1917, na Rússia, ocasionou a fundação de Partidos Comunistas pelos mais variados países, atingindo positivamente um sem número de intelectuais. As tensões do entre-guerras e daquela que viria com a ascensão dos nazi-fascismos retardaram um pouco o aumento do volume de interpretações sobre as camadas populares, sua atuação política e sócio-cultural. Porém, ao despontar como líder de um grande bloco de países a partir de 1945, aquela união de países governados por um partido de base operária e dotada de um discurso pautado no poder do proletariado se tornaria modelar (e, ao mesmo tempo, alvo de duros ataques) e, por conseguinte, seus principais atores, ou ainda, um grande ator, coletivo, o proletariado. A partir de antanho, um importante número de intérpretes sociais, dentre os quais historiadores, voltou-se para os miseráveis que só tinham para oferecer para a manutenção do modo de produção capitalista sua força de trabalho.

É, porém, com a publicação dos trabalhos dos intelectuais vinculados à História Social inglesa, notadamente *A Formação da Classe Operária Inglesa*, de Edward Palmer Thompson⁸¹, que os integrantes das camadas subalternas da sociedade capitalista seriam observados em sua variedade e, seguindo o cânone interpretativo marxista, de forma processual. A cultura dos trabalhadores toma o centro das observações e, consequentemente, da ideia mesmo de formação de uma classe. Apesar desses esforços, Georges Haupt aponta para limites desta historiografia, ao mesmo tempo em que aponta novas perspectivas.

[Os historiadores] perseguem mais os objetivos de sua função universitária, com as exigências que lhes são próprias, do que buscam uma audiência militante ou popular. Mas tem-se o direito de responsabilizá-los, de fazê-los bodes expiatórios, pelo fato de que seus textos e suas obras não alimentam a sensibilidade histórica dos militantes? Não será antes necessário perguntar em que consiste, como funcionam os bloqueios da consciência histórica? Como se poderia superá-los para fazer nascer uma tomada de consciência, uma nova sensibilidade quanto aos problemas do passado?

⁸¹ THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Uma análise crítica que não seja nem discurso retórico nem discurso passional, mas que busque delimitar as origens do fenômeno, supõe uma dupla articulação. Deve colocar de um lado a produção histórica, de outro lado a memória coletiva, em relação com o modo pelo qual o movimento operário, ou melhor, as organizações que o reivindicam, se referem à sua própria história, com o uso que dela fazem e com a função política e ideológica que lhe conferem.⁸²

Quando, em um amplo campo que a coloca na interseção da História Social, da Micro-História, da História da Cultura e dos Estudos de Gênero, Natalie Zemon Davis publica *As Culturas do Povo*⁸³, versando sobre a constituição de novas camadas sociais na França do *Ancien Regime*, o quadro se torna mais amplo ainda. A autora, utilizando-se de tipos distintos de fontes, incluiria as camadas populares, suas crenças e cultura sob a ótica dos historiadores.

Michelle Perrot, na obra *Os excluídos da História – operários, mulheres e prisioneiros*⁸⁴, traria para o campo da ciência histórica outros grupos marginais, aqueles composto pelas mulheres e prisioneiros, ao lado das classes trabalhadoras. O campo da chamada “História das Mulheres” seria daí ampliado, parte de um movimento social, feminista⁸⁵, que buscava reorientar o lugar ocupado pelas mulheres no campo social e produtivo, sobretudo a partir do advento da pílula anticoncepcional nos anos 1960, que colocaria nas mãos das próprias mulheres o controle de sua reprodução (passaporte para o campo da produção).

Os desdobramentos da chamada “História das Mulheres”, fruto de amplas modificações sociais, levaria à construção de um dispositivo intelectual nomeado “gênero” e sua subsequente “História de Gênero”⁸⁶, na qual o termo em questão trata de uma

⁸² HAUPT, Georges. Por que a história do movimento operário?. *História & Perspectivas*, Uberlândia, nº 43, jul.-dez. 2010, p. 46.

⁸³ DAVIS, Natalie Zemon. *As culturas do povo – sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

⁸⁴ PERROT, Michelle. *Os excluídos da História – operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁸⁵ Sobre o feminismo, ver, dentre outros: ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991; PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003; TELES, Maria Amélia da Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

⁸⁶ O gênero é uma categoria de análise de caráter relacional que leva em consideração o sexo (biológico) dos indivíduos e a construção individual/coletiva do gênero (aqui entendido como a maneira como os indivíduos se percebem e se colocam no mundo, extrapolando o sexo biológico e partindo para elementos vários, como seu desejo erótico, identidade, etc.). Sobre o tema, ver: MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana; MALUF, Sonia W.; PUGA, Vera Lúcia (orgs.). *Olhares feministas*. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009; CAMARGO, Maria Sílvia. *Mulher & Trabalho - 32 Histórias*. São Paulo: 34, 1997; DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997; _____. *Corpo a Corpo com a Mulher – pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil*. São Paulo: Senac, 2000; MATOS, Maria Izilda Santos de. *Por uma história da mulher*. Bauru: Edusc, 2000; _____. *Meu lar é o*

categoria relacional: mulher/homem, mulher pobre/mulher rica, heterossexuais/homossexuais, e por aí afora.

Isso se deveu, em larga medida, à tentativa, por parte de outros grupos marginais, em especial aqueles formados por gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, de serem, também eles, tornados objetos de estudo no campo da História (e também observadores nessa área do conhecimento). No campo da História a produção relativa àqueles que sobrevieram à História das Mulheres e voltaram seus olhos para o campo das homossexualidades, transexualidades e outras sexualidades divergentes da heteronormativa, permanece, ainda hoje, pouco expressiva. Entretanto, cumpre ressaltar que os estudos LGBTTT se imbricaram em diversas disciplinas, tornando-se um campo interdisciplinar.

Assim, encontramos profissionais de diversas outras áreas ao lado dos historiadores nestes estudos, notadamente da Saúde (em razão do advento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida nos anos 1980), dos estudos da psique humana, tais como a Psicologia ou Psiquiatria, seguidos daqueles das ciências sociais, notadamente da Sociologia e da Antropologia. Diversos trabalhos dos campos ampliados recentemente da Linguística e dos Estudos Literários, alguns estudos no campo do Direito, nos quais prevalecem análises das novas parentalidades e conjugalidades trazidas pelas homoafetividades, direitos civis, patrimoniais e sucessórios, outros da Comunicação, das práticas educacionais e dos processos de discriminação no interior do ambiente escolar e em áreas afins das humanidades, dedicados aos grupos urbanos e/ou dotados de uma subcultura relativamente autônoma.⁸⁷

NOTÍCIAS DA MARGEM – SOCIABILIDADES, ESPAÇOS, ATITUDES, FORMAS DE EXPRESSÃO

Na margem a que foram lançados os homossexuais – ou para onde muitos se dirigiram em fuga – foram criadas estratégias de sobrevivência, laços de solidariedade, como aponta Didier Eribon, ao tratar da importância do êxodo dos homossexuais para os

botequim. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002; ____ & SOLLER, Maria Angélica (orgs.). *Da invisibilidade ao gênero*. São Paulo: NEM/PUC-SP, 2003; PERROT, Michelle. *As Mulheres ou Os Silêncios da História*. Bauru: Edusc, 2005; SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*. Petrópolis: Vozes, 1969; _____. *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2004; SOIETH, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

⁸⁷ Ver Apêndice páginas 160-164.

grandes centros urbanos e a criação, ali, de novos laços afetivos, sexuais, sociais.⁸⁸ A sociabilidade homoerótica no Brasil foi objeto de importantes estudos, a exemplo daquele que foi a tese de doutoramento do brasilianista James Naylor Green, publicado no Brasil em 2000 e que buscava dar conta da homosociabilidade tropical no século XX.⁸⁹ Green descreve as praças e parques de São Paulo e Rio de Janeiro no princípio do século passado como principais espaços utilizados pelos homens que buscavam sexo com outros homens. Interessante ressaltar o aspecto público de tais lugares, em detrimento de locais fechados ou mesmo recintos como hotéis ou quartos de aluguel nas zonas boêmias destas cidades, de onde poderiam ser expulsos.

O esforço de João Silvério Trevisan é diferente, uma vez que buscou, em *Devassos no Paraíso*, compreender a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade.⁹⁰ Trevisan apontou, ainda nos anos 1980, esses mesmos espaços, públicos, como apropriados por homossexuais para suas buscas e mesmo para a realização dos atos sexuais. Uma das possibilidades de interpretação de tal escolha talvez seja justamente o medo da exposição de sua sexualidade. Em uma praça ou parque, é possível lançar-se na escuridão, caso haja batidas policiais ou transeuntes indesejáveis. Assim, a margem, lugar da segregação, é, também, espaço para expressar desejo, amor ou o que mais advier de tais encontros.

Nos anos 1960, encontros entre homossexuais são apresentados naquele que foi um dos pioneiros jornais voltados para o público gay, o *Snob*, dirigido por Agildo Guimarães e que durou até o fim daquela década. Tido comumente de forma depreciativa como “cunismo social”, esse informativo voltado para dois ou três bairros cariocas noticiava festas privadas, concursos de miss, de fantasias e fofocas do “mundo das bonecas e bofes” – mesmo que fosse um reduzido mundo de alguns quarteirões. Naquela década e na seguinte, começaram a surgir os primeiros bares e boates voltados para o



Travestis do show *Divinas Divas*. À direita, Jane di Castro

⁸⁸ ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Op. cit.

⁸⁹ GREEN, James Naylor. *Além do carnaval – a homossexualidade no Brasil no século XX*. Op. cit.

⁹⁰ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3 ed. rev. amp. São Paulo: Record, 2000.

público homossexual em grandes centros urbanos como os acima citados, ou, estabelecimentos que bem recebiam o público gay.⁹¹



Em sentido horário, a travesti Valéria, a drag Laura di Vison, drag king, clubbers e ursos.

Tais espaços tinham como atrativos, dentre outros artistas, transformistas ou travestis, sendo frequentados por figuras desconhecidas ou iminentes das rodas sociais que buscavam tal entretenimento sob o anonimato da noite. Era o início do funcionamento de espaços comerciais voltados para homossexuais no Brasil. Nos anos 1980, à moda de São Francisco ou Nova Iorque, surgiriam saunas destinadas ao público homossexual. Não era mais necessário restringir-se a um beco escuro ou às matas próximas às cidades, e era possível encontrar indivíduos marcados por um desejo parecido, com mais conforto e, mais uma vez, a segurança trazida pelo sexo em lugares frequentados por mais pessoas. O gueto, de uma rua estreita ou praça mal iluminada, passando pela privacidade de apartamentos, chegava ao seu aspecto mais próximo do que temos hoje, o de empreendimentos voltados para o público homossexual, notadamente o masculino.

Nos anos 1990, veríamos espaços pulular pelas mais diversas cidades do país, sobretudo aquelas de médio e grande porte. Atrações surgiriam nas casas noturnas GLS e excursionariam o país, participando da construção de uma subcultura gay mais ou menos homogênea nestes grandes centros. Nomes como Laura de Vison, Salette Campari, Dimmy

⁹¹ Idem, ibidem, p. 283ss; HEE, Carlos. *Trem fantasma*. São Paulo: Mandarim, 2002.

Kieer, Isabelita dos Patins, Kaká di Poly, Paulete Montilla, Nanny People e de outras *drag queens* se tornariam cada vez mais conhecidos de gays, lésbicas e do grande público, participando também de programas televisivos em grandes redes de comunicação.⁹²

Mister é ressaltar o campo da diversidade que compõe o homoerotismo e suas representações. Há uma ampla visibilidade iniciada recente, mas exitosamente, no Brasil com as Paradas do Orgulho Gay (ou, GLS, GLBT, LGBTTT). *Drag queens* (homens que se travestem para apresentações, geralmente superlativando os aspectos femininos e/ou usando de humor), *drag kings* (mulheres que, assim como as *drag queens*, se travestem, mas aqui, de homens) *barbies* (homossexuais musculosos, geralmente sem pelos e que usam roupas que corroboram a visão de seu corpo), *gogo boys* (homens que fazem shows de *strip tease*), *clubbers* (grupo urbano que adota roupas coloridas, tatuagens, *piercings* e cabelos inusitados), *bears* (homossexuais gordos e/ou peludos, adotando, geralmente, visual marcadamente masculino), michês (prostitutos), trans (transexuais – aqueles/aquelas que se percebem como pertencentes ao sexo oposto, seja os/as que passaram por cirurgia de transgenitalização, ou não), travestis (que modificam secundariamente seus corpos, mas mantêm sua genitália e convivem em harmonia com esse corpo parcialmente modificado), *cross-dressers* (homens que se vestem com roupas femininas e seus acessórios, não necessariamente homossexuais) e outros tipos tomam as ruas ao som da *dance music* e de palavras de ordem (cada vez mais escassas...).

Tomar as ruas é uma das principais características daquilo que podemos chamar de movimento de afirmação homossexual contemporâneo. O primeiro “evento” do tipo ocorreu quando, em 28 de junho de 1968, homossexuais levantaram-se contra os desmandos da polícia nova-iorquina que davam mais uma batida e tentavam prender os frequentadores gays do bar Stonewall. Naquela oportunidade, gays e travestis se rebelaram e, à medida que se noticiava tal ocorrência, chegavam reforços policiais e também para os revoltosos. Em São Francisco havia também, à época, um *Hallowenn* gay, marcha festiva do mês de outubro.

A partir de 1969, as marchas assumiram um caráter abertamente político por parte da comunidade gay que ambicionava o fim das constantes batidas policiais, da discriminação em seus lares e no trabalho e outras demandas do tipo. Vinte e oito anos separam tal iniciativa nos Estados Unidos da América e no Brasil. Ocorreu que, após

⁹² RIBEIRO, Irineu Ramos. *A TV no armário – a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros*. São Paulo: Edições GLS, 2010, especialmente o capítulo “No entretenimento, no humor e na telenovela”, p. 99-124.

poucas edições, a marcha brasileira de São Paulo tomou proporções tamanhas que a levaram ao *Guinness World Records* em 2006, como a maior do mundo.

Três eixos se mostraram caros aos organizadores das marchas paulistas (em diversas outras cidades do país as marchas vêm crescendo numericamente e, algo comum, tomam para si o tema escolhido em São Paulo): a presença dos homossexuais na sociedade brasileira (*Somos muitos, estamos em todas as profissões*, 1997; *Orgulho gay no Brasil, rumo ao ano 2000*, 1999; *Temos família e orgulho*, 2004), a diversidade (*Celebrando o orgulho de viver a diversidade*, 2000; *Abraçando a diversidade*, 2001; *Educando para a diversidade*, 2002) e, sobretudo, aquele referente aos direitos dos homossexuais e à criminalização da homofobia (*Os direitos de gays, lésbicas e travestis são direitos humanos*, 1998; *Construindo políticas homossexuais*, 2003; *Parceria civil, já. Direitos iguais! Nem mais nem menos*, 2005; *Homofobia é crime! Direitos sexuais são Direitos Humanos*, 2006; *Por um mundo sem racismo, machismo e homofobia*, 2007; *Homofobia mata! Por um Estado laico de fato*, 2008; *Sem homofobia, mais cidadania – pela isonomia dos direitos*, 2009).

O tema da marcha de 2005, *Parceria civil já. Direitos iguais! Nem mais nem menos*, integra-se à discussão iniciada uma década antes por meio da apresentação, pela então deputada federal Marta Suplicy (Partido dos Trabalhadores de São Paulo), do Projeto de Parceria Civil⁹³ que visava a garantir o direito de união a pessoas do mesmo sexo. O projeto e seus substitutivos⁹⁴ não foram votados ainda hoje, dezesseis anos após sua apresentação à Câmara Federal. Tal projeto aparece no Brasil em um momento de transformação dos movimentos de liberação homossexual.

Na passagem dos anos 1970 para a década seguinte, surgiram os primeiros grupos de liberação homossexual brasileiros. O pioneiro Somos: Grupo de Afirmação Homossexual (São Paulo), seguido do Grupo Gay da Bahia (Salvador), Atobá (Cidade), Triângulo Rosa (Cidade), Movimento Gay de Minas (Juiz de Fora) e tantos outros assumiam, à época, um discurso marcadamente político e de busca de espaço na sociedade brasileira. Era uma tentativa de romper o espaço marginal e garantir uma qualidade de existência e expressão do amor e do erotismo entre sujeitos do mesmo sexo e de gêneros distintos.

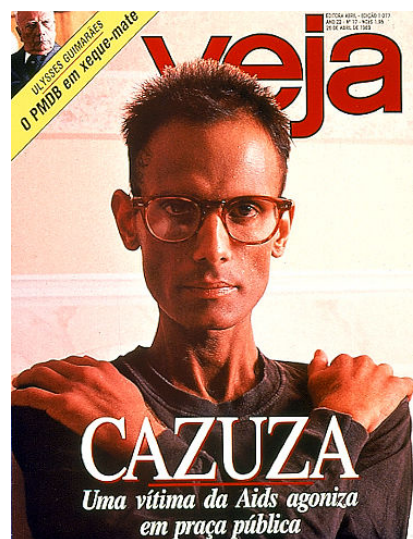
⁹³ Projeto de Lei nº 1151, de 1995, de autoria da então deputada federal Marta Suplicy, que se propõe a disciplinar a união civil entre pessoas do mesmo sexo.

⁹⁴ Projeto de Lei nº 5.252, de 2001, de autoria do então deputado federal Roberto Jefferson, que propunha disciplinar a Parceria da Solidariedade entre pessoas. Arquivado em 13/03/2008.

É certo afirmar que o advento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (SIDA, mais conhecida pela sigla em língua inglesa, Aids) levaria os movimentos de liberação homossexual para novos rumos, nacional e internacionalmente. Em primeiro lugar, é preciso lembrar que um número imenso de quadros dos movimentos foi acometido da síndrome, levando-os à morte, debilitando, assim, inúmeros grupos.

Em segundo lugar, a Aids foi um dos motivos para um vertiginoso crescimento da homofobia, com base no discurso moral-religioso da punição divina. “Aqueles bichas”, em razão de toda sorte de atos libidinosos mais tolerados a partir dos anos 1960, enfim, sentiam em suas carnes “o peso da mão divina”, esmagando-as. “Aqueles bichas”, continuaram os conservadores, além de sofrerem a devida punição pelo tipo de vida mundana que levavam, mereciam mesmo a morte, sobretudo porque pais e mães de família também eram contaminados a partir de seu sangue. Inúmeros afetados pela Aids morriam à época em quartos insalubres nos fundos das casas de suas famílias ou nas ruas. Diante da epidemia, os grupos já existentes e outros que viriam a seguir, optaram por auxiliar os atingidos, oferecendo-lhes o amparo muitas vezes negado pelas famílias, amantes ou amigos⁹⁵. As disputas políticas de liberação sexual foram deixadas momentaneamente de lado para dar lugar à assistência aos doentes.

A Aids traria ainda uma outra forma de encarar a própria sexualidade. Os contatos com muitos parceiros (sobretudo no que tange aos homens) tornaram-se algo pernicioso, como já o fora pelo discurso heteronormativo de base religiosa e/ou médico-legal. A monogamia dos homossexuais foi introduzida como algo bom em detrimento da promiscuidade, algo ruim. A busca pela estabilidade e fidelidade para garantir a sobrevivência, além do uso de preservativos, aparece com mais força na polifonia homossexual. Assim, quando, em 1995, Marta Suplicy apresenta o Projeto de Parceria Civil junto ao



Polêmica capa de *Veja*, 1989. .

⁹⁵ Em 1984 a transexual Brenda Lee (Cícero Caetano Leonardo), assassinada em maio de 2000, recebia em sua casa, até então chamada “Palácio das Princesas”, o primeiro portador do HIV. Dois anos depois, seria criada a “Casa de Apoio Brenda Lee”, uma das primeiras instituições fundadas para receber os “doentes sociais” vítimas da Aids – aqueles que já não precisavam da internação hospitalar, rejeitados pela família e amigos, que não tinham mais para onde voltar. Informações disponíveis em <http://www.brendalee.org.br/>, consultado em 16/02/2011.

Congresso Nacional, homossexuais ambicionavam tornar-se um casal. As discussões, acaloradas e tendo como partícipes diversos integrantes dos segmentos sociais, sobretudo dos católicos e evangélicos, levaram à ambição da adoção de crianças pelos casais homossexuais, além da garantia dos direitos todos de qualquer indivíduo unido maritalmente a outro, como direitos à pensão, plano de saúde, etc. Os homossexuais pareciam-se, agora, bastante com seus pais, formando famílias nucleares e condenando a prática sexual com muitos parceiros, desordenada, promíscua, suja, feia, doentia e que levava, por vezes, à morte. Estaríamos à beira de uma homonormatividade?

REPRESENTAÇÕES NA MÍDIA E DIVERSAS LINGUAGENS CULTURAIS

Tipos diversos de homossexuais foram produzidos socialmente e representados/conflituados na literatura, no cinema e na televisão. Certamente, esse último, com sua linguagem folhetinesca aderida à cultura brasileira, vem trazendo elementos para o debate nas últimas décadas, compondo, ela também, um imenso caleidoscópio.



Ziembski como Stanislaw Grotowiska, em *O Bofe*.

A teledramaturgia brasileira, especialmente aquela produzida pela Rede Globo de Televisão, apresenta, desde os anos 1970, personagens caracterizadas como homossexuais ou destoantes de seu sexo original. O quadro de personagens pode ser iniciado em 1972, com a novela *O bofe*, de Bráulio Pedroso, que trouxe Ziembski na pele da polonesa Stanislaw Grotowiska. Era a primeira vez que um homem interpretava uma mulher na programação televisiva brasileira. O mesmo Bráulio Pedroso, dois anos depois, traria uma personagem homossexual (não um homem interpretando uma mulher) para as telas. Ziembski interpretava Conrad Mahler, o rico anfitrião que assassinava Sílvia (interpretada por Bete Mendes), em razão de seus ciúmes pelo protegido Cauê (Buza Ferraz) em *O Rebu*. Em 1973 (telenovela) e entre 1980 e 1984 (minissérie), os telespectadores tiveram contato com o delicado Dirceu Borboleta de *O bem amado*, de Dias Gomes. A personagem, vivida por Emiliano Queiroz, entraria no rol daquelas lembradas através das décadas, sobretudo por sua covardia e submissão, expressos pelos trejeitos e por uma forte gagueira.

No final daquela década (1977-1978), Janete Clair, em *O astro*, introduzia um efeminado assassino, Henri (José Luis Rodi), parceiro de Felipe Cerqueira (Edwin Luisi) no crime que dava cabo na vida de Salomão Hayalla. Em 1978, Gilberto Braga faria transitar, nas tramas de *Dancing Days*, o mordomo Everaldo (Renato Pedrosa). Era inteligente, efeminado, confiável. Personagens similares seriam interpretados no ano seguinte em *Marron-Glacé*, de Cassiano Gabus Mendes, por Laerte Morrone (o garçom Waldomiro) e Nestor de Montemar (o chefe Pierre Lafond), personagens que garantiam, ao mesmo tempo, comicidade à trama por meio de sua afetação.

O homossexual que se passa por rapaz sensível, delicado para se aproximar de alguma mulher seria artifício utilizado por Janete Clair em *Pai Herói* (1979), ao criar a personagem Gustavo, vivido por Cláudio Cavalcante. No mesmo ano, Lauro César Muniz, em *Os Gigantes*, insinuaria uma relação homoerótica entre a protagonista Paloma (Dina Sfat) e Renata (Lídia Brondi).

Em 1981, Teixeira Filho criaria em *Ciranda de Pedra* a personagem Letícia, vivida por Mônica Torres que, além de ser feminista, demonstrava, em determinadas cenas da novela, não coadunar com a sexualidade heteronormativa. Ali, o homoerotismo estava associado à ideia de transgressão social.

Transgressão da tradição era também o que ambicionava Inácio (Denis Carvalho) em seus conflitos com a conservadora Francisca Newman (Fernanda Montenegro), a mãe que tentava arranjar-lhe um casamento de conveniência e afastá-lo do amigo Sérgio (João Paulo Adour), em *Brilhante* (1981-1982, de Gilberto Braga e Daniel Filho). Inácio queria ser pianista, e não joalheiro. Apesar das imposições da censura, como não utilizar o termo homossexual, Inácio, no fim da trama, é admitido na *Manhattan School of Music* (Manhattan, EUA), para onde vai acompanhado de Sérgio.



Ney Latorraca como Anabela Freire, em *Um sonho a mais*.

Em 1985, *Um Sonho a Mais*, de Lauro César Muniz, traria três homens travestidos de mulheres, interpretados por Ney Latorraca, Marco Nanini e Antônio Pedro, além de participação da personagem Olga Del Volga, criada pelo performer Patricio

Bisso. Problemas com a censura levariam ao quase desaparecimento das personagens da trama, que conduziam ao primeiro beijo entre homens ao ar: Anabela Freire (Ney Latorraca) e Pedro Ernesto (Carlos Kroeber).

Ainda em 1985, duas novelas mostrariam figuras tidas como gays, mas heterossexuais. João Ligeiro (*Roque Santeiro*, de Dias Gomes), é o irmão de Roque, que busca manter-se casto e, por isso, foge das investidas das mulheres. Daí, ser visto como homossexual (e sofrer por isso). Já em *Ti-ti-ti*, Jacques Leclair (Reginaldo Faria), passava-se por homossexual para criar a imagem-tipo do estilista afetado, mas utilizava também tal criação para aumentar seus casos extraconjugais. Nos anos 1986-1987, em novela de Lauro César Muniz, *Roda de Fogo*, os tipos levemente delicados e inteligentes, porém perversos, voltariam às telas, vividos por Cecil Thiré (Mario Liberato) e Cláudio Cury (Jacinto Donato). Ambos encerram a trama assassinados. No mesmo ano de 1987, *Mandala*, de Dias Gomes, apresentava mais uma vez o homossexual assassino, agora vivido por Carlos Augusto Strazzer (Argemiro). Ele apresenta sua maldade envolta pelo misticismo nas “bruxarias” que faz, mas a materializa em seus assassinatos.

Um assassino, agora bem mais divertido, apareceria naquele ano, vivido por Jorge Lafond, o Bob Bacall, agente da organização ELA, em *Sassaricando* (de Sílvio de Abreu), personagem bastante afetado, tipo que seria retomado por Lafond em seus demais trabalhos televisivos.

Em 1988-1989, Gilberto Braga apresentaria outros homossexuais em *Vale Tudo*, novela marcada pela crítica social. Ali, foram apresentados de maneira positiva Cecília (Lala Deheinzelin) e sua amante Laís (Cristina Prochaska). Quando da morte de Cecília, a discussão sobre a herança se desencadeia e Laís consegue, ao final manter o patrimônio do casal (uma pousada em Búzios) e um novo amor, Marília (Bia Seidl). Na mesma novela, Marco Aurélio (Reginaldo Faria) expressa seu medo machista de que o filho Tiago (Fábio Vilaverde) fosse gay por ser caracterizado como mais frágil e intelectualizado – ele terminaria a trama namorando uma garota. Ainda em 1988, Débora Duarte interpretou a masculinizada Joana Mendonça de *Bebê a bordo*. No ano seguinte, Ricardo Petraglia viveria Bombom, personagem efeminado de *Pacto de Sangue*⁹⁶

Em 1990, Rogéria interpretaria a travesti Ninete, auxiliar da protagonista que daria nome à obra, *Tieta* (Betty Faria), de Aguinaldo Silva. Tal personagem não causou

⁹⁶ PERET, Luiz Eduardo Neves. *Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira*. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

grande estardalhaço, possivelmente por sua intérprete ser uma conhecida travesti inserida nas artes nacionais.

Inaugurando os anos 1990, em *Mico Preto*, Miguel Falabella e Marcelo Pichi mantinham um relacionamento que, por ser escondido, gerava parte da graça da novela, na pele de José Luis e José Maria, respectivamente. Naquele ano, em *Barriga de Aluguel*, Glória Perez apresentaria, em um dos núcleos secundários da trama, Lulu, personagem exagerado e efeminado vivido por Eri Johnson, frequentador dos treinos de futebol para poder ver seu ídolo, Bebeto.

Dois anos depois, em *Pedra sobre Pedra*, de Aguinaldo Silva, Adamastor (Pedro Paulo Rangel), administrador do bordel local, apaixona-se pelo amigo malandro Carlão (Paulo Betti). No fim da trama, Adamastor encontra o amor nos braços de um desconhecido (figurante com aparição bastante rápida).

Em 1993, Benedito Rui Barbosa inseriu na trama de *Renascer* a personagem Buba, vivida por Maria Luisa Mendonça, uma pseudo-hermafrodita que encerra a trama tendo realizado uma cirurgia corretiva e tornando-se, “uma mulher de verdade”, vivendo seu amor pela personagem de Marco Ricca.

Dois anos depois, em *A próxima vítima*, de Sílvio de Abreu, Lui Mendes e André Gonçalves protagonizaram um casal gay jovem. Ali, a ideia do masculino e do feminino, ativo e passivo marcaram a interpretação das personagens nas ruas. André Gonçalves, Sandrinho, com seus cabelos longos, foi espancado nas ruas do Rio de Janeiro por jovens que não aceitavam sua personagem, mas lhes foi dedicado um final feliz no telenovela.

No mesmo ano, *Explode coração* trazia a personagem Sarita Vitty, figura que navegava incertamente entre o travestismo e o transsexualismo, sem importância maior na trama. Em 1997, Lauro César Muniz levou para a trama de *Zazá Rô-Rô Pedalada* (Marcos Breda). No mesmo ano, Manoel Carlos criaria em *Por amor* um bissexual de meia-idade, Rafael, vivido por Odilon Wagner.

Em 1998, Rafaela (Cristiane Torloni) e Leila (Silvia Pfeifer) foram mortas na explosão do *shopping de Torre de Babel* (Sílvio de Abreu). Ao que tudo indica, essas personagens foram eliminadas da trama pela



Sandrinho (André Gonçalves) e Jefferson (Lui Mendes), em *A próxima vítima*.

antipatia do público em relação a elas. O próprio autor opinou que o fato de serem apresentadas imediatamente como lésbicas (diferentemente de Jefferson e Sandrinho), teria levado a tal desfecho, bem como pelo fato de serem belas mulheres maduras, ricas e que experimentavam sua sexualidade sem traços de culpa.

Em *Suave veneno* (Aguinaldo Silva, 1999), Uálber Cañedo (Diogo Vilela) e Edilberto (Luis Carlos Tourinho) chamaram a atenção do movimento de liberação gay. As agressões (mesmo que cômicas) que Ed sofria foram um dos pontos questionados, bem como o excesso de efeminação das duas personagens. Interessante aqui, imaginarmos que os movimentos de liberação gay também criam suas ideias próprias em relação ao que é “ser homossexual”, divergindo de sua própria diversidade ou de suas representações.

Nos anos 2000, personagens divergentes de seu sexo ou homossexuais, continuaram aparecendo. Antonio Calmon, em *Um anjo caiu do céu* (2001), retoma a figura de Jacques Leclair (*Ti-ti-ti*), para criar Paulinho, ou, Selmo de Windsor (Cássio Gabus Mendes), estilista que se passa por homossexual. No mesmo ano, Silvio de Abreu, em *As filha da mãe*, cria a personagem transexual Ramón/Ramona (Cláudia Raia), que não chega a agradar o público. Luiz Eduardo Neves Peret nota que, ao que parece, uma personagem de tal monta não caricatural não tem espaço nos horários consagrados ao humor.⁹⁷

Em 2002, Euclides Marinho lança para José Wilker (Ariel) e Otávio Muller (Tadeu), o núcleo cômico de *Desejos de mulher*, ambos personagens gays. A caricatura de ambos fez os índices da novela melhorarem bastante.

No ano de 2003, quatro produções apresentaram a questão homossexual. *Mulheres apaixonadas*, de Manoel Carlos, trouxe as estudantes Clara (Aline Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli), namoradas na trama, e Eugênio (Sylvio Meanda), o estereótipo do mordomo efeminado. Em *Kubanacan*, de Carlos Lombardi, personagens travestidos ocasionalmente voltaram às telas, e também Manolo (Luis Guilherme), vivendo o homossexual discreto, refinado, quarentão. *Chocolate com pimenta*, de Walcir Carrasco, trouxe o travestido Kaiky Brito, como o adolescente criado pela mãe como menina, em razão de uma promessa. Bernadete sofreu algumas críticas, mas manteve-se na trama, até seu desfecho, transformando-se em Bernardo.

Em *Celebridade* (Gilberto Braga), Laura Prudente da Costa (Cláudia Abreu), mostra-se ocasionalmente bissexual, envolvendo-se inclusive com Dora Lima (Renata

⁹⁷ Idem, ibidem, p. 45.

Sorrah, em participação especial). João Emanuel Carneiro, em *Da cor do pecado*, apresenta dois núcleos em que a homossexualidade perpassa personagens. Abelardo (Caio Blat) é o garoto mimado pela mãe e sensível (mas não homossexual). Pai Gaudêncio (Francisco Cuoco) é o guia espiritual de Pai Helinho (Matheus Nachtergaele), é histriônico e parece interessar-se pelo aprendiz Cezinha (Arlindo Lopes).

Em 2005, *Senhora do Destino*, de Aguinaldo Silva, trouxe dentre suas personagens o casal lésbico Leonora (Mylla Christie) e Jenifer (Bárbara Borges), retratadas positivamente e cuja trajetória levaria à adoção de uma criança, e o carnavalesco Ubiracy (Luis Henrique Nogueira), bastante efeminado e histriônico. Ainda naquele ano, Glória Perez criaria o homossexual vivido por Bruno Gagliasso, Junior, que terminaria a trama com seu namorado Zeca. Durante a exibição de *América* o tema de um “beijo gay” preencheu especulações da grande mídia; porém, não aconteceu. No mesmo ano, Miguel Magno encenaria na novela *A lua me disse*, escrita por Miguel Falabella e Maria Carmem Barbosa, a simpática Dona Roma, homem que se vestia de mulher durante quase toda a trama. Interessante lembrar que, em uma das tantas reviravoltas do enrede, quando Dona Roma precisou se apresentar a um tribunal e deveria ir vestida como homem, as demais personagens, mesmo curiosas, se ressentiram por vê-la passar por este constrangimento – ser quem intimamente não era. Ali, o falso eram as roupas masculinas.



Clara (Aline Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli) se beijam em *Mulheres Apaixonadas*.

Em 2006-2007, Manoel Carlos introduziu na trama de *Páginas da Vida* o médico Rubinho (Fernando Eiras) e o músico Marcelo (Thiago Picchi), um casal. Todos os seus amigos sabem do relacionamento de ambos. No final da novela, eles viram pais, adotando o filho da empregada.

Em *Paraíso Tropical*, de Gilberto Braga e Ricardo Linhares (2007), Rodrigo (Carlos Casagrande) e Tiago (Sérgio Abreu) formavam um casal consolidado na novela. Eles moravam juntos e trabalhavam num hotel em Copacabana. Na mesma trama, o homossexual Hugo (Marcelo Laham) inventa um casamento falso com Taís (Alessandra Negrini) para esconder de seus pais o namoro com Felipe (Miguel Kelner).

Em *Duas Caras* (Aguinaldo Silva, 2007-2008), Bernardinho (Thiago Mendonça) sempre foi incompreendido por sua família por suas feições delicadas. Ele mantinha uma

relação de amor e ódio com Carlão (Lugui Palhares), que nunca assumia seu interesse definitivo pelo garoto. No final, eles acabam juntos.

Também na novela *A Favorita*, de João Emanuel Carneiro (2008-2009), aparece um homossexual que busca o “enrustimento” por pressões familiares. Orlandinho (Iran Malfitano) era um rapaz confuso. Primeiro apaixonado por Halley (Cauã Reymond), caiu nas graças de Maria do Céu (Deborah Secco) no final da trama. Teve gente que se mostrou contrária ao relacionamento. Já em *Caras e Bocas*, de Walcyr Carrasco (2009-2010), o personagem Cássio (Marco Pigossi) é assumidamente homossexual, um fashionista que se destaca na trama por seus bordões. Ele se relaciona com uma mulher, a personagem Léa, vivida por Maria Zilda Behtlem. A relação é interessante, uma vez que, mesmo sem que haja sexo entre os dois, ele funciona como um companheiro, um “bofe”, mesmo que substituído por outro garoto mais jovem (a personagem feminina é uma mulher mais velha e solitária) no fim da trama.

Em 2010-2011, Maria Adelaide Amaral escreveria o *remake* de Ti-ti-ti, juntando tramas, núcleos e personagens de outras telenovelas, como *Plumas e Paetês*, *Locomotiva* e *Elas por Elas*. Nesta nova versão, além do personagem Jacques Leclair (Alexandre Borges), que “flerta” com um visual afetado, há os homossexuais Osmar (Gustavo Leão), falecido namorado de Julinho (André Arteché), e Thales (Armando Babaioff), próximo amor de Julinho. A hostilização do filho em razão de sua homossexualidade marca a relação de Gustavo (Leopoldo Pacheco) com seu filho Osmar; Julinho sofre em algumas poucas oportunidades, também por sua orientação homoerótica; ele é, entretanto, uma personagem mais “séria” nessa trama cômica.

No que tange às representações das sexualidades ou construções de gênero distintas daquela hegemônica nas telenovelas brasileiras das últimas quatro décadas, há que se fazer algumas considerações. Em primeiro lugar, a bissexualidade pouco aparece, podendo contar com Rafael, Laura Prudente da Costa e Dora Lima. Essa invisibilidade está presente nos movimentos de afirmação LGBTTT, na produção acadêmica e nos espaços LGBTTT. Os que se fizeram passar por gays, como Gustavo, Jacques Leclair (em duas versões) e Selmo de Windsor, estavam, nas tramas, em situação mais confortável do que aquela das personagens que eram vistas como gays quando, em verdade, não eram, como João Ligeiro, Tiago e Abelardo.

Interessante pensar que os assassinos não foram muitos. Quando apareceram nas telas, o vilão homossexual já caía em desuso, talvez mais caro às décadas anteriores, mas

restam os exemplos, como Conrad Mahler, Henri & Felipe, Mario Liberato & Jacinto Donato, Argemiro e o cômico Bob Bacall.⁹⁸

Lembre-mos daqueles que homens que viveram mulheres: Stanislaw Grotowiska, Dona Roma, Anabela Freire, Florisbela Freire, Clarabela Freire, Olga Del Volga. O travestismo apresentado como elemento gerador do riso *per se* ou levando as personagens para situações cômicas. Outros travestis ou transexuais visitaram as telas, como Buba, Sarita Vitty, Ninete, Rô-Rô Pedalada, Ramón/Ramona, Bernadete/Bernardo. O riso, à exceção da sofredora Buba, manteve-se.

A comicidade das personagens esteve em diversas oportunidades aliada à sua bondade, com gays caracterizados como sensíveis, inteligentes, mordazes em seus comentários, mas, solidários e/ou confiáveis, a exemplo de Waldomiro & Pierre Lafond, Dirceu Borboleta, Everaldo, Bombom, Inácio & Sérgio, José Luís & José Maria, Lulu, Adamastor, Uálber Cañedo & Edilberto, Eugênio, Ariel & Tadeu, Manolo, Pai Gaudêncio, Ubiracy & Turcão, Bernardinho & Carlão, Cássio, Osmar, Julinho & Thales.

Os casais são os mais recentes e, ao que parece, a nova tônica das representações dos homossexuais na televisão: Sandrinho & Jefferson, Junior & Zeca, Rubinho & Marcelo, Rodrigo & Tiago, Hugo & Felipe, ou as lésbicas Cecília & Laís & Marília, Rafaela & Leila, Clara & Rafaela, Leonora & Jenifer. Outras lésbicas seriam vistas, ora insinuadas, como Paloma e Renata, masculinizadas, como Joana Mendonça ou transgressoras, como Letícia.

Se as telenovelas brasileiras foram e são ainda importantes fontes produtoras de ações sociais, outros produtos televisivos ocupam hoje um importante filão de investimento, propaganda e consumo. A grife *BB (Big Brother)*, criada por John de Mol e adquirida pela TV Globo, tornou-se o mais lucrativo produto televisivo da última década. Em sua primeira edição, contando com um grupo bastante eclético, trouxe o homossexual (não assumido nas telas) André Gábe. Sua homossexualidade não foi explorada no programa, mas depois ela apareceu em diversas oportunidades.

Na quinta versão do *Big Brother Brasil*, a Rede Globo de Televisão escolheu como um dos participantes o professor universitário baiano Jean Willis, homossexual assumido e que externou sua orientação afetivo-sexual em uma situação conflituosa do jogo (no qual quatorze participantes buscavam, por meio do voto popular, via telefone ou

⁹⁸ Um número bastante maior de homossexuais assassinos apareceu nas telas de cinema. Ver: RODRIGUES, João Carlos. O homossexual e o cinema brasileiro. *Lampião*, ano I, nº 11, abril de 1979, p. 15; MORENO, Antônio. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: Funarte/Eduff, 2001.

Internet, o prêmio de um milhão de reais), dizendo-se vítima de homofobia no interior da casa de confinamento.

Jean Willis foi o primeiro homossexual assumido a ganhar o Big Brother Brasil e manteve-se razoavelmente inserido na mídia a partir de então, participando de programas de TV Globo, como *Ana Maria Braga*, *Domingão do Faustão* e *Caldeirão do Huck*, além de manter uma coluna na revista mensal voltada para o público gay *GMagazine*. Foi eleito no pleito de 2010 para o cargo de deputado federal (PSOL/RJ), diplomado em 21 de janeiro de 2011, a partir de uma campanha que enfatizava os direitos LGBTTTT.



Material de campanha de Jean Wyllis, vencedor do BBB5.

Três edições depois seria a vez de o psiquiatra mineiro Marcelo Arantes assumir sua homossexualidade no horário nobre da TV nacional, voltando para o armário e, em seguida, dele saindo mais uma vez. Marcelo foi eliminado, mesmo contando com o apoio de *bears* e *cheasers* (gays gordos e peludos e seus admiradores, respectivamente), que o elegeram um novo ídolo a partir de sua aparência (um pouco acima do peso ideal, barba, corpo peludo).

A décima edição do *Big Brother Brasil*, no ano de 2010, trouxe três homossexuais assumidos para as telas. A lésbica mineira Angélica, o jovem paulistano Serginho, com um visual andrógino e afetado, e a *drag queen* Dimmy Kyer, conhecida no programa por seu nome de batismo, Dicesar. Uma parte importante das disputas inerentes ao próprio jogo girava em torno desse pequeno núcleo, chamado “Coloridos”, em uma clara alusão ao arco-íris, símbolo do movimento de liberação LGBTTTT. Porém, ao final da disputa, o homofóbico Marcelo Dourado conseguiu a vitória.

Se as representações e conflitos estéticos produzidos pela televisão brasileira compõem, também, as conversas travadas nas filas das padarias, supermercados, nas mesas dos bares, ou no interior dos movimentos de liberação sexual atuais, outras personagens homoeróticas raramente aparecem nas telas e, hoje, parecem cada vez mais escondidas, mesmo no interior da subcultura gay.

VIABILIZAÇÃO DOS DESEJOS: LUGARES E “DESLUGARES” DAS SOCIABILIDADES E REPRESENTAÇÕES GAYS

A literatura dos séculos XVIII e XIX, especialmente aquela representada por Balzac, Gide e Proust, aliada à produção médica do XIX, construíram uma imagem bastante negativa do homossexual, um ser desviado da norma, cuja ação é marcada pela lascívia, inveja, amoralidade, contatos sexuais com um grande número de parceiros.⁹⁹ A ideia de promiscuidade fundiu-se, assim, àquela de homossexualidade. Se o contato afetivo e sexual com vários parceiros tornou-se algo comum nos anos 1960 e 1970, com o advento da Aids, essa prática se tornaria perigosa para muitos; daí, tornarem-se, mesmo no meio homossexual, menos frequente, ou, novamente caindo nas sombras.

As casas de banho, casas de vapor ou saunas se popularizam nos Estados Unidos da América nos anos 1970 e figuram como símbolo da liberação sexual homoerótica em cidades como São Francisco. No Brasil, em fins dos anos 1970 e início dos anos 1980, o mesmo aconteceria. Importa-nos ressaltar a importância desses espaços como voltados para encontros eróticos. Elas podem ser encontradas nas mais diversas cidades do país, especialmente nas de médio e grande porte.

Esses estabelecimentos podem comportar de dezenas a centenas de pessoas em um mesmo dia. São, comumente, dotadas de recepção, vestiário onde os frequentadores podem deixar suas roupas e demais pertences, sala de descanso (quase sempre com revistas eróticas e televisores, além de sofás, cadeiras e espreguiçadeiras), bar, as salas destinadas à sauna propriamente dita (a vapor, seca ou ambas), chuveiros e, não raro, salas em que são assistidos vídeos pornográficos, cabines ou quartos individuais e dark rooms, quartos escuros nos quais os frequentadores podem entregar seus corpos sem ver a quem.

São as saunas, assim, espaços de sociabilidade, com clientes assíduos, nos quais e amigos podem se encontrar para bebericar, relaxar e conversar; locais onde se encontram e mantêm amizades restritas àquele recinto, relacionando-se ali algumas vezes por mês, e, certamente, funcionam para que os frequentadores também descubram parceiros sexuais ocasionais.



Cena comum em uma sauna.

⁹⁹ COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício*. Op. cit.

Podemos afirmar que a maioria desses contatos sexuais se restringe unicamente ao espaço das saunas, sendo que de tais não se desenvolvem relacionamentos duradouros. A variedade de parceiros que podem ser experimentados em uma mesma visita a uma sauna também é elemento importante, uma vez que, sendo diversos, estamos em um campo posto na contramão do curso atual do rio, aquele da monogamia e dos relacionamentos estáveis.

Tais estabelecimentos podem se voltar para a comunidade gay local, certamente a maioria deles, mas, também, para os turistas, quando se trata de saunas localizadas em grandes centros que os recebem, a exemplo das capitais do Nordeste, São Paulo e, sobretudo, Rio de Janeiro. Há casos, não raro, em que visualizamos garotos de programa como funcionários fixos destas casas, por vezes destacados dos demais clientes pela utilização de toalhas coloridas, enquanto o cliente comum usa toalha branca. Aqui, lembro que, usualmente, a indumentária padrão das saunas é apenas uma toalha, sem nada mais. E, por vezes, é apenas esta toalha que separa dois ou mais corpos do prazer que podem proporcionar-se.

Cito o informe publicitário encontrado na fachada de uma sauna em Uberlândia-MG, cidade de médio porte que conta hoje com cerca de oitocentos mil habitantes: “Há oito anos realizando fantasias”. Nessa casa em particular, mesmo que tenha surgido como ambiente exclusivamente gay, muito rapidamente abriu suas portas para travestis (geralmente impedidos de entrar em estabelecimentos congêneres) e mulheres, algo incomum. Mantendo dois shows de sexo explícito por semana, conquistou um filão até então apartado dos ambientes homoeróticos, o dos casais, de tal forma, que se convencionou um “domingo dos casais”, em que pares das cidades da região e mesmo de Uberlândia para lá se dirigem. Ali se encontram, assim como parceiros, sejam eles prostitutas, heterossexuais ou homossexuais, transgredindo, de alguma forma, a heteronormatividade e a monogamia (imposta, sobretudo, às mulheres).

Outro espaço destinado ou apropriado para encontros sexuais são os cinemas que exibem filmes pornográficos. Eles estão na ponta de uma poderosa indústria, representada sobretudo pelas produtoras estadunidenses, que move bilhões de dólares anualmente. Esses cinemas são marcados por um aspecto de decadência bastante comum. São espaços antigos, cujas acomodações serviram, outrora, a casas de exibição comuns, geralmente localizados nos centros (ou antigos centros) das cidades de médio e grande porte.

Estabelecimentos como o *Cinema Orli*, no Rio de Janeiro¹⁰⁰, *Cine República* e *Cine Saci*, em São Paulo, *Cine Center* em Campo Grande, *Cine It* em Uberlândia, *Cine Áurea*, *Cine Atlas*, *Cine Apolo*, *Privé Vídeos*, *Erótico*



Cartaz anuncia filmes eróticos no Cine República, São Paulo.

Vídeos em Porto Alegre¹⁰¹, *Cine Jangada* em Fortaleza¹⁰², *Cine Santa Maria* em Goiânia e assim por diante, ficaram conhecidos nessas cidades não apenas por oferecerem um tipo específico de entretenimento cinematográfico para seus clientes, mas, também, por se converterem em espaços para encontros eróticos, geralmente entre homens (mesmo que encontremos ali mulheres e travestis) e shows ao vivo.

O aspecto decadente que tais cinemas geralmente trazem é um dos motivos para a discrição de seus frequentadores. São, em geral, antigas grandes casas de espetáculo e exibição que, perdendo seu público para outros cinemas mais modernos ou localizados nos *shopping centers*, encontraram um pequeno nicho de mercado. Por outro lado, nos anos 1970 e 1980, eram objeto de constantes batidas policiais que perseguiram os homossexuais que os frequentavam. Tal ação foi objeto de reportagem do primeiro número do jornal *Lampião*¹⁰³, de abril de 1978. Em tais lugares, assim como nas saunas, os corpos (inclusive suas partes comumente cobertas) estão à mostra. Poltronas, banheiros, corredores, *dark rooms*, cabines privativas são tomados por aqueles que querem se entregar ao sexo anônimo e casual. Mesmo no interior da subcultura gay, sublinho, espaços que outrora materializavam a possibilidade de encontros sexuais fortuitos, passam a ser estigmatizados pelos próprios homossexuais, sendo sua frequência muitas vezes negada, como sendo algo menor, sujo, feio, abjeto.

Outros espaços continuam sendo usados para tais encontros sexuais, a exemplo de praças, parques e determinadas ruas nas cidades. Em São Paulo, podemos citar o parque

¹⁰⁰ Cumpre lembrar a obra de CAPUCHO, Luís. *Cinema Orly*. Rio de Janeiro: Interlúdio, 1999.

¹⁰¹ BIER, Alexandre Luís Schultz. *Sobre cinemas e vídeo-locadoras pornô, províncias de outros corpos e outros significados*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

¹⁰² VALE, Alexandre Fleming Câmara. *No escurinho do cinema: cenas de um público implícito*. São Paulo/Fortaleza: Annablume/Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

¹⁰³ CINEMA ÍRIS: na última sessão, um filme de terror. *Lampião*, ano 1, nº 0, abril de 1978.

Trianon, a rua Aurora; no Rio de Janeiro, o parque do Flamengo, a rua Farne de Amoedo; em Uberlândia o parque Sabiá, a rua Martinésia; em Belo Horizonte, o Horto Municipal, e assim por diante. Essas territorialidades reservadas para a “pegação” do início do século passado foram ampliados, e não esquecidos. Em João Pessoa (Paraíba), os movimentos de liberação homossexual, em negociações com a prefeitura, mantiveram a praia que ladeia um dos maiores e mais caros hotéis da cidade (Tambaú) sem iluminação, sendo a região utilizada por homossexuais para tais encontros. Os guetos, ao que parece, ainda cumprem uma função, seja para aqueles que os procuram, seja para os setores conservadores da sociedade, que mantém ali os desviantes da norma. Há uma gama de outros locais destinados à sociabilidade gay e, ocasionalmente, prestam-se também aos encontros sexuais furtivos, como uma parte das boates voltadas para o público gay. Elas estão espalhadas pelos país. Em alguns casos, tornaram-se franquias, a exemplo da casa noturna *The Week*, fundada em São Paulo e que hoje pode ser visitada em duas outras capitais, Rio de Janeiro e Florianópolis.

As casas noturnas movimentam numerário bastante razoável, empregando muitos (geralmente gays) e recebendo de dezenas a milhares de frequentadores em uma única noite. Majoritariamente, voltam-se para os apreciadores de música eletrônica e, não raro, se tornam febre em função da qualidade da música ou por ser um ambiente “descolado”, moderno, frequentado não apenas por homossexuais, mas, também pelo público heterossexual.

Essas boates oferecem, além da pista de dança e do bar, shows de *drag queens*, bastante populares nos anos 1990, mas que ainda compõem o repertório da maioria das casas, bem como de shows de *gogo boys*, rapazes que fazem *strip-tease*. Esta atração tem sua origem nos anos 1970, quando travestis famosas apresentavam e excursionavam com o famoso espetáculo *Noite dos Leopardos*¹⁰⁴. Em alguns casos, dispõem, também, de *dark rooms* onde os clientes podem se entregar à prática sexual com os demais frequentadores.

Os bares voltados para o público homossexual permanecem como importante espaço de sociabilidade e encontro. Por outro lado, são frequentes festas organizadas por *promoters* dentro e fora das cidades, geralmente trazendo atrações de outras localidades. Ressalto tal elemento em razão de, ao pensarmos em cidades de pequeno porte, ali a população homossexual dificilmente encontra bares ou boates voltadas especialmente para si.

¹⁰⁴ Famoso show comandado pela travesti Eloina e, posteriormente, por Rogéria, com rapazes de porte atlético, num misto de dança e nudez, realizado na Galeria Alaska (Rio de Janeiro) nos anos 1970/80.

Se nos anos 1960, a imprensa gay era marcadamente voltada para o que chamamos “colunismo social”, cobrindo festas e concursos, fazendo pequenas fofocas, em fins dos anos 1970 e princípio da década seguinte, um veículo com claro teor político seria o primeiro jornal voltado para o público homossexual de circulação nacional, o *Lampião de Esquina*. Sobre tal veículo trataremos mais adiante.

Os anos 1990 viram florescer a revista *Sui Generis*, auto intitulada veículo de “informação e cultura para gays, lésbicas e simpatizantes”. O projeto durou cerca de cinco anos e apontava, à época, para um mercado homossexual que se descortinava naquele momento. Em 1998, a mais longa revista voltada para gays iniciaria suas atividades, produzida pela Fractal Editora, a *GMagazine*. Diferentemente das mídias antecessoras, essa trazia (e traz) ensaios fotográficos de homens nus e excitados.

Essa revista tornou-se popular não apenas pelo conteúdo erótico, mas porque estampa em suas capas personalidades conhecidas do grande público, a exemplo de participantes de programas televisivos (*Big Brother*, *Casa dos Artistas*, telenovelas, jogadores de futebol, etc.), personalidades, por vezes instantâneas, que conseguem atrair a atenção dos leitores.

Por outro lado, tem mantido relevantes colunas, a exemplo daquela intitulada *Olho no olho*, escrita pelo escritor e militante João Silvério Trevisan (um dos fundadores do *Lampião*), uma coluna destinada às lésbicas, outra aos soropositivos, aos *bears* (ursos) e à família homoerótica, além de trazer reportagens sobre os direitos dos homossexuais e agendas mensais.

O que se apresenta, porém, é que estes indivíduos – tão diversos – têm se apresentado cada vez menos disfarçadamente no bojo da sociedade, na medida em que nela se inserem como consumidores. Destarte, poderíamos dizer que os indivíduos homoeroticamente inclinados comprem um bilhete de entrada para o espaço público, esse mesmo, frequentemente confundido com o privado, como é comum ao mercado.

O publicitário Nizan Guanaes, em entrevista para o *Globo Repórter* no ano de 1995, cujo tema era a bissexualidade, dizia: “O que ocorre é que a bicha virou homossexual. Ela agora é um indivíduo digno como eu, como você (o repórter). Os homossexuais querem ter direito ao mercado”.¹⁰⁵ De direito, talvez os homossexuais tenham encontrado uma obrigação, aquela da inserção pelo consumo.

¹⁰⁵ GLOBO REPÓRTER. Bissexualidade. Programa exibido pela Rede Globo de televisão no ano de 1995.

Ao mesmo tempo em que cada vez mais indivíduos homossexuais apresentam-se ou sentem-se inseridos socialmente, a prática sexual anônima ou sem qualquer vínculo que não o do sexo e com diversos parceiros, tem sido condenada não apenas pelos bastiões da heteronormatividade, mas também por importantes substratos do meio homossexual.

Questões como a formação da sociedade heteronormativa, a inserção pelo mercado e a derrocada de Dionísio como ideal das práticas homoeróticas serão ainda retomadas.

Capítulo 2

«E nunca foi tão natural ser diferente quanto agora?»:



permanências e rupturas.

e me expulsa para o corredor repetindo não se esqueça então de me mandar aquele cartão de Sri Lanka, aquele rio lodoso, aquela tez azeitonada, que aconteça alguma coisa bem bonita com você, ela diz, te desejo uma fé enorme, em qualquer coisa, não importa o que, como aquela fé que a gente teve um dia, me deseja também uma coisa bem bonita, uma coisa qualquer maravilhosa, que me faça acreditar em tudo de novo, que nos faça acreditar em tudo outra vez, que leve para longe da minha boca este gosto podre de fracasso, esse travo de derrota sem nobreza, não tem jeito, companheiro, nos perdemos no meio da estrada e nunca tivemos mapa algum, ninguém dá mais carona e a noite já vem chegando.

Caio Fernando Abreu, *Os sobreviventes*.

SOB A ESPREITA DA RELIGIÃO

A revista *Veja*, em sua edição nº 2164, publicada em 12 de maio de 2010, estampou em sua capa matéria especial escrita por Sílvia Rogar e Marcelo Bortoloti intitulada “A geração tolerância”. O *lead* apresenta o que se verá entre as páginas 106 e 114: “Os adolescentes e jovens brasileiros começam a vencer o arraigado preconceito contra os homossexuais, e nunca foi tão natural ser diferente quanto agora. É uma conquista da juventude que deveria servir de lição para muitos adultos.”¹⁰⁶. A reportagem aponta para uma maior facilidade em assumir-se homossexual hoje, mesmo que no seio familiar a questão ainda seja espinhosa, nos demais espaços, como a escola (desde que em grandes centros metropolitanos), o tema é cada vez mais “natural”.

Os jornalistas afirmam que “Declarar-se gay em uma turma ou no colégio de uma grande cidade brasileira deixou de ser uma condenação ao banimento ou às gozações eternas.”¹⁰⁷. Rogar e Bortoloti apontam para uma importante mudança no pensamento e comportamento de adolescentes e jovens. Segundo os autores, suas análises se ancoram em pesquisa realizada pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro e Universidade de Campinas e na obra “The new gay teenager”, de Ritch Savin-Williams¹⁰⁸. É de Savin-Williams que retiram a afirmação: “O peso de sair do armário já não existe para os jovens gays do Ocidente: tornou-se natural.”¹⁰⁹.



Cena de *Beautiful Thing*, 1996.

Ao que tudo indica, experimentamos tempos marcados pela tolerância, tanto que a chamada de capa é: “Ser jovem e gay – a vida sem dramas”. Os jornalistas apresentam uma nova

¹⁰⁶ ROGAR, Sílvia & BORTOLOTI, Marcelo. Ser jovem e gay – a vida sem dramas. *Veja*. Edição 2164, São Paulo: Abril, p. 106.

¹⁰⁷ Idem, ibidem, p. 108.

¹⁰⁸ SAVIN-WILLIAMS, Ritch. *The new gay teenager*. Cambridg: Harvard University Press, 2005.

¹⁰⁹ Idem. APUD ROGAR, Sílvia & BORTOLOTI, Marcelo. Op. Cit., p. 108.

face da juventude brasileira. Apontam para o fato de que os jovens que compõem aquelas páginas “sequer cogitaram esconder o nome ou o rosto” e para os quais “não faz mais sentido **enfurnar-se** em boates GLS (...), muito menos juntar-se a organizações de defesa de uma causa que, na realidade, não veem mais como sua.”¹¹⁰. Informam-nos, ainda, que, dos jovens presentes na penúltima parada gay de São Paulo, os de até 18 anos afirmavam estar ali para paquerar e se divertir. Aqueles na faixa dos 30 anos estavam ali para “**militar**”.

“Antenados” com a programação televisiva e acompanhando os jornais diários, Rogar e Bortoloti lembram aos leitores o recente fato envolvendo o lutador de vale-tudo Marcelo Dourado no programa global *Big Brother Brasil*, no qual a Globo teria sido obrigada, a partir de representação do Ministério Público, a dedicar alguns minutos no programa em razão da afirmação do rapaz de que “homem hétero não pega Aids”.

Traçam os autores um perfil do jovem homossexual que torna risíveis os antiquados gays e lésbicas que hoje se apresentam na faixa dos 30 anos: esse ser inovador, fruto exclusivo de sua vontade e determinação, assume-se para a famílias aos 16 anos (em média), tem sua primeira relação sexual com alguém do mesmo sexo, frequenta lugares onde estejam seus amigos (heterossexuais), reúnem-se em redes sociais jovens (não exclusivamente gays) e, finalmente, para esses jovens, ser homossexual é uma característica como qualquer outra. Natural.

O que não parece natural é o conjunto de experiências daqueles que antecederam (bem de perto) esses jovens “transgressores”: eles se assumiam mais tarde, com cerca de 21 anos, tinham a primeira relação sexual com o sexo oposto, enfurnavam-se em boates e bares gays, somente sociabilizavam-se nas organizações gays e, para eles, ser gay era uma causa pela qual lutar¹¹¹.

Naturalmente, Rogar e Bortoloti não consideraram algumas questões ainda relevantes. Alguns jovens têm outras experiências e percebem a homossexualidade por um prisma menos favorável. “Se fosse pra mim escolher (sic.), eu acho que eu escolheria ser homem ou ser mulher, mas heterossexual, gostar do sexo oposto, porque eu acho que é sofrimento demais”. Esse foi o depoimento de um jovem, próximo de seus 18 anos, veiculado pela Rede Globo de Televisão em 11 de maio de 2010¹¹².

É preciso nos perguntar quais são as razões que levam esse jovem a construir uma ideia de sofrimento em relação ao homoerotismo. Cumpre, sobretudo, compreender que é a violência, a injúria, a segregação que trazem sofrimento, não a orientação afetivo-sexual homoerótica – esse jovem tem um namorado com quem se encontra nas reuniões do Centro de Referência da Diversidade Sexual, em São Paulo.

Edith Modesto, fundadora do Grupo de Pais de Homossexuais, oferece-nos indicações de alguns dos motivos. Certamente, o apelo da família para a heteronormatividade é um dos principais

¹¹⁰ Idem, ibidem, p. 109.

¹¹¹ Idem, ibidem, p. 110-111.

¹¹² PROFISSÃO REPÓRTER. Depoimento de jovem no Centro de Referência da Diversidade, programa exibido pela Rede Globo de Televisão em 11/05/2010.

elementos de desconforto para os jovens homossexuais. Perguntada se a repórter poderia participar de alguma das reuniões do GPH e falar com algum dos pais, diz: “Não dá pra mostrar, porque um dos sentimentos muito fortes é a vergonha. As mães têm vergonha de ter filhos gays, filhas lésbicas. E a vergonha é o sentimento que mais demora pra acabar. Por isso que elas não saem do armário. Quando o filho sai do armário, a mãe entra.”¹¹³

Em outra oportunidade, uma das mães explicita a maneira como passou a enxergar seu filho após saber de sua homossexualidade: “Parecia que, assim, o ser gay invalidaria todas as qualidades. Você entende? Ele tinha uma porção de qualidade, mas... era gay. Era assim que eu pensava.”¹¹⁴

A heteronormatividade, aliada ao patriarcalismo e ao machismo, comuns à cultura brasileira – ou latino-americana –, é, por certo, a forma assumida pelo pensamento dessa mãe e que é corrente em nosso cotidiano. A heteronormatividade, o patriarcalismo e o machismo são, assim como o homoerotismo, constructos históricos. Podemos fazer um retorno deveras longo para descobrir, ao final, como aponta Marilena Chauí, que as interdições da sexualidade estão postas com a própria sexualidade¹¹⁵. Poderíamos lançar nosso olhar para as sociedades que escreveram sobre o tema, como as abraâmicas, ou para o momento em que o saber laico e o saber religioso se unem para amalgamar um conjunto de interdições que é mais próximo daquele que hoje ainda vigora, ou seja, os séculos XII a XV¹¹⁶, ou, ainda mais recentemente, o discurso médico-legal do século XIX e início do século seguinte. Algumas estruturas podem ser identificadas como mantenedoras de uma dada “tradição” heteronormativa e conservadora, excludente da diversidade.

Ao que se nos apresenta o discurso religioso monoteísta, em especial o cristão, no caso latino-americano, tem sido um dos responsáveis pela manutenção da heteronormatividade, da exclusão dos homossexuais e do impedimento de que determinados direitos sejam concedidos a este grupo (considerando, grosso modo, os indivíduos homoeroticamente inclinados um grupo, mesmo que fragmentado).

A resposta conservadora religiosa à existência dos homossexuais pode ser mais branda ou mais ofensiva. Em julho de 1997, quando o Projeto de Lei nº 1.151/95 (Parceria Civil entre pessoas do mesmo sexo) proposto pela então deputada federal Marta Suplicy,

¹¹³ Edith Modesto, fundadora do GPH. *Profissão Repórter*, programa exibido pela Rede Globo de Televisão em 11/05/2010

¹¹⁴ Neusa Dutra, mãe participante do GPH. *Profissão Repórter*, programa exibido pela Rede Globo de Televisão em 11/05/2010

¹¹⁵ CHAUI, Marilena. *Repressão Sexual, essa nossa (des)conhecida*. Op. cit., p. 10-12.

¹¹⁶ Ver. SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. *Poéticas do desejo – a ruptura do interdito lida em três contos de João Silvério Trevisan*, de 1976. Dissertação (Mestrado em História Social). Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2005, p. 36-71.

tramitava há dois anos, o arcebispo de Maceió, d. Edvaldo Amaral, pronunciou-se: “Um cachorro pode até cheirar o outro do mesmo sexo, mas eles não têm relação. Sem querer ofender os cachorros, acho isso [a união civil] uma cachorrada.”¹¹⁷

Os interlocutores poderiam afirmar que esse pronunciamento data de treze anos, bastante tempo. Ocorre que tal discurso, por certo, não data de apenas cerca de uma década e não se encerrou naquela fala. Trata-se de um produto ideológico de longa duração. O discurso abraâmico é aquele que origina as três principais religiões monoteístas conhecidas, quais sejam, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Interessa-nos, pelas características brasileiras, o cristianismo, já que ele foi aqui implantado quando do início da colonização portuguesa na América, permanecendo o catolicismo como religião oficial do estado até 1889, quando da proclamação da República.

Mesmo que há cerca de cento e vinte anos o estado brasileiro seja considerado laico, a influência das crenças cristãs, notadamente a católica, se mantém muito fortemente, mesmo que a própria religião tenha modificado lentamente suas características. O cânon bíblico, texto histórico e de fé, foi construído e lido incentivando a heterossexualidade – cresci e multiplicai-vos teria sido a determinação divina para homens e mulheres – e condenando as práticas sexuais desviantes, tais como o bestialismo, o onanismo e as relações entre indivíduos do mesmo sexo. Luiz Mott aponta para as razões militares da construção desse discurso, intrincado com a necessidade de um número cada vez maior de guerreiros hebreus para lutarem pela manutenção do território em suas mãos, cercados por diversas outras tribos.¹¹⁸

Paulo, o principal autor presente no chamado “novo testamento”, a partir de suas epístolas, seria o responsável por aglutinar o discurso religioso ao laico, a partir da ascese ambicionada pelos filósofos estoicos que viam como perigosa a languidez da alma trazida pela paixão – qualquer que fosse ela. No primeiro século da era cristã, a interpretação de que o filho do deus cristão retornaria em muito breve para o julgamento final, a parusia, levaria ao aprofundamento do discurso do celibato por parte dos padres apologeticos, os primeiros da religião recém inaugurada.¹¹⁹

O patrulhamento das práticas sexuais seria intensificado com o advento do matrimônio como um sacramento e, em seguida, com o surgimento da confissão auricular

¹¹⁷ HOMOFOBIA CATÓLICA. *Folha de S. Paulo*, Brasil, Painei, 01/07/1997. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1997&banner=bannersarqfolha>, consultado em 25 de maio de 2010.

¹¹⁸ MOTT, Luiz. Homossexualidade: uma história tabu e uma cultura revolucionária. Op. cit., p. 10-18.

¹¹⁹ Ver. SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. *Poéticas do desejo*. Op. cit.

obrigatória e regular. Foi ouvindo sobre as práticas sexuais dos fiéis que a Igreja refinou seus códigos proibitivos. O surgimento da Companhia de Jesus e da Inquisição levariam um grande número de desviados da heteronormatividade para a fogueira ou para a prisão.¹²⁰ O discurso religioso foi pouco modificado até o século XX. Se o Concílio Vaticano Segundo abriu as portas da Igreja para os leigos, não o fez para todos, mantendo a exclusão daqueles que fugiam às normas sexuais – mesmo que no interior do clero, as práticas se mantinham, ora às escuras, ora trazidas à luz por meio de chantagens, escândalos ou denúncias.

Nos anos 1970, porém, uma leve brisa de abertura se apresentava em alguns setores da Igreja. Em Denver, Colorado (EUA), em 1972, uma conferência de padres liberais criava uma comissão para trabalhar especificamente com os homossexuais, notadamente nas prisões e em San Francisco, ao mesmo tempo em que abolia o celibato.¹²¹ Em 1976, o jesuíta John McNeill publicou *A Igreja e os Homossexuais*, obra na qual aconselhava a Igreja a reexaminar sua proscrição da homossexualidade, examinando o cânon bíblico sob o prisma histórico e à luz das formas “modernas” trazidas pela ciência de se compreender a natureza humana.¹²²

No início deste novo século, há a retomada de um discurso ainda mais conservador do que aquele visto nos anos 1970 e os pontificados de Karol Wojtyła (1978-2005) e, sobretudo, de Joseph Ratzinger (2005 –) parecem ser os responsáveis por isso. Mas, talvez, a questão central seja que o discurso religioso conservador tem encontrado ainda ampla guarida no restante da sociedade, sendo veiculado



Detalhe do Jardim das Delícias, de H. Bosch, séc. XV.

por outros tantos nomes ligados ao Vaticano. Algo que nos parece uma estratégia, é ligar a homossexualidade a aspectos nefastos, mesmo quando praticados por padres, como ocorreu no primeiro semestre deste ano de 2010, quando Tarcísio Bertone, secretário de

¹²⁰ MOTT, Luiz. *O sexo proibido – virgens, gays e escravos nas garras da inquisição*. Campinas: Papirus, 1988, especialmente o capítulo II, “Desventuras de um português no Brasil seiscentista”, p. 75-129.

¹²¹ PADRES DÃO ASSISTÊNCIA A HOMOSSEXUAL. *Jornal do Brasil*, 13/07/1972, [s/n].

¹²² NOLASCO-FERREIRA, Sônia. A Igreja e o homossexualismo: uma nova visão. *O Globo*, 29/12/1976, [s/n]; UM JESUÍTA DEFENDE HOMOSSEXUAIS. *Folha de S. Paulo*, 02/09/1976, [s/n].

Estado do Vaticano, em entrevista em Santiago afirmou: “Muitos psicólogos e psiquiatras demonstraram que não há relação entre celibato e pedofilia, mas muitos outros demonstraram que há entre homossexualidade e pedofilia.”¹²³ Homossexualidade, assim, leva à pedofilia.

Pesquisa do ano de 2009 apontou, ainda, que a homossexualidade é pecado para 58% da população brasileira, número assombroso ao lado dos 28% daqueles que admitem ter preconceito contra homossexuais e 29% consideram a homossexualidade um pecado contra as leis do deus dos cristãos e a apontam como uma doença a ser tratada.

O estudo foi conduzido pela Fundação Perseu Abramo e pela fundação alemã Rosa Luxemburgo Stiftung, que entrevistaram 2.014 adultos nas cinco regiões do país, escancarando o preconceito direto ou velado contra os homossexuais. Machismo, falta de leis e discriminação na mídia são apontados como favorecedores dos números, recebidos com apreensão pela comunidade LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais). Segundo os organizadores, o “primeiro estudo a mapear de forma tão ampla” a homofobia deixou claro a facilidade de o brasileiro confessá-la. Isso porque 28% disseram “admitir” ter preconceito contra LGBT, enquanto outra pesquisa também da Fundação Perseu Abramo, de 2003, mostrou que o preconceito assumido contra negros – problema histórico no país – era de 4%. “Há a contribuição das religiões na nossa população de maioria católica e evangélica. Muitas igrejas continuam fechadas para comportamentos que fogem da “heteronormatividade”. Além disso, a cultura machista no Brasil facilita que o preconceito seja admitido com mais facilidade. Diferentemente da questão racial, não houve até agora uma legislação criminalizando a homofobia”, afirma Gustavo Venturi, um dos coordenadores do estudo e professor de sociologia da USP. (...) A pesquisa mostra manifestações de preconceito em diferentes situações. A maioria não gostaria de ter um filho gay, mas procuraria aceitar. Houve um número razoável (23%) de defensores da tese de que mulher “vira” lésbica porque não conheceu homem de verdade. Os maiores níveis de aversão foram no Norte e no Nordeste. Para Venturi, o grande problema é que, mais do que nas relações pessoais, a discriminação tem participação institucional. Nas empresas, por exemplo. Contudo, reconhece que, nesse quesito, aparece um dos itens em que o brasileiro se mostra mais aberto à diversidade - 70% dizem que não se importariam de ter colega de trabalho gay ou lésbica. (...) Para [Cezar] Xavier, existe também uma matriz religiosa forte por detrás da homofobia, que reforça uma visão já existente de que a homossexualidade é uma opção. Ele afirma que essa matriz influi inclusive na falta de leis. “Temos um lobby religioso no Congresso que dificulta a aprovação da lei do crime de homofobia. Ela é essencial. Vivemos num país de grande violência contra homossexuais.” (...) Além da ideia de pecado, o estudo revelou que 84% dos brasileiros concordam completamente

¹²³ COELHO, Luciana. Ofensiva católica. *Folha de S. Paulo*, Mundo. 13/04/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1304201001.htm>, consultado em 25/05/2010.

com a ideia de homem e mulher foram criados por Deus para cumprirem a função de ter filhos, o que é considerado um preconceito velado.¹²⁴

Ressaltamos, aqui, alguns aspectos. Machismo, ausência de legislação específica, preconceito da mídia, lobby religioso realizado nas instâncias do Estado, ideário religioso excludente são elementos apontados pelos autores da pesquisa e veiculados na matéria assinada por Mário Pinho, no caderno *Cotidiano* da *Folha de S. Paulo*. Importa-nos, sobretudo, perceber que esses elementos favorecem a violência contra os homossexuais. Didier Eribon afirma que, “no começo, há a injúria. Aquela que todo *gay* pode ouvir num momento ou outro da vida, e que é o sinal de sua vulnerabilidade psicológica e social.”¹²⁵ E continua escrevendo:

“Viado nojento” (“sapata nojenta”) não são simples palavras lançadas *em passant*. São agressões verbais que marcam a consciência. (...) e uma das consequências da injúria é moldar a relação com os outros e com o mundo. E, por conseguinte, moldar a personalidade, a subjetividade, o próprio ser de um indivíduo. [E cita Sara Miles, que escreve, no libreto do disco *All the Rage*, de Bob Ostertag:] “A primeira vez que alguém disse ‘viado’ e que entendi que era eu, [...] o mundo brutalmente se revelou com essa simples palavra que brotava como uma explosão fora da frase, algo que eu não deveria ter feito, algo que eu não deveria ter sido, ‘viado’”¹²⁶

Compreendemos que a injúria oferecida pelo discurso religioso, mesmo que seja geralmente proferida de maneira menos agressiva que “viado”, mesmo que em outras oportunidades aproxime-os dos “cachorros”, participa de forma evidente na moldagem desta personalidade específica. Eribon afirma que a injúria é um veredicto, uma condenação quase perpétua; ela tem a função de instituir ou perpetuar o corte entre os normais e os estigmatizados, dizendo o que o indivíduo é à medida que faz o indivíduo ser quem ele é.¹²⁷ Assim, o discurso religioso é responsável por moldar personalidades criando lugares específicos nos quais os indivíduos devem permanecer ou lugares dos quais estes, constituídos pela injúria, devem se retirar.

Mesmo que a injúria contra homossexuais encontre ampla guarida social, outras vozes aparecem colocando-se no embate. Após a declaração de Tarcísio Bertoni, Bárbara Gancia publicou o artigo intitulado “É o celibato, estúpido!”. Dele, retiro o extrato abaixo:

¹²⁴ PINHO, Márcio. Homossexualidade é pecado para 58%, aponta pesquisa. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 08/02/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0802200906.htm>, consultado em 25/05/2010.

¹²⁵ ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Op. cit., p. 27.

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ Idem, *ibidem*, p. 29.

O que eu gostaria de saber é se houve algum problema recente envolvendo homossexuais e pedofilia. Os gays fizeram alguma coisa errada? Creio que não, não é mesmo? Então por que o número dois do Vaticano, cardeal Tarcisio Bertone resolveu declarar guerra aos gays? Já não bastava a CNBB ter voltado seus canhões contra a lei que criminaliza a homofobia no país, projeto que busca apenas valorizar o homossexual como cidadão? Pouco importa se a Santa Sé depois tenha tentado abrandar as palavras do cardeal, que é o segundo na hierarquia da igreja. O estrago contra milhões de pessoas está feito. Na tentativa desesperada de acobertar o que não consegue mais conter (no mês passado foram 15 mil ligações a uma linha telefônica para denúncias anônimas contra padres na Alemanha), a igreja empurrou o problema para frente e tentou criar um vínculo na mente de seus fiéis entre homossexuais e um crime asqueroso. É de uma desonestidade de ajoelhar no milho. Eu digo que já passou da hora de acabar com esse *bullying* da igreja.¹²⁸

Ressaltamos a tentativa de explicitar um estratagema pernicioso utilizado por Bertoni, como já apontado anteriormente, o de vincular homossexualidade à pedofilia, o que implicaria uma possível nova caça aos homossexuais. Grupos de defesa dos direitos homossexuais no Brasil. No Chile e na Itália, também repudiaram as declarações do Vaticano e pediram que fossem apresentadas provas de tal ligação.¹²⁹ Lembremo-nos de que uma das recentes ondas conservadoras surgiu justamente com o advento da Aids em meados dos anos 1980, dando fôlego àqueles que consideravam a doença uma bênção divina exterminando os anormais pecadores. Não podemos afirmar, obviamente, que apenas a Igreja Católica seja responsável pela construção deste discurso. Em entrevista à *Folha de S. Paulo*, o Senador e Bispo da Igreja Universal do Reino de Deus Marcelo Crivella, perguntado sobre seu posicionamento sobre pesquisas com células-tronco, aborto, discriminação das drogas, legalização da prostituição e união de pessoas do mesmo sexo, respondeu:

CRIVELLA - Sou a favor das pesquisas com células-tronco. Não há na Bíblia qualquer proibição. O aborto é do ponto de vista da criança um fim sem começo, do ponto de vista da mulher o começo de uma dor sem fim. Droga tem de ser combatida. Prostituição é uma das profissões mais antigas, mas que espero que seja erradicada um dia. *Não acho que a homossexualidade seja natural.* [E continua,]

FOLHA - O sr. é aguerrido opositor da lei contra a homofobia.

CRIVELLA - A lei cria uma censura porque não permite opinião contrária ao homossexualismo. *Torna crime por supostamente incitar à violência o pai que*

¹²⁸ GANCIA, Bárbara. “É o celibato, estúpido!”. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 16/04/2010, Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1604201004.htm>, consultado em 05/05/2010.

¹²⁹ REAÇÃO: GRUPOS COBRAM PROVAS DE RELAÇÃO ENTRE GAYS E PEDOFILIA. *Folha de S. Paulo*, Mundo. 14/04/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1404201012.htm>, consultado em 25/05/2010.

pretende ensinar ao filho que isso não é natural. Fere as garantias individuais da Constituição. É a instalação da ditadura gay.

FOLHA - O sr. busca se dissociar da Universal, mas...

CRIVELLA - [interrompendo] Sou senador, frequento a Universal todo domingo, fui missionário na África dez anos. Quem me associa à Universal é a Folha, que não me chama de senador Crivella e sim de bispo Crivella. *Não acho que política se mistura com religião.*¹³⁰ (grifos meus)

As assertivas católicas estão presentes também nas afirmações de Crivella, o aspecto anti-natural das relações entre pessoas do mesmo sexo. A heteronormatividade, apresentada desde a educação familiar, passa pela educação religiosa oferecida nas igrejas. Para além, aponta, mais uma vez, para um estratagema pernicioso, ligando direitos aos homossexuais, criminalização da homofobia, à instalação de uma ditadura gay. Além de falacioso, busca angariar votos, opiniões contrárias à lei e aos próprios homossexuais. Finalmente, afirma que política não se mistura com religião, o que é negado por sua ação parlamentar, obviamente. Ações contrárias aos homossexuais e os direitos civis deste grupo promovidas por evangélicos surgem em momentos decisivos.

Um grupo formado por cerca de mil evangélicos tentou invadir ontem o Senado para protestar contra o projeto de lei que criminaliza a homofobia (rejeição ou aversão a homossexual e à homossexualidade). (...) O projeto já foi aprovado na Câmara dos Deputados e, no momento, tramita na Comissão de Assuntos Sociais do Senado. A senadora Fátima Cleide (PT-RO) foi nomeada relatora. Ela já se declarou a favor da proposta. Ontem, no momento em que os evangélicos tentaram entrar no Senado, ela discursava da tribuna da Casa. “Nosso maior desafio é reconhecer que somos uma sociedade plural, diversa. E, como tal, devemos cumprir nosso dever constitucional de criar mecanismos para combater qualquer forma de discriminação”, disse a senadora petista. De acordo com o texto do projeto, poderá haver pena de reclusão de dois a cinco anos para quem discriminar homossexuais. Para os evangélicos, o projeto impede a liberdade de expressão. Se aprovado, eles não poderão condenar em cultos o ato homossexual.¹³¹



Manifestação de evangélicos contra a aprovação do PLC 122/2006, 25/06/2008.

¹³⁰ CRIVELLA, Marcelo. “Vou criar uma zona franca social com a redução de impostos para gerar empregos”. Entrevista. *Folha de S. Paulo*, Brasil. 17/03/2008. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 25/05/2010.

¹³¹ EVANGÉLICOS PROTESTAM CONTRA LEI ANTI-HOMOFOBIA NO SENADO. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 26/06/2008. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 25/05/2010.

Ora, para além dos representantes evangélicos e católicos, unidos no Congresso Nacional quando se trata de “defender a família brasileira”, representantes do cristianismo promovem pressão junto às câmaras para coibir a concessão de direitos, o que nos parece absurdo, em se tratando de uma democracia, mas, ao mesmo tempo e contraditoriamente, possível justamente por se tratar de uma democracia. Recentemente, em 12 de junho de 2009, evangélicos e católicos conseguiram retirar de um grande pacote de medidas que incluía a criação do Ministério da Pesca e outras secretarias, qualquer referência ao termo GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros).¹³² Como se tratava de um bloco de medidas, para que o Ministério fosse criado, o então presidente Luís Inácio Lula da Silva aceitou tal pressão. Em 10 de maio de 2001, a Arquidiocese do Rio de Janeiro enviou carta aos quarenta e seis deputados federais da bancada fluminense, condenando oficialmente o Projeto de Parceria Civil de autoria de Marta Suplicy. Citando os textos bíblicos que classificam o “homossexualismo” como aberração, qualifica o projeto como contrário à “lei natural”. Indicando que o “homossexualismo” é uma “desordem moral” e buscando a construção de “uma sociedade essencialmente sadia”, na qual a sexualidade está ordenada entre homem e mulher, esposos. Cita, finalmente, o décimo versículo do primeiro capítulo da primeira epístola paulina enviada a Timóteo, no qual há menção a leis que punem, dentre outros, os sodomitas por suas práticas.¹³³ Em um estado laico. Há o que temer. Em outros pontos do globo, ações mais violentas contra os homossexuais são desferidas sob o mesmo discurso cristão:

O projeto de lei que criminaliza a prática homossexual rachou a igreja cristã em Uganda, uma das instituições mais influentes do país. As cúpulas católica e anglicana, bem como as incontáveis pequenas igrejas de bairro, condenam os gays, ainda que nem todos defendam pena de morte para eles, como propõe projeto de lei em debate no Congresso. (...) Em Uganda, vigora uma vertente marcadamente conservadora do cristianismo. O fenômeno dos “renascidos”, pessoas que se descobriram cristãs em algum ponto da vida, tem entre seus adeptos o presidente, Yoweri Museveni, e a primeira-dama, Janet. Ambos são amigos de outro “renascido”, o ex-presidente dos EUA George W. Bush. Diversos ministros e deputados – incluindo o autor do projeto, David Bahati – também se dizem fervorosamente cristãos.¹³⁴

¹³² FLOR, Ana. Bancada evangélica emperra projetos de gays no Congresso. *Folha de S. Paulo*, Brasil, 13/06/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1306200917.htm>, consultado em 25/05/2010.

¹³³ MORAIS, Rodrigo. Arquidiocese do Rio condena união civil entre homossexuais. *Estado de São Paulo*, 10/05/2001, disponível em <http://.wysiwyg://2/file:/cartauegeniosales.htm>, consultado em 09/07/2002.

¹³⁴ ZANINI, Fábio. Projeto contra homossexuais gera divisão na igreja ugandense. *Folha de S. Paulo*, Mundo, 17/03/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1703201012.htm>, consultado em 25/05/2010.

A ESCOLA E SUA PROMOÇÃO DE INJÚRIA E DA HUMILHAÇÃO

Mas não é apenas o discurso religioso o responsável pela manutenção de um lugar marginal para homossexuais. Em 18 de outubro de 1999, no caderno Folhateen, da *Folha de S. Paulo*, o estudante Paulo (nome fictício), de quatorze anos, denunciou a escola particular da zona leste de São Paulo na qual estudava e que pretendia expulsá-lo quando ele se declarou apaixonado por um colega dois anos mais velho.¹³⁵ À época, outros homossexuais que passaram pelo mesmo tipo de constrangimento se reportaram a Paulo por meio do mesmo jornal. Marina (nome fictício), de vinte anos, conta como perdeu um ano e, em seguida mudou de escola, quando, em meados dos anos 1990, apaixonou-se por uma colega, recebendo diversas repreensões da direção da escola e afirmava ter “ido parar no gueto gay, onde finalmente fui aceita”. Eduardo Marcelli, em um depoimento distinto, conta como enfrentou seus colegas e, “não tendo sido por eles calado”, conquistou o apoio da direção, em 1983. Já Ricardo (nome fictício), conta como, em 1985, após ter sofrido humilhações por parte de seus colegas e da direção da escola, abalado psicologicamente, encontrou algum alívio no uso de entorpecentes, o que lhe causou transtornos outros, posteriormente. É ele quem se dirige diretamente à escola de Paulo para pedir que sua história não se repita neste jovem.¹³⁶

A direção da escola apontava, à época, uma grande preocupação em preservar o colega de Paulo, por quem este se apaixonara. Em 1º de novembro de 1999, o jornal publicava outra matéria citando o abaixo-assinado firmado por 270 alunos da escola, por meio do qual diziam que “o colégio é conservador, mas não é preconceituoso. O problema não está no fato de o garoto ser homossexual, e sim no prejuízo da coletividade. Essa situação vem causando um grande constrangimento à vítima, que, no nosso modo de ver, é o assediado [o colega por quem Paulo se apaixonara]”.¹³⁷

A mesma edição apresentava outra matéria, baseada nas informações de Paulo e nas declarações da delegada da Divisão de Proteção à Pessoa da Polícia Civil de São Paulo, na qual apresentava os temores do garoto naquele momento, o de ser agredido ou morto. “Ligam para minha casa dizendo que eu vou morrer”, afirmava Paulo. Alunos de outras

¹³⁵ RUIZ, Silvia. Aluno homossexual é ameaçado com expulsão. *Folha de S. Paulo*, Folhateen, 18/10/1999. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm1810199902.htm>, consultado em 23/09/2010.

¹³⁶ RUIZ, Silvia. “Eu também passei por isso”. *Folha de S. Paulo*, Folhateen, 25/10/1999, p. 7-6.

¹³⁷ RUIZ, Silvia. Alunos defendem a escola. *Folha de S. Paulo*, Folhateen, 01/11/1999, p. 7-5.

escolas próximas à de Paulo rumavam no momento de sua saída para espancá-lo, levando-o a buscar proteção junto à polícia.¹³⁸

O caso terminou quando, em dezembro daquele ano, a família decidiu mudar-se para o Paraná para preservar o filho. “A direção do colégio negou que se tratava de preconceito. Para o diretor, Paulo criou um problema para o colega depois de se declarar apaixonado por ele.”. Paulo afirmava, ainda, não gostar da ideia de deixar amigos e o próprio colégio, mas compreendia que os pais buscavam o melhor para ele. Encerrava sua participação nas páginas do jornal afirmando que “de onde for, pretendo continuar a fazer tudo o que puder pelos direitos dos homossexuais.”.¹³⁹ Aqui, cumpre retomar as proposições de Eribon, ao afirmar que a injúria tem o poder de “marcar minha consciência, com essa ferida ao inscrever a vergonha no mais fundo de minha mente. Essa consciência ferida, envergonhada de si mesma, torna-se um elemento constitutivo de minha personalidade.”¹⁴⁰

Ora, a escola é, pelo que percebemos, também uma instância promotora de injúrias, que humilha, envergonha, molda pelo nefasto a personalidade dos indivíduos e, a partir de sua ação, cria lugares ou leva a lugares, nada abstratos, marginais. A fala final de Paulo é corajosa, mas não sabemos como esse evento foi assimilado pelo garoto nos anos seguintes. De qualquer maneira, ele foi perseguido, ameaçado, humilhado, forçado a deixar escola e cidade em função do lugar a que foi destinado por outrem: e a instituição escolar foi responsável por isso.

Em 25 de fevereiro de 1970, a revista *Veja* publicou matéria intitulada “A consagrada família”, na qual o general-de-divisão Moacir Araújo Lopes, presidente da comissão nacional de Moral e Civismo, do MEC, tratando do esfacelamento da moral brasileira, afirmava que “só há uma forma de barrar a maré crescente de erotismo: fazer retornar à educação brasileira às suas fontes religiosas que o positivismo do século passado [dezenove] aboliu quando instituiu o ensino laico.”¹⁴¹ A utilização da instituição escolar, apontava acertadamente Michel Foucault, é importante para moldar o indivíduo. O “molde” é escolhido por aqueles que se arvoram, a partir de seu poder político (e, por vezes, econômico), a ditá-lo. A proximidade dos discursos religioso e educacional, mesmo em um estado laico, parece ser a tônica. Mas, se os casos citados parecem distantes,

¹³⁸ RUIZ, Silvia. Garoto diz estar sofrendo ameaça. *Folha de S. Paulo*, Folhateen, 01/11/1999, p. 7-5.

¹³⁹ RUIZ, Silvia. Aluno gay ameaçado de expulsão vai sair da cidade. *Folha de S. Paulo*, Folhateen, 20/12/1999, p. 7-3.

¹⁴⁰ ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Op. cit., p. 28-29.

¹⁴¹ A CONSAGRADA FAMÍLIA. *Veja*, 25 de fevereiro de 1970, p. 56.

datando de quarenta ou dez anos, tratemos de outros, mais recentes e próximos, portanto, do ponto inicial da presente análise. Em 2004 a *Folha de S. Paulo* noticiava que “homofobia na escola [era] tema de congresso que [reunia] 150 países”.

A homofobia dentro da escola. Esse foi um dos temas dos fóruns temáticos que precederam e pautaram o 4º Congresso Mundial da Internacional da Educação (IE, a maior organização sindical de educadores do mundo), que começou ontem em Porto Alegre (RS) com a presença de delegações de mais de 150 países e cujos debates e palestras ocorrem até a próxima segunda-feira. Segundo educadores, de tão séria, a questão já levou à criação de, pelo menos, três escolas públicas no mundo exclusivas para jovens gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros (GLBT) que tiveram problemas de convivência com professores e colegas em escolas convencionais. Há uma em Toronto (Canadá), uma em Nova York (EUA) e uma em Santiago (Chile). Segundo a peruana Rebecca Sevilla, coordenadora do programa de igualdade de oportunidades da IE, “apesar de não ser um tema muito debatido, há dados que apontam para a gravidade da discriminação contra esses jovens dentro da escola, tanto por professores como por outros alunos”. Duas pesquisas da Unesco deixam claro que essa é uma realidade também brasileira. Segundo o estudo “Juventude e Sexualidade”, um quarto dos estudantes de 10 a 24 anos afirmam que não gostariam de ter colegas homossexuais. Outros admitem até mesmo o uso de agressão contra esses jovens. Já entre professores, outra pesquisa revela que quase 60% deles afirmam ser “inadmissível” uma pessoa ter relações sexuais com outra do mesmo sexo.¹⁴²

A escola, formada por professores, alunos, diretores, coordenadores, auxiliares, familiares, carrega as visões de mundo de todos esses agentes. O que ocorre, porém, é que há um elemento frágil – quando isolado –, o discente. Ele é, teoricamente, tutelado por seus pais e pela escola. Internamente, aquele aluno que foge à norma, sofre também a repressão de seus colegas. A escola, de espaço de formação intelectual passa, assim, a fonte de sofrimento para muitos jovens. Importante ressaltar a incapacidade frequente dos professores de tratarem, de maneira adequada (igualmente), os alunos homossexuais. Quando não, deliberadamente, perseguirem tais alunos a partir de suas convicções sobre o que é natural, anti-natural, moral, imoral, certo, errado. No mesmo ano de 2004, o governo federal envidava esforços para capacitar professores da Educação Básica.

O governo federal lançou ontem o programa Brasil sem Homofobia, que tem como principal objetivo combater a violência contra homossexuais. Dez ministérios passam a contar com comissões encarregadas de adaptar as

¹⁴² MENA, Fernanda. Homofobia na escola é tema de congresso que reúne 150 países. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 23/04/2004, disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 25/05/2010. Ver. PEREIRA, Marta Regina Alves. *Nas malhas da diferença: nuances do gênero na educação de crianças*. Uberlândia: Edufu, 2005.

políticas já existentes para atender essa parcela da população. (...) Na Educação, o governo atuará diretamente sobre os professores para que eles ensinem os alunos a respeitar os homossexuais. Uma pesquisa realizada em 2000 pela Unesco (braço das Nações Unidas para a educação e a cultura) e divulgada em março de 2003 indica que professores e pais de alunos no Brasil tendem a silenciar diante da discriminação contra homossexuais. Outra pesquisa da Unesco, divulgada anteontem e realizada em 2003, reforça a tese de que o preconceito contra homossexuais está presente nas escolas. Embora o Conselho Federal de Medicina tenha retirado o homossexualismo da sua relação de doenças em 1985, em Fortaleza (CE), 22% dos professores ainda classificam como patologia esse tipo de comportamento.¹⁴³

Um dos principais motivos para o lançamento deste programa foi a necessidade de diminuir o número de indivíduos assassinados em razão de sua condição afetivo-sexual. Os crimes motivados pela homofobia são considerados crimes de ódio. Podemos listar, ao seu lado, aqueles motivados por raça/etnia que, mesmo que sejam hoje menos comuns, foram responsáveis pelo extermínio de milhões em um passado deveras recente. O Brasil ocupa o primeiro lugar em um ranking internacional de crimes contra homossexuais, bissexuais, travestis e transgêneros: aqui, a cada dois dias um desses indivíduos é assassinado. Nilmário Miranda, responsável pelo programa, acreditava que a educação deveria ser responsável por construir uma visão democrática sobre a diversidade afetivo-sexual. A questão é que professores, e não apenas alunos, trazem arraigada a memória homofóbica e a violência contra este grupo social.

Vinicius Cosmo, de dezoito anos, diz que “dava para perceber que eu era diferente e sofri muito preconceito, de professores e colegas, até que abandonei a escola na metade do ano letivo”¹⁴⁴, o que ocorreu quando tinha quatorze anos, em uma escola particular de Ribeirão Preto. “Segundo o rapaz, até mesmo os professores faziam piadas sobre o jeito dele e a escola tinha uma conduta religiosa que impedia conversas abertas sobre sexualidade – a homossexualidade era vista como um desvio de comportamento.”¹⁴⁵ Estudiosos apontam para o fato de que os professores não podem deixar que suas convicções religiosas sejam utilizadas, em sala de aula, para constranger ou discriminar alunos.¹⁴⁶ Questão relevante é que a maioria das escolas trata do tema da sexualidade por seu viés biológico, o que conduz o discurso educacional sobretudo para a prevenção à

¹⁴³ ATHIAS, Gabriela. Governo lança programa contra homofobia. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 26/05/2004. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 26/05/2010.

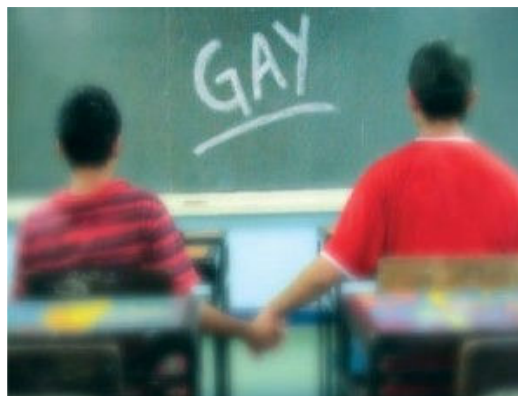
¹⁴⁴ SOTRATTI, Ligia. Escola Tropeça ao tratar homossexualidade. *Folha de S. Paulo*, Ribeirão, 04/04/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri0404201003.htm>, consultado em 25/05/2010.

¹⁴⁵ Idem.

¹⁴⁶ Idem.

gravidez precoce e das doenças sexualmente transmissíveis, o que leva, no geral, ao amedrontamento dos adolescentes, mais que instruí-los.¹⁴⁷ Podemos perceber a tônica do biológico sobre a construção histórico-social, conforme depoimento abaixo:

Palestras, vídeos, explicação sobre o aparelho reprodutivo do homem e da mulher. Reproduzindo antigos modelos educacionais ou fazendo “experimentações”, escolas particulares e a rede pública abordam questões relativas a sexo – entre elas a homossexualidade – conforme a “necessidade”. De acordo com a orientadora pedagógica do Anglo de Ribeirão Preto, Marina Melles, o tema é discutido em sala durante a aula de biologia. “Temos uma orientação geral e, quando é preciso, falamos de um tema específico.”¹⁴⁸



Campanha contra a homofobia nas escolas, MEC, 2008.

Faz-se necessária uma ruptura com esta forma assumida pelo discurso educacional para que ações como aquelas desfechadas em relação a Paulo há uma década ou a Pâmela e Jéssica em 2010, se tornem menos frequentes.

De mãos dadas, as estudantes Pâmela, 19, e Jéssica, 20, contam que estão juntas há dois anos. O relacionamento delas começou no colégio e, ainda hoje, as duas, que cursam o último ano do ensino médio, passam por constrangimentos. “Tem muito casal na escola. Quando é hetero andando de mãos dadas, ninguém fala nada. quando sou eu e minha namorada, eles ameaçam. Já fomos chamadas na diretoria e foi dito que a gente não podia ficar junto porque tem gente que se sente incomodada. E o restante dos casais? Incômoda também?”, pergunta Pâmela. Para Jéssica, é a homossexualidade que motiva a bronca da diretoria. “A escola não nos aceita. Não vejo outros levarem bronca”, disse.¹⁴⁹

Não é possível imputar apenas a professores e diretores todas as mazelas sofridas por homossexuais no ambiente escolar. Adolescentes e jovens, a partir das mais variadas convicções, expressam opiniões divergentes sobre o homoerotismo e suas representações.

¹⁴⁷ Idem. Ver: LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação* – uma perspectiva pós estruturalista. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

¹⁴⁸ SOTRATTI, Ligia. Colégios dizem que abordam tema conforme a necessidade. *Folha de S. Paulo*, Ribeirão, 04/04/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri0404201003.htm>, consultado em 25/05/2010.

¹⁴⁹ SOTRATTI, Ligia. Namoradas afirmam que já foram ameaçadas na escola. *Folha de S. Paulo*, Ribeirão, 04/04/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri0404201005.htm>, consultado em 25/05/2010.

Em matéria publicada em 2004 sobre o tema, a partir de entrevistas realizadas por e-mail a 15 jovens de treze a vinte e cinco anos,

A estudante Marina (nome fictício), 13, diz que já viu muitas pessoas do mesmo sexo se beijando, muitas da mesma idade dela. “No começo fiquei meio assustada, mas é normal. Muita gente tem preconceito contra essas pessoas, mas eu acho que elas são seres humanos que nem nós e ninguém deve rebaixá-las”, diz. (...) Já a estudante de turismo Paula Queiroz, 21, acha “bonito” ver homossexuais se beijando. (...) Já o arte-finalista Rogerio Bernardino da Silva, 21, considera que a homossexualidade é “falta de vergonha”. “Eu acho que o cara pode até ser gay, mas pelo menos que seja discreto. É desconcertante encontrar um casal de gays se beijando no meio da rua.”¹⁵⁰

Pesquisa realizada no ano de 2009, nas escolas do Distrito Federal, em que se ouviram dez mil estudantes e um mil e quinhentos professores revelou que o grupo que mais sofre discriminação nas escolas é aquele dos homossexuais.¹⁵¹ Werthein e Abramovay, refletindo sobre o resultado da pesquisa, apontam, inicialmente, para a importância das ciências (humanas, biológicas e sociais) para a produção do conhecimento e a derrubada de mitos, tabus e preconceitos, rompendo, destarte, com o censo comum que pode, frequentemente, ser pernicioso. Apontam, porém, o descompasso entre a produção do conhecimento científico e a produção do saber e das relações na Educação Básica. No que tange às sexualidades distintas da heteronormatividade, o estigma e a discriminação ainda são a tônica nas escolas.

Para ter uma ideia, a recente pesquisa revela que os homossexuais são o grupo que sofre mais discriminação nas escolas de Brasília: 63,1% dos entrevistados (...) alegam já ter visto pessoas que são (ou são tidas como) homossexuais sofrerem preconceito. Mais da metade dos professores também afirmam já ter presenciado cenas discriminatórias contra homossexuais nas escolas. O dado torna-se mais chocante quando 44,4% dos meninos e 15% das meninas afirmam que não gostariam de ter colega homossexual na sala de aula. É muito. E é grave. (...) No entanto, a escola avança de forma muito mais lenta, como se observa na recente pesquisa. Apelidos grotescos, maus-tratos, ofensas e ameaças são constantes, implicando sofrimentos maiores. *A pesquisa mostra também que, quando o tema é ser ou parecer homossexual, a violência é banalizada, naturalizada, não é vista como um grave problema, mas como brincadeira.* Não há a percepção do desrespeito. As consequências da discriminação e do preconceito podem ser decisivas no desempenho escolar e

¹⁵⁰ KORMANN, Alessandra. Questão divide adolescentes. *Folha de S. Paulo*, Folhateen, 22/03/2004, Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 25/05/2010.

¹⁵¹ WERTHEIN, Jorge & ABRAMOVAY, Miriam. O desrespeito à diferença. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 07/06/2009. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 30/05/2010.

para a autoestima dos estudantes. Sabe-se que eles perdem o interesse pela escola, como foi verificado na pesquisa, ou são transferidos constantemente de sala, de colégio, e a reprovação e o abandono escolar acabam sendo uma constante. Urge que pais, professores, estudantes e funcionários das instituições de ensino organizem-se para construir ferramentas e estratégias pedagógicas de enfrentamento da homofobia no ambiente escolar, bem como das demais formas de estigma, preconceito e discriminação. (...) É preciso que a sociedade avance e torne seu comportamento adequado ao que há de mais atual nas ciências biológicas, humanas e sociais.¹⁵² (grifo meu)

NAS FRONTEIRAS DO PRECONCEITO E DA DISCRIMINAÇÃO: A PSICOLOGIA, A FAMÍLIA E O ESTADO

Os altos índices apresentados pela pesquisa são importantíssimos. Para além, a interpretação oferecida por Werthein & Abramovay aponta para um processo de naturalização da violência desferida aos homossexuais que, podemos inferir, é o mesmo que faz com que os homossexuais sejam assassinados cotidianamente no Brasil. A injúria é desferida, por vezes pela família, segue para a escola, ali a violência é superlativada pela própria ampliação do universo social. Neste momento, ou em outros posteriores, diversos dos que já sofreram injúria e violência serão assassinados. Importante ressaltar que, para os autores, o campo das ciências deve ser acompanhado. A intervenção dos especialistas é, aqui, valorizada. Porém, são, em alguma medida, os “especialistas” também responsáveis pela manutenção de um discurso negativo sobre o homoerotismo. O tipo de discurso fundado no século XIX e revisado a partir do final do século passado, ainda dá forma a outros, como o escolar, o estatal e, mesmo, o religioso (a doença que deve ser curada). A psicóloga Rozângela Alves Justino, em entrevista concedida à *Folha de S. Paulo* em 30 de maio de 2010, perguntada sobre como via o “homossexualismo”, afirmava que

É uma doença. E uma doença que estão querendo implantar em toda sociedade. Há um grupo com finalidades políticas e econômicas que quer estabelecer a liberação sexual, inclusive o abuso sexual contra criança. Esse é o movimento que me persegue e que tem feito alianças com conselhos de psicologia para implantar a ditadura gay. [A entrevista prossegue:]

FOLHA - O que é ditadura gay?

JUSTINO - Há vários projetos no Congresso para cercear o direito de expressão, de pensamento e científico. Eles foram queimados na Santa Inquisição e agora querem criar a Santa Inquisição para heterossexuais.

FOLHA - A que a sra. atribui o comportamento gay?

¹⁵² Idem.

JUSTINO - À expectativa dos pais, que querem que o filho nasça menino ou menina. Projetam na criança todos os anseios. E daí começam a conduzir a sua criação como se você fosse uma menina. Outra causa mais grave é o abuso sexual na infância e na adolescência. Normalmente o autor do abuso o comete com carinho. Então a criança pode experimentar prazer e acabar se fixando.¹⁵³

A psicóloga em questão filia-se a uma ampla bibliografia produzida na passagem do século XIX para o século XX, bastante influente até meados deste último. Ocorre que, já há cerca de cinco décadas, esse discurso preconceituoso, equivocado e que já não encontra amparo científico (mesmo porque a razão instrumental mostrou-se uma panacéia em diversas ocasiões). A profissional está, no mínimo, desatualizada quanto à sua bibliografia de trabalho. A menos que esteja fiando-se em mofados discursos religiosos e revestindo-os de roupagem pseudo-científica. A mesma edição da *Folha de S. Paulo* trazia matéria sobre a repreensão pública que o Conselho Federal de Psicologia aplicou à referida especialista.

O Conselho Federal de Psicologia condenou ontem Rozângela Alves Justino à censura pública por oferecer terapia para que gays e lésbicas deixem a homossexualidade. Na prática, significa que ela pode atuar como psicóloga, mas terá de reavaliar sua conduta e não oferecer mais esse tipo de tratamento nem declarar em público que existe a possibilidade de cura ou reversão de homossexuais. (...) Rozângela disse que vai ignorar a decisão do conselho. Seu advogado, Paulo Fernando Melo da Costa, vai recorrer. Ele disse que Rozângela ficou “consternada” com a decisão. Segundo Humberto Verona, presidente do Conselho Federal de Psicologia (...) “Ela foi condenada a uma censura pública para que toda a sociedade brasileira tenha conhecimento e ela não repita essa prática. Havendo insistência, ela vai arcar com todas as consequências”, diz.¹⁵⁴

Em texto subsequente, o psicanalista Contardo Calligaris, articulista do mesmo jornal, comentava a decisão do Conselho:

Em 31 de julho, o Conselho Federal de Psicologia repreendeu a psicóloga Rozângela Alves Justino por ela oferecer uma terapia para mudar a orientação sexual de pacientes homossexuais. Não quero discutir a "possibilidade" desse tipo de "cura" (afinal, reprimir o desejo dos outros e o nosso próprio é uma atividade humana tradicional), mas me interessa dizer por que concordo com a decisão do Conselho. A revista "Veja" de 12 de agosto publicou uma entrevista com Alves Justino, na qual ela explica sua posição. No fim, a psicóloga

¹⁵³ GALVÃO, Vinícius Queiroz. “É a inquisição para héteros”, diz terapeuta – entrevista com Rozângela Alves Justino. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 14/07/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1407200915.htm>, consultado em 30/05/2010.

¹⁵⁴ GALVÃO, Vinícius Queiroz. Psicóloga que diz curar gay é condenada à censura pública. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 01/08/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0108200908.htm>, consultado em 30/05/2010.

manifesta seu temor do complô de um "poder nazista de controle mundial", que estaria querendo "criar uma nova raça e eliminar pessoas", graças a políticas abortistas, propagação de doenças sexualmente transmissíveis etc. (...) Na verdade, pouco importa que as ideias em questão sejam ou não persecutórias e delirantes: de um terapeuta, espera-se que ele deixe suas opiniões e crenças (morais, religiosas, políticas) no vestiário de seu consultório, a cada manhã. Quando, por qualquer razão, isso resultar difícil ao terapeuta, e ele sentir a vontade irresistível de converter o paciente a suas ideias, o terapeuta deve desistir e encaminhar o caso para um colega. Por quê? (...) o terapeuta não pode tomar partido nem pelo desejo sexual do paciente, nem pelas instâncias que discordam dele. Ou melhor, ele pode, sim, só que, se agir assim, ele deixa de ser terapeuta e vira militante, padre ou pastor.¹⁵⁵

Ocorre que, inúmeras vezes, a família, ao deparar com a sexualidade que foge à heteronormatividade por parte de seus filhos, sobretudo pubescentes, adolescentes e jovens ainda sob seu auspício econômico, busca o auxílio das religiões (a ideia de pecado) ou de especialistas – psicólogos, psiquiatras ou psicanalistas –, acreditando que se trata de um desvio, uma doença. Encontrando um profissional próximo do “militante, padre ou pastor”, esse jovem passará por “maus bocados” até encontrar uma forma de esquivar-se de algum tratamento de “cura” da homossexualidade. A família, portanto, para além de construir/manter o modelo heteronormativo em seu interior, a partir mesmo da construção de papéis sociais no seu interior (o pai/homem provedor ou chefe da casa, a mãe/mulher carinhosa, frágil, dada a determinadas tarefas no interior do lar, o filho/homem que deve seguir os passos do pai, a filha/mulher que deve espelhar-se na mãe, etc.), busca reafirmá-los e enquadrar os jovens nesses modelos, a partir dos vários profissionais disponíveis. Para além, a família também é agressora.

Segundo os ativistas, a realidade vem na forma da violência institucional praticada pelas igrejas, apontadas como preconceituosas, pela escola, tida como um ambiente hostil, e pela polícia, que abusa do poder. (...) As famílias também não ficam atrás. “A homofobia começa dentro de casa”, diz [Luiz] Mott. Ativistas recebem semanalmente casos de adolescentes homossexuais expulsos de casa. “A realidade da gente é tão diferente da realidade das outras pessoas da sociedade, é tão medonha. Algumas pessoas têm um ódio tão mortal contra a gente a ponto de querer nos colocar num campo de concentração”, desabafa [a travesti] Deisy.¹⁵⁶

¹⁵⁵ CALLIGARIS, Contardo. Discordar de nosso próprio desejo. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 20/08/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2008200924.htm>, consultado em 30/05/2010.

¹⁵⁶ VILA-NOVA, Carolina. Para gay não barra avanço da homofobia em SP. *Folha de S. Paulo*, Mundo, 18/07/2004. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 31/05/2010.

Não há que se fazer um discurso de vitimização do sujeito homossexual, mas, por outro lado, faz-se mister compreender como se dá o processo de formação destes indivíduos em uma conjuntura que lhes é contrária. Não obstante o discurso religioso de longuíssima data posto e, em oportunidades várias, imposto para além das instâncias normativas como o ambiente escolar, o seio familiar se apresenta como um dos principais elementos formadores de uma personalidade marcada pela injúria, pela não aceitação, pela violência, pela discriminação. É uma pintura deveras drástica? Não me parece, em parte em função de compreender, seguindo a mesma trilha que os indivíduos homoeroticamente inclinados, como nomeia Jurandir Freire Costa¹⁵⁷, constroem outras vias em que possam sentir-se mais adequados. Mesmo assim, segundo depoimentos,

Os parentes, excluindo pai e mãe, são os que mais discriminam gays e lésbicas, segundo percepção deles próprios em pesquisa da Fundação Perseu Abramo e do Instituto Rosa Luxemburg Stiftung. Na pesquisa, 59% dos 413 gays e lésbicas entrevistados disseram já ter sofrido discriminação devido à sua orientação sexual. Os dados foram coletados em 18 cidades das regiões metropolitanas de SP, Rio, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Fortaleza e Belém. As pessoas que mais discriminam são as que têm relação próxima, de acordo com a pesquisa. Dos ouvidos, 31% disseram ter sofrido preconceito da família ampliada, 27% de colegas da escola, 26% em locais de lazer, 24% de amigos e 22% de pai e mãe, em pergunta estimulada e de resposta múltipla.¹⁵⁸

A família está, portanto, também inserida nesta ampla teia de relações que colocam à margem os indivíduos que se desviam da heteronormatividade. Quase sessenta por cento dos entrevistados citados acima sofreram algum tipo de preconceito. Um terço, sofreu no seio familiar. Aqui, talvez caiba corroborar as assertivas de Richard Friedman, publicadas na *Folha de S. Paulo* em novembro de 2009. O médico aponta que

Uma pessoa pode se divorciar de um cônjuge abusivo. Mas o que fazer se a fonte do sofrimento são os seus pais? É claro que os pais não são perfeitos. Mas, da mesma maneira que existem pais comuns e bons em suas funções que misteriosamente geram filhos difíceis, há algumas pessoas boas que sofrem o azar de terem pais intoleráveis. O assunto recebe pouca, se alguma, atenção nos manuais da disciplina ou na literatura psiquiátrica, talvez como reflexo da concepção comum, e errônea, de que os adultos, diferentemente das crianças e dos idosos, não estão vulneráveis a esses abusos emocionais. Acredito que os terapeutas sintam inclinação demasiada a tentar salvar relacionamentos, mesmo aqueles que podem ser prejudiciais a um paciente. Em lugar disso, é

¹⁵⁷ COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício*. Op. cit.; _____. *A face e o verso*. Op. cit.

¹⁵⁸ NUBLAT, Johanna. Homossexuais dizem em pesquisa que parentes são os que mais discriminam. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 15/05/2009. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 31/05/2010.

crucial que tenham a mente aberta e considerem se manter aquele relacionamento é realmente saudável e desejável. Da mesma forma, a suposição de que os pais estão predispostos a amar os filhos incondicionalmente não é universalmente verdadeira. Lembro-me de um paciente, um homem de 20 e poucos anos, que me procurou por sofrer de depressão e graves problemas de autoestima. Não demorei a descobrir o motivo. Ele havia recentemente assumido sua homossexualidade diante dos pais, profundamente religiosos, cuja reação foi repudiá-lo. Posteriormente, em um jantar de família, seu pai o chamou para uma conversa reservada e disse que teria sido melhor que ele, e não seu irmão mais novo, tivesse morrido em um acidente de carro anos antes. Apesar de terrivelmente magoado e zangado, o jovem ainda tinha a esperança de que seus pais aceitassem sua opção sexual e me pediu para organizar uma sessão com a família. A conversa não foi bem. Os pais insistiam em que o “estilo de vida” do filho era um grave pecado, incompatível com suas crenças. Quando tentei lhes explicar de que o consenso científico era o de que os seres humanos têm tanto poder de escolha sobre sua orientação sexual quanto sobre a cor de seus olhos, os dois não se deixaram convencer. Pareciam simplesmente incapazes de aceitar o filho como ele é. Fiquei atônito diante de sua hostilidade e convicto de que representavam uma ameaça psicológica ao meu paciente. E, em função disso, era preciso que eu fizesse algo que jamais havia contemplado como parte de um tratamento. Na sessão seguinte, sugeri que, para preservar seu bem-estar psicológico, ele poderia considerar, ao menos por algum tempo, abrir mão de seu relacionamento com os pais. (...) Por fim, meu paciente se recuperou completamente da depressão e começou a namorar, ainda que a ausência dos pais em sua vida sempre ocupasse seus pensamentos. É claro que a terapia não permite reverter a História. Mas é possível curar mentes e cérebros por meio de remoção ou redução do estresse. Às vezes, por mais que isso pareça drástico, o processo pode requerer o abandono de contato com um pai intolerável.¹⁵⁹

Ponderações devem ser feitas. Em primeiro lugar, cumpre ressaltar que se trata de um médico psiquiatra que atende em um grande centro urbano estadunidense. Um jovem de classe média é seu paciente. Trata-se de uma cultura marcada, também, por forte teor religioso. Assim, mesmo que os Estados Unidos da América não sejam um país majoritariamente católico como o Brasil, ele é um país majoritariamente cristão, o que nos aproxima. Se para nós o discurso católico estabeleceu-se desde os mil e quinhentos, lá, desde o princípio do século dezessete um arraigado discurso puritano instalou-se. O discurso religioso que aponta a homossexualidade como um “pecado”, um “estilo de vida” nefasto que leva ao fogo infernal, está presente na fala dos pais do paciente e também está presente em trechos das matérias anteriormente citadas. Lá e cá se imagina que o homossexual “escolha” um “estilo de vida” luxurioso demais para ser aceito.

¹⁵⁹ FRIEDMAN, Richard A. Diante de pais intoleráveis, o melhor é deixá-los. *Folha de S. Paulo*, The New York Times, 09/11/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/newyorktimes/ny0911200917.htm>, consultado em 30/05/2010.

Não devemos esquecer que a ideia de “estilo de vida” também esteve presente em assertivas laicas sobre os homossexuais. Amylton de Almeida aponta para o fato de que nos países d’antanho socialistas, o texto é de meados dos anos 1980, a homossexualidade era considerada um “vício pequeno burguês”, algo bastante parecido com o “estilo de vida”, apontado por tantos pais ou outros familiares para se referirem às práticas eróticas e identitárias de homossexuais.

Friedman revela o seu próprio espanto ao sugerir que o paciente se afaste de seus pais, notadamente por ser um “método” pouco utilizado pelas ciências da mente. Ocorre que, segundo Eribon¹⁶⁰, na prática, mesmo sem que isso faça parte de uma “prescrição médica”, é o que o indivíduo homossexual faz quando deixa sua cidade natal e parte para um grande centro, ou qualquer cidade maior que a sua de origem. A grande cidade (ou a cidade maior) funcionaria, desta forma, como um elemento de ruptura dos homossexuais com suas famílias. Socialmente mais aceito do que deixar a casa dos pais em função de seu *outing* ou



Cena do filme *Garotos de Programa*, 1991.

aguardar a expulsão por parte dos pais, esses homossexuais constroem um discurso justificador de ascensão profissional – a grande cidade apresentada como um lugar de grandes oportunidades – e, assim, afastarem-se, sem trauma ainda maiores, de seus familiares. Estes laços primários tornam cada vez mais esmaecidos pelas cartas cada vez mais esparsas, telefonemas raros e visitas adiadas. Enquanto isso, outras teias de fraternidade seriam construídas nos grandes centros urbanos.

Mesmo que a garantia dos chamados “direitos humanos” dependa mais da família, como aponta pesquisa realizada pelo governo federal, no tocante à homossexualidade é ao Estado que mais se reporta, uma vez que se trata da garantia de direitos.

A família e o esforço pessoal são vistos pelos brasileiros como os principais garantidores dos direitos humanos, deixando o Estado, na forma de ações de governo na área, em terceiro lugar no ranking. (...) As conclusões estão em pesquisa encomendada pela Secretaria dos Direitos Humanos da Presidência,

¹⁶⁰ ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Op. cit. p. 29ss.

realizada pela Criterium Avaliação de Políticas Públicas e coordenada por Gustavo Venturi, professor de sociologia da USP. Foram ouvidas, em agosto, 2.011 pessoas em 150 municípios do país. (...) Em relação aos direitos sexuais, mais de um terço da população tem algum grau de concordância com a frase “a homossexualidade é uma doença que precisa ser tratada”. Por outro lado, o cenário fica mais favorável aos homossexuais quando os entrevistados são indagados sobre questões polêmicas relacionadas ao tema. A permissão para casais do mesmo sexo adotarem crianças tem o apoio de 48% – 19% não sabem ou não são nem a favor nem contra. A união civil tem a seu favor 42% das pessoas.¹⁶¹

A mesma pesquisa aponta para variações importantes, como o lugar ocupado pela família e pelo Estado no que se refere aos direitos humanos no Brasil: quanto menos escolarização, mais os direitos dependerão da família; quanto mais escolarização, mais se dependerá do Estado. Talvez porque na sociedade brasileira a instrução básica tenha tomado o lugar de um processo mais humanístico de formação, dependa-se tanto da família e tão pouco do Estado (seguindo as tendências apontadas na pesquisa supracitada). A questão posta entre Estado e homossexuais pode assumir ainda outros matizes.

Não é difícil elencar alguns que tornaram a homossexualidade um crime, uma ação governamental de exclusão de uma minoria baseada em sua orientação afetivo-sexual, portanto. Muito recentemente, Uganda, país dividido sobretudo entre católicos e anglicanos, mas onde se encontram também outras denominações cristãs menores, ocupou certo destaque na mídia internacional em função de um projeto de lei que tramita no congresso daquele país que propõe punir com a morte os homossexuais. A pressão internacional havia conseguido modificar o debate e, internamente, já se discutia trocar a pena de morte pela prisão perpétua.¹⁶²

Para a mãe que não delatar o filho gay à polícia, três anos de prisão. Para o jornalista que incluir em sua reportagem uma menção, ainda que tênue, a um casal formado por dois homens ou duas mulheres, sete anos de cadeia. Para a pessoa que tiver uma relação, mesmo que consensual, com um cadeirante do mesmo sexo, pena de morte. Essas são algumas das implicações de um projeto de lei nos estágios finais de tramitação no Parlamento de Uganda (África central), hoje o símbolo mais visível de um fenômeno continental: por toda a África, fecha-se o cerco aos homossexuais. (...) Mesmo hoje, a vida para os gays em Uganda está longe de ser tranquila. O código penal criminaliza

¹⁶¹ PINHO, Ângela. Direitos humanos dependem mais da família, diz brasileiro. *Folha de S. Paulo*, Brasil, 12/12/2008. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1212200802.htm>, consultado em 25/05/2010.

¹⁶² ZANINI, Fábio. Uganda debate lei que pune gays com morte. *Folha de S. Paulo*, Mundo, 16/03/2010, Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1603201008.htm>, consultado em 25/05/2010. O autor do projeto, deputado David Bahati, é integrante de uma conservadora sociedade cristã que une política e religião, fundada em meados dos anos 1930, nos Estados Unidos da América, a *Fellowship*.

"conjunção carnal contrária à ordem natural", o que é usado como uma muleta jurídica para incluir a prática homossexual.¹⁶³

A possibilidade de aprovação de tal lei pode parecer algo absurdo para o Brasil, não para a África, observada, mesmo por nós, como se se tratasse de uma região “menos civilizada”, fruto do eurocentrismo em voga há, pelo menos, cinco séculos. Em 2001, o Egito condenou vinte e três homossexuais a penas de três anos de prisão por frequentarem uma boate gay clandestina em um barco no Nilo. Na oportunidade, Luiz Mott cobrava que o governo brasileiro (e outros) não se calasse, como oportunamente os países se calaram no século XX quando de genocídios pavorosos.¹⁶⁴ Poderíamos dizer que os Estados do Ocidente ofereceram tratamento mais adequado às suas minorias sexuais, mas sabemos que não. Só a forte pressão exercida nos anos 1970, nos Estados Unidos da América, fariam cessar as prisões de homossexuais pelo simples fato de estarem em um bar frequentado exclusivamente por gays e lésbicas. Só a partir dos anos 1990, na Europa, países passaram a produzir leis específicas que ampliariam os direitos a estas minorias ou que criminalizariam a homofobia, o que tem se estendido muito lentamente para as jovens democracias latino-americanas.¹⁶⁵

No caso do Brasil, desde 1995, o debate está posto no Congresso Nacional. Naquele ano foi apresentado o mais conhecido projeto de lei referente aos homossexuais, o Projeto de Parceria Civil, de autoria de Marta Suplicy, então deputada petista. Fernando Gabeira encampava, no mesmo ano, outras demandas.

O bloco do politicamente correto no Congresso vai incluir este ano em sua pauta de preocupações os direitos dos homossexuais e como enfrentar a discriminação a essa problemática. O grupo parlamentar não reúne gays ou lésbicas, mas deputados e senadores que assumiram em suas campanhas o compromisso de apresentar projetos de lei e discussões relativas à cidadania de pessoas de orientação homoerótica. Gabeira inclui na pauta a discussão dos

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ MOTT, Luiz. Homofobia. *Folha de S. Paulo*, Paineis do Leitor, 17/11/2001. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 25/05/2010.

¹⁶⁵ PORTUGAL APROVA CASAMENTO HOMOSSEXUAL. *Folha de S. Paulo*, Mundo, 09/01/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0901201011.htm>, consultado em 31/05/2010; COELHO, Luciana. Governo britânico pede perdão a matemático gay. *Folha de S. Paulo*, Ciência, 12/09/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1209200901.htm>, consultado em 30/05/2010; MURTA, Andrea. Imigrantes gays lutam para viver nos EUA. *Folha de S. Paulo*, Mundo, 24/05/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2405200901.htm>, consultado em 25/05/2010; CALLIGARIS, Contardo. Crônicas americanas 2. *Folha de S. Paulo*, Mais!, 16/01/1994. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 25/05/2010; GAY. *Folha de S. Paulo*, Folha Corrida, 30/12/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/corrida/cr3012200909.htm>, consultado em 25/05/2010.

direitos de transexuais e travestis: medidas contra a discriminação oficial e legalização das cirurgias de mudanças de sexo. (...) O Grupo Gay da Bahia coloca como prioridade a união civil, que daria direitos semelhantes ao do casamento civil a casais de gays e lésbicas (herança, seguro social), o que é contestado por membros do Triângulo Rosa (do Rio). (...) no Congresso a reação deve ir da fobia à chacota, segundo os parlamentares. José Fortunati (PT—RS) disse que no ano passado, fez um discurso contra a discriminação no dia mundial do orgulho gay. “Desci para o plenário e fui alvo de piadinhas, mesmo de colegas”. “Há homofobia no Congresso”, diz Marta.¹⁶⁶

Não é de se surpreender, claro, o tom dado pelo jornalista à matéria. “Bloco politicamente correto no Congresso”. Ora, não há que se pensar em imprensa objetiva, justamente por isso é preciso atentar para a ironia subjacente às palavras grifadas. O politicamente correto, importado dos Estados Unidos da América, tem sido alvo de justificadas críticas. Aqui, a estratégia nefasta de aliar duas coisas, homossexualidade e o “politicamente correto”, mesmo que com sutileza, não está tão distante daquela que aliava homossexualidade e pedofilia. Mas, para além, a matéria dava notícia de um processo de luta pela ampliação dos direitos dos homossexuais no Brasil que está posto, sem grandes avanços, ainda hoje.

O Projeto número 1.151/95 não foi apreciado ainda hoje, em razão do *lobby* da bancada religiosa e conservadora. Os direitos defendidos por Gabeira ainda não foram estendidos a quem cabia. Em 2002, o apoio do então presidente da República Fernando Henrique Cardoso gerou protestos no Congresso Nacional:

As reações variaram de repúdios a declarações contra o homossexualismo. O projeto de lei, proposto pela então deputada Marta Suplicy (PT-SP), tramita há mais de seis anos na Casa. Na terça-feira, o deputado Jair Bolsonaro (PPB-RJ), capitão da reserva do Exército, colocou a foto de FHC segurando a bandeira gay na porta de seu gabinete, com a frase: “Eu já sabia...”. Questionado, Bolsonaro não quis revelar como termina a frase. “O objetivo é tirar sarro”, disse, sem conter a risada. “Não vou combater nem discriminar, mas, se eu vir dois homens se beijando na rua, vou bater.” Em plenário, o deputado Euler Moraes (PMDB-GO) pediu que os evangélicos retirem o apoio ao presidenciável tucano, José Serra. Segundo ele, aprovar o casamento gay é a “institucionalizar o perverso, a corrupção, a imoralidade, a vergonha e a nudez”. “Se o homossexualismo se alastrar, teremos uma sociedade doentia”, afirmou Moraes. Para o deputado Severino Cavalcanti (PPB-PE), líder de movimento contra o casamento gay, FHC “investe na destruição da família

¹⁶⁶ FREIRE, Vinicius Torres. Direitos gays devem compor pauta do Congresso este ano. *Folha de S. Paulo*, Brasil, 12/02/1995. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 31/05/2010.

brasileira, patrocinando o casamento entre homossexuais e defendendo a prostituição”.¹⁶⁷

O Poder Legislativo, dessa maneira, tem impedido que os homossexuais exerçam sua cidadania de forma mais próxima da plenitude esperada no estado de direito. Outras instâncias são, por isso, convocadas:

...o Poder Legislativo não tem acompanhado essa evolução dos costumes, deixando um vácuo que, necessariamente, tem que ser preenchido. E é nessa esteira que vem atuando o Poder Executivo com a execução de políticas governamentais e a edição de medidas provisórias que cumpram essa necessidade. Mas é o Poder Judiciário que mais vem atuando nessa seara, uma vez que, chamados a se pronunciarem, os magistrados não podem se escusar de dar sua sentença. (...) Quanto à união civil, que, de há muito tempo, já se constituiu em fato social e que ainda espera por regulação jurídica, o juiz, ao se defrontar com pedidos ligados ao caso, deve obrigatoriamente se pronunciar. Não havendo lei, é lícito que ele faça analogia com o casamento heterossexual e com costumes que já vêm se implantando na prática social bem como que ele lance mão dos princípios gerais do direito inscritos na Constituição Brasileira e nas cartas constitucionais internacionais, sobretudo em seus aspectos de não-discriminação e de salvaguarda dos direitos humanos. (...) A judicialização da Política ou a politização do Judiciário – politização no sentido de se assumir incumbências de outro Poder – é decorrência direta da baixa produtividade em legislar de nossos congressistas. (...) Enquanto o Parlamento se abstém de sua função precípua – legislar –, entidades civis, organizações não-governamentais e, principalmente, a Administração Pública e o Judiciário tem suprido esse papel, numa descaracterização do Estado Democrático de Direito, que supõe a repartição e a assunção de funções por instituições diversas¹⁶⁸.

Por outro lado, desde meados da primeira década do século XXI, o foco governamental parece ter se alterado para o combate à homofobia, uma vez que a bancada contrária à ampliação dos direitos civis básicos também para os homossexuais não parece ter perdido seu fôlego. Em 25 de maio de 2004, o Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva lançou o programa “Brasil sem Homofobia”, que integrava dez ministérios e tinha, como principal foco, a criminalização da homofobia, legislação já presente em alguns estados da federação, ampliação de garantias legais por parte do judiciário e formação para os professores da Educação Básica.¹⁶⁹ Enquanto isso, ações outras são

¹⁶⁷ SUWWAN, Leila. Apoio de FHC à união gay causa protestos. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 19/05/2002. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 31/05/2010.

¹⁶⁸ BROD, Jairo Luis. Quando o Legislativo não legisla...: o caso do projeto de lei nº 1.151/95, que disciplina a união civil entre pessoas do mesmo sexo. E-legis, nº 1, 2º semestre de 2008, p. 44. Disponível em http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/1843/quando_legislativo_brod.pdf?sequence=5, consultado em 16/02/2011.

¹⁶⁹ ATHIAS, Gabriela. Governo lança programa contra homofobia. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 26/05/2004. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 25/05/2010.

desfechadas, como é o caso do projeto de lei que tramita na Assembléia Legislativa de São Paulo (PL 1.068/2007) que pede a revogação da lei estadual 10.948/2001, que criminaliza a homofobia, de autoria do deputado Waldir Agnello (PTB).¹⁷⁰

Outro elemento importante é o movimento comum do Poder Legislativo brasileiro de empurrar para o Poder Judiciário as questões que lhe são espinhosas, sobretudo por medo de perder um volume significativo de votos que, futuramente, lhe impossibilite continuar no governo.

Enquanto temas relevantes de família, como a adoção de crianças por casais do mesmo sexo, são decididos pelo Judiciário e mudam a configuração da sociedade, o Congresso Nacional engaveta matérias menos controversas, como a criminalização da homofobia e a instituição do divórcio direto. Conservadorismo, medo do eleitorado, religião e distância da vida real explicam, segundo especialistas, a demora na análise de projetos que atingem a família tradicional. A criação de um crime específico para coibir a homofobia é tema de projeto de lei em análise desde 2001. Depois de ficar três anos parado no Senado, uma versão enxuta do projeto foi aprovada pela Comissão de Assuntos Sociais, em novembro passado. Ainda assim, o projeto continua parado. (...) Há outros exemplos de projetos que tentam alterar a lei – alguns indo ao encontro de decisões inéditas da Justiça – como os de uso de embriões para pesquisa, os que descriminalizam o aborto e os que reconhecem a união estável gay. “O debate não é feito pela pressão eleitoral, que fecha os olhos à nova família”, diz a senadora Fátima Cleide (PT-RO). “Enquanto pudermos, não vamos deixar passar a adoção gay”, afirma o deputado católico Miguel Martini (PHS-MG). (...) Luís Roberto Barroso, advogado que defendeu no STF a liberação do uso das células-tronco, diz que “não é incomum o Legislativo deixar a decisão para o Judiciário, cujos membros não dependem de chancela popular”. Ele rejeita, porém, a opinião da maioria em alguns casos. “Há direitos fundamentais que não dependem do Estado nem da sociedade. A orientação sexual de uma pessoa é uma escolha existencial.”¹⁷¹

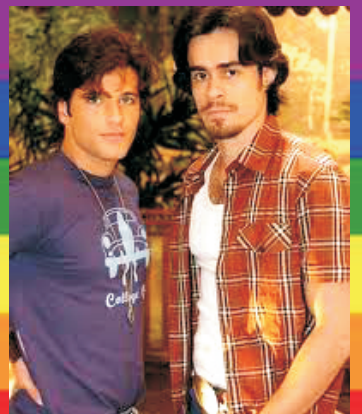
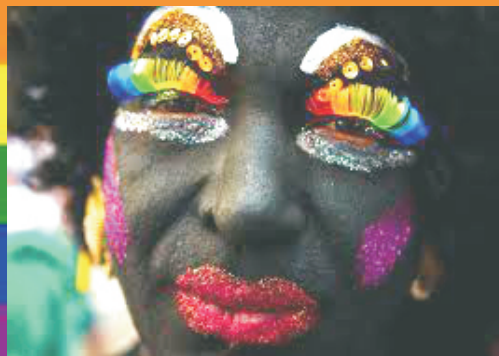
Isso indicaria, para além, que o voto dos homossexuais, talvez por estes terem se mantido dóceis até então, não é levado em consideração. Opiniões, direitos, votos de cerca de dezoito milhões de cidadãos – de segunda classe – que são desprezados e cujas demandas só podem ser atendidas por uma via “terceirizada”, a justiça. Outras vozes, entretanto, podem ser agregadas a estes tantos discursos que, em larga medida, espera-se, balizem as assertivas de Sílvia Rogar e Marcelo Bortoloti elencadas no início desta reflexão.

¹⁷⁰ ACAYABA, Cíntia. Deputado propõe que lei estadual paulista contra homofobia seja revogada. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 22/02/2008. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 25/05/2010.

¹⁷¹ NUBLAT, Johanna. Congresso “empurra” para Justiça questões polêmica. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 02/05/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0205201014.htm>, consultado em 31/05/2010.

Capítulo 3

Uma liberdade consentida,



ou, os limites da visibilidade?

Eu não tenho data pra comemorar/ Às vezes os meus dias são de par em par/ Procurando uma agulha num palheiro// Nas noites de frio é melhor nem nascer/ Nas de calor, se escolhe: é matar ou morrer/ E assim nos tornamos brasileiros/ Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro/ Transformam o país inteiro num puteiro/ Pois assim se ganha mais dinheiro// A tua piscina tá cheia de ratos/ Tuas idéias não correspondem aos fatos/ O tempo não pára// Eu vejo o futuro repetir o passado/ Eu vejo um museu de grandes novidades/ O tempo não pára/ Não pára, não, não pára.

O tempo não pára, Cazuza & Arnaldo Brandão.

ESTRATÉGIAS E ASTÚCIAS NO MUNDO DA INVISIBILIDADE GAY

Em 26 de abril de 1989, a revista *Veja* estampava em sua capa a matéria “Cazuza – uma vítima da Aids agoniza em praça pública”¹⁷², trazendo a foto do rosto de Cazuza, esquelético em função do agravamento de seu estado de saúde em decorrência da presença do HIV em seu organismo. O tratamento dado pela revista ao ídolo do rock nacional que viria a falecer no início do ano seguinte foi alvo, à época, de inúmeras críticas. O que não se pode contrariar é que, na segunda metade dos anos 1980, a AIDS trouxe visibilidade aos homossexuais, levando, inclusive, que figuras célebres fossem retiradas “do armário” em razão da infecção pelo HIV. Retomaremos o tema mais adiante.

O ano de 1995 foi paradigmático para os movimentos de afirmação gay e lésbico brasileiros. É daquele ano a primeira “parada” gay realizada na cidade de São Paulo, o que, mesmo contando com um restrito número de participantes, configuraria um novo modelo de militância que se instalaria, qual seja, o de grandes eventos que trariam visibilidade para a comunidade LGBTT. Concomitantemente, a então deputada federal eleita pelo Partido dos Trabalhadores do estado de São Paulo Marta Suplicy apresentava ao Congresso Nacional o Projeto de Lei número 1.151/95 que buscava garantir a Parceria Civil entre pessoas do mesmo sexo. A apresentação de tal projeto levou a deputada, que tinha vasta experiência na mídia, para as capas dos veículos de circulação nacional e, por conseguinte, aqueles que se beneficiariam caso o projeto de lei fosse aprovado, os homossexuais. Em algumas oportunidades políticos como Marta Suplicy compareceram às paradas e fizeram coro às reivindicações da comunidade LGBTT:

¹⁷² CAZUZA – UMA VÍTIMA DA AIDS agoniza em praça pública. *Veja*, ano 22, nº 17, Edição 1077, 26/04/1989, p. 1; 80-87.

Cerca de 20 mil pessoas, segundo cálculos da PM, acompanharam ontem a 3ª Parada do Orgulho GLBT (dos gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros), que saiu da avenida Paulista por volta das 15h e chegou na praça da República às 18h. É quase três vezes o público que acompanhou a parada no ano passado. A passeata foi animada por sete carros alegóricos, uma bandeira de 50 metros de comprimento com as cores do arco íris, símbolo do movimento gay em todo o mundo, e centenas de balões coloridos. A parada contou com a presença da deputada federal Marta Suplicy (PT-SP), autora do projeto de lei que estabelece a união civil entre homossexuais, e do deputado estadual Paulo Teixeira (PT). Em seguida, a deputada vestiu a camisa da passeata, mandou beijos e acenou para a multidão. “Não é fácil uma passeata reunir 20, 30 mil pessoas dessa forma pacífica, civilizada. Está cheio de gente que não é gay aqui, e todo mundo convive na maior harmonia. Acho que é uma oportunidade de o público gay se mostrar com dignidade e alegria para a população”, disse.¹⁷³

As paradas do orgulho LGBTT têm se tornado muito rapidamente eventos de grande magnitude, concentrando milhares de pessoas por todo o país. Em São Paulo, a maior parada do orgulho LGBTT concentra cerca de 3,5 milhões de pessoas em suas últimas edições. Na mídia, sobretudo na televisão, o espaço também tem aumentado.

Uálber e Edilberto na novela das oito. Teletubbies pela manhã. Vera Verão na “Praça é Nossa”. E “Will & Grace” na TV paga. Ícones gays aparecem cada vez mais na programação das emissoras. Para engrossar o coro, a TV Freguesia dedicou dez minutos de seu programa semanal para o programa “Blue Space TV”, exibido no Canal Comunitário (canal 14 da Net). Segundo Robson Cerqueira, 42, produtor do TV Freguesia, o objetivo é criar um espaço para denúncias, críticas e festas da comunidade. “O programa tem shows de humor que acontecem na casa noturna de São Paulo que dá nome ao programa.” O próximo grande evento do programa será a cobertura da parada gay que acontecerá na avenida Paulista (São Paulo), no próximo dia 27. O programa é exibido sempre aos sábados, às 23h30. “Hoje temos dez minutos, mas o “Blue Space TV” pode passar para 25 minutos.”

Apesar de educativa, a série inglesa “Teletubbies”, direcionada a crianças de 2 a 5 anos, causa polêmica. No Brasil, ninguém levantou bandeira contra o personagem Tinky Winky, mas em vários países alguns pais acusam o teletubbie roxo de ser gay e servir de má influência às crianças. Jerry Falwell, um reverendo televisivo dos EUA, criticou o personagem estar em um programa infantil e o acusou de ser um símbolo gay. Tinky Winky é roxo, tem uma antena triangular na cabeça e ainda usa uma bolsa cor-de-rosa. A cor roxa e o triângulo são símbolos da militância gay. Apesar da controvérsia, o sucesso dos bonequinhos naquele país não é abalado. A rede de lanchonetes Burger King acaba de lançar o Tubby Custard, um mingau que eles comem no desenho.¹⁷⁴

¹⁷³ PARADA GAY atrai 20 mil manifestantes em São Paulo. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 28 de junho de 1999. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff28069919.htm>, consultado em 09/08/2009.

¹⁷⁴ SORDILI, Aline. Mundo cor-de-rosa. *Folha de S. Paulo*, TVFolha, 06 de junho de 1999. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv06069910.htm>, consultado em 09/08/2009.

As personagens gays permanecem presentes nas telenovelas brasileiras. Ao que tudo indica, é quase *conditio sine qua non* que estejam ali. Imagino que seja um ar “moderno” transmitido por suas presenças. Os canais da rede de TV paga exibem séries com personagens majoritariamente gays ou que os apresentam cotidianamente. Os *Teletubbies* já deixaram a grade de programação da TV aberta, mas, sobretudo, pelo esgotamento de um formato deveras lento em um momento em que a celeridade tem-se tornado a tônica, até para as crianças. Bonecos ingênuos se mantêm com alguma dificuldade em um ou outro canal de TV pago.

Percebemos, com certa clareza, que o movimento de afirmação LGBTT, ou ainda, a comunidade LGBTT, tem angariado visibilidade nos últimos anos. Podemos fazer alguns recuos para interpretarmos tal mudança. Volveríamos aos anos 1960/1970, mas encontraríamos ali as limitações impostas pela Ditadura Militar (instaurada a partir de 1964 e apenas encerrada vinte e um anos depois) no que concerne às liberdades de expressão e agremiação, impedindo que grupos fossem formados, bem como pela moral conservadora concernente aos grupos reacionários que, à época, encontravam-se naqueles governos ou eram por eles representados. Encontraremos alguma visibilidade na segunda metade dos anos 1980, mas mediados pelo estigma da AIDS.

Nos anos 1990, deparamos com uma dada junção de elementos capaz de nos auxiliar de forma mais concreta à compreensão do processo que levará à visibilidade da comunidade gay no Brasil dos últimos vinte anos. Devemos, inicialmente, refletirmos sobre esta “visibilidade”. Em primeiro lugar, cumpre colocá-la em relação ao seu oposto, a invisibilidade.

João Silvério Trevisan¹⁷⁵, prolífico escritor paulista e ativista dos direitos dos homossexuais, ao publicar, em 1976, seu primeiro livro intitulado “Testamento de Jônatas deixado a David”, o compõe com a seguinte epígrafe: “Así se crearon zonas crepusculares, habitadas por semirrealidades: La poesía, la mujer, el homosexual, los proletarios, los

¹⁷⁵ João Silvério Trevisan é escritor, jornalista, tradutor, cineasta e dramaturgo. Nascido em Ribeirão Bonito (SP) em 1944, em meados dos anos 1950 rumou para um seminário católico, do qual sairia em 1964. Escreveu e dirigiu, em 1969, o curta-metragem *Contestação*, cuja cópia está perdida e, em 1971, *Orgia ou o homem que deu cria*, importante obra do cinema marginal. Deixou o país em 1973, passando pela América Latina, estabelecendo-se na Califórnia e retornando ao Brasil em 1976. Deste auto-exílio é certa a influência recebida por Trevisan das discussões estadunidenses sobre a homossexualidade no período: a liberdade sexual e de expressão, o não atrelamento a instâncias hegemônicas, o caráter contestador da sexualidade. No fim dos anos 1970 e início da década seguinte se transformaria em um dos mais importantes ativistas LGBTTT do país, participando do jornal *Lampião da Esquina*, do *Grupo Somos*, por meio de artigos em diversos veículos (assinou uma coluna na extinta *Sui Generis* e assina outra ainda hoje na *GMagazine*). Sua produção literária tem recebido diversos prêmios e traduções em vários países.

pueblos coloniales, las razas de color. Todos esos purgatorios e infiernos en ebulición clandestina.”¹⁷⁶

Existiria, assim entendemos, um espaço destinado aos integrantes de uma ampla marginalidade constituída como contraponto àqueles ocupantes do centro hegemônico de nossas sociedades: purgatórios e infernos que, porém, viviam em ebulição *clandestina*. No Brasil, essa clandestinidade compõe nossa história. Se retornarmos aos tempos da colônia, esta foi a terra destinada ao degredo. Dentre as infrações que traziam para cá portugueses nos mil e quinhentos ou seiscentos, estava a sodomia. Aqui, por vezes, esses sodomitas voltavam à nefanda prática e buscavam refúgio nos sertões, nos espaços afastados dos tentáculos do Estado.¹⁷⁷

Já na *belle époque* tupiniquim, em fins do século XIX e início do seguinte, os homossexuais buscavam o refúgio dos parques ou lugares ermos para seus encontros, bem como as rudes pensões da periferia de cidades como São Paulo ou Rio de Janeiro, instados pelo perigo de serem presos e acabarem instalados em prisões ou manicômios judiciários, segundo a tradição médico legal que se consolidava a partir do jurista Viveiros de Castro.¹⁷⁸

Trevisan aponta que, na segunda metade do século XIX, antes que os juristas comessem a fazê-lo, os médicos-higienistas já prescreviam uma nova ordem moral que excluía os homossexuais.¹⁷⁹ O autor reflete sobre o amplo processo de modernização por que passa o Brasil no período, sendo que a ideia de modernidade esteve, à época, atrelada àquela, ainda incipiente, de nação. Sob esse prisma, aqueles que negavam a paternidade – o pai é o tipo idealizado de homem que delineava a família, célula *mater* da sociedade, sua figura mais importante, a “cabeça” do casal, aquele que exercia/detinha o *pater familias*¹⁸⁰ –, os celibatários, os que maculavam a família pelo seu desregramento sexual – os promíscuos – e aqueles que traíam a pátria adotando posturas efeminadas – os

¹⁷⁶ PAZ, Octavio. El signo y el garabato. Apud: TREVISAN, João Silvério. *Testamento de Jônatas deixado a David*. Op. cit., p. 7.

¹⁷⁷ Sobre a sodomia na colônia, ver: MOTT, Luiz. *O sexo proibido*. Op. cit.; sobre a natureza do sertão como espaço de refúgio ou degredo, é inspirador o texto de AMADO, Janaina. Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 15, 1995, p. 145-151.

¹⁷⁸ Sobre o assunto, ver: MARTINS, Carlos. Magistrados e homossexuais: saber jurídico e homossexualidade no Brasil da *Belle Époque*. In: GOMES, Aguinaldo Rodrigues & SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. *Poéticas do Desejo*. Campo Grande: Life, 2009, p. 51-85. De CASTRO, Viveiros de., cito: *Attentados ao pudor* – estudo sobre as aberrações do instinto sexual. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1895, notadamente os capítulos destinados aos hermafroditas, às tribades e aos pederastas, p. 197-289.

¹⁷⁹ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso* – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Op. cit., p. 171-175.

¹⁸⁰ O “pai da família”, figura masculina que a liderava e tinha poder sobre todos no pequeno núcleo parental imediato. Esta é a figura máxima representativa do patriarcado. Sobre o assunto, ver: NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. 7 ed. Campinas: Papirus, 2005, p. 67ss.

pederastas – eram condenados pela medicina, ciência que se queria neutra. O controle, assim, seria terapêutico.¹⁸¹

A capital nacional passa por algumas reformas em fins do século XIX, dado o crescimento intenso da população; porém, é na primeira década do século XX, que tais reformas serão levadas a cabo por Pereira Passos, com vistas a transformar a cidade em uma versão tropical das metrópoles burguesas europeias. As reformas urbanísticas ocorridas no Rio de Janeiro preservariam alguns espaços que eram utilizados por homossexuais para seus encontros, como parques e largos. Entretanto, o policiamento e a criação de um aparato jurídico repressor¹⁸² facilitaria que esses indivíduos fossem expulsos de tais lugares ou os utilizassem de maneira ainda mais discreta, tornando-se menos visíveis aos olhos do grande público. Mesmo assim, os homossexuais eram constantes alvos da polícia e das charges da imprensa, a exemplo d’*O Malho*.¹⁸³

A invisibilidade, destarte, cumpre uma dupla função: ela é imposta como forma de segregação pelos setores hegemônicos da sociedade, por um lado e, por outro, ela se configura como astúcia adotada pelos sujeitos homoeroticamente inclinados para que pudessem fugir, na medida do possível, da repressão policial, uma vez que, mesmo sem uma legislação que coibisse exclusivamente a prática homoerótica, o braço armado do estado se utilizava de outros subterfúgios para perseguí-los, além, claro, dos indivíduos comuns que condenavam suas práticas eróticas e seu modo de vestir, adornar-se, caminhar e falar.

A invisibilidade manteve-se por toda a primeira metade do século XX, momento em que a sociedade brasileira passava por um processo de psicanalização. No que tange aos homossexuais, obras como “Homossexualismo e Endocrinologia”, de Leonídio Ribeiro, ou “Homossexualismo e Delinquência”, de Luiz Ângelo Dourado, fazendo coro às de seus predecessores tal como Viveiros de Castro e Pires de Almeida, serviam de base para a condenação por base moral de homossexuais, levando-os aos manicômios, tal como ocorrido a Febrônio Índio do Brasil, em caso bastante famoso até meados dos anos 1980, encarcerado sem julgamento por 57 anos.

¹⁸¹ Idem, ibidem, p. 175.

¹⁸² *Código Penal Brasileiro* de 1890, artigos 266, 282, 379 e 399.

¹⁸³ GREEN, James Naylor. *Além do carnaval – a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Op. cit., p. 65-67.

O sociólogo José Fábio Barbosa da Silva, em texto de 1960 intitulada “Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário”¹⁸⁴, sob orientação de Florestan Fernandes, apontava para questões inerentes à visibilidade/invisibilidade:

O homossexualismo, para o grupo majoritário, é identificado não apenas com um tipo característico de relação sexual, mas também com um certo tipo de comportamento social (efeminado). Surge assim o interesse, por parte da minoria, de encobrir, da melhor maneira possível, os característicos simbólicos do homossexualismo. Dessa forma, um grande número de homossexuais tenta policiar seu comportamento social perante a maioria, de modo a conseguir sua classificação como homossexuais. Em consequência, a visibilidade dos grupos homossexuais fica reduzida ao pequeno número de indivíduos que demonstram características aparentes.¹⁸⁵

O estudo de Barbosa da Silva, realizado em fins dos anos 1950, restringia-se, pela própria posição do autor, integrante das camadas abastadas do estado de São Paulo, aos homossexuais de classe média, intelectuais e artistas. Talvez, por isso, a necessidade dos integrantes deste pequeno grupo por manter uma postura mais próxima da heterossexualidade e, assim, não serem identificados pelos heterossexuais. Aqui, uma astúcia que evitava escândalos nas camadas ricas ou médias por eles frequentadas. Trinta anos depois, a homossexualidade permanecia eivada de pejo:

O homossexualismo é, sem dúvida, uma das áreas da sexualidade humana mais marcada por preconceitos. Embora em outras épocas e em outras culturas tenha sido até mesmo exaltado, em nossos dias o homossexualismo continua a ser estigmatizado, em termos de conotação nitidamente negativa, como “aberração”, “desvio”, “pecado”, “crime” ou “doença”.¹⁸⁶

Já na década de 1980, o antropólogo argentino Néstor Perlongher publicava outro trabalho sobre a homossexualidade na cidade de São Paulo.¹⁸⁷ O autor apontava para uma visibilidade possível em determinadas regiões da cidade, notadamente em sua parte central, já decadente, frequentada por rapazes pobres que se prostituíam. Aqui, ainda, cumpre uma ressalva: esses indivíduos visíveis assumiam uma postura social viril, eram ou se diziam

¹⁸⁴ SILVA, José Fábio Barbosa da. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. In: GREEN, James Naylor & TRINDADE, Ronaldo (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2005, p. 37-212.

¹⁸⁵ Idem, Ibidem, p. 76.

¹⁸⁶ OKAWARA, Haruo. O sexo é pluriforme. In: GUASCH, Jorge Casas (coord.). *Hábitos e atitudes sexuais dos brasileiros*. São Paulo: Cultrix, 1983, p. 92.

¹⁸⁷ PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê – prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

“ativos”, aqueles que penetram (ou submetem) o outro, o “passivo”, comumente associado ao feminino. Estamos diante da clássica díade “bicha/bofe”, mas dela trataremos adiante.

Podemos inferir, assim, que aqueles que assumiam uma imagem efeminada, afastada do ideal de masculinidade proposto/imposto hegemonicamente, mantinham-se, como uma trampolinagem de sobrevivência, visando a livrar-se das batidas policiais ou dos escândalos sociais, menos visíveis ou invisíveis, enquanto aqueles que adotavam uma postura viril, ou seja, próxima dos padrões vigentes de masculinidade, eram vistos com mais frequência. Emanuel e Jorge, integrantes do grupo de afirmação homossexual SomoS¹⁸⁸, de São Paulo, em mesa redonda transcrita em 1979, afirmavam:

Emanuel – Você levantou um outro aspecto da invisibilidade. Nós falamos da invisibilidade enquanto grupo social, ou seja, não é possível determinar quem constitui esse grupo ou não, já que as pessoas não têm um rótulo na testa escrito homossexual. O outro aspecto é que a homossexualidade está presente em qualquer indivíduo, como uma parte da própria sexualidade dele. A nossa questão é como um indivíduo chega a se descobrir como homossexual e é pressionado para assumir um estereótipo. (...)

Jorge – (...) Essa invisibilidade não vem apenas por um fator externo, mas também por um fator interno, pelo questionamento a partir da consciência da diferença entre ele e o resto do meio de onde ele provém.¹⁸⁹

Os efeminados, as “bichas”, mantinham-se, ou melhor, eram mantidas na invisibilidade ou seriam punidas, seja a partir de um sentimento comum de origem religiosa que condenava a prática do “pecado nefando”, seja daquele outro introduzido no Brasil em fins do século XIX, que identificava nos homossexuais a anomalia e a degenerescência, de fundo pretensamente científico. Invisibilidade imposta pelo medo, pela culpa (pecado) e por uma dupla moralidade pela qual o passivo era aceito como um “mal necessário”. Importa-nos, enfim, que, independentemente das origens, fossem as mais arcaicas e presentes no campo popular ou mais “modernas” e inerentes às camadas abastadas e médias, até meados dos anos 1980, os indivíduos homoeroticamente inclinados foram instados a permanecer à sombra, já que, à margem, estão ainda hoje.

¹⁸⁸ Acróstico afirmativo escolhido após algumas reuniões do grupo.

¹⁸⁹ AGUIAR, Flávio. Homossexualidade e repressão. In: MANTEGA, Guido. *Sexo & Poder*. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 140; 141.

A (IN)VISIBILIDADE E A MILITÂNCIA PELA CIDADANIA

No que tange à visibilidade, colocada em relação a esta invisibilidade anterior (que em larga medida se mantém), é preciso compreendê-la. Inicialmente, cumpre ressaltar que a ideia de visibilidade para os integrantes da comunidade homossexual (mesmo que sabendo-a diversa em seu interior) aparece já nos anos 1970, nos Estados Unidos da América, onde homossexuais organizados ambicionavam romper com a estrutura vigente que os mantinha à margem; não apenas, mas encaminhando-os à violência da polícia e à exclusão de determinadas regiões das cidades e ao bel prazer dos habitantes heterossexuais em questão.

Quando, em 1977, Harvey Milk, candidato ao cargo de supervisor da cidade¹⁹⁰ de São Francisco (EUA) passou a receber duras críticas por ser homossexual e alvo de uma campanha de fundo religioso (“Salvem nossas crianças”, capitaneada pela cantora estadunidense Anita Bryant¹⁹¹, que condenava a prática homoerótica, chamada de anormal, aberração, perigosa) resolveu pedir a todos os seus amigos e auxiliares que dissessem para seus empregadores, familiares, amigos que eram homossexuais.

Era preciso, naquele momento, tornar os homossexuais visíveis para que aqueles que os conhecessem, sabendo, lembrassem também que eram bons filhos, empregados, amigos, etc. A estratégia deu certo e Milk foi eleito (embora tenha sido assassinado pelo ex-colega de Câmara Dan White onze meses depois, juntamente com o prefeito Georges Moscone). João Silvério Trevisan, sobre o episódio, escreve:

Na noite do crime 30 mil pessoas caminharam em procissão por San Francisco, carregando velas acesas, enquanto tambores batiam sons fúnebres e Joan Baez se apresentava, cantando suas velhas canções de protesto. Nada disso impedirá que a qualquer momento ocorram outros assassinatos políticos, que já fazem parte do “jogo democrático” nos Estados Unidos. Para os militantes homossexuais americanos, o resultado dos crimes é politicamente imprevisível. Poderá significar mais um passo no sentido do recrudescimento da extrema-direita (já tão notório no fenômeno Anita Bryant). (...) Mas pode ser também que o assassinato de Milk provoque nos grupos homossexuais um crescimento de consciência política.¹⁹²

A partir do conflito entre homossexuais e policiais ocorrido em Nova Iorque, em junho de 1969, no bar Stonewall, foram realizadas as passeatas pelos homossexuais para

¹⁹⁰ Cargo que equivale ao de vereador no Brasil.

¹⁹¹ Playboy Interview: Anita Bryant. *Playboy*, maio de 1978, p. 73-86.

¹⁹² TREVISAN, João Silvério. Morte em San Francisco. *Lampião*, ano 1, n° 8, janeiro de 1979, p. 2.

celebrar o orgulho de ser gay/lésbica/bissexual/travesti/transgênero, conforme assinala a imprensa brasileira:

Depois de suportar ataques violentos de policiais, sucessivas prisões ilegais e extorsões por estarem em um bar homossexual, um grupo de frequentadores se negou a pagar as propinas e reagiu violentamente, na noite de 28 de junho [de 1969], contra a polícia. Formou-se uma guerra de garrafas e cadeiras, debaixo dos gritos de “gay power” (força gay). Acuados, os policiais chamaram reforços. O Greenwich Village era um bairro de homossexuais, e mais gays juntaram-se ao protesto, que se estendeu por outras ruas. O conflito durou três dias e marcou a primeira resistência pública da história de um grupo de homossexuais. Depois da “Batalha de Stonewall”, a notícia se espalhou pelos guetos gays em todo o mundo e acabou inspirando a criação de novos grupos contra a discriminação, além da oficialização de um dia para lembrar essa data. As primeiras paradas aconteceram na década de 70, em São Francisco (EUA). Foi escolhido o domingo pela possibilidade de maior concentração de pessoas nesse dia. As primeiras paradas reuniram centenas de pessoas. Com o passar dos anos, o movimento gay foi tomando força e os protestos se estenderam a outros países. Atualmente milhões de pessoas vão às ruas em todo o mundo.¹⁹³

No Brasil, algumas manifestações foram realizadas nos anos 1970, como congressos, mesas redondas, conferências. Já no início dos anos 1980, a partir da fundação do Somos: Grupo de Afirmação Homossexual, gays e lésbicas fizeram aparições em eventos maiores, como o dia dos trabalhadores organizado pelos sindicatos paulistas em 1981. Porém, apenas em 1995, as grandes passeatas começaram a ser utilizadas como estratégia específica do movimento de afirmação homossexual no Brasil.

As paradas têm se configurado como eventos de grande magnitude, reunindo políticos de projeção nacional, artistas, intelectuais, empresários, integrantes das camadas médias urbanas, populares e simpatizantes da comunidade LGBTT. A primeira parada exitosa foi realizada na cidade de São Paulo em 1995, reunindo cerca de cinco mil pessoas, quantidade pequena se pensarmos nas proporções da megalópole. Rapidamente, entretanto, os números se elevaram. Encontramos alguns dados, além de importantes considerações, em artigo assinado por Luiz Mott:

(...) A parada do orgulho gay em São Paulo reuniu 25 mil pessoas ano passado: neste ano foram 100 mil gays, lésbicas e simpatizantes. O que querem os homossexuais? Simplesmente ser tratados como seres humanos, com os mesmos direitos e deveres dos demais cidadãos. Querem cidadania! Os gays não desejam mudar a orientação sexual de ninguém, mas também não aceitam que queiram “curá-los”, “convertê-los”, nem ser tratados

¹⁹³ DATA RELEMBRA CONFRONTO EM NY. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 25 de junho de 2000. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2506200012.htm>, consultado em 09/08/2009.

como subumanos, do mesmo modo como judeus, negros e índios lutam para que sejam respeitados na sua especificidade pluricultural.

Gays, lésbicas, travestis e transexuais saem às ruas no Dia do Orgulho Gay para denunciar a conspiração do silêncio e do ostracismo que até hoje paira contra essa parcela da humanidade da qual a única diferença é amarem seus semelhantes. O movimento gay quer acelerar o carro da história para que seja logo realidade o que nossa "Constituição Cidadã" prognosticou em seu artigo 3º, parágrafos 1º e 4º: "Constituem objetivos fundamentais da República Federativa do Brasil construir uma sociedade livre, justa e solidária, promovendo o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação".¹⁹⁴

As assertivas do fundador do Grupo Gay da Bahia e estudioso do homoerotismo nas terras africanas e brasileiras nos levam para um dos principais objetivos das paradas quando de seu surgimento: a luta pela desestigmatização das práticas eróticas não hegemônicas e a possibilidade de uma existência não mais marcada pela violência e pela injúria. Isso esteve posto nos Estados Unidos da América nos anos 1960 e 1970 e se apresentava no Brasil dos anos 1990 e início da década seguinte.

O silenciamento faz parte das estratégias de apagamento dos indivíduos e grupos sociais: primeiro, se impede de dizer; depois, cala os que ainda dizem; em seguida, impedem de existir.

O mesmo Luiz Mott é o responsável pela organização dos dados, ainda esparsos e repletos de omissões, da violência sofrida pelos homossexuais no Brasil, por meio da publicação do relatório "O crime anti-homossexual no Brasil".¹⁹⁵ "Desde sua fundação, em 1980, o Grupo Gay da Bahia vem coletando sistematicamente, informações sobre homicídios tendo gays, travestis, lésbicas e transexuais como vítimas".¹⁹⁶ Isso foi feito em razão de não existirem estimativas dos organismos estatais sobre o assunto.¹⁹⁷

Os autores, colhendo dados junto à imprensa, pela Internet ou por meio das cartas que lhes são enviadas com denúncias, sistematizaram informações, sobretudo das duas últimas décadas, e retrocedendo, mais modestamente, até 1963. É, talvez, em razão deste trabalho, estando em contato com o alto grau de violência sofrido cotidianamente por homossexuais no Brasil, que Mott ressalta o aspecto político das paradas de afirmação

¹⁹⁴ MOTT, Luiz. Orgulho gay e consciência homossexual. *Folha de S. Paulo*, Opinião, 28 de junho de 2000. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2806200010.htm>, consultado em 09/08/2009.

¹⁹⁵ MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo & ALMEIDA, Cláudia. *O crime anti-homossexual no Brasil*. Op. cit..

¹⁹⁶ Idem, ibidem, p. 13.

¹⁹⁷ Vera Lúcia Puga apontava, em 1998, para o fato de, no Brasil, os crimes não serem classificados a partir do sexo do violentado e do violentador, impedindo que levantamentos da violência contra a mulher ou as homossexualidades sejam realizados. Ver: PUGA, Vera Lúcia. *Paixão, sedução e violência (1960-1980)*. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

LGBTT, como uma das bases para que se altere o atual estado de coisas que tanto oprime esta comunidade.

A cidade que se orgulha de ter a maior parada gay do mundo coleciona relatos que evidenciam o paradoxo de o aumento da visibilidade gay vir acompanhado da homofobia. Fui arrastada pelos cabelos em uma delegacia”, conta a transexual Marcela, 31 – que tinha ido ao local registrar queixa contra a agressão sofrida em uma rede de fast food. A travesti Deisy, 32, dia que recebeu golpes de cassetete ao se recusar a atender à ordem policial de sair da rua onde faz programa. Já João Paulo de Almeida – “uma menina”, no relato da mãe, Nilza de Almeida – teve pior sorte. Foi assassinado com três tiros, aos 21 anos, numa manhã de sábado, supostamente por um motoboy. O crime permanece sem solução há quase dois anos. “Um dia ele chegou em casa muito machucado. Disse que tinha caído de um carro, mas eu acho que bateram nele e que ele mentiu para não me fazer sofrer”, disse dona Nilza.¹⁹⁸

Como já tratado anteriormente, dentre todas as paradas que se originaram por todo o país, é certo que a de São Paulo tornou-se a mais famosa e que acaba por ditar temas e *slogans* para as demais. Em meados da primeira década dos anos 2000, ela se converteu na maior parada do orgulho de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros do mundo, reunindo cerca de três milhões e meio de participantes por edição. Para além, transformou-se no segundo evento daquela cidade que mais angaria turistas e mais movimenta a economia, perdendo apenas para a Virada Cultural (no primeiro quesito) e para o Grande Prêmio de Fórmula 1 (no segundo).¹⁹⁹ Para sua realização, foi criada uma organização não-governamental responsável pela definição do tema da parada, produção de material de divulgação, busca de patrocínio e de fundos governamentais.

Não apenas no Brasil as paradas do orgulho LGBTT tomaram grandes proporções, convertendo-se, em alguma medida, em eventos que superam a busca por garantias no campo jurídico ou o fim dos vários tipos de violência que sofrem os homossexuais. É o caso da Parada Gay de Sidney:

A surpreendente dimensão das comemorações dos 20 anos da primeira parada gay e lésbica em Sydney (Austrália) está tornando a futura sede olímpica em seríssima candidata a ganhar o título de capital gay do Hemisfério Sul. Durante todo o mês de fevereiro, mais de cem eventos de arte, música, política, festas e artes visuais devem atrair mais de 200 mil visitantes GLS (gays, lésbicas e

¹⁹⁸ VILA-NOVA, Carolina. Parada gay não barra avanço da homofobia em SP. *Folha de S. Paulo*, Mundo, 18 de abril de 2004. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=banneerarqfolha>, consultado em 31 de maio de 2010.

¹⁹⁹ INDICADORES E PESQUISAS DO TURISMO da cidade de São Paulo. Op. cit.; PARADA GAY deve atrair mais de 300 mil turistas a SP. *Folha Online*, Turismo, 21 de maio de 2008. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u404149.shtml>, consultado em 21/10/2010.

simpatizantes) para o que já se tornou o principal marco turístico australiano. (...) Para evidenciar o caráter festivo da versão local da celebração do orgulho gay, foi decidida, ainda nos anos 80, a transferência da data original no final de junho para o final do verão, coincidindo com o carnaval (o nome “mardi gras” originalmente significa terça-feira gorda e hoje funciona nos países de língua inglesa como um sinônimo da festa de momo). (...) Desde então, o “mardi gras” deixou de ser um mero aglomerado de homossexuais bem intencionados para se tornar uma organização empresarial que trabalha o ano todo, com 18 funcionários, 1.500 voluntários, administrando um orçamento anual de US\$ 4 milhões. Somente a venda de ingressos para a babilônica festa de encerramento, após a movimentação da Parada do Mardi Gras deste ano, a organização deve angariar mais de US\$ 1,5 milhão, sem contar os patrocínios. Essas cifras explicam em parte o apoio da iniciativa privada e órgãos públicos locais. Um estudo de 1996 indicava que o Mardi Gras gerou mais de US\$ 50 milhões aos cofres da cidade em menos de 30 dias e com isso ganhou apoio até mesmo do conservador prefeito. (...) A presidente do Sydney Lesbian and Gay Mardi Gras, Bev Lange, faz questão de reafirmar o sentido político original da data para os que hoje se embalam no apelo comercial e turístico da festa. “Tudo isso acontece para que tenhamos anualmente uma oportunidade para reafirmar nosso lugar na comunidade e lembrar aqueles que se expuseram sem medo, para que alcançássemos alguns avanços”, afirma Lange.²⁰⁰

O evento, já referido, surgido em Sidney em 1978 como comemoração do levante de Stonewall, momento em que os cerca de mil participantes foram rechaçados com extrema violência pela polícia, retornou, ainda nos anos 1980, com forte viés político como resposta à “caça às bruxas” iniciada com o evento. Vinte anos após o combate entre gays e lésbicas contra a polícia australiana, percebemos como a própria natureza do evento foi modificada.

Não se trata, obviamente, de questionar ou negar o aspecto festivo da parada, hoje um evento próximo ao carnaval naquele país. Talvez, seja o aspecto econômico aquele que mais salta aos olhos e leva a questionamentos. É preciso que haja um esforço para compreendermos como um grupo de mil pessoas apanha violentamente da polícia e, poucos anos depois, congrega patrocínios, movimenta cerca de 4 milhões de dólares (em 1998). Alguns dos limites das paradas são apresentados por seus organizadores, como Pedro Almeida (São Paulo):

Apesar do balanço final e do número recorde, nem tudo era comemoração, ontem, na sede da Associação da Parada Gay, no centro da cidade. Se o evento do domingo se consagrava como a maior marcha gay do mundo, a constatação era de que só a visibilidade não significa conquistas políticas. “Não queremos ficar numa grande marcha, num único dia; queremos transformar essa visibilidade em avanços e direitos”, disse Pedro Almeida, da Associação

²⁰⁰ FISCHER, André. Parada gay atrai 200 mil em Sidney. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 23 de fevereiro de 1998. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq23029827.htm>, consultado em 08/08/2009.

GLBT (gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros), que organizou a parada. (...) “É um passo ainda pequeno num país que acaba de lançar a campanha Brasil contra a homofobia, mas onde projetos pela união estável entre homossexuais não avançam”.²⁰¹

A visibilidade traz alguns problemas internos à própria comunidade LGBTT. Em matéria sobre a parada do orgulho de São Paulo de 2007, Paulo Sampaio, paradoxalmente, chama atenção para o fato de o ecletismo, veja só, ser visto como algo ruim para muitos participantes do evento. Sobretudo, pela presença de “gente feia”. Vejamos o preconceito por dentro do próprio movimento:

“Nunca vi tanta gente feia!”, diz o estudante bombado, descamisado e depilado Victor Prado, 19, saindo da Parada Gay. A frase foi ouvida muitas vezes pela reportagem, em diferentes grupos do evento. A maioria dos queixosos é representante da ala masculina. De acordo com os correligionários de Prado, desde a primeira edição, 11 anos atrás, a Parada do Orgulho GLBT se popularizou demais e “hoje é frequentada por pessoas que nem são gays”. O maior movimento brasileiro de defesa da diversidade sexual e das minorias, quem diria, ficou muito eclético. (...) Acontece que isso aqui é um evento aberto, não precisa pagar nada. Então, não dá para controlar a frequência”, diz o professor Emanuel Via. O preconceito parece contagioso. Esquecido da essência suprapartidária da parada, o fotógrafo carioca Mauro Scur, 32, diz: “Como vocês dizem aqui em SP, só tem periferia. Lá no Rio, a gente diria suburbano”. (...) O stylist Ronaldo Gomes, 30, responde sem rodeios. “O problema é o baixo poder aquisitivo da maioria. Nem sempre aqui as pessoas são exatamente feias; às vezes são apenas maltratadas. Presta atenção nos cabelos, nas peles...”²⁰²

O que chamamos movimento de afirmação de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros esbarra em algo que talvez hoje deveria estar fora de moda: a divisão do mundo entre ricos e pobres. A inclusão ambicionada pelos gays na faixa dos 20 e 30 anos parece ser apenas das beldades esculpidas conforme dita a moda vulgarizada pelos meios de comunicação. Diversidade, até onde? E, por outro lado, se Bev Lange ressalta o aspecto político do evento de Sidney, talvez somente seja possível porque está definitivamente integrado ao mercado (das artes, turístico, etc.). O pedágio está pago.

Esta é uma face possível da busca pela visibilidade. Outra, muito comentada e cada vez mais “naturalizada”, é o aparecimento de personagens ou figuras homossexuais

²⁰¹ PARADA GAY. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 15 de junho de 2004. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannerarqfolha>, consultado em 31/05/2010.

²⁰² SAMPAIO, Paulo. “Nunca vi tanta gente feia”, dizem habitués. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 1º de junho de 2007. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 31/05/2010.

na produção televisiva. Aqui, cumpre ressaltar a importância da televisão como principal meio de comunicação no Brasil contemporâneo, aquele que suplantou o rádio e a mídia impressa e ainda não foi superado por sua sucessora, a Internet.

Como já dito anteriormente, é dos anos 1970 o aparecimento de personagens homossexuais na TV brasileira. Inicialmente, são figuras ora tímidas, ora macabras; ingênuas ou assassinas. Assim, os tipos oscilaram por muito tempo. Os programas humorísticos têm se servido dos tipos homossexuais, sobretudo do homossexual masculino, caracterizado como a “bicha” ou o “enrustido”, de longuíssima data. Bordões como “Volta pro reduto, Luana”, criado por Chico Anísio, personagens excessivas como o Lobichona de Paulo Silvino (*Zorra Total*), hoje encontrados raramente, uma vez que tem imperado um humor ainda mais fácil, óbvio e, por conseguinte, rasteiro. Foram-se os tempos do super herói gordo e cor-de-rosa que lutava pelos oprimidos, criado por Jô Soares, o Capitão Gay.

É nos anos 1990 que outros tipos homossexuais serão oferecidos nas telas da TV. As telenovelas, tão caras à cultura brasileira contemporânea, responsáveis por angariar expressivos lucros e construir padrões de consumo, de imagem e de comportamento, sendo assistidas por milhões dentro e fora do país (tendo se transformado em produto de exportação), bem como outras criações que compõem as grades de programação, a exemplo dos *reality shows*, incluíram personas e personagens da subcultura gay, ou, pelo menos, o que seus realizadores compreenderam/compreendem serem tais personagens/personas. João Silvério Trevisan nos lembra que a TV é um veículo de massa por excelência, tendo sido, desde seu surgimento no Brasil, alvo de censura, seja ela policial, política ou dos setores conservadores informalmente organizados, só admitindo sugestões de atos sexuais dentro da “normalidade”.²⁰³ Para o autor, “apesar da acirrada vigilância de grupos conservadores, a TV também tem mergulhado – nem sempre com meias medidas – na exploração do filão homossexual”.²⁰⁴

O autor chama a atenção para um importante elemento presente na produção televisiva nacional: a ambiguidade. Lembra dos bordões e músicas cantadas pelo ícone Chacrinha, como “Quem gosta mais de chupar pirulito: o homem ou a mulher?”, marchinhas como *Maria Sapatão* e *Cabeleira do Zezé*.

²⁰³ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso* – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Op. cit., p. 305.

²⁰⁴ Idem.

Trevisan faz coro aos que interpretam as formas assumidas pelos homossexuais na TV um tanto comuns, todavia. Mesmo que em algumas oportunidades sejam personagens mais complexos, geralmente apenas o gay efeminado, a “bicha”, está presente. Lembremo-nos das citadas lésbicas vividas por Cristiane Torloni e Silva Pfeifer explodidas junto com o *shopping center* no meio da trama de Torre de *Babel*, em razão da repercussão negativa junto a um público pouco habituado a ver mulheres bonitas e independentes – que deveriam ser mães, amantes, esposas – vivendo um amor sáfico. Em outra trama, *Senhora do Destino*, de 2004/2005, as duas lésbicas parecem ter conquistado o público justamente por se tratar de duas jovens. Talvez, alguém que possa “regenerar”: isso é coisa da idade, vai passar. Por outro lado, não eram atrizes tão conhecidas e desejadas como Torloni e Pfeifer. Ainda em 1998, o ator Odilon Wagner perdeu contratos publicitários por viver, em *Por Amor*, de Manoel Carlos, o bissexual Rafael. As empresas alegaram não querer vincular sua imagem a este tipo de público e prática erótica.²⁰⁵

Grosso modo, a televisão brasileira tem oferecido em seus folhetins e demais produtos ficcionais homossexuais masculinos que não atentam diretamente ao *status quo*, uma vez que a “bicha” assume, em nossa cultura e como já evidenciado, uma posição menor, aquela do submetido, do penetrado. Uma “bicha”, portanto, se assemelha à mulher e, estando submetida, pode cumprir sua função cênica: fazer rir. Sim, pois as personagens homossexuais que mais apelo popular receberam foram as histriônicas celibatárias.

Fazer rir sem demonstrar muito de seu apetite ou práticas eróticas não tem incomodado aos telespectadores ou aos setores mais conservadores de nossa sociedade. Como “bobo da corte” a “bicha” pode existir. Mais um pedágio: faça-me rir. Ou me entretenha com as disputas. Essa outra faceta pôde ser vista no *reality show Big Brother Brasil*, sobretudo em sua décima edição realizada nos primeiros meses de 2010. Nina Lemos, em artigo publicado na *Folha de S. Paulo* em 26 de fevereiro de 2010, afirmava:

Cenas de sexo? Bundas de mulheres gostosas? Quem se importa. O “BBB” de 2010 coroa a correção política e a orientação sexual dos participantes como o fator mais importante da trama. Nunca uma edição do programa teve tanta repercussão. Na internet e nas ruas, uma briga de torcedores fanáticos está armada. No centro do ringue, uma batalha entre heterossexuais e gays. Homofóbicos e simpatizantes.²⁰⁶

²⁰⁵ Idem, ibidem, p. 307.

²⁰⁶ LEMOS, Nina. “BBB” traz nova luta de classes. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 26 de fevereiro de 2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq260220101017.htm>, consultado em 31/05/2010.

A autora apresenta os protagonistas da contenda confinados na casa/cenário luxuosa produzida pela Rede Globo de Televisão. De um lado, o lutador de *jiu-jitsu* Marcelo Dourado, famoso internacionalmente após afirmar que “heterossexual não pega Aids”. Em razão de tal declaração homofóbica a Globo foi alvo de inquérito realizado pela Procuradoria da República em São Paulo.²⁰⁷ Do outro lado, Dicesar, conhecido na noite como a *drag queen* Dimmy Kieer. E mais:

Dourado chegou lá. Ficou famoso internacionalmente [por sua declaração sobre o contágio pelo vírus HIV, que gerou grande repercussão]. Ele é o primeiro participante do “BBB” a alcançar (má) fama fora do país. Mas ele não conseguiu tal feito sozinho. O que está em jogo não são apenas declarações inconsequentes, mas uma luta de classes entre estereótipos: os héteros sexistas (representados por homens fortes e mulheres gostosas) e os gays (representados como fofoqueiros ou fúteis).²⁰⁸

A articulista encerra sua análise afirmando, ainda, que a TV Globo é diversa até certo ponto apenas, na medida em que oferece uma disputa entre masculino e feminino, inovando apenas no fato de que o representante do campo feminino é uma “bicha”, não uma mulher. O papel, muito parecido. Ivana Bentes, enfatiza outro aspecto do *reality*: o componente viral do programa e as subjetividades por ele criadas:

Mais importante do que o que é dito pelos participantes da casa (...) é esse componente “viral” do programa. Durante três meses, ou pelo menos nas últimas semanas, o BBB abduz e mobiliza um contingente de telespectadores/consumidores que migra de atração em atração, paredão a paredão, num comportamento randômico, mas previsível. Daí a necessidade de “empacotar”, “glamourizar” esse cotidiano amesquinçado em “atrações” ultraeditadas e editorializadas: clipes de bundas malhadas, corpos ensaboados, músculos, festas a fantasia (sic) e figurinos escolhidos, choros copiosos, gritos, sussurros, orgias plastificadas, no meio do que realmente importa: merchandising e comercial sem fim.²⁰⁹

Bentes ainda pergunta, no mesmo artigo, onde estão os outros homossexuais, presentes em edições anteriores. As assertivas nos levam a compreender que a televisão, naturalizada que está, esconde – ou simplesmente não vemos – seu principal aspecto: o comercial. Trata-se de uma importante indústria do entretenimento que constrói, destrói,

²⁰⁷ MICHAEL, Andréia. Globo é alvo de inquérito em caso de homofobia no “BBB”. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 04 de março de 2010. Disponível em <http://www1.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0403201006.htm>, consultado em 31/05/2010.

²⁰⁸ LEMOS, Nina. “BBB” traz nova luta de classes. Op. cit.

²⁰⁹ BENTES, Ivana. “BBB” é melhor forma de merchandising da televisão. *Folha de S Paulo*, Ilustrada, 1º de abril de 2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0104201009.htm>, consultado em 31/05/2010.

reconstrói tipos por dois vieses: seu caráter conservador, aquele que censura determinadas cenas ou propostas por entendê-las contrárias aos modelos hegemônicos que devem assim permanecer; seu caráter vendável, que edita e manipula construindo tipos mais ao gosto dos telespectadores, em função de pontos de audiência e venda de produtos – e os telespectadores, estes mesmos, em sua maioria, *partilhando* dos modelos hegemônicos²¹⁰.

É o telespectador-produtor de audiência, a mobilização da vida que dá “alma”, com suas participações, ao vazio das atrações e virais. Afinal, logo os brothers serão esquecidos. Ou ganharão sobrevida em pontas de novelas, festas de “presença”, programas de fofocas e comerciais de varejo. Muito mais impressionante do que as opiniões polêmicas ou risíveis dos habitantes da casa, com suas subjetividades “prêt-à-porter” – o homofóbico, a “frágil guerreira”, o macho “alfã”, a lésbica, a drag queen, o gay –, é esse democratismo frouxo, United Colors of Benetton, de uma “diversidade” não problemática – um arco-íris de vendas potenciais para todos os “nichos” de mercado.²¹¹

Aquilo que para Lemos parece ter se convertido em uma nova “luta de classes”, não mais ricos *versus* pobres, mas, heterossexuais *versus* homossexuais, parece perder-se no esfacelamento de sentidos apontado por Ivana Bentes. Gays e lésbicas no horário nobre, no programa visto pelo maior número de pessoas no país, naquele que é o principal produto da emissora no que tange aos lucros alcançados. Dentro de um esquema que, velho, claudicante, encontra ressonância no corpo social. Para deleite de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgêneros e, sobretudo, dos outros – aqueles que, mantendo tudo como está, enxergam ali um nicho de mercado e a satisfação daqueles que se veem, de alguma forma, representados na pequena tela. Quites.

As paradas geram, quase *per se*, grupos voltados para sua organização. São organizações não governamentais – a sociedade civil organizada – atuando em nichos deixados de lado pelo próprio Estado. James Naylor Green relembra que:

“Em 1976, João Silvério Trevisan, escritor paulista que vivera nos Estados Unidos no início da década de 1970 e estava em contato com o movimento de liberação gay da Área da Baía de São Francisco, tentou formar um grupo de discussão sobre homossexualidade entre universitários de São Paulo”.²¹²

²¹⁰ Ver: MATOS, Olgária. *Contemporaneidades*. Op. cit.; DURÃO, Fabio Akcelrud; ZUIN, Antônio & VAZ, Alexandre Fernandez. *A indústria cultural hoje*. Op. cit..

²¹¹ BENTES, Ivana. “BBB” é a melhor forma de merchandising da televisão. Op. cit..

²¹² GREEN, James Naylor. *Além do carnaval – a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Op. cit., p. 427.

Aponta, porém, para seu fracasso. Desde o levante de 28 de junho de 1969, nos Estados Unidos, viu-se surgir ali e, em seguida, pela Europa, grupos organizados que discutiam e lutavam em prol da liberação das formas não hegemônicas do erotismo. O cunho abertamente político foi a tônica naquele momento e assim se manteve até o início dos anos 1980. No Brasil, a primeira experiência citada por Green foi encerrada muito rapidamente. A explicação para isso nos é fornecida por Trevisan:

A grande pergunta que se faziam ia ser comum, daí por diante, nos grupos homossexuais da primeira fase do Movimento Homossexual: seria politicamente válido que nos reuníssemos para discutir sexualidade, coisa considerada secundária no grave contexto político brasileiro? Sem uma resposta clara, qualquer movimento ficava empacado nesta questão. Como se não bastasse, 70% do grupo admitiam francamente se achar anormal por causa de sua homossexualidade. Nessas condições, não é de estranhar que o projeto tenha ruído após algumas penosas reuniões.²¹³

Após a visita ao Brasil do jornalista Winston Leyland, criador do jornal voltado para o público homossexual norte-americano *Gay Sunshine*, alguns intelectuais e jornalistas resolveram experimentar a publicação de um jornal voltado para o mesmo público no país. Surgia, assim, o *Lampião*. Provavelmente instados pela nova aragem do jornal, em São Paulo, em 1979, fundou-se o *Somos: Grupo de Afirmação Homossexual*. Alguns integrantes do corpo editorial do *Lampião* ali estavam a exemplo do próprio Trevisan. O número de grupos cresceu.

No começo da década de 1980, já havia outros grupos ativistas gays em São Paulo, Rio de Janeiro, Niterói, Belo Horizonte, Salvador, Brasília, Recife, João Pessoa e no interior do estado de São Paulo. A experiência do *Somos*, por sua vez, tinha amadurecido e agora o grupo começava a trilhar caminhos um pouco mais complexos. Com o seu crescimento, surgiu a burocratização, ainda que se procurassem manter os princípios da autonomia e autogestão.²¹⁴

O primeiro grupo de afirmação homossexual fundado no Brasil seria esfacelado a partir da disputa interna, sobressaindo-se duas alas distintas: os autonomistas e aqueles que imaginavam um movimento de gays e lésbicas atrelado aos partidos políticos da esquerda que se reconstruía no início dos anos 1980; mas, quanto a isso e as leis, mais adiante buscaremos outras respostas. Importa-nos, para agora, considerar que de 1979 em diante,

²¹³ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso* – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Op. cit., p. 337.

²¹⁴ Idem, ibidem, p. 347.

novos grupos de afirmação LGBTTT surgiram, alguns encerraram suas atividades, outros se transformaram em função da epidemia soropositiva de meados dos anos 1980.

NO MUNDO GAY: MILITÂNCIA OU NATURALIZAÇÃO?

Nos anos 1990, surgiu no Brasil uma nova tipologia e legislação aplicadas aos movimentos sociais ou à “sociedade civil organizada”, as Organizações Não-Governamentais, ou, ONG’s.²¹⁵ A maior parte dos agrupamentos sociais existentes até então buscou auxílio para construir estatutos, fixar sede, criar diretorias, transformando-se quase em empresas, com vistas a garantir sua atuação e, quando possível, encontrar subvenções oferecidas pelos governos municipais, estaduais e federal para o desenvolvimento de projetos junto às comunidades que cada um desses organismos atenderiam.

Se um dos pontos de discussão do Somos era como fugir do fácil processo de burocratização do grupo e suas atividades, nos anos 1990, essa foi a saída para se ter acesso aos recursos disponibilizados para atendimento às parcelas da população que se encontram, de alguma maneira, alijadas do próprio Estado. Segundo Trevisan, nesse perfil se encaixam “militantes homossexuais (...) mais profissionalizado e mais visível na mídia, ao estilo porta-voz, atuando diretamente nas cúpulas do poder, com base em *lobbies* e trabalhando dentro das políticas governamentais, sobretudo na área da saúde”.²¹⁶

Assim, hoje temos cerca de cento e noventa grupos de afirmação de gays, lésbica, bissexuais, travestis e transgêneros espalhados pelo país. Cerca de duzentas paradas são realizadas, por ano, pelo Brasil. Tais atividades e a presença de políticos próximos a esses grupos têm feito com que projetos sejam apresentados junto a Estados, municípios e em nível federal que contemplem ambicionadas garantias para a comunidade LGBTTT.

O primeiro deles foi o já citado anteriormente, proposto por Marta Suplicy e jamais votado, mesmo tendo recebido substitutivo de Roberto Jefferson, à época deputado federal. Em 2004, o governo federal lançou o programa “Brasil contra a Homofobia”;

²¹⁵ Sobre a “onguização” do movimento homossexual no Brasil, ver: FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: Movimento homossexual e produção de identidades nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, especialmente o capítulo “Movimentos sociais e ONGs: um diálogo com a literatura”, p. 47-86.

²¹⁶ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Op. cit., p. 369.

entretanto, o projeto de lei que a criminaliza aguarda votação no Senado Federal e recebe *lobbie* contrário realizado, desde sempre, pela bancada evangélica.

Para além, cumpre questionar aquilo que está posto a partir deste modelo de atuação. O poder judiciário tem sido acionado quanto o poder legislativo esbarra em assuntos pouco confortáveis para a maioria dos representantes eleitos, eivados de apoios das camadas conservadoras de nossa sociedade. Se estes parlamentares observassem mais detalhadamente o conteúdo de alguns projetos, não se oporiam mais.

No que se refere ao projeto de lei número 1.151/95²¹⁷, que regulamenta a Parceria Civil entre indivíduos do mesmo sexo, o que vemos é a construção de um novo/velho modelo familiar. O que há de novo nesse modelo é que são dois homens ou duas mulheres, porém, no que tange à forma assumida pelo contrato, os tipos “masculino” e “feminino” estão presentes – porque estão presentes na própria subcultura gay.

É o Estado chamado para normatizar as uniões e torná-las estáveis. Quando Belchior, bem lembrado por Trevisan²¹⁸, canta que “ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais”, o faz com propriedade. O modelo de família nuclear, monogâmica, na qual há um “chefe” provedor, uma figura delicada, materna, e crianças a serem educadas segundo as leis do Estado está aí presente. O modelo tão caro à sociedade burguesa, tornada hegemônica no século XVIII e cientificizada no século seguinte e que, mesmo periclitante, continua sendo norma e ambicionado. Todavia, há que se admitir, têm sido vistas as mais variadas parcerias entre pessoas do mesmo sexo ou não, o que indica que a lei não delimita as transformações sociais em percurso.

Não se trata aqui de dizer que gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transgêneros e o que mais houver na fauna da sexualidade não-hegemônica não podem se casar, ter filhos (das mais variadas formas disponíveis, da adoção à inseminação ou mesmo o ato sexual). Não. Trata-se apenas de questionar os limites de uma militância que tem procurado adaptar-se ao que tem sido oferecido e não questionar o lugar marginal a que os homossexuais têm sido relegados ainda hoje.

Parece o texto de um panfleto? Certamente, em especial em um momento em que se torna cada vez mais difícil encontrar algum tipo de reivindicação política mais clara, sobretudo no campo acadêmico. Nos tempos da “pós-modernidade” afirmar incisivamente,

²¹⁷ O Projeto de Lei nº 1.151/95 tem, desde sua apresentação, causado polêmica, hoje, ao lado do Projeto de Lei da Câmara nº 122/06, apresentado pela ex-deputada federal Iara Bernardi (PT/SC) e que criminaliza a homofobia. A bancada evangélica, capitaneada pelo senador Marcelo Crivela (PRB/RJ) e pelo senador Magno Malta (PR/ES), ambos pastores, tem se oposto contundentemente às propostas.

²¹⁸ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso* – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Op. cit., p. 335.

questionar sem meias palavras, parece ofensa, arcaísmo. Lembra-nos um tempo em que camadas subalternas levantavam-se contra seus opressores. Trata-se de compreender os limites da atuação do movimento LGBTTT, mas, em alguma medida, apontar para o fato de que tais fronteiras podem ser lançadas adiante. Compreender que, talvez, a visibilidade não tenha resolvido tudo.

A visibilidade de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros na sociedade brasileira tem sido marcada, de longa data, pelo consumo. Assim como apontado por Ivana Bentes, em artigo citado anteriormente, existem “nichos” de mercado a serem conquistados e os homossexuais se configuram como um deles.

Como já mencionamos, nos anos 1960 foram bares e boates, algumas trazendo *shows* de travestis como aqueles já presentes no teatro de revistas. Nos anos 1970, foram acrescentadas as saunas. Mesmo com todo o pavor trazido pela AIDS e as ameaças de fechamento de tais ambientes, ainda hoje as saunas se apresentam como lugar comum de socialização e encontros sexuais entre homossexuais masculinos. Mais recentemente, o turismo voltou seu olhar para o público LGBTTT. Um dos motivos é, certamente, o sucesso da parada do orgulho realizada na cidade de São Paulo que, a partir de 1997, com o crescimento do evento, passou a receber cada vez mais turistas. Hoje, com três milhões e meio de participantes, hotéis e restaurantes buscam avidamente tal público.

Um casal de mulheres vai pagar a conta do restaurante. Para quem o garçom deve entregá-la? Dois homens chegam a um hotel. O recepcionista deve oferecer um quarto com duas camas? Nos dois casos, o medo da gafe é grande. Para evitar constrangimento e por o cobiçado público gay para correr, os setores hoteleiro e gastronômico paulistano começam a buscar treinamento.²¹⁹

Trevisan afirma que entre o pânico da Aids, característico da segunda metade dos anos 1980 e as expectativas para o novo milênio, a década de 1990 marcaria a efetiva inserção dos homossexuais no mercado. “O consumo guei, que continuou crescendo vertiginosamente, revelou aos olhos da sociedade a capacidade de consumir a partir de necessidades homossexuais”.²²⁰ Mas Trevisan afirma que

Nesse contexto em que se misturam militância e mercado, é natural que a tônica da luta pelos direitos homossexuais tenha passado de uma contestação

²¹⁹ CORREA, Vanessa. Hotéis buscam curso de atendimento GLS. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 28 de fevereiro de 2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2802201018.htm>, consultado em 31/05/2010.

²²⁰ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso* – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Op. cit., p. 375.

social mais abrangente para uma busca de maior integração social, ampliando os limites do gueto. A ênfase de um “movimento de massa” orientou-se para outros parâmetros, envolvendo a mídia, que desempenhou a função de *fazer chegar à massa*.²²¹

Talvez, por isso, sejam encontrados mais “baladeiros” que “militantes” invadindo a cidade de São Paulo às vésperas da parada do orgulho LGBTT. Willian Vieira mostra que, quatro dias antes da manifestação, os hotéis da região da Avenida Paulista estão tomados por rapazes jovens, portando óculos Dolce&Gabbana, que só saem dos quartos a partir das quatorze horas para almoçar, fazer compras e, em seguida frequentar as principais casas noturnas da capital. O jovem advogado Mauro diz ao repórter: “Depois de três meses bombando na academia, fazendo bronzamento e limpeza de pele, o povo quer é curtidão”. Já André, afirma: “Ninguém está lá pelos discursos, claro. Mas não custa dar um pulo lá e fazer volume antes da balada”.²²²

O consumo, assim, se configura como mais uma faceta de uma visibilidade angariada a partir do riso, da militância reformadora, da criação de “datas” folclóricas. O que temos é a construção de uma visibilidade dentro daquilo que Raymond Williams chamaria de “cultura alternativa”, aquela não questiona diretamente ou desfere golpes mortais à “cultura hegemônica”, que se caracterizaria como uma “cultura de oposição”.²²³

Estamos, ainda, dentro do campo restrito permitido pelos setores hegemônicos da sociedade. Faz-se necessário que algumas questões sejam levantadas. Inicialmente apontamos para um apagamento, uma invisibilidade experimentada pelos indivíduos homoeroticamente inclinados. Esse apagamento deu-se em duas instâncias, sendo uma mais importante que a outra: uma externa, uma vez que temos a condenação social a partir dos vieses religioso e científico (representado pelos discursos médico e jurídico). Tal condenação assumia formas diversas, desde a injúria, passando pela violência física (em sua versão mais extremada levando à morte dos homossexuais) e ao confinamento, fosse em prisões ou manicômios judiciários.

A segunda instância de apagamento vem dos próprios indivíduos homossexuais que, em razão da condenação social, buscavam tornarem-se menos visíveis, restringindo seus horários de aparecimento público ou escolhendo lugares específicos para seu trânsito, inclusive para seus encontros sexuais. Aqui, no mais se trata de uma tática. Tal

²²¹ Idem, ibidem, p. 376.

²²² VIEIRA, Willian. Parada é pretexto de turista para cinco noites de balada. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 24 de maio de 2008, p. C5.

²²³ WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. Op. cit.

apagamento dava-se ele mesmo, também em duas instâncias: os homossexuais integrantes das camadas menos abastadas sumiam dos olhares alheios, enquanto os integrantes das camadas médias e abastadas burlavam tais olhares se “disfarçando”, ou seja, assumindo atitudes mais próximas do modelo heterossexual vigente, para que não fossem identificados/percebidos como homossexuais, evitando, assim, escândalos, deserções, etc. Tais práticas marcaram um período bastante longo naquilo que podemos chamar de história dos homossexuais nas terras brasileiras. A principal forma de violência é, aqui, o silêncio imposto, a invisibilidade, a não-existência.

Em outro momento, a visibilidade é angariada por iniciativa dos próprios homossexuais cansados da obscuridade. Intelectuais como Darcy Penteado tentam identificar a “normalidade” dos homossexuais, no sentido mais comum do termo e qual o lugar ocupado por esses indivíduos na sociedade brasileira conservadora que marca o fim dos anos 1970.

A visibilidade maior viria nos anos 1980, por ocasião do grande número de mortos na epidemia de Aids, que levou para fora dos armários figuras internacionalmente conhecidas, como o galã Rock Hudson, ou ídolos nacionais, como os belos Lauro Corona e, sobretudo, Cazuya, por seu grau de exposição na mídia quando da confirmação de seu estado de saúde.

Nos anos 1990, uma nova militância se constitui, profissionalizada, e as paradas do orgulho LGBTTT se espalham pelo país, comemorando o levante norte-americano de Stonewall e expondo seu rol de reivindicações. Juntamente a uma parca representação política institucional que age, por vezes, de maneira dúbia, a comunidade LGBTTT tem visto os projetos de lei propostos para garantir direitos ainda não oferecidos a ela, como a parceria civil e a criminalização da homofobia serem inviabilizados por força de uma ampla bancada homofóbica, representada notadamente pelos setores religiosos que compõem as câmaras federais.

Ao mesmo tempo, um volume cada vez maior de personagens homossexuais tem povoado as produções televisivas, desde senhores bissexuais, passando por bonitas e bem sucedidas lésbicas, travestis boazinhas, e um conjunto de tipos gays espalhafatosos, assexuados, bonitos, masculinos, jovens.

O silêncio foi rompido. Mas, em que medida?

As manifestações públicas propostas pela comunidade, cujos desejos divergem da heteronormatividade, não conseguiram, ainda, dar conta do fim da homofobia. Em alguma medida, acabam por gerar mais violência:

O ativismo dos homossexuais, que conquistam cada vez mais direitos e obtêm mais exposição, está, como efeito colateral, alimentando a homofobia no mundo. O aparente paradoxo é apontado em um novo estudo publicado pela Anistia Internacional, uma das principais organizações de defesa dos direitos humanos do mundo, baseada em Londres.²²⁴

A autora do estudo *Sex, Love and homophobia*²²⁵, Vanessa Baird, ressalta um ponto interessante e, por vezes, desconsiderado. As ações de visibilidade dos homossexuais têm gerado uma ampla ação homofóbica capitaneada, sobretudo, por setores religiosos distintos, desde o Vaticano, até representações evangélicas e hindus.²²⁶

Baird aponta para os principais focos de homofobia, em alguns casos punindo os homossexuais com a pena de morte, na África e na Ásia; porém, ressalta que na América Latina, Brasil e Argentina, especialmente, a violência é grande e aberta em relação à comunidade LGBTTT, conforme apontado, também, pelos estudos realizados pelo Grupo Gay da Bahia, citados anteriormente.

A violência é maior quanto menor ou mais recente se apresenta o ativismo LGBTTT, o que nos levaria a pensar que, com o tempo e o crescimento destes movimentos, a situação poderia ser revertida. Ao mesmo tempo, isto colocaria o movimento de liberação de travestis, bissexuais, transgêneros, lésbicas e gays em uma encruzilhada, questionando-se se é viável seguir adiante.

Por outro lado, uma miríade de autores, tais como Zygmunt Bauman, Anthony Giddens, Marshal Bermann e outros mais, tem identificado, nos últimos anos, novas características em nossa sociedade ocidental, tendo nomeado este período como aquele da pós-modernidade, modernidade líquida, fluida ou reflexiva²²⁷. Dentre as principais

²²⁴ ZANINI, Fábio. Ativismo gay causa homofobia, diz Anistia. *Folha de S. Paulo*, Mundo, 18 de julho de 2004. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 31/05/2010.

²²⁵ BAIRD, Vanessa. *Sex, love and homophobia: lesbian, gay, bisexual and transgender lives*. Londres: Anistia Internacional, 2004.

²²⁶ ZANINI, Fábio. Ativismo gay causa homofobia, diz Anistia. Op. cit.

²²⁷ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997; _____. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004; _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007; BECK, Ulrich. *Liberdade ou Capitalismo*. São Paulo: Editora da Unesp, 2003; _____. GIDDENS, Anthony e LASH, Scott. *Modernidade reflexiva: trabalho e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997; BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986; GIDDENS, Anthony.

características de suas obras, está o diagnóstico do esvaziamento do campo político e a sua hipertrofia frente ao campo privado. Se for assim, como imaginar que a comunidade homoerótica possa se articular em um momento de esvaziamento político? Andaremos na contramão?

Recentemente, na vizinha Argentina, um importante projeto de lei foi sancionado. Segundo Marta Vassallo, a partir das demandas geradas por grupos organizados:

Impulsionado há cinco anos por organizações de ativistas gays e lésbicas, em especial a Federação Argentina de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Trans (FALGBT) e a Comunidade Homossexual Argentina (CHA), o projeto de modificação do Código Civil visando a inclusão de casamentos homossexuais, síntese dos projetos de lei apresentados por Vilma Ibarra, do partido Nuevo Encuentro, e pela ex-legisladora socialista Silvia Augsburger, foi finalmente sancionado na Câmara dos Deputados, no último dia 5 de maio, e no Senado, na madrugada do dia 15 de julho.²²⁸

Isso nos serve como evidência contrária à estagnação político-social experimentada recentemente? É possível. A América Latina padece dos problemas enfrentados pela democracia globalmente; porém, de maneira ainda mais agravada, uma vez que se tratam de jovens democracias, existentes apenas após uma sucessão de governos oligárquicos, seguidos de virais ditaduras militares, estabelecidas desde meados do século passado até o final dos anos 1980.

Assim, ao mesmo tempo em que estávamos/estamos reconstruindo as bases democráticas do país, lidamos com o enfraquecimento dos movimentos sociais que são os responsáveis por mudanças fundamentais na organização desta sociedade. Podemos identificar, hoje, importantes movimentos sociais atuantes (ou visíveis) no Brasil: o primeiro deles, aquele que luta pela distribuição de terras, hoje padecendo de sua proximidade com o governo instituído e, por isso, encontrando dificuldades de se contrapor às políticas oferecidas e mantendo-se, de alguma maneira, controlado, deixando seu aspecto mais radical adormecido; o negro, que tem conseguido importantes avanços, tais

As consequências da modernidade. São Paulo: Editora da Unesp, 1991; _____. *A terceira via: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia*. São Paulo: Record, 2001; _____. *A transformação da intimidade: amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1993; HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992; LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio – ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'Água, 1983; _____. *A felicidade paradoxal – ensaio sobre uma sociedade do hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987; SENNETT, Richard. *O declínio do homem público – as tiranias da intimidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988; _____. *A cultura do novo Capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

²²⁸ VASSALLO, Marta. Uma vitória do laicismo. *Le Mond Diplomatique Brasil*, Ano 4, nº 37, Agosto de 2010, p. 30.

como a criminalização do racismo e estudos da cultura afro-brasileira nos ensinos Fundamental, Médio e Superior; e aquele de afirmação de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros.

Fazendo a opção, nos anos 1990, pela visibilidade, aparentemente esse movimento tornou-se dela refém. Sua principal expressão é a realização de uma parada do orgulho, considerada a maior do mundo, realizada em uma megalópole que, há cerca de uma década, tem se transformado em chamariz para o consumo de luxo ali disponível e para a “ferveção” nas grandes casas noturnas e saunas. Não se trata da condenação do prazer, em hipótese alguma, pois que os homossexuais nos constituímos como grupo justamente pela busca do prazer erótico e afetivo divergente daquele hegemonicamente constituído.

Trata-se, entretanto, de apontar para os limites dessa visibilidade em uma sociedade que tem se apropriado das demandas dos homossexuais e mantendo-os dentro de padrões previamente estabelecidos.

Os homossexuais podem ser vistos pelas ruas sem o medo da violência? Podem. Quando? Uma vez por ano, em uma parada do orgulho devidamente policiada, seja na metrópole ou em médios e pequenos centros urbanos. No “dia do orgulho gay”, data que corre o risco de se tornar folclórica e cômoda. Tão folclórica e cômoda a ponto de ser ensinada nas escolas, como o “dia do índio” e o “dia do negro”. Ou ainda, passaremos a receber propagandas específicas veiculadas pelas redes televisivas e promoções nos motéis, bares, restaurantes, grandes lojas de departamentos, como no “dia das mulheres”?

A visibilidade permitida é aquela que encerra os homossexuais para que exerçam seus direitos entre quatro paredes, apenas no âmbito privado. De tais direitos, aquele de seu unir formalmente a um/uma parceiro/parceira, adotar filhos e etc. E beijar seu/sua companheiro/companheira no recanto do lar, não nas ruas, praças, restaurantes, *shopping centers*.

E, mesmo assim, direitos dentre de um padrão já comum à heteronormatividade, com uma família composta por indivíduos monogâmicos, filhos, trabalho, cachorro, e por aí vai. O discurso político marcado por um discurso jurídico e que tolhe o amplo campo das possibilidades, trazendo para o interior da comunidade de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros um aspecto conservador, arcaico do qual ela, antes, esteve livre, questionando-o, inclusive.

A liberdade de expressão da variedade dos desejos humanos restringe-se, assim, para o privado ou para o gueto, este cada vez mais objeto do consumo – especialmente do

de luxo, uma vez que a “bicha” pobre ou o “sapatão” da periferia estão dele descartados, tornando a “comunidade” mais “bonita”, ou seja, mais dentro de padrões, agora de classe e imagem. Contra isso, poucas vozes, a exemplo da de Bruce LaBruce:

Acho que a venda do modo de vida gay para a América vai contra o impulso original do homossexualismo, que é meio subversivo. Nos anos [19]50 e [19]60, a cena gay underground era um lugar para as pessoas rejeitadas pelo mainstream. Agora, é um outro estilo de heterossexualismo.²²⁹

²²⁹ ARAUJO, Jackson. LaBruce defende ‘vida no armário’. *Folha de S. Paulo*, Acontece, 10 de novembro de 1997. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1997&banner=bannersarqfolha>, consultado em 31/05/2010.

Capítulo 4

Onde andar­á Melin­ha Marchiotti?



ou, homossexualidades, política e ambiguidade
no Brasil contemporâneo.

Acontece que a donzela/ (E isso era segredo dela)/ Também tinha seus caprichos/ E ao deitar com homem tão nobre,/ Tão cheirando a brilho e a cobre,/ Preferia amar com os bichos./ Ao ouvir tal heresia/ A cidade em romaria/ Foi beijar a sua mão:/ O prefeito de joelhos,/ O bispo de olhos vermelhos/ E o banqueiro com um milhão./ Vai com ele, vai Geni!/ Vai com ele, vai Geni!/ Você pode nos salvar!/ Você vai nos redimir!/ Você dá pra qualquer um!/ Bendita Geni!

Geni e o Zepelim, Chico Buarque

NOS TEMPOS DE MELINHA

O primeiro romance escrito por João Silvério Trevisan (escritor paulista cuja primeira obra publicada trata do conjunto de contos intitulado *Testamento de Jônatas deixado a David*²³⁰ e seu primeiro romance publicado, *Em nome do desejo*²³¹) foi intitulado *Vagas notícias de Melinha Marchiotti*²³². O enredo é construído no entorno da figura de Melinha Marchiotti, uma atriz desaparecida e buscada pelo narrador-protagonista. Dizer que tal enredo é construído “no entorno” não é indevido. São várias camadas narrativas, incluindo as aventuras amorosas e sexuais do narrador-protagonista, o diário de escritura do romance do escritor (J. S. Trevisan), as memórias de sua tia Helena, “a louca da família”, e outras mais.

A figura de Melinha Marchiotti, nunca encontrada, apenas entrevista, é, contudo, transgressora, como o próprio romance, recheado de descrições fáticas, narrativas de intercursos sexuais nas quais os fluídos e restos humanos – esperma, saliva excremento, sangue – assumem um lugar preponderante. Melinha – ou as lembranças ou visões dessa mulher – é um ser entre liberto e preso que, finalmente, consegue manter-se livre, tão livre a ponto de flunar, fluir em êxtase. O erotismo é o elemento definidor de todas as personagens do romance: Melinha, narrador-protagonista, o escritor. Essa obra foi escrita em fins dos anos 1970.

João Silvério Trevisan escreveu outros romances, contos, foi um dos editores do jornal *Lampião* (1978-1981), voltado para o público gay e lésbico e um dos co-fundadores do primeiro grupo de afirmação homossexual brasileiro, o Somos, de São Paulo.

²³⁰ TREVISAN, João Silvério. *Testamento de Jônatas deixado a David*. Op. cit.

²³¹ TREVISAN, João Silvério. *Em nome do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

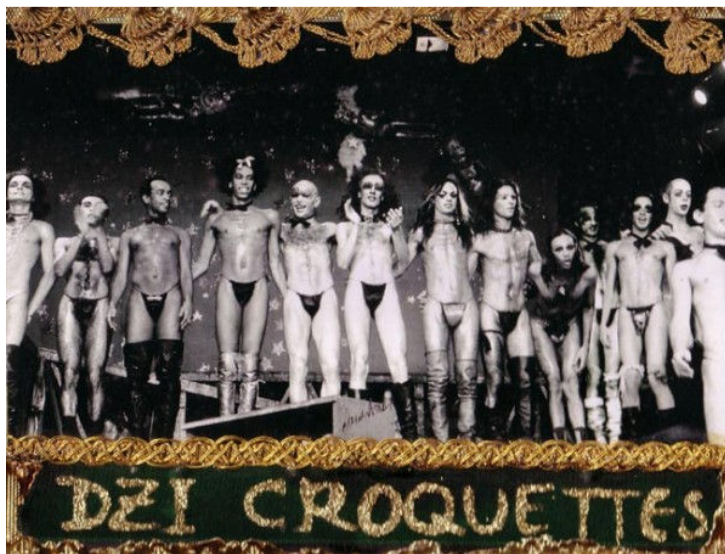
²³² TREVISAN, João Silvério. *Vagas notícias de Melinha Marchiotti*. São Paulo: Codecri, 1983.

O homoerotismo, nos anos 1970 e no início da década seguinte, assumia um caráter contestador do gênero, do patriarcado, do machismo, da família nuclear e monogâmica. Os ingressos nas sexualidades não-hegemônicas questionavam, com suas práticas e representações políticas e estéticas, o cânon heteronormativo.

Quais são as dificuldades, então, dentro desta perspectiva mais ampla que nos aproxima da luta de outras categorias sociais, na tentativa que se faz hoje de definir muito concretamente o que significa ser **mulher**, ser **homossexual** ou ser **homem** (para ficarmos só com as classificações mais em evidência) em nossa sociedade? Duas questões, uma sobre a “irrelevância” desta terminologia, outra sobre o papel da história, podem nos ajudar a responder a esta pergunta. Quantos de nós, interessados nessas definições, já não ouvimos por toda parte algum comentário sobre a irrelevância desta luta, que seria sempre secundária em relação à luta principal – isto é, a da transformação geral da sociedade? (Um pouco como era “irrelevante” a luta de classes interna ao Brasil pré [19]64, face à luta “mais ampla”, que deveria congrega todos, contra o capital estrangeiro? E que deu no que deu.) É tática comum em política apagar as diferenças internas para fazer frente a um inimigo principal. Só que o inimigo está dentro de casa, e dentro de cada um de nós. Se somos todos peixes apanhados nessa rede de definições pré-estabelecidas, nossa única chance de escapar dela é visualisá-la constantemente perguntando a que propósitos ela serve, qual é a malha específica em que nos encontramos (nesta rede maior) e lembrar que ela pode ser desfeita como foi tecida.²³³

Trinta anos depois, pergunto: onde estará Melinha Marchiotti?

Os anos 1960 foram marcados por um tensionamento social que atingiu um espaço geográfico deveras amplo, como os Estados Unidos da América, grande parte da Europa e regiões da América Latina. A pílula contraceptiva, criada



O grupo *Dzi Croquettes* que brincava com os gêneros nos anos 1970.

em 1951, passou a ser comercializada nos Estados Unidos da América em 1960. Esse foi um elemento decisivo na desvinculação do ato sexual da reprodução. A partir daquele momento, a sexualidade poderia ser exercida sem maiores problemas pelas mulheres que

²³³ MARIZA. Nossas gaiolas comuns. *Lampião*, Ano I, número 1, maio-junho de 1978, p. 2.

não ambicionavam ter filhos (ou mais filhos). O movimento feminista²³⁴ sofreu, então, uma importante guinada e passou, juntamente com outros tantos, a compor o amplo espectro social que questionava os valores morais postos até aquele momento, exigindo maior participação na vida laborativa e pública, bem como gozando do direito ao prazer, constituindo-se como um espaço de luta intelectual e político, haja vista a produção, especialmente no campo das ciências humanas e sociais, constituindo, sobretudo em nosso campo, uma História das Mulheres, posteriormente ampliada para uma História de Gênero.

Concomitantemente, uma organização da juventude estadunidense, encontrado também na Europa, desenhava-se criticando, de forma enfática, o consumismo capitalista e os valores essenciais da família, como a monogamia, a nuclearidade, o machismo e o patriarcalismo. Produzindo suas próprias vestimentas e adereços, construindo comunidades alternativas à família instituída, os *hippies* se destacaram balançando padrões nos anos 1960 e 1970.

O visual desse grupo colorido e andrógino, trazendo homens de longos cabelos, questionava as configurações de gênero. O masculino e o feminino eram experimentados, com maior fluidez do que havia sido até então. Deve-se ressaltar ainda, que se tratava de algo surgido das camadas médias urbanas, não daquelas populares – inclusive porque essas se mantêm mais conservadoras no que tange à ideia de família e sua função social, amplamente influenciadas por valores religiosos²³⁵. A utilização de drogas como uma maneira de ampliar a percepção de si e do mundo e o rock, estilo musical mais sensual e vibrante, vulgarizado no período, auxiliaram a compor uma determinada imagem desses indivíduos.

É nesse caldeirão borbulhante que gays e lésbicas seguiram, especialmente nos Estados Unidos da América. Como já afirmamos, em 29 de junho de 1969 gays, lésbicas e travestis enfrentaram a polícia novaiorquina no bar Stonewall Inn. Foram três dias de combates nos arredores do bar. Esse evento é tido como o inaugurador do moderno movimento de afirmação de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transgêneros. Aliado à chamada *New Left* estadunidense, formatava-se um novo campo de luta social de uma minoria sexual que ambicionava lutar contra o preconceitos sofrido e liberdade para

²³⁴ Sobre o movimento feminista ver: FARIA, Nalu & NOBRE, Miriam. *Gênero e desigualdade*. São Paulo: Sempreviva, 1997; PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003; SAFFIOTi, Heleieth & MUÑOZ-VARGAS, Monica (orgs.). *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: UNICEF, 1994; TELES, Maria Amélia da Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

²³⁵ WERTHEIN, Jorge & ABRAMOVAY, Miriam. O desrespeito à diferença. Op. cit.

exercer sem constrangimentos ou violência seu erotismo e sua forma de vida, compreendendo, ainda uma “subcultura gay”²³⁶.

O evento marca o que também podemos chamar de início dos movimentos de afirmação homossexual contemporâneos, pois que outras atividades podem ser consideradas sua “primeira onda” ainda no século XIX. John Lauritsen e David Thorstad afirmam:

Las manifestaciones de junio de 1969 en Stonewall, Nueva York, acostumbran a ser consideradas como el inicio del movimiento de liberación gay. Esta opinión adolece, sin embargo, de falta de información. En realidad las manifestaciones de Stonewall no representan los inicios del movimiento de liberación gay, sino el principio de una *nueva ola* en el movimiento en favor de los derechos de los homosexuales. El año 1969 es un renacimiento, un aniversario – y muy bien podríamos llamarlo el centenario del movimiento de liberación gay.²³⁷

Os autores continuam apontando a relação possível entre a organização política de afirmação homossexual e a feminista, em uma perspectiva ausente, em geral, da bibliografia sobre o tema, qual seja, a de que o movimento de afirmação homossexual, assim como o feminista, teria ocorrido em “ondas”, sendo aquela iniciada nos Estados Unidos da América em 1969, sua segunda onda. Tratam, a partir desse ponto, de destacar as ações iniciadas nos anos 1860, considerando-os referentes à “primeira onda” de afirmação homossexual, ou, como preferem chamar, primeiros movimentos em favor dos direitos homossexuais. Apontam a Alemanha, não os Estados Unidos, como berço de tais ações. Ali, em 1869, o médico húngaro Benkert, utilizando-se do pseudônimo K. M. Kertbeny, escreveu uma extensa carta aberta ao ministro da justiça indicando que, feita uma análise histórica que denota a presença constante de homossexuais nas sociedades humanas e não trazendo eles prejuízo algum para elas, na havia razão para o Estado “meter las narices en los dormitorios de los ciudadanos”²³⁸.

As assertivas de Benkert corroboravam com a ideia difundida naquele país até os primeiros anos do século XX de que a homossexualidade, termo por ele cunhado, era algo de origem genética e que, por isso, não havia porque culpabilizar os homossexuais, bem como, tal condição não interferiria em sua conduta social, podendo ser a eles reservado espaço na sociedade dos “normais” – ainda assim, é esse o termo utilizado por Benkert

²³⁶ ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Op. cit., p. 67.

²³⁷ LAURITSEN, John & THORSTAD, David. *Los primeros movimientos en favor de los derechos homosexuales (1864-1935)*. Barcelona: Tusquets Ed., 1974, p. 17.

²³⁸ Idem, ibidem, p. 19.

para referir-se aos heterossexuais. E questiona os códigos legais que ambicionavam punir os homossexuais clamando por nomes canônicos:

¿Podía considerarse la prisión – proseguía Benkert – tratamiento apropiado para soberanos como Carlos IX, Enrique II, Jaime I, el papa Julio II, Napoleón I, Luis XVIII, o Federico el Grande? ¿O para hombres de letras y ciencias como Maquiavelo, Miguel Angel, Rizzi (“Il Sodoma”), Shakespeare, Mazzarino, Molière, Newton, Winckelmann, Cambacérès, Byron, August Graf von Platen y Eugenio Sue?²³⁹

Da carta de Benkert até o fim da “primeira onda” na primeira metade da década de 1930, os debates giraram em torno de duas questões: os homossexuais eram figuras “naturais”, ou seja, nasciam assim e desenvolviam-se normalmente, não oferecendo perigo ou “desviando” outras pessoas e, justamente por isso, era necessário descriminalizar a prática erótica entre indivíduos do mesmo sexo, derrubando a legislação em contrário.

Em el número correspondiente a octubre de 1910, por ejemplo, el Comité señalaba: “Actualmente, la cuestión más importante y urgente para el movimiento de liberación homosexual es, a nuestro juicio, la opinión pública y especialmente la opinión de los especialistas sobre el párrafo 250 (antes párrafo 175) del nuevo proyecto de código penal. Por lo tanto, al igual que en tiempos anteriores, continuaremos orientando a nuestros lectores sobre todas las publicaciones que adoptan un punto de vista tnato en favor como en contra el dicho párrafo. De todos mosdos la cantidad de material que se publica sobre dicho articulado es tan ingente que sólo podemos reproducir algunos de sus ejemplos más típicos”.²⁴⁰

A HOMOSSEXUALIDADE COMO OBJETO DA MEDICINA

Os dois principais focos desta discussão, à época, foram o “Comitê Científico e Humanitário”, fundado em 1897, a “Associação de Amizade Alemã e a “Comunidade dos Especiais”, os dois fundados em 1920. A atuação desses grupos baseava-se na produção de material de divulgação e em trazer para seu interior, mesmo como simpatizantes, figuras eminentes do período. Da “primeira onda” do movimento de afirmação homossexual destacam-se as figuras pioneiras de Benket e Karl Heinrich Ulrichs, responsáveis pelos primeiros escritos sobre o tema, seguidos por Magnus Hirschfeld, grande promotor e educador no campo da sexologia e da homossexualidade; Richard Burton, que produziu

²³⁹ Idem, ibidem, p. 22.

²⁴⁰ Idem, ibidem, p. 30.

extensa bibliografia sobre o tema no campo literário. Poderíamos citar, ainda, o escritor Walt Whitman, figura inspiradora para muitos de seu tempo e daqueles que viriam. Seu ímpeto libertário foi expresso em versos como os que cito:

Quando em teu colo deitei a cabeça, meu camarada,/ a confissão que fiz eu reafirmo,/ o que eu te disse a céu aberto/ eu reafirmo: sei bem que sou inquieto/ e deixo os outros também assim,/ eu sei que minhas palavras são armas/ carregadas de perigo e de morte,/ pois eu enfrento a paz e a segurança/ e as leis mais enraizadas/ para as desenraizar,/ e por me haverem todos rejeitado/ mais resoluto sou/ do que jamais poderia chegar a ser/ se todos me aceitassem,/ eu não respeito e nunca respeitei/ experiência, conveniência,/ nem maiorias, nem o ridículo,/ e a ameaça do que chamam de inferno/ para mim nada é, ou muito pouco,/ meu camarada querido: eu confesso/ que o incitei a ir em frente comigo/ e que ainda o incito sem a mínima ideia/ de qual venha a ser nosso destino/ ou se vamos sair vitoriosos/ ou totalmente sufocados e vencidos.²⁴¹

Lauritsen e Thorstad percebem que o movimento de afirmação homossexual, presente a partir dos anos 1960, em sua escala internacional, não tinha, de fato precedentes. Porém, afirmam a necessidade de que os olhos se voltem para o passado, para as experiências sufocadas no início do século XX, com vistas a que se aproveite, da melhor maneira, o legado daqueles homens estabelecidos na Alemanha, sufocados nos anos 1930:

Los primeros movimientos en favor de los derechos de los homosexuales se vieron bruscamente interrumpidos en los años treinta, tras setenta años de existencia, sin que en realidad hubiesen conseguido ningún logro duradero. Los pequeños grupos aislados que fueron cobrando existencia aquí y allá durante los veinte años siguientes ni siquiera puede decirse que llevase a cabo acciones, puesto que poco era lo que podía hacerse. Las persecuciones del estalinismo y del fascismo y la mortandad causada por la Segunda Guerra Mundial, acabaron prácticamente con los restos de aquella primera oleada de liberacionistas gay.²⁴²

Praticamente toda a produção do Comitê Científico e Humanitário foi destruída na primeira metade dos anos 1930, conforme ordens do governante alemão Adolf Hitler. Durante a Segunda Guerra Mundial, milhares foram os mortos por esse regime²⁴³ e

²⁴¹ WHITMAN, Walt. *Folhas das folhas de relva*. 1 ed. 9 reimp. São Paulo: Brasiliense, 2002, p. 107

²⁴² LAURITSEN, John & THORSTAD, David. *Los primeros movimientos en favor de los derechos homosexuales (1864-1935)*. Op. cit., p. 135.

²⁴³ Sobre a perseguição aos homossexuais pelo regime nazista um importante filme foi produzido, *Parágrafo 175 (Paragraph 175)*, Dir. Rob Epstein & Jeffrey Friedman, Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha, 2000, p&b, cor. 81 min. Documentário), organizado a partir de depoimentos de sobreviventes dos campos de concentração.

também na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.²⁴⁴ Ao que tudo indica, foram exterminados a partir do caráter heteronormativo hegemônico presente na sociedade ocidental que, ocasionalmente, oferece tratamento deveras violento para aqueles cuja sexualidade é considerada desviante. Sobre o poder estruturante da heteronormatividade, escreveu Beverley Skeggs:

What we experience as sexuality, Foucault (1979) argues, is both the product and process of its representation, if experience is understood as the correlation between fields of knowledge, types of normativity, and forms of subjectivity. We are born into heterosexuality as institution and dominant norm, just as we are into systems of gender, class and race. Structural positioning and access to discourses and meanings is already circumscribed by social location. Heterosexuality is where subject positions such as mother, wife, girlfriend, are defined and institutionalized through a process of iterability, a regularized and constrained repetition of norms, a ritualized production, into which we are implicated on a daily basis (Butler, 1993). Heterosexuality is continually given legitimacy through its repetition and through the silencing and delegitimation of any alternatives. We are always implicated in the organizing system of heterosexuality, even if we define ourselves against it. Heterosexuality is the acceptable, dominant and for some often the only known way of speaking sexuality.²⁴⁵

A heterossexualidade compulsória e normativa, excludente e silenciadora do que lhe é desviante, foi responsável por impedir de dizer, por calar, por violentar ou eliminar fisicamente. No Brasil, distante das primeiras tentativas de sistematização do tema do “amor entre iguais” proposto por Benkert, pelo Comitê Científico e Humanitário e os grupos vizinhos, os debates foram encaminhados em fins do século XIX e primeira metade do século XX, por médicos e juristas que tinham uma visão bastante distinta das práticas sexuais entre indivíduos do mesmo sexo e outras configurações subjetivas para além do “masculino” e do “feminino”.

²⁴⁴ Em 1985 Amylton de Almeida fez um balanço do tipo de tratamento oferecido aos homossexuais em escala mundial, dividindo o globo à maneira da época, ou seja, capitalistas de um lado e, de outro, socialistas. Cf. ALMEIDA, Amylton de. *My funny valentine e A noite das longas facas, segunda parte*. Op. cit.

²⁴⁵ “O que nós experimentamos como sexualidade, Foucault (1979) argumenta, é o produto e o processo de sua representação, se a experiência é entendida como a correlação entre os campos do conhecimento, tipos de normatividade e formas de subjetividade. Nascemos em heterossexualidade como instituição e norma dominada, como estamos em sistemas de gênero, classe e raça. O posicionamento estrutural e de acesso aos discursos e significados já está por circunscrever pela localização social. A heterossexualidade é o lugar onde posições de sujeito, como mãe, esposa, namorada, são definidos e institucionalizados através de um processo de iteratividade, uma repetição regularizada e restrita de normas, uma produção ritualizada, em que estamos envolvidos em uma base diária (Butler, 1993). A heterossexualidade é continuamente legitimada por sua repetição e por meio do silenciamento e pelo deslegitimar de quaisquer outras alternativas. Estamos sempre envolvidos no sistema de organização da heterossexualidade, mesmo se nós nos definimos contra ele. A heterossexualidade é o aceitável, dominante e, para alguns, muitas vezes, a única maneira conhecida de falar da sexualidade.” SKEGGS, Beverley. *Formations of class & gender*. Londres. Sage, 1997, p. 119-120.

Como já apontado anteriormente, Viveiros de Castro, professor de Direito Criminal da Faculdade Livre de Direito, no Rio de Janeiro, em fins do século XIX, seria o principal responsável por vulgarizar, no campo médico-legal, a ideia de que a homossexualidade era um desvio de caráter, uma deformação que precisava de tratamento. Justamente por isso, os pederastas não deveriam seguir para a cadeia – o que era comum –, mas para os manicômios, sem que houvesse data precisa para sua soltura. O mais drástico caso brasileiro foi o de Febrônio Índio do Brasil, mantido em um manicômio judiciário por mais de meio século²⁴⁶. O autor ressalta, de maneira interessante, a produção de Ulrichs no que se tornaria a Alemanha a partir de 1871, “Alto funcionario publico, magistrado distincto, muito competente em questões de estatistica, elle gozava da consideração social e não offerecia nenhuma apparencia de desordem intellectual. Era, entretanto, um pederasta passivo.”²⁴⁷.

Deixando de lado os escritos de Ulrichs, toma para si uma nova interpretação: “A memoria de Westsphal em 1870 irradiou nova luz, porque pela primeira vez a inversão sexual foi apresentada como um symptoma de um estado nevropathico ou psychopatico anormal.”²⁴⁸ Ressalta-se a produção seguinte, de Richard von Krafft-Ebing, que, com seu *Psychopathia sexualis*²⁴⁹, seria o responsável pela classificação dos invertidos ou pederastas, que, apropriada



Febrônio Índio do Brasil, década de 1930.

juntamente com as oferecidas por outros autores contemporâneos, foram assim traduzidas por Castro: aqueles marcados pela impulsividade – o que os levaria a buscar o prazer de qualquer maneira –, o infantilismo – presente em grande parte dos pederastas púberes –, e o vício – os viciosos seriam os invertidos da pior espécie, uma vez que, mesmo conhecendo

²⁴⁶ Sobre o caso de Febrônio Índio do Brasil, ver: FRY, Peter. Febrônio Índio do Brasil: onde cruzam a Psiquiatria, a profecia, a homossexualidade e a lei. In: EULÁLIO, Alexandre. *Caminhos cruzados: Linguagem, Antropologia e Ciências Naturais*. São Paulo: Brasiliense, 1982, p. 65-80.

²⁴⁷ CASTRO, Viveiros de. *Attentados ao pudor*. Op. cit., p. 259.

²⁴⁸ Idem.

²⁴⁹ KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia sexualis: as histórias de caso*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

o prazer com mulheres, levavam-se às raias da sanidade para se satisfazerem²⁵⁰. Certamente, compunham a classe mais perigosa de perversos, porque levados aos crimes, notadamente o assassinato (do amante, pela recusa, ou daqueles que ambicionavam tomar-lhes o amante)²⁵¹.

Todos os invertidos deveriam receber tratamento médico. Um importante difusor de ideias semelhantes e também publicado no Brasil, na primeira metade do século passado, foi Gregorio Marañón, que se preocupava com o tratamento oferecido aos doentes até então:

Durante casi toda la historia de la Humanidad, la homosexualidad ha sido considerada, torpemente, como un crimen, y penada con los castigos más atroces. Nada menos que el fuego de Dios fué la sanción impuesta a Sodoma y Gomorra, y el texto bíblico está lleno de este espíritu. Y hasta bien entrada la Edad Moderna se seguía quemando vivos en todos los países a los reos de este llamado “pecado nefando” en la terminología española.²⁵²

Marañón segue explicitando as bases de classificação possível dos homossexuais, não distante do realizado por Krafft-Ebing ou Viveiros de Castro, mas, assim como este deixa bastante claro que tais indivíduos, mesmo dignos de escândalo, não são imputáveis, razão pela qual deveriam receber tratamento médico adequado, o que os levava para uma outra prisão: o manicômio.

Aún antes de los datos que hoy poseemos sobre la bisexualidad como realidad experimental, bastó que el hombre mirase el problema del amor entre gentes del mismo sexo a través de un pensamiento científico, para que distinguiese con toda claridad que el hombre que busca a otro o la mujer a otra mujer, son seres tan fieles a su instinto como aquellos que buscan a los del sexo contrario. La diferencia estriba en que, en el primer caso, el instinto está torcido. El invertido es, pues, tan responsable de su anormalidad como pudiera serlo el diabético de su glucosaria.²⁵³

Outros escritos da mesma cepa podem ser ainda citados, como os estudos de Augusto Forel²⁵⁴, seguidor de Krafft-Ebing, aqueles do psiquiatra francês Charles Fouqué²⁵⁵, uma pequena monografia publicada no Brasil em meados do século XX e

²⁵⁰ CASTRO, Viveiros de. *Attentados ao pudor*. Op. cit., p. 269-274.

²⁵¹ Idem, *ibidem*, p. 276ss.

²⁵² MARAÑÓN, Gregorio. *La evolucion de la sexualidad y los estados intersexuales*. Santiago: Cultura: 1936, p. 130.

²⁵³ Idem, *ibidem*, p. 131-132.

²⁵⁴ FOREL, Augusto. *A questão sexual*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928, p. 239ss.

²⁵⁵ FOUQUÉ, Charles. *Homossexualismo (o amor que não ousa dizer seu nome...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1953.

citada com certa frequência, os de Leonídio Ribeiro²⁵⁶, responsável pelo exame de Febrônio Índio do Brasil, aqueles de Hernani do Irajá²⁵⁷ e Luiz Ângelo Dourado²⁵⁸, ambos apresentando extensos estudos de caso sobre homossexuais criminosos ou levados aos manicômios judiciais por suas práticas eróticas ou pela prostituição. As teorias endocrinológicas de Marañón estão presentes norteadas esses autores. Carlos Alberto Messeder Pereira aponta que

a discussão médico-científica em torno desta questão [a homossexualidade] trazia em seu bojo uma discussão mais ampla em torno das categorias masculino/feminino – isto é, em torno da questão do gênero. (...) um aspecto central de todo o debate em torno da “inversão sexual” (ou mesmo da “missexualidade” – outra categoria da época), ao longo dos anos 30, é aquele da “mistura” – vista como negativa sob diferentes aspectos – de características “masculinas” e “femininas” e, conseqüentemente, da necessidade de “ordenar” pedagogicamente este campo do comportamento.²⁵⁹

Em meados dos anos 1960, foi publicada nos Estados Unidos da América, a obra *Sexual inversion – the multiple roots of homosexuality*, organizado por Judd Marmor, traduzido no Brasil em 1973²⁶⁰. A obra traz alguma inovação para a interpretação da homossexualidade, como vemos:

Vale a pena fazer uma interrupção neste ponto para falar sobre a identidade de “gênero” porque se trata de um conceito-chave na personificação sexual. O termo “gênero” conota aspectos psicológicos de comportamento relacionados com a masculinidade e a feminilidade. Não tem o mesmo significado de “sexo”. O sexo de uma pessoa é o resultado de um certo número de fatores: cromossomos, órgãos genitais externos, internos, condição hormonal, características sexuais secundárias produzidas pelos estrógenos e pela testosterona, e também nas gônadas. São atributos biológicos de ambos os sexos em todos, mas a soma desses atributos na maioria das pessoas inclina-se decididamente para um ou outro dos pólos da série das combinações existentes entre o macho e a fêmea. O “sexo” é biológico; o “gênero”, social. (...) O “gênero” tem conotações de um comportamento aprendido de um imenso fundo comum de sugestões presentes em todas as culturas e de um sistema

²⁵⁶ RIBEIRO, Leonídio. *Homossexualismo e endocrinologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938. Ver, especialmente, “Pederastia no Brasil”, p. 85-144.

²⁵⁷ IRAJÁ, Hernani do. *Psicoses do amor: estudos sobre as alterações dos instintos sexuais*. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1930.

²⁵⁸ DOURADO, Luiz Ângelo. *Homossexualismo (masculino e feminino) e delinquência*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. Ver, em especial, a “Primeira Parte”, dedicada ao campo teórico sobre o homossexualismo, p. 17-93.

²⁵⁹ PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O direito de curar: homossexualidade e medicina legal no Brasil dos anos 30*. In: ____ & HERSCHMANN, Micael M. (orgs.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 88.

²⁶⁰ MARMOR, Judd. *A inversão sexual – as múltiplas raízes da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1973, do original *Sexual inversion – the multiple roots of homosexuality*. New York: Basic Books, 1965.

compacto, intrincado, embora habitualmente sutil, de recompensas e punições, nos quais toda pessoa vive, a partir do nascimento.²⁶¹

Apesar de inovar, apresentando o gênero como algo independente – mesmo que congruente na maioria das vezes – do sexo, a homossexualidade continua sendo uma inversão do desejo “normal”, sendo passível de tratamento²⁶².

O MOVIMENTO GAY EM MOVIMENTO: A IMPRENSA GAY

Quando, em fins dos anos 1960, nos Estados Unidos da América, tem início um movimento – ou segunda onda – de afirmação da homossexualidade que rompe a ideia de doença e, em especial, quando no Brasil se toma conhecimento de tal fato, trata-se de um alento e motivo de luta para inúmeros indivíduos que, apreciando eroticamente o mesmo sexo e/ou desviando-se dos gêneros binários oferecidos como norma, ambicionavam romper com o lugar a eles destinado nesta sociedade.

Cumprе ressaltar que tais debates encontravam-se no campo bastante largo dos direitos humanos e das liberdades individual, coletiva e de expressão no território estadunidense. Não obstante, buscava-se, à época, a garantia dos direitos dos negros nos Estados Unidos da América, na ampliação das questões propostas pelas esquerdas mundialmente, pelo fim dos regimes autoritários espalhados pela Ásia, África e América Latina. Justamente por isso, grupos relativamente dispares, aglutinavam-se, às vezes, em torno de uma única bandeira (como o declínio do *american way of life*) ou apoiando as várias outras bandeiras disponíveis (mulheres apoiando gays, negros e latino-americanos, ou vice-versa).

A cidade de São Francisco, na Califórnia, tornou-se, nos anos 1970, o principal território de liberação homossexual dos Estados Unidos da América. Podemos compreender a cidade de Berkeley como integrante do processo de liberação dos costumes, haja vista a força do nascimento da *New Left* estadunidense nas plagas universitárias da cidade. Entretanto, seria em San Francisco que os homossexuais se articulariam de maneira mais audaciosa, ambicionando representação política no próprio município, o que levou Harvey Milk, homossexual assumido, a engajar-se em campanhas para representar o distrito no qual o bairro gay de Castro estava inserido. Em sua terceira campanha, foi

²⁶¹ Idem, ibidem, p. 165-166.

²⁶² Ver, em especial, a “Parte III”, p. 149-280, notadamente o capítulo 17, p. 243-280.

eleito. Seria o primeiro homossexual assumido a ser eleito para um cargo representativo nos Estados Unidos da América. Não concluiu seu mandato, seria assassinado por um colega²⁶³:

O vereador Dan White, de San Francisco, renunciou à sua cadeira na Câmara, em protesto contra os baixos salários. Algumas semanas depois resolveu voltar atrás e retomar seu cargo. Mas tanto a Justiça quanto os eleitores se opuseram a isso, desaprovando o gesto irresponsável do ex-vereador. Irritado com a confirmação de que já haveria um substituto para sua cadeira, Dan White dirigiu-se ao prédio da Prefeitura e matou primeiro o prefeito, George Moscone e em seguida o colega vereador, Harvey Milk, com vários tiros de revólver. Esse duplo assassinato na Califórnia parece não ter os motivos retumbantes que agradariam à grande imprensa. Chegou-se, por ex., a ligar esse crime com os Anjos da Morte (da seita Templo do Povo) que teriam justiciado o Prefeito como vingança. As razões do crime parecem muito mais corriqueiras (ou sutis) do que se imagina. O prefeito Moscone, ultraliberal, entre outras coisas escandalosas deixava-se fotografar na passeata anual dos homossexuais, sendo um político sensível à situação dos grupos discriminados. O vereador Milk, por sua vez, tinha sido eleito pela comunidade guei da cidade, como seu representante: era confessadamente homossexual e proclamava com orgulho que se tornara o primeiro político americano a sustentar publicamente suas preferências sexuais não-convencionais.²⁶⁴

Anos depois, o cenário de Castro parece ter se modificado sensivelmente, levado a um rumo ainda não de todo conhecido nas terras brasileiras. Sobre tal fenômeno, escreve Bernard-Henri Lévy:

Mas, divertindo-se com esses atrevimentos, só há velhos gays bem penteados, com shorts bem passado, calças pesca-siri, meias curtas de seda, pernas brancas à mostra, camisa com a frase “Vote Kerry” ou “A pobreza também é uma arma de destruição em massa” – de fato, parecem fantasiados, quase mais fantasiados do que as drag queens que eles foram aplaudir; riso bem comportado, postura convencional de gentis e alegres burgueses, e só a barra da calça pesca-siri é que, nos momentos de grande emoção, roça a meia soquete. Média de idade: sessenta anos. Medo da AIDS, medo do sexo, se escaparam das loucuras da juventude, na foi para hoje sucumbirem à vertigem de um *remake*. (...) São Francisco e seus fantasmas. São Francisco e sua revolução glacial. Era uma vez São Francisco, a cidade de todos os excessos e das orgias mais insensatas. (...) Essa cidade é agora um conservatório da audácia, um museu das liberações que deram certo, um túmulo para 300 mil militantes, sobreviventes do apocalipse alegre dos *sixties*...²⁶⁵

²⁶³ A ascensão de Harvey Milk e sua atuação foram levados à grande tela pelo diretor Gus Van Sant em 2008 (Milk – a voz da Igualdade (*Milk*), Dir.: Gus Van Sant, 2008, Estados Unidos, Universal, Cor., 126 min.). O ator Sean Penn ganhou o *Oscar* de melhor ator por sua atuação como Harvey Milk.

²⁶⁴ TREVISAN, João Silvério. Morte em San Francisco. *Lampião*, número 8, janeiro de 1979, p. 2.

²⁶⁵ LÉVY, Bernard-Henri. *American vertigo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 115.

Apesar do conservadorismo que subjaz à descrição de Lévy – mesmo que o autor afirme, linhas antes das acima citadas, que Castro é um dos únicos bairros dos Estados Unidos da América no qual pessoas do mesmo sexo podem andar por suas ruas de mãos dadas ou beijarem-se na boca sem que isso seja motivo de escândalo ou ódio, ou seja, onde gays podem sê-lo sem constrangimento²⁶⁶ –, é preciso ressaltar: trata-se do olhar do observador do início dos anos 2000 sobre esta cidade e este bairro. Ali, ele observa o declínio de um modo assumido pelos movimentos sociais iniciado nos anos 1970, sobressaltado pela AIDS na década seguinte e que declinaria (o modo) a partir dos anos 1990. A inspiração para os homossexuais brasileiros nos anos 1970 seria um misto das proposições na *new left* e do arremedo de liberação do Castro, possível apenas parcialmente no Brasil dos anos 1970.

Um dos fundadores do movimento de afirmação homossexual brasileiro, o escritor João Silvério Trevisan, afirma que teve contato com o movimento gay dos Estados Unidos da América quando resolveu, em 1973, deixar o Brasil em auto-exílio. Ele passou pelos países sul-americanos a partir do Uruguai, subindo até a ilha de San José e, de lá, rumando para Berkeley, considerada, à época, o berço da contracultura²⁶⁷. Ali, encontrou espaço na Nova Esquerda que buscava refletir sobre a cultura ocidental, distinguindo-se de uma “velha esquerda” marcadamente trabalhista²⁶⁸. Foram as experiências deste ativismo social gay norte-americano que Trevisan trouxe no seu retorno para o Brasil, em 1976, quando tentou montar um grupo de discussões das questões dos homossexuais. Afirma, porém, que nas terras tropicais encontra-se certa dificuldade para que o movimento de liberação homossexual se efetive, encontrando resposta para isso em uma “*modernidade* [que] reduz-se facilmente a *última moda*”²⁶⁹. E continua:

Se a profusão de personagens homossexuais em rádios, televisões e filmes brasileiros tem excitado essa elite modernizada, que se sente orgulhosa de já poder aceitar viados e sapatonas ao seu redor, não exageremos: “Tudo bem, desde que não na minha família!”... Modernizar-se sim; mas calma lá! Assim,

²⁶⁶ Idem, *ibidem*, p. 113.

²⁶⁷ Sobre a contracultura, ver: ACOT, Pascal. *História da ecologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1990; ALMEIDA, Jozimar Paes de. *Extinção do arco-íris*. Ecologia e História. Campinas: Papirus, 1988; GABEIRA, Fernando. *Vida Alternativa. Um Revolução do Dia a Dia*. Porto Alegre: L&PM, 1985; HOLLANA, Heloisa B. GONÇALVES, Marcos A.. *Cultura e participação nos anos 60*. 9º ed. São Paulo: Brasiliense, 1994; KALTAI, Caterina. *Por que pacifismo*. São Paulo: Moderna, 1986; MACIEL, Luiz Carlos. *Anos 60*. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 1987; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é Contracultura*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

²⁶⁸ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Op. cit., p. 337.

²⁶⁹ Idem, *ibidem*, p. 335. Ver também: MacRAE, Edward. *A construção da igualdade – identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p. 96.

sob a ótica dessa “modernidade de algibeira”, a luta pelos direitos homossexuais tem sido vista, no fundo, como mais uma passageira “moda de verão”, quer dizer, um modismo descartável, um artigo de luxo. Parece-me muito instrutivo examinar como se instaurou e se desenvolveu no Brasil esse processo de implantação de uma luta organizada pelos direitos homossexuais – em meio a todos esses meios-tons de falso progressismo político e cultural.²⁷⁰

Ainda assim, aponta para sua própria ambiguidade, uma vez que, é saindo do Brasil em auto-exílio que tem contato com as ideias sobre a liberação homossexual – estrangeiras – e, em seu retorno, ambiciona discutir o tema aqui, assim como outros que, a partir de 1979, iniciaram seu retorno gradativo, após serem obrigados a deixar o país em razão da ditadura militar instalada a partir do golpe de 1964. Em 1976, em São Paulo, Trevisan tentou agrupar alguns jovens universitários homossexuais para discutirem o tema em reuniões semanais. Para além da pequena participação – sempre em torno de uma dúzia de pessoas –, o campo reivindicatório era ainda bastante escasso e questões ideológicas próprias de um período em que a esquerda ortodoxa se fazia deveras presente emperravam as discussões:

Mas os participantes, muito reticentes ante a experiência, estavam paralisados por sentimentos de culpa relacionados com suas convicções ideológicas – mesmo quando tivessem sofrido humilhações por parte de seus companheiros de partido, pelo fato de serem homossexuais. A grande pergunta que se faziam ia ser comum, daí por diante, nos grupos homossexuais da primeira fase do Movimento Homossexual: seria politicamente válido que nos reuníssemos para discutir sexualidade, coisa considerada secundária no grave contexto político brasileiro? Sem uma resposta clara, qualquer movimento ficava empacado nessa questão. Como se não bastasse, 70% do grupo admitiam francamente se achar anormal por causa de sua homossexualidade. Nessas condições, não é de estranhar que o projeto tenha ruído após algumas penosas reuniões.²⁷¹

No fim de 1977, homossexuais ligados às artes e ao jornalismo reuniram-se no apartamento do pintor Darcy Penteado, com vistas à organização de uma antologia de literatura gay latino-americana por parte de Winston Leyland, fundador da Gay Sunshine Press, de São Francisco (EUA)²⁷². A presença de Leyland foi um elemento catalisador para a criação de um jornal voltado para o público homossexual no Brasil. Assim, em 1978 um grupo de homossexuais fundou o periódico que, em abril de 1978 circulou em sua edição

²⁷⁰ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso* – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Op. cit., p. 336.

²⁷¹ Idem, ibidem, p. 337.

²⁷² Idem, ibidem, p. 338. Ver também FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?* Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Op. cit., p. 91ss.

número zero. O jornal *Lampião*²⁷³ contava em seu conselho com Aguinaldo Silva (editor), Antônio Crysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteado, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry, além de colaboradores.

Cumprе ressaltar que não foi a primeira experiência de uma publicação voltada para o público homossexual no Brasil; porém, o *Lampião* se configura como uma proposta distinta das anteriores. Entre 1963 e 1969 circulou, em especial na orla carioca, o jornal doméstico *Snob*, idealizado e produzido por Agildo Guimarães, recifense radicado no Rio de Janeiro desde o ano de 1952.²⁷⁴

O *Snob* era voltado para os contatos sociais entre os homossexuais que viviam nas regiões de Copacabana e Ipanema, no Rio de Janeiro. Esses indivíduos, a partir de suas afinidades, formavam turmas, como diziam no período, que utilizavam o jornal noticiando concursos de misses, fofocas, correios elegantes e outras notícias deste pequeno “mundo” gay carioca dos anos 1960. Nesse período, a sociabilidade gay dava-se, sobretudo nos apartamentos e casas desses homossexuais e nos espaços públicos disponíveis, como a praia, a Cinelândia, a Lapa. As várias “turmas” se agrupavam criando redes de solidariedade entre si. Rogério da Silva Martins da Costa contabiliza nove delas na citada região, nos primeiros anos de existência do *Snob*: Turmas do Catete, de Copacabana, da Zona Norte, do Leme, OK, da Glória, da Mafalda, de Botafogo e Grupo Snob.²⁷⁵

Importante ressaltar que o levantamento feito por Costa identificava que cerca de noventa por cento daqueles ligados às turmas e que, em razão disso, apareciam de alguma maneira no *Snob* não eram cariocas. Certamente as assertivas de Didier Eribon sobre a “fuga” dos homossexuais para os grandes centros urbanos em busca de espaço para construírem suas vidas de maneira mais liberta – dos entraves oferecidos por suas famílias e pelas pequenas comunidades – nos auxiliam a compreender este fenômeno.²⁷⁶

²⁷³ O jornal *Lampião da Esquina*, chamado, a partir do primeiro número regular (maio de 1978) apenas *Lampião*, integrava o amplo espectro da imprensa alternativa ou “nanica” do Brasil da Ditadura Militar. Sobre esse tipo de publicações, ver: AGUIAR, Flávio. Imprensa alternativa: *Opinião, Movimento e Em Tempo*. In: MARTINS, Ana Luiza & De LUCA, Tânia Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 233-247.

²⁷⁴ Cf. GREEN, James Naylor. *Além do carnaval – a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. Op. cit., p. 253-272;

²⁷⁵ COSTA, Rogério da Silva Martins da Costa. *Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob*. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais), Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010, p. 32.

²⁷⁶ Ver: ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Op. cit., especialmente o capítulo intitulado “A fuga para a cidade”, p. 30-36.

O *Snob* foi acusado – já à época e posteriormente – de praticar o simples “colonismo social”, sem que temas relevantes ou “políticos” fossem apresentados em suas páginas. A mesma crítica era oferecida à “grande imprensa”: “Primeira pessoa a tentar impor um novo conceito à chamada “imprensa homossexual” – até aqui limitada a um *pastiche* do colonismo social exercido na grande imprensa (grande apenas no sentido de economicamente poderosa)...²⁷⁷. Ela está presente no número zero do *Lampião*:

O lançamento do *Entender* [publicação caseira de caráter mais abertamente político criada por Frederico Jorge Dantas] provocou um sério colapso na estrutura daqueles “cadernos” onde a pauta central é o “colonismo social”, ao mesmo tempo que gerou um estado de esperança nos que cogitam a realidade de uma homossexualidade despida do fetichismo sexual que ainda é a razão da nossa existência para os menos esclarecidos.²⁷⁸

Tal interpretação pode excluir elementos da sociabilidade homossexual do período anterior aos anos 1970. É possível que o tom ameno adotado pelo *Snob* tenha irritado aqueles que já se haviam cansado do expediente de pequenos recados, notícias de sala e cozinha, presentes no caseiro jornal. Um trecho do *Snob*:

1969 parece ser o ano das novidades, pelo menos para nós do SNOB, muita coisa nova acontecerá no decorrer deste ano. Iniciamos com um jornal mais adulto (diário oficial de contos), onde crônicas, poesias, artigos de real interesse, contos e colonismo social sadio, sem fofuquinhas, aliás abandonadas há muito por nossos cronistas, e [suprimidos os] desenhos de figuras femininas indicando rapazes que chegam a dar um ar de gozação, mostrarão nossos propósitos de atingirmos uma realidade do que realmente somos.²⁷⁹

Se *O Snob* teve importância nos anos 1960, o foi como divulgador das atividades de grupos de homossexuais – sobretudo migrantes – estabelecidos no Rio de Janeiro. Sua leitura nos oferece vestígios das redes de solidariedade construídas por esses indivíduos e determinadas características da experiência homossexual do período. Leila Miccolis, no próprio *Lampião*, escreve:

Em 1961, foi fundado o SNOB, que incentivou o surgimento de outros jornaizinhos gays numa grande e pioneira cadeia de informações e intercâmbio. 27 publicações circularam na época. (...) Embora tenha sido, como o próprio Agildo Guimarães comenta, um trabalho ingênuo, não se pode

²⁷⁷ DANTAS, Frederico Jorge. Qual é a nossa imprensa?, *Lampião*, número zero, abril de 1978, p. 5.

²⁷⁸ Idem.

²⁷⁹ Editorial, *Snob*, nº 1, 1969, Apud: COSTA, Rogério da Silva Martins da. *Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob*. Op. cit., p. 43-44.

deixar de reconhecer o valor criativo destas publicações, inclusive em seus recursos de impressão. Há verdadeiras obras de arte artesanais (jornais baianos com um único exemplar feito a mão - DI PAULA), outras mimeografadas, e GENTE GAY, o último (76), trazia reduções e reproduções de fotos por processo xerox e uma diagramação bem atual. Se a maioria de seus textos versavam sobre amenidades e badalações sociais, também havia indicações culturais, reportagens, classificados, charges, concursos de contos, poemas, roteiros gays, textos transcritos de jornais ou revistas da grande imprensa, assinados por Darcy Penteado, Antônio Bivar, e outros. Lógico que essas publicações diferem muito dos jornais de hoje, mas também tem pontos em comum: é que essas pessoas fizeram o máximo, dentro de suas possibilidades, para lutar contra o tratamento diferenciado que sofriam. Tiveram dificuldades com a família, trabalho e até a repressão institucionalizada, mas não pararam. Então, não dá só pra gente criticar: eles marcaram uma época, talvez ainda mais difícil do que a atual (...).²⁸⁰

Mesmo fortemente marcado por um “columismo social”, dando conta de fofocas, concursos e festas, serviu para estreitar laços de homens que se sentiam um pouco solitários e esperançosos naquela grande cidade. É, certamente, em função do próprio *Lampião* que o aspecto “burlesco” do *Snob* seria acentuado. E quais as principais características deste novo jornal?

Quando de sua visita ao Brasil, já citada anteriormente, Winston Leyland concedeu a entrevista que seria publicada posteriormente nas páginas do *Lampião*. O tema, o ativismo político homossexual, de alguma maneira, era inaugurado pelo jornal no Brasil, destacando-o das publicações anteriores. Leyland afirma:

Tenho hoje 37 anos. Apesar de anteriormente já estar consciente de ser um homossexual, só depois dos 27 anos. Fui me sentir inteiramente à vontade com minha homossexualidade. Na época em que resolvi assumir esse fato, comecei também a lutar contra a guerra do Vietnã, indo participar ativamente nas demonstrações de protesto. Minha consciência política tinha amadurecido. Em 1969, ouvi falar dos grupos de liberação dos homossexuais que estavam se formando, e me interessei de imediato pelas ideias que então começavam a circular. Era ainda o início do Movimento Homossexual nos Estados Unidos.²⁸¹

²⁸⁰ MÍCCOLIS, Leila. “Snob”, “Le Femme”... os bons tempos da imprensa gay. *Lampião* nº 28, Rio de Janeiro: Esquina Editora, setembro de 1980, p. 6.

²⁸¹ TREVISAN, João Silvério. Leyland fala sobre atuação política – entrevista com Winston Leyland. *Lampião*, número 2, p. 11.

Jorge Luiz Pinto Rodrigues reflete sobre o surgimento dos chamados “novos movimentos sociais” e do importante papel que o *Lampião* exerceu para os homossexuais no Brasil, notadamente na construção de uma “cultura gay”²⁸², e ainda afirma que

O surgimento do *Lampião da Esquina* representa bem o inconformismo diante da repressão e do conservadorismo que se abatia sobre uma parcela da sociedade brasileira; e utilizando-se dos periódicos, essa parcela tentava mostrar caminhos alternativos para o difícil período em que vivíamos.²⁸³

Para tal empreitada, de seus onze idealizadores, nove se cotizaram para montar uma editora – Da Esquina – e enviaram cartas a “12 mil amigos e amigos de amigos homossexuais de todo o Brasil”²⁸⁴ para arrecadar os fundos necessários e que foram responsáveis pela publicação de seus dois primeiros números. O jornal, para além de seus editores, contava com a presença de importantes intelectuais e representantes de grupos “minoritários”, como negros, mulheres e índios, em suas páginas, comumente por meio de entrevistas (Marta Suplicy, Lecy Brandão, Norma Bengel, Zezé Mota...).

O jornal – francamente homossexual e tendo junto a esse público seu principal filão – abria espaço em suas páginas para outras “minorias”. Certamente foi o movimento feminista que mais esteve presente, sobretudo pela participação da poetisa Leila Mícolis. Trazia, ainda, reportagens sobre temas que depois restringir-se-iam às páginas policiais da grande imprensa (de onde nunca saiu), como a prostituição, a “pegação” e o travestismo e, para além, foi a primeira publicação homossexual de abrangência nacional – mesmo que com predominância de matérias sobre o eixo Rio de Janeiro/São Paulo, sobretudo a primeira das cidades). Em sua segunda edição, trazia a chamada em sua capa “Cinelândia, Alaska, São João – as relações perigosas”, sobre um assassinato desfechado por um dos tantos “michês” (prostitutos) que faziam ponto na região.

Onze e meia da noite de uma sexta para sábado. O local tanto pode ser a Cinelândia ou Galeria Alaska, no Rio, quanto a Avenida São João, em São Paulo. Desde as seis da tarde – horário de saída dos escritórios das imediações – que o movimento não pára –, e não vai parar até três, quatro horas da manhã de domingo. É o *conhecido* triângulo da badalação entendida, para uns; para outros, da prostituição masculina no Rio e em São Paulo: Cinelândia-Alaska-São João, onde se amontoa uma população diferente, de homossexuais de todos os tipos, de um lado, aos que vivem às custas desse gueto tropical, do outro.²⁸⁵

²⁸² RODRIGUES, Jorge Luiz Pinto. A imprensa gay do Rio de Janeiro: linguagem verbal e linguagem visual. In: GROSSI, Miriam Pillar et. all. (orgs.). *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 69-90.

²⁸³ Idem, ibidem, p. 71.

²⁸⁴ MacRAE, Edward. *A construção da igualdade*. Op. cit., p. 71

²⁸⁵ CHRYSÓSTOMO, Antônio. Cinelândia-Alaska-São João – Os caubóis, seus clientes: todos querem ser felizes no triângulo da badalação. *Lampião*, ano 1, nº 1, maio/junho de 1978, p. 4.

A reportagem se constituía de um longo relato do repórter sobre os três lugares em questão. A matéria fora motivada pelo assassinato de um homossexual (cliente) por um “michê” (prostituto contratado). Chrysóstomo segue a trilha e conversa com os diversos rapazes dispostos nas calçadas destes territórios, em seus becos. Descobre o que lhe parece óbvio: são figuras marcadamente viris, ao menos no discurso, deixam claro que não assumirão um papel “passivo” na relação, que estão “na vida” pelo dinheiro fácil e pelas condições de vida que não lhes garantiram um lugar melhor na sociedade.²⁸⁶ De outro lado, trazia notícias como a que segue:

Bar Gaiola das Loucas, na zona do Baixo Meretrício de Teresina, Piauí. Fica na Rua João Cabral, no Paissandu. Gaiola instalada num tabique do que já foi um grande galpão (café? cacau? bofes?). Frequentadores assíduos: Vanusa, Eliana Pittman, Regina Duarte. Passatempo: sinuca. Comida: pastéis e quibes de zona. Em 76, a polícia tentou moralizar o ambiente. A bicharada se entrincheirou atrás de mesas e cadeiras. Há informações de que a polícia foi enfrentada a socos, puxões de cabelos, golpes de salto de sapato e dentadas. Resultado: o Bar Gaiola das Loucas existe até hoje e tem um bloco carnavalesco onde se misturam, democraticamente, peões de obra, estudantes, bichas de todas as origens e classes sociais, Um furdúncio. Viva o Piauí. Com amor, Rafaela Mambaba.²⁸⁷

Rafaela Mambaba foi uma personagem fictícia criada pelos editores do jornal e era responsável por comentários ferinos que apareciam nas páginas do *Lampião*, bem como notas como essa. Interessante pensar que é uma personagem com linguajar próximo daquele do gueto, que dá, aparentemente, uma dica turística: localização, entretenimento, cardápio. Ocorre que, por trás desta aparente “leveza”, o que está dito é que, em Teresina, os homossexuais resolveram não se intimidar com os achincalhes do aparelho policial repressor, à moda estadunidense inaugurada pelo Stonewall, promovendo um levante no gueto. A luta pelo espaço e pelas formas de existência maquiada, mascarada, camuflada em uma dica de casa noturna. Certamente, este se configura como um expediente comum à imprensa alternativa – ou à imprensa que divergia do *status quo* posto nos anos 1960/1970 no Brasil.

Em seu terceiro número, trazia a reportagem de Lúcia Rito sobre o fechamento da zona de prostituição na capital do Rio de Janeiro, a zona do Mangue. Ali, Lúcia entrevistou algumas das mulheres. As histórias de vida que lhe foram contadas eram tristes, passavam por grandes famílias, muitos filhos, pobreza ou miséria.

²⁸⁶ Sobre a “prostituição viril em São Paulo e as construções identitárias disponíveis sobretudo entre os michês, ver: PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê* – prostituição viril em São Paulo. Op. cit..

²⁸⁷ MAMBABA, Rafaela. De Teresina para o mundo. *Lampião*, ano I, nº 2, junho/julho de 1978, p. 4.

As mulheres contaram sobre a decadência da zona do Mangue, o aumento do número de ladrões, evasão dos clientes, policiamento cada vez mais escasso – como estratégia para o declínio, um facilitador para a retirada dos prostíbulos da região. Apresenta um panorama amplo dos homens que as procuram, dos 11 aos 70 anos, sendo unânimes em dizer que os mais novinhos são os que pagam melhor e dizendo que “a gente trata eles bem, porque senão ficam traumatizados pro resto da vida, né?”²⁸⁸



O jornal, a partir de críticas recebidas na seção de cartas, tenta inserir o humor em suas páginas, no geral, muito sérias. Rodrigues afirma que “com manchas gráficas pesadas, pouco claro, uma diagramação dura e de pouca inventividade, o jornal tinha como preocupação maior o discurso verbal; é como se a severidade da forma respaldasse a seriedade do conteúdo.”²⁸⁹ Esse humor, para além da acidez dos comentários de Rafaela Mambaba, em uma ou outra edição, se fez presente por meio de algumas charges que, logo nas primeiras edições, começaram a aparecer no jornal. De autores desconhecidos, elas partilhavam espaço com as chamadas nas capas, com as matérias “sérias” ou com desenhos de artistas plásticos conhecidos, como Darcy Penteado, nas páginas lampionescas.

²⁸⁸ RITO, Lúcia. Essa zona vai acabar. *Lampião*, ano I, nº 3, julho/agosto de 1978, p. 7.

²⁸⁹ RODRIGUES, Jorge Luiz Pinto. A imprensa gay do Rio de Janeiro: linguagem verbal e linguagem visual. Op. cit., p. 80.

Podemos ver, a seguir, algumas destas charges que, nem sempre, tratavam da homossexualidade.



A ilustração de Darcy Penteado poderia ser adquirida, assim como outras, por meio do próprio jornal. Calendários com fotos sensuais de homens também eram vendidos e estes recursos eram utilizados para manter o jornal. Por outro lado, as charges serviam não apenas para trazer o humor para o *Lampião*, mas também para criticar determinados grupos nas disputas sociais de fins dos anos 1970 e início dos anos 1980. Temas que somente se fortaleceriam na década seguinte, como a ecologia presente no Brasil a partir do retorno de algumas figuras que haviam deixado os trópicos em exílio, a exemplo de Fernando Gabeira, Alfredo Sirkis ou Herbert Daniel, também seriam vistos nestas charges.



A devastação da Amazônia e o engodo das classes dominantes que ali se imiscuíram para lucrar estava presente na charge de Hartur, leitor gaúcho do jornal e que colaborou em diversas oportunidades. Equilíbrio natural e diversidade sexual estão presentes na charge de Jônio, rindo no processo de (des)estigmatização de determinados termos e referências desencadeado pelos movimentos de liberação sexual do período.



Assim, termos como “viado” (na charge, o “veado”), “bicha”, “sapatona”, “perobo” e outros mais, eram utilizados pelos próprios homossexuais, na tentativa de destituir de todo pejo tais termos. O desenho de Rick Aiala remete aos padrões sexuais e à “cegueira” dos heterossexuais, evidente em não querer perceber a homossexualidade. A família, primeira a negar as sexualidades não hegemônicas, esteve presente também em uma pequena história em quadrinhos:

A FAMÍLIA UNIDA

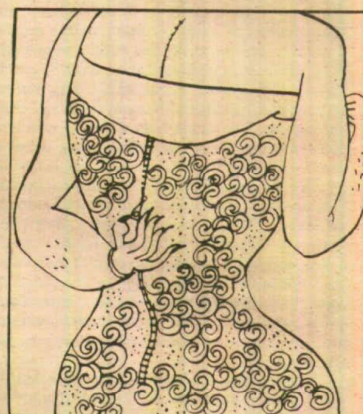
(Ou, como costumavam dizer nossos genitores, "tal pai, tal filho")



"Papai e mamãe me deram muitos conselhos..."



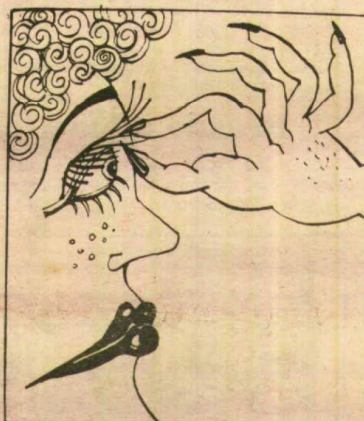
..."Ser travesti, meu filho, é uma coisa terrível!"
Foi o que eles me disseram...



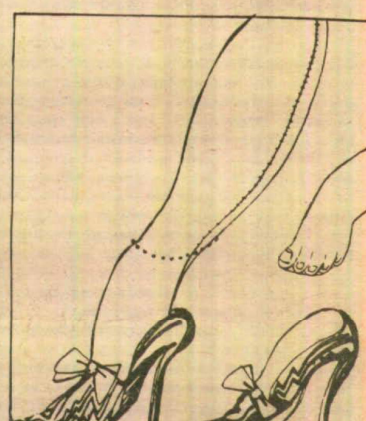
...Mas eu já tomei a minha decisão...



...Vou carregar a minha cruz até o fim...



...É isso que eu vou dizer a eles...



...Primeiro a mamãe; talvez ela me compreenda melhor"



— Meu filhinho! Então você se decidiu?
Vamos falar com seu pai...



...Veja querido: noso filho resolveu assumir.



— O que? Só espero que ele não peça a minha
pele de raposa emprestada

MacRae aponta para o lugar de destaque da violência policial presente nas páginas do jornal. Afirma que “ao criticarem os poderes judiciais e policiais, a equipe redatora do jornal se mostrava muito bem informada”.²⁹⁰ Contava com a coordenação editorial de Aguinaldo Silva, à época um respeitado repórter policial – anos depois se tornaria um renomado autor de telenovelas globais – e seus demais editores já conheciam o tratamento oferecido pela polícia, seja por prisões realizadas nos guetos homossexuais ou em razão de sua participação no próprio *Lampião*. A crítica social mais ampla esteve presente mesmo quando da realização do censo pelo IBGE em 1980:



Em seu número zero, na capa, o jornal trazia a reportagem “Celso Curi processado. Mas qual é o crime deste rapaz?”, sobre o processo sofrido pelo jornalista criador da “Coluna do Meio” do jornal *Última Hora*. Na segunda página, o Conselho Editorial assina as motivações para a criação de *Lampião* e os objetivos da publicação, em “Saindo do Gheto” e ali afirmavam:

²⁹⁰ MacRAE, Edward. *A construção da igualdade – identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Op. cit., p. 76.

Falando da discriminação, do medo, dos interditos ou do silêncio, vamos também soltar a fala da sexualidade no que ela tem de positivo e criador, tentar apontá-la para questões que desembocam todas nesta realidade muito concreta: a vida de (possivelmente) milhões de pessoas.²⁹¹

A intenção de questionar os padrões heteronormativos e excludentes expostos se apresentava no mesmo editorial, no qual afirmavam que o jornal visava a “esclarecer sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana”²⁹², pretendendo, ainda “dar voz” a outros tantos grupos discriminados, “dos negros, índios, mulheres, às minorias do Curdistão”²⁹³.

No que tange ao homoerotismo, Aguinaldo Silva, em “O nosso prazer é melhor?”²⁹⁴, apresenta uma importante questão. Seria preciso, naquele momento, que a população fosse informada sobre o “homossexualismo”. Conforme apresentado no capítulo anterior, a educação – formal ou não – é um dos caminhos possíveis para que os processos de exclusão social sejam, mesmo que gradativamente, encerrados. Essa necessidade já estava posta em fins dos anos 1970, ou seja, quatro décadas atrás. Percebemos mais algumas permanências. Quanto ao que seria o “homossexualismo”, Silva nos diz que se trata de uma “disposição emocional”, em contraposição à perversão ou doença, maneiras como se tratava então.

Frente aos processos de exclusão social sofridos pelos homossexuais, os editores do *Lampião* se arvoram a oferecer algumas respostas. Vejamos. No segundo número do *Lampião*, Darcy Penteado se pergunta: “Homossexualismo – que coisa é essa?”. Recorrendo à obra *La question homosexuelle*, de Marc Oraison, encontra referências a certa representação sobre o homem construída em toda cultura. Segundo o autor, todo aquele que não aderiu a esta representação foi considerado anormal, fora da norma imposta pela própria representação previamente construída. Penteado afirma que tantos são aqueles que fogem, cotidianamente à norma, como artistas, grande parte da intelectualidade, imaginosos, talentosos, e continua:

Como ficamos então, em relação ao homossexualismo? Porque a questão está aqui, agora, palpitante e presente! As rejeições e as desculpas que nossa sociedade cultural usou anteriormente como estacas de sustentação, estão podres e desmoronando, desde que a medicina e a psiquiatria não têm mais aqueles elementos que ela sempre usou para seu apoio e acomodação.

²⁹¹ O CONSELHO EDITORIAL. Saindo do gueto. *Lampião*, número zero, abril de 1978, p. 2.

²⁹² Idem.

²⁹³ Idem.

²⁹⁴ SILVA, Aguinaldo. O nosso prazer é melhor?. *Lampião*, número zero, abril de 1978, p. 4.

Quando Marc Oraison conclui em seu livro que “o homossexualismo é um fato”, está a meu ver constatando uma verdade que até agora a sociedade tentou manter adormecida, mas esta constatação é conformista, porque ela apenas estabelece um marco, um limite. E os limites devem ser transpostos, quando a área delimitada não oferece razões e condições de subsistência. Mais do que um fato, o homossexualismo é condição humana. E como tal, mesmo sendo atributo de uma minoria, está exigindo um lugar atuante numa sociedade, com direito a uma existência não mistificada, limpa, confiante, de cabeça levantada. Porque só a tolerância, como nos foi dado até agora, não obrigado! É muito pouco.²⁹⁵

Entretanto, divergências estavam postas quanto ao tom mais claramente político do jornal. Sobre isso, João Antônio Mascarenhas afirma, em entrevista realizada por Cláudio Roberto da Silva:

...quem tinha vontade daquele movimento era eu. O João Silvério Trevisan era o único que tinha alguma noção além de mim. O Trevisan possuía a ideia do Gay Liberation... que é uma atitude filosófica de contestação plena, completa e radical. Algo um pouco diferente da minha posição... nunca fui do Gay Liberation. (...) Os outros nunca tinham nem ouvido falar em movimento, nem o Aguinaldo... o Darcy também não. [...] Desde o início, vi que o jornal nunca seria um órgão do movimento... por causa do papel predominante do Aguinaldo. Ele não sabia nada do assunto, nem se importava com isso. Mesmo assim, achei que devia prestigiar o *Lampião*, pois parecia-me que era melhor ter esse jornal do que não ter nada. [...] Porém, sob a orientação do Aguinaldo, o jornal se afastava da minha ideia.²⁹⁶

Mesmo enfrentando tais divergências, a fundação do jornal parece ter dado o impulso necessário para que alguns homossexuais se organizassem. Jorge Caê Rodrigues afirma que “a imprensa gay no Brasil, assim como no mundo, surge da necessidade que uma parcela da sociedade teve em procurar seus semelhantes, buscar uma união com os iguais, construir um refúgio coletivo, lutar contra um sistema que os tornava invisíveis.”²⁹⁷ Assim, instados por este novo fôlego, do núcleo do *Lampião* surgiu, em São Paulo, o Somos: Grupo de Afirmação Homossexual.

Esse pioneiro grupo de luta pelos direitos e expressão dos homossexuais atuou inicialmente sob o título de Núcleo de Ação pelos Direitos dos Homossexuais, por quase

²⁹⁵ PENTEADO, Darcy. Homossexualismo: que coisa é essa?. *Lampião*, nº 2, p. 2.

²⁹⁶ SILVA, Cláudio Roberto da. *Reinventando o sonho*: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo. Dissertação (Mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, p. 280-282. Também citado em FACCHINI, Regina. *Sopa de Letrinhas?*: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Op. cit., p. 110-111.

²⁹⁷ RODRIGUES, Jorge Caê. Impressões de identidade: os caminhos da imprensa gay nacional. In: COSTA, Horácio et. al. (orgs.). *Retratos do Brasil homossexual* – fronteiras, subjetividades e desejos. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2010, p. 406.

um ano. Somente após este período e calorosas discussões, o novo nome foi escolhido, não apenas para homenagear a publicação argentina voltada para homossexuais que encerrara suas atividades dois anos antes, mas por seu caráter positivo: Somos.

O grupo estava determinado a proceder uma crítica profunda à sociedade patriarcal heteronormativa na qual estava inserido. Seus integrantes participavam de debates, encontros, seminários congressos, além de utilizar o *Lampião* como espaço para divulgar os acontecimentos e ideias do grupo.

Mais que isso, parece-nos importante ressaltar alguns aspectos do conjunto de ideias que permeava o Somos. Em primeiro lugar, o grupo surgira no mesmo ano das eleições que colocariam no poder o último dos generais da Ditadura Militar instalada em 1964. Isso implicou, para seus participantes, engajarem-se ou não a outras lutas. Se o *Lampião* se queria plural, aberto a todas as “minorias”, o Somos fechava-se nas homossexualidades, compreendendo que esta seria a primeira “luta” do grupo: a liberdade da expressão sexual em suas várias faces.

Havia, no grupo, interesse de construir identidades que gerassem laços de solidariedade entre os homossexuais. Assim, termos como “entendido” ou “gay” eram evitados, por acreditarem que o primeiro era “enrustidor” e elitista, e o segundo atrelaria o movimento brasileiro ao norte-americano. Nenhuma das duas opções lhes parecia válida. A plenitude da experiência sexual também era buscada. MacRae inclui, em sua análise, as relações cada vez mais voltadas para o próprio grupo e as relações que, muitas vezes, se davam entre integrantes do próprio Somos.²⁹⁸ O mesmo autor ressalta a precariedade das discussões havidas no interior do grupo e, no que tange aos aspectos políticos mais amplos, poucas informações eram percebidas ali, uma vez que, afirma o autor, a verdade daquele grupo e as formas de luta estavam associadas à própria sexualidade. MacRae parece discordar de tal maneira e, para evidenciá-lo, cita Foucault: “O que me parece essencial é a existência em nossa época, de um discurso onde o sexo, a revelação da verdade, a inversão da lei do mundo, o anúncio de um novo dia e a promessa da felicidade estão ligados entre si”²⁹⁹

As novas aragens trazidas pelo *Lampião* e pelo Somos: Grupo de Afirmação Homossexual – e, talvez, as divisões havidas a partir deste grupo – levaram à fundação de outros grupos em diversas cidades do país, sobretudo em São Paulo, Rio de Janeiro e

²⁹⁸ MacRae, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Op. cit., especialmente o capítulo “O ‘casamento’ com o grupo”, p. 121-147.

²⁹⁹ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I – a vontade de saber*. Op. cit., p. 13. APUD MacRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”*. Op. cit., p. 147.

Bahia. Assim, em abril de 1980, oito grupos realizaram em São Paulo o Primeiro Encontro Nacional de Grupos Homossexuais Organizados, contando com cerca de mil gays e lésbicas no Teatro Ruth Escobar.³⁰⁰

Um tema caro ao grupo, para além da liberdade individual de cada um expressar sua sexualidade da forma como lhe apetecesse, era o da autonomia do movimento frente a qualquer luta chamada “maior”. A esquerda brasileira do período tinha ideias bastante claras – assim como os homossexuais do Somos – sobre o nefasto que era a Ditadura; porém, havia discordância quanto às formas de lutar contra ela. Por outro lado, a possibilidade de atrelamento do grupo a algum dos agrupamentos de esquerda, como era o caso da Convergência Socialista que começava a instalar-se no interior do Somos, causava grande incômodo em significativa parcela de seus integrantes. As disputas giravam em torno da díade autonomia/atrelamento.

A partir dos relatos de MacRae, Green e Trevisan³⁰¹, compreendemos que a autonomia tão cara fora deixada de lado por parte dos integrantes do Somos, o que levou outros tantos, a exemplo de Trevisan, a se afastarem do grupo. Sobre tal fato, é triste o relato;

Os últimos ecos que colhi do *Somos* dão uma ideia de como ele perdera, definitivamente, sua relevância. Com a chegada oficial da Aids ao Brasil, nos primeiros meses de 1983, eu e outras pessoas apreensivas com as notícias fomos até a sede do grupo, agora já abandonada às traças pelos trotskistas. Queríamos somar esforços de antigos e atuais ativistas para estabelecer uma estratégia mínima frente à doença ainda desconhecida mas fatal, e suas repercussões sociais. Num claro sintoma de enrijecimento burocrático, um porta-voz remanescente do *Somos* respondeu que o grupo não estava em condições de se preocupar com outras questões que não relacionadas com sua reestruturação interna. Mesmo porque, emendou ele, essa era uma doença de bicha burguesa, com dinheiro para ir às saunas de Nova York, distante da barra pesada das bichas da periferia. Essa jóia de (recém inaugurado) populismo guei parece ter sido o canto do cisne do *Somos*, do qual nunca mais tive notícias.³⁰²

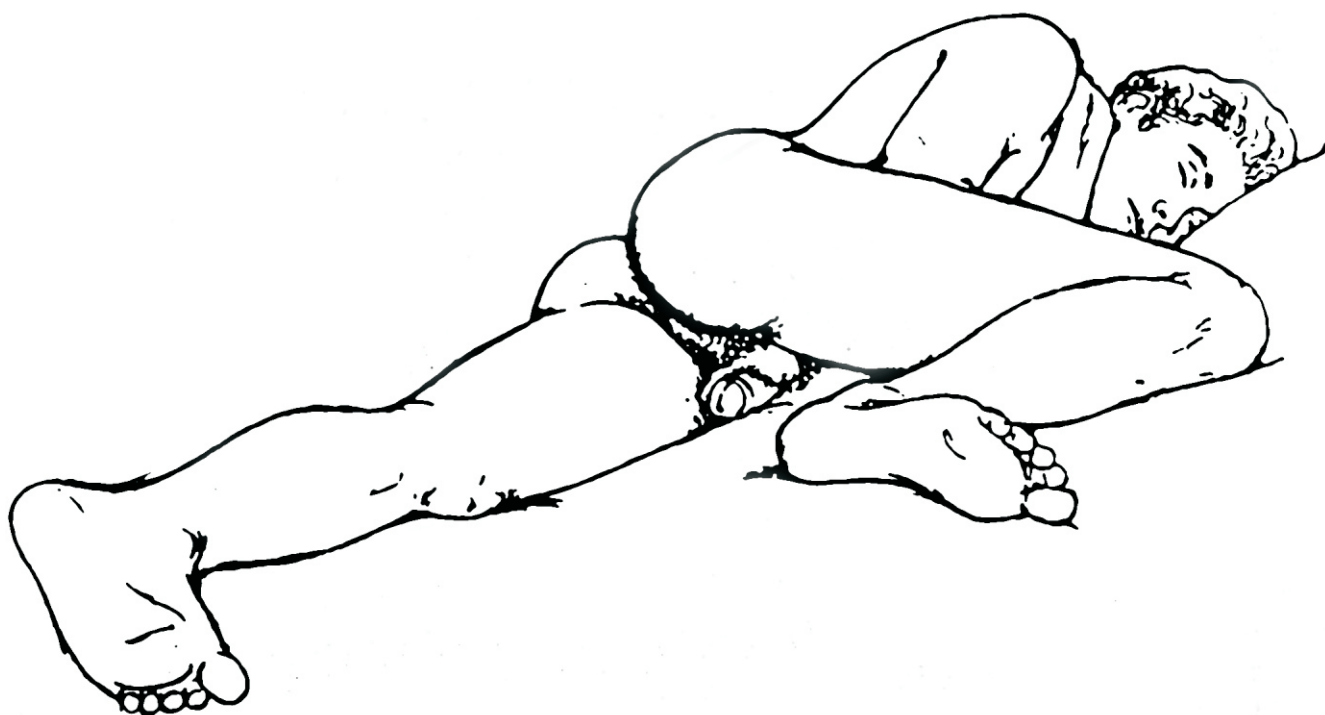
O próximo a fechar suas portas seria o jornal *Lampião* da esquina. As primeiras páginas da história dos movimentos de afirmação homossexual brasileiros foram viradas.

³⁰⁰ GREEN, James Naylor. *Além do carnaval* – a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. Op. cit., p. 434.

³⁰¹ MacRAE, Edward. *A construção da igualdade*; GREEN, James Naylor. *Além do carnaval*; TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. Todas anteriormente citadas.

³⁰² TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso* – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Op. cit., p. 360.

Considerações finais



Darcy Penteado

Contra os cercamentos, as fronteiras e guetos agressivos, a democracia oferece uma promessa de reconciliação que dá àqueles que a desejam a possibilidade de vencer as fronteiras das alteridades homicidas, ou, ao menos, alguma esperança e sonho.

Pierre Ansart, *Ideologias políticas e alteridade*.³⁰³

Regina Facchini afirma que, nos anos 1990, os grupos de afirmação homossexual passaram por grande mudança³⁰⁴. Há que se ressaltar, ainda, o crescimento de um mercado voltado para gays, lésbicas, bissexuais e os, à época comuns, “simpatizantes”. Excluo, em parte, deste mercado transexuais e, sobretudo, travestis, haja vista que uma das principais características do amplo grupo social que grosseiramente chamamos comunidade LGBTTTT é o pequeníssimo espaço a eles destinado. O segundo “T” dessa sigla, o de travesti, mostra que tais indivíduos são, sem dúvida, a parcela mais frágil da comunidade, excluídos do seio familiar, dos ambientes escolares, do mercado de trabalho e, finalmente, de grande parte dos espaços voltados para os homossexuais.

Facchini ressalta, em seu trabalho, que o modelo identitário e claramente político assumido por uma “primeira onda” do movimento de afirmação gay e lésbico no Brasil dos anos 1970/1980, pautado pela autonomia e pela busca da visibilidade, demarcando diferenças, foi deixado de lado na década seguinte. O que vimos foi, em larga medida, grupos institucionalizando-se para ter acesso aos recursos estatais, transformados naquele momento em Organizações Não-Governamentais, ONGs. Existem benesses em tal transformação, como a longevidade dos grupos, a disponibilidade de seus quadros, o trânsito junto às instâncias governamentais.

A sociedade brasileira se modificou. A militância homoerótica também. Entretanto, há permanências. Elie Wiesel afirma que:

Ausência de linguagem, a intolerância não é apenas o instrumento fácil do inimigo; ela é o inimigo. Ela nega toda a riqueza veiculada pela linguagem. Quando a linguagem fracassa, é a violência que a substitui. A violência é a linguagem daquele que não se exprime mais pela palavra. A violência é também a linguagem da intolerância, que gera o ódio. O ódio é irracional, impulsivo, implacável; suas forças sinistras impulsionam o que há de destruidor no homem. Seu ritmo é rápido, seu objetivo ameaçador, seu movimento inexorável. (...)

³⁰³ ANSART, Pierre. *Ideologias políticas e alteridade*. Tradução de Jacy Alves de Seixas. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel & BREPOHL, Marion (orgs.). *Figurações do outro*. Uberlândia: Edufu, 2009, p. 136.

³⁰⁴ FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: Movimento homossexual e produção de identidades nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 47-86.

Odiar é negar a humanidade do Outro, é diminuí-lo. É limitar nossos horizontes, ao reduzir os do Outro. É ver no Outro e, portanto, em si mesmo, não um motivo de orgulho, mas um objeto de desprezo e terror. (...) Em política, o ódio destrói a liberdade dos homens.³⁰⁵

Por que as palavras de Wiesel? Porque vivemos um período de ascensão da violência contra homossexuais. É a permanência da violência contra aqueles que destoam da heteronormatividade. A regulamentação do cânon abraâmico que diz que o homem que se deita com outro homem deve ser apedrejado não foi esquecida por determinados setores da sociedade. Infelizmente, nós, os “outros”, também não podemos esquecê-la; não é que não queiramos, é que somos lembrados pelos atos violentos cotidianamente. Eis uma pequena matéria de há poucos dias:

Um dos mais conhecidos ativistas ugandenses dos direitos dos homossexuais foi assassinado em sua casa semanas depois de conquistar uma vitória judicial sobre um jornal sensacionalista que pedia a morte dos gays. David Kato, dirigente da Sexual Minorities Uganda (“minorias sexuais de Uganda”), foi morto a pauladas na capital, Kampala, anteontem. Testemunhas viram um homem deixando o local de carro. A polícia investiga. Como outros ativistas, Kato vinha se queixando de pressão mais intensa desde 3 de janeiro, quando um juiz concedeu uma liminar permanente contra o jornal “Rolling Stone”, impedindo este de revelar a identidade de gays em suas páginas. No fim do ano passado, a foto de Kato foi publicada na capa de uma edição cuja manchete era “enforcem-nos”. Ele era um dos três queixosos no processo. “Desde o veredicto, David disse que havia pessoas o ameaçando e afirmando que ‘cuidariam dele’”, disse seu amigo Julian Pepe Onziema. “Tínhamos um encontro ontem [quarta-feira] para discutir arranjos de segurança. Poucas horas depois, seu telefone ficou mudo”, afirmou Onziema. A Human Rights Watch afirmou que ainda é cedo para especular sobre o motivo da morte -um assalto comum não está descartado. Mas afirmou que há sérias preocupações quanto ao nível de proteção à comunidade homossexual local. Nos últimos anos, o sentimento de aversão aos gays vem sendo fomentado por religiosos e políticos locais. Projeto de lei ainda não aprovado prevê prisão perpétua para gays e pena de morte para reincidentes, além de obrigar cidadãos a denunciar casos que presenciem.³⁰⁶

Não se trata de um caso isolado em país distante. Nossos olhos para o imenso continente africano, assim como os de nossos colonizadores, nunca foram bons para com seus povos e, em razão disto, acabamos por acreditar que as notícias de violência que nos

³⁰⁵ WIESEL, Elie. Prefácio. In: BARRET-DUCROCQ, François. *A intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 7-8.

³⁰⁶ RICE, Xan. Ativista de direitos gays de Uganda é espancado até a morte. *Folha de S. Paulo*, Mundo, 28/01/2011. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 21/02/2011.

chegam são de um mundo quase selvagem. Ah, mas não. Atos similares ocorrem nas ruas deste lado do Atlântico:

Um doutorando da USP, homossexual, afirmou ter sido agredido, com um amigo, na região da av. Paulista com uma garrafada no olho direito na madrugada de 25 de janeiro. Ele atribui a ação a um ataque homofóbico. O rapaz, de 27 anos, disse que estava na r. Peixoto Gomide, entre as 4h e as 5h, quando foi golpeado no olho. Ele havia passado por dez rapazes vestidos de preto. O amigo, segundo ele, levou um soco no peito. Ele conta que tentou chamar a polícia, mas o sistema estava fora do ar. O rapaz ainda presenciou dois outros gays agredidos pelo mesmo grupo. Fugiu, então, em direção à Paulista, onde parou em uma base da PM. Tentou registrar ocorrência na delegacia da Consolação, mas disse ter sido orientado a procurar a Decradi (especializada em delitos de intolerância), onde relatou o episódio. A Secretaria de Segurança nega; diz que o rapaz não quis esperar atendimento.³⁰⁷

Debruçando-se sobre a taxonomia sexual produzida nos países latinos, Richard Parker avalia que os tipos construídos, difundidos e mantidos estão baseados em práticas e significados daquilo que se convencionou chamar genericamente de machismo – assim como as relações de poder e opressão que dele advêm. Liga estes elementos, ainda, a uma economia de *plantation* que dominou o país por mais de quatro séculos e foi substituída muito recentemente em nossa história por outra, industrial. Essa economia e o seu sistema gerador, eminentemente agrários, acentuariam as distinções patriarcais de gênero. E,

Apesar das rápidas mudanças que ocorreram recentemente na organização da sociedade brasileira, principalmente nas áreas urbanas mais desenvolvidas, a herança deste sistema tradicional ainda exerce uma profunda influência no fluxo da vida diária, constituindo uma espécie de gramática cultural que continua a organizar importantes aspectos da experiência mesmo em grupo que, de outra forma, pareceriam mais afastados do passado.³⁰⁸

Um entrevistado de Parker afirma: “Ninguém se importa quando alguém bate em um viado. (...) Às vezes você não tem nenhuma escolha, você tem que dar umas porradas nele”³⁰⁹. E nós, temos escolhas? Elie Wiesel nos oferece uma saída: eliminar o ódio antes de seu nascimento. Isso é tarefa inglória, mas a utopia nos faz buscar novos horizontes. É preciso refundar nossas sociedades de maneira tal que nossas diferenças sejam não naturalizadas, mas vividas em profundidade e democraticamente.

³⁰⁷ DOUTORANDO DA USP DIZ TER SIDO VÍTIMA DE ATAQUE HOMOFÓBICO. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 30/01/2011. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 21/02/2011.

³⁰⁸ PARKER, Richard. *Abaixo do equador – culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 54.

³⁰⁹ Idem, *ibide*, p. 62.

Mas, como fazer isso, em uma sociedade ainda nublada por relações escusas entre os grupos hegemônicos e o poder? Duas pequenas notas veiculadas há poucos dias chamam atenção para isso. A primeira, uma curta entrevista com o Deputado Federal petista Marco Maia (SP). Perguntado se temas como união homossexual e legalização do aborto serão debatidos pelo governo da Presidenta Dilma Rousseff, afirma:

Eu acho que é muito cedo para tratar esses temas. As pessoas interessadas vão ter que sentar no próximo período para achar pontos comuns que permitam que essas matérias avancem. Se continuar do jeito que está não vai avançar nunca.³¹⁰

E podemos encontrar resposta para isso na matéria seguinte:

Kit contra a homofobia em gestação no Ministério da Educação está mobilizando lideranças evangélicas que, passados dez dias da posse de Dilma Rousseff, agem nos bastidores para barrar o envio do material às escolas do ensino médio. Integra o pacote, que será finalizado este ano, vídeo intitulado “Encontrando Bianca”, sobre um adolescente homossexual. O grupo evangélico que encabeça a reação afirma que desempenhou papel decisivo na eleição de Dilma e agora cobra nova fatura. Na reta final da disputa presidencial, eles pressionaram a petista a assumir compromisso de que não formularia políticas públicas sobre temas como casamento gay e aborto.³¹¹

Maria Berenice Dias alerta para o fato de que, desde 1992, o Brasil é signatário do Pacto dos Direitos Civis e Políticos da Organização das Nações Unidas, que traz, desde 1994, referência expressa não apenas ao sexo, mas à orientação afetivo-sexual. Entretanto, esse mesmo país quebra esse pacto ao negar aos homossexuais direitos fundamentais. Atenta ainda para o fato de que o Congresso Nacional, notadamente o Senado, foi tomado por forças conservadoras, representadas pelas bancadas evangélicas e católicas, que têm diuturnamente impedido que importantes matérias sejam votadas. Não é possível aprovar a parceria civil entre pessoas do mesmo sexo; não é possível aprovar uma lei que criminalize a homofobia, apenas para que padres e pastores continuem falando contra os homossexuais em seus cultos.³¹²

³¹⁰ CABRAL, Maria Clara. Entrevista – Marco Maia. *Folha de S. Paulo*, Poder, 18/02/2011. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 21/02/2011.

³¹¹ BRAGON, Ranier. Segundo round. *Folha de S. Paulo*, Poder, 11/01/2011. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 21/01/2011.

³¹² DIAS, Maria Berenice. A união homoafetiva e a Constituição Federal. In: COSTA, Horácio *et. al.* (orgs.). *Retratos do Brasil homossexual*. Op. cit., p. 23.

Há um apagamento do outro. Os homossexuais somos veiculados pela mídia cotidianamente, representados em horário nobre, enchendo ruas e praças pelo país. Entretanto, a impressão é de que, como quaisquer outros grupos sociais que não os hegemônicos, somos muito rapidamente incorporados à paisagem; objetos, não indivíduos, borrões. É preciso que o pudor burguês seja ofendido para que haja alguma manifestação. Assim, assassinatos de homossexuais não trazem qualquer sentimento; a ira, porém, vem do beijo, do afago. Claudine Haroche afirma que “a alteridade supõe um limite, uma fronteira entre o eu e o não-eu”. Essa fronteira, dado o apagamento dos indivíduos na liquidez contemporânea, impossibilitaria a interação entre os indivíduos e grupos, mantendo a noção de alteridade.³¹³

Elementos complicadores podem ser acionados a esta noção. Homi Bhabha aponta a fixidez da construção ideológica de alteridade um dos aspectos para a manutenção do “outro” estereotipado como algo menor, inferior, pior, degenerado e, por conseguinte, que pode (ou deve) ser oprimido. A criação de estereótipos ligados à desordem e degeneração serviriam para delimitar o “outro” e o “eu” (diferente, antagônico ao “outro”) e, assim, manter, também, os laços de dominação.³¹⁴

A interpretação de Bhabha pode ser aliada a de Eribon³¹⁵: a injúria constitui tanto a visão que se tem do “outro”, como a visão que este “outro” tem de si, internalizando-a. Assim, em um caso de espancamento na Avenida Paulista, na capital da maior cidade brasileira, o próprio homossexual agredido poderia pensar: “Eu não devia ter dado tanta pinta.”, “Eu deveria ter vestido roupas mais discretas”. Ou outro homossexual poderia pensar isso do espancado. Nós internalizamos estes estereótipos negativos. E é um grande esforço de vontade romper com essa massa opressiva que se instala sobre os indivíduos. Feito esse esforço, é preciso impedir que novamente os grupos hegemônicos consigam internalizá-la, não apenas em cada um, mas nos demais. Há que se criar, ainda, laços de solidariedade reais. Mesmo que outras representações dos homossexuais sejam oferecidas recentemente, positivas, ainda são marcadas pelo interdito:

Depois de matar em uma explosão um casal de lésbicas em “Torre de Babel” (1998) e de cortar uma cena de beijo entre homens em “América” (2005), a Globo terá, a partir de amanhã, uma novela com um núcleo de personagens

³¹³ HAROCHE, Claudine. O outro e o eu na fluidez e desmedida das sociedades contemporâneas. In: NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel & BREPOHL, Marion (orgs.). *Figurações do outro*. Uberlândia: Edufu, 2009, p. 37-38.

³¹⁴ BHABHA, Romi K.. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998, p. 105ss.

³¹⁵ ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Op. cit.

homossexuais. Nova trama das 21h, “Insensato Coração” terá um quiosque na praia frequentado por gays. A dona (Louise Cardoso) é mãe de um garoto homossexual e se envolve com um jornalista (Cássio Gabus Mendes) homofóbico. Segundo Gilberto Braga, autor da novela, a relação dos dois será a questão mais importante do núcleo. Começará no capítulo 100 e será uma comédia romântica. Para ele, a criação de um núcleo gay não é uma evolução em relação a tramas anteriores, que já tiveram casais homossexuais. “É uma tentativa de ter alguma novidade”, afirma Braga. O autor declarou que não haverá em “Insensato Coração” o primeiro beijo gay da teledramaturgia brasileira.

Doutor em teledramaturgia, Mauro Alencar diz que “é preciso caminhar passo a passo, pois as diferenças do pensar e sentir no Brasil são gigantes, e a novela é um gênero que dialoga com todas as camadas sociais”. “Mas pressinto que a qualquer momento o tão esperado beijo gay poderá ocorrer, como já aconteceu na novela argentina ‘Botineras’, de 2009/10. Outras intimidades, como o carinho entre o casal gay de ‘Ti Ti Ti’, já estão com boa aceitação”, diz.

André Fischer, diretor do portal GLS Mix Brasil, afirma que “a Globo tem dado provas de que é simpatizante à causa gay, pela maneira positiva como apresenta casais gays em suas novelas”. “Os canais GNT e Multishow, da Globo, têm uma extensa programação gay e simpatizante onde não faltam beijos gays. Além disso, “Jornal Nacional” e filmes já mostraram vários beijos gays. Ou seja, o tabu é beijo em novela”, avalia.³¹⁶

Será que isso nos basta? Bhabha afirma que a construção de estereótipos, e há uma série deles no corpo social e na mídia, cumpre uma função política de conveniência, uma vez que fixa os indivíduos e grupos em dados lugares³¹⁷. Trata-se de uma estratégia que mantém os grupos hegemônicos no poder. Que astúcias, que trampolinagens, criar? A visibilidade, como vimos, não garantiu a ruptura com este esquema. Entretanto, foi um passo dado. Se morremos ou somos violentados, já não é na invisibilidade. Mas o volume abundante de imagens nos torna borrões. Mais uma vez, uma encruzilhada.

André Fischer afirma: os casais gays são representados pela emissora. Casais. Onde está a diversidade presente na sigla LGBTTT e nas práticas homoeróticas dissidentes deste pseudo homonormatividade que se tenta instalar? Gilles Lipovetsky afirma: “Os corpos são livres, a miséria sexual é persistente”³¹⁸, e mais, neste período em que somos bombardeados com revistas, entrevistas, séries, novelas ou outros elementos audioimagéticos quaisquer que tratam da sexualidade plena, Narciso venceu Dionísio³¹⁹. Falamos, vemos, mas, cada vez menos, fazemos. E, quando muito, a partir de relações monogâmicas que, ao que tudo indica, se tornam a tônica homoerótica.

³¹⁶ MATTOS, Laura. Globo estreia novelas com núcleo de personagens gays. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 16/01/2011. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 21/02/2011.

³¹⁷ BHABHA, Romi K.. *O lugar da cultura*. Op. cit., p. 106.

³¹⁸ LIPOVETSKY, Gilles. A felicidade paradoxal – ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 17.

³¹⁹ Idem, *ibidem*, p. 248.

Néstor Perlongher, no início dos anos 1990, sob o impacto da epidemia mundial de Aids, escreveu:

Entretanto, a saturação (por supuração) desta engarrafada via de fuga intensiva que significou, apesar de tudo, a homossexualidade, com sua sucessão de vítimas e seus joguinhos de desafiar a morte (pensemos na peça de Copi, vítima de AIDS, *Les Escaliers de Notre Dame*: uma coorte de travestis, bofes, malandros e policiais brincam de desafiar a morte nas escadarias da catedral, que funciona como fundo longíquo; desafio que a chegada da morte em massa tornou desnecessário, entre macabro e ridículo), favorece que sejam procuradas outras formas de reverberação intensiva, entre as quais se deve considerar a atual promoção expansiva da mística e dos místicos, como maneira de viver um *êxtase ascendente*, num momento em que o *êxtase* da sexualidade torna-se, com a AIDS, totalmente *descendente*.³²⁰

Mas não se trata apenas da Aids. Perlongher continua:

Com o desaparecimento da homossexualidade masculina (a feminina, é importante esclarecer, continua em certo modo seu crescimento e sua extensão, mas num sentido que parece mais de corporação de mulheres que de desquício dionisíaco), a sexualidade em geral vai-se tornando cada vez menos interessante. Um século de foda terminou por fartar-nos. Não é casual que a droga (ainda que sejam seus piores usos) ocupe crescentemente o centro das atenções mundiais. Apesar de tudo, a droga (ou pelo menos certas drogas, os chamados alucinógenos) aproxima ao *êxtase* e conclama, em que pese aos malucos históricos, algum tipo de ritualização que a explosão dos corpos em libertinagem desavergonhada nunca de propôs (embora já uma heroína de Sade proclamasse: “até a perversão exige certa ordem”). Abandonamos o corpo pessoal. Agora trata de sair de si..³²¹

É preciso retomar o caráter mais radical e contestador da sexualidade – e, por conseguinte, das homossexualidades, das sexualidades divergentes da heteronormativa. É preciso fazer ruir os estereótipos e a linguagem que os acompanha: “Para mim, todas essas palavras – puta, lésbica, bicha, sapatão fancha, pitomba, viado, corno, racha, bofe, foda, caralho, saco, porra – só podem ser minadas por um comportamento libertário esvaziando seu sentido pejorativo e até ofensivo”, escreviam Herbert Daniel e Leila Míccolis no início dos anos 1980³²².

A cultura hegemônica que nos fixa degraus abaixo precisa ser corroída. Entretanto, se é possível atuar nas brechas, construindo uma cultura alternativa, é também

³²⁰ PERLONGHER, Néstor. O desaparecimento da homossexualidade. In: LANCETTI, Antônio (dir.). *SaúdeLoucura*. São Paulo: Hucitec, 1991, p. 45.

³²¹ Idem.

³²² MÍCCOLIS, Leila & DANIEL, Herbert. *Jacarés e Lobisomens* – dois ensaios sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro: Achimé, 1983, p. 79

possível construir outra cultura, de oposição. Uma cultura que afronte a hegemonia aí instalada por tanto tempo. Se algumas páginas são viradas, é preciso retomar o livro, lê-lo mais uma vez. E escrever outras páginas. Do lugar onde estamos.

Eu nunca quis te dizer/ Sempre te achei bacaninha/ O tempo todo
sonhando/ Com a tua pica na minha
O teu rostinho bonito/ O jeito differentão/ De olhar no olho da
gente/ E de criar confusão
O teu andar malandrinho/ O meu cabelo em pé/ O teu cheirinho
gostoso/ A minha vida de ré-é
Você me dando uma bola/ E eu perdido na escola/ Essa fissura no
ar/ Parece que eu vô correndo/ Sem vontade de andar
Quero te apertar/ Quero te morder, me dá/ Quero mas não
posso, não, porque:/ Rubens!! Não dá!/ Agente é homem/ O povo
vai estranhar/ Rubens!! Para de rir menino/ Se a tua família
descobre/ Eles vão querer nos engolir
A sociedade não gosta/ O pessoal acha estranho/ Nós dois
bricando de médico/ Nós dois com esse tamanho
E com essa nova doença/ O mundo todo na crença/ Que tudo isso
vai parar/ E a gente continuando/ Deixando o mundo pensar
Minha mãe teria um ataque/ Teu pai, uma paralisia/ Se por acaso
soubessem/ Que a gente transou um dia
Nossos amigos chorando,/ A vizinhança falando,/ O mundo todo
em prece/ E quando a gente passeia,/ A gente só esquece
Quero te apertar/ Quero te morder, bicha/ Só que eu sinto uma/
Dúvida no ar:/ Rubens!! Será que dá?/ A gente é homem/ O povo
vai estranhar/ Rubens!! Para de rir/ Se a tua família descobre/ Eles
vão querer nos engolir
Rubens!! Eu acho que dá pé.../ Éh!!/ Esse negócio de homem com
homem,/ Mulher com mulher/ Hã!!

Rubens, Carlos Manga, interpretada por Cássia Eller.

– Esse é meu anjo favorito. – Diz Prior. – Prefiro quando eles estão numa estátua... Celebram a morte, mas sugerem um mundo sem mortes. São feitos das coisas mais pesadas na terra: pedra e ferro. Eles pesam toneladas, mas são alados. São motores e instrumentos de vôo. Este é o anjo Betsaida. Loius lhe contará a história dela.

– Ela é o anjo que pousou na praça do Templo de Jerusalém, nos dias do Segundo Templo. No meio de um dia de trabalho ela desceu e o seu pé tocou a terra. Nesse ponto, uma fonte brotou do chão. Quando os romanos destruíram o Templo, a fonte de Betsaida secou.

– E Belize lhe falará sobre a natureza da fonte antes de ela secar.

– Se alguém estivesse sofrendo, no corpo ou no espírito, andasse pelas águas da fonte de Betsaida ficaria curado... e livre da dor.

– Eles sabem disso, pois contei a eles muitas vezes. A Hanna me contou isso. E ela também disse isso:



– Quando chegar o milênio...

– Não o ano 2000, mas milênio com “M” maiúsculo. (diz Prior)

– Certo. A fonte de Betsaida voltará a jorrar. E eu disse a ele que o levaria para banhar-se. Todos nós nos banharemos. (...)

– A fonte não está jorrando agora. Eles a desligam no inverno. Gelo nos canos. Mas, no verão, é uma bela vista. Eu quero estar aqui para ver. E planejo estar. Espero estar. (...) O mundo gira para frente. Seremos cidadãos. Chegou a hora. Adeus.

Da cena de final de *Angels in America*.

Teses Defendidas no Campo da Saúde				
	Autor	Título	Instituição	Ano
01	ALMEIDA, Gláucia Elaine Silva de.	<i>Da invisibilidade à vulnerabilidade: percursos do corpo lésbico na cena brasileira face à possibilidade de infecção por DST e Aids.</i>	UERJ	2005
02	BELTRAME, Luiz Ideraldo.	<i>Recontando histórias positivas: narrativas de homens que fazem sexo com homens vivendo com HIV.</i>	USP	2002
03	FIGUEIREDO, Virgínia Maria.	<i>Comportamento clínico, virológico e histológico de doadores de sangue anti-HCV positivo de acordo com o fator de risco para aquisição do vírus da Hepatite C.</i>	USP	1998
04	GRANATO, Celso Francisco Hernandes.	<i>Estudo sequencial da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana em grupos selecionados da cidade de Santos, SP – Brasil, 1987 a 1990.</i>	USP	1991
05	LUNA, Expedito José de Albuquerque.	<i>Uma abordagem epidemiológica dos comportamentos de risco para a infecção pelo HIV entre homens que fazem sexo com homens.</i>	USP	1998
06	MOÁS, Luciane da Costa.	<i>O reconhecimento jurídico da família homoafetiva: uma questão de justiça</i>	UERJ	2006
07	NAKAGIMA, Gerson Suguiyama.	<i>Carcinoma de ânus. Contribuição para o estudo dos aspectos epidemiológicos, histológicos, imunohistoquímicos e por hibridização in situ.</i>	USP	1999
08	NASCIMENTO, Luis Felipe do.	<i>O feitiço de Exu – um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candoblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro.</i>	UERJ	2004
09	NUNES, Altacilio Aparecido.	<i>Perfil clínico-epidemiológico de pacientes com HIV/Aids e avaliação do uso de terapia anti-retroviral altamente ativa (HAART) e da adesão ao serviço de infectologia de um Hospital de ensino.</i>	UFTM	2006
10	PEIXOTO JR, Carlos Augusto.	<i>Metamorfoses entre o sexual e o social – uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão.</i>	UERJ	1997
11	PIERROTI, Ligia Carnera.	<i>Fatores de risco para a ocorrência de viremia pelo herpesvírus 8 humano (HHV-8) em pacientes com Aids e Sarcoma de Kaposi.</i>	USP	2004
12	SIMÕES, Anna Maria Azevedo.	<i>A utilização de tecnologia computadorizada para coleta de informações sobre comportamentos sociais estigmatizados e/ou ilegais: ensaio clínico randomizado em um centro de tratamento e prevenção ao uso de drogas.</i>	Fund. O. Cruz	2005
13	TENGAN, Táfima Mitiko.	<i>Fatores de risco associados à infecção pelo vírus da Hepatite C.</i>	USP	1997
14	TERTO JR, Veriano de Souza.	<i>Reinventando a vida: histórias sobre homossexualidade e Aids no Brasil.</i>	UERJ	1997
15	TURCHI, Marília Dalva.	<i>Perfil de risco e estimativa de ocorrência de infecções de transmissão sanguínea ou sexual – HIV, Hepatite B, Hepatite C, HTVL e Sífilis – entre usuários de cocaína, em São Paulo.</i>	USP	2000
16	VIEIRA, Luciana Leila Fontes.	<i>As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana.</i>	UERJ	2005

Teses Defendidas nos Campos da Psicologia e da Psiquiatria				
	Autor	Título	Instituição	Ano
01	ALMEIDA, Antônio Carlos Oliveira de.	<i>O mel, a abelha e o cavalo que voava: escritas da Aids.</i>	USP	2008
02	ANTUNES, Maria Cristina.	<i>Territórios de vulnerabilidade ao HIV: homossexualidades masculinas em São Paulo.</i>	USP	2005
03	BARBERO, Graciela Haydée.	<i>Homossexualidade e expressões contemporâneas da sexualidade: perversões ou variações do erotismo?.</i>	PUC-SP	2004
04	CHAVES, Eliana Lorentz.	<i>Violência, agressividade e dominação: uma reflexão psicanalítica sobre a masculinidade.</i>	UFRJ	2008
05	FERREIRA, Marcelo Santana.	<i>A cidade como um texto: fragmentos da experiência homossexual masculina no Rio de Janeiro contemporâneo.</i>	PUC-RJ	2006
06	KNUDSEN, Patrícia Porchat Pereira da Silva.	<i>Gênero, psicanálise e Judith Butler: do transexualismo à política.</i>	USP	2007
07	MAGALHÃES NETO, José Vaz.	<i>Masculinidades: um estudo crítico das práticas discursivas dos alunos do Ensino Médio.</i>	UFES	2007
08	MAYA, Acyr Correa Leite.	<i>Homossexualidade: saber e homofobia.</i>	UFRJ	2008
09	MESA, Ângela Maria Estrada.	<i>“Comecei a ser uma pessoa que gostava de pessoas”: narrativas eróticas dissidentes e posicionamentos do self nas redes cotidianas de significado.</i>	UFPB	2009
10	OKAMURA, Cíntia.	<i>Arouche 2004: uma incursão no território urbano da cidade de São Paulo através de seus personagens. Estudo psicossocial sobre encontros e desencontros entre olhares, imagens e paisagens. Diagnóstico para uma intervenção ambiental.</i>	USP	2004
11	OLIVEIRA, Roberto Menezes de.	<i>Campo e ação das identificações na constituição da homossexualidade masculina.</i>	UnB	2002
12	PINTO JR, Antônio Augusto.	<i>Violência sexual doméstica contra meninos: um estudo fenomenológico.</i>	USP	2003
13	RIBEIRO, Aldry Sandro Monteiro.	<i>Os homossexuais em busca da visibilidade social.</i>	UnB	2005
14	SANT’ANA, Vânia Lúcia Pestana.	<i>Levantamento de características comportamentais em uma população masculina com diferentes orientações sexuais.</i>	USP	1995
15	SANTOS, Claudine dos.	<i>A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas.</i>	USP	2005
16	SCHNEYDER, Daniela Ribeiro.	<i>Novas perspectivas para a Psicologia Clínica – um estudo a partir da obra “Saint Genet: comédien et martyr” de Jean-Paul Sartre.</i>	PUC-SP	2002
17	SILVA, Adriana Nunan do Nascimento.	<i>Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado.</i>	PUC-RJ	2007
18	SOUZA, Eloísio Moulin de.	<i>Sexualidade e trabalho: estudo sobre a discriminação de homossexuais no setor financeiro.</i>	UFES	2009
19	TOLEDO, Luiz Celso Castro de.	<i>A família no discurso dos membros homoparentais.</i>	USP	2008

Teses Defendidas nos Campos da Sociologia e da Antropologia				
	Autor	Título	Instituição	Ano
01	ALMEIDA NETO, Luiz Mello de.	<i>Família no Brasil nos anos 90: um estudo sobre a construção da conjugalidade homossexual.</i>	UnB	1999
02	BUENOS AYRES, Carlos Antônio Mendes de Carvalho.	<i>Reforma do Estado, administração gerencial, política pública de emprego no Brasil do real: em busca da legitimidade perdida.</i>	UnB	2002
03	ESCUDEIRO, Richard Miskolci.	<i>Thomas Mann, o artista mestiço.</i>	USP	2001
04	HEILBORN, Maria Luiza de Amorim.	<i>Dois é par: conjugalidade, gênero e identidade sexual em contexto igualitário.</i>	UFRJ	1992
05	LOREA, Roberto Arriada.	<i>Cidadania sexual e laicidade – um estudo sobre a influência religiosa no poder judiciário.</i>	UFRGS	2008
06	NATIVIDADE, Marcelo Tavares.	<i>Deus me aceita como eu sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil.</i>	UFRJ	2008
07	NOVENA, Nadia Patrizia.	<i>A sexualidade na organização escolar: narrativas do silêncio.</i>	UFPE	2004
08	RODRIGUES, Almira Correia de Caldas.	<i>Cidadania nas relações afetivas sexuais no Brasil contemporâneo: uma questão de políticas públicas.</i>	UnB	1998
09	SANTOS, Josadac Bezerra dos.	<i>Conflito e novas identidades no campo religioso brasileiro: feminismo, aborto, homossexualidade e eutanásia.</i>	UFPE	2006
10	SILVA, Samuel Costa da.	<i>A arquitetura da violência: o Centro de Atendimento Juvenil Especializado (CAJE) enquanto forma singular de campo de concentração de adolescentes.</i>	UnB	2002
11	SIVORI, Horacio Federico.	<i>Ativistas e peritos no movimento GLTTB-Aids Argentino: ciências e política da identidade sexual.</i>	UFRJ	2007
12	SOUZA, Erica Renata de.	<i>Necessidade de filhos: maternidade, família e (homo)sexualidade.</i>	Unicamp	2006
13	TRINDADE, José Ronaldo.	<i>De dores e de amores: transformações da homossexualidade paulistana na virada do século XX.</i>	USP	2005
14	UZIEL, Anna Paula.	<i>Família e homossexualidade: velhas questões e novos problemas.</i>	Unicamp	2002
15	ZAMBRANO, Elizabeth Fetter.	<i>“Nós também somos família”: estudo sobre a parentalidade homossexual, travesti e transexual.</i>	UFRGS	2008

Teses Defendidas nos Campos da Linguística e dos Estudos Literários				
	Autor	Título	Instituição	Ano
01	ALÓS, Anselmo Peres.	<i>A letra, o corpo e o desejo</i> – uma leitura comparada de Puig, Abreu e Bayly.	UFRGS	2007
02	ANTUNES, Ana Luiza Rodrigues.	<i>Homossexualidade</i> : a mestiçagem que Jorge Amado não viu. Um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado.	PUC-RS	2009
03	ARAÚJO, Noélia Borges de.	<i>Geografias e identidade feminina nos romances de Kate O'Brien</i> : Mary Lavelle, That Lady e As Music and Splendon.	USP	2003
04	BARRETO, Maria Teresa C. de Souza.	<i>O dito interdito de Virgílio Piñera</i> .	USP	1993
05	BRAGA JR. Luiz Fernando Lima.	<i>Caio Fernando Abreu</i> : narrativa e homoerotismo.	UFMG	2006
06	CAMARGOS, Moacir Lopes de.	<i>Sobressaltos</i> : caminhando e dançando na f(r)esta da Parada do Orgulho Gay de São Paulo.	Unicamp	2007
07	CASTRO, Elias Ribeiro de.	<i>A estetização da sexualidade nas obras de Adolfo Caminha e Mikhail Kuzmin</i> : um estudo comparativo do romance Bom-Crioulo e da novela Asas.	USP	2006
08	FACCO, Lúcia.	<i>Era uma vez um casal diferente</i> : a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil.	UERJ	2008
09	FAJARDO, Gerardo Andrés Godoy.	<i>Erotismo masculino no imaginário de Rubem Fonseca e José Donoso</i> .	UFF	2006
10	KRONKA, Graziela Zanin.	<i>A encenação do corpo</i> – o discurso de uma imprensa (homo)erótico pornográfica como prática intersemiótica.	Unicamp	2005
11	LOPES, Paulo César Carneiro.	<i>Dialética da Iluminação</i> – a revelação como capacidade de escuta do outro, leitura de “Campo Geral”, de João Guimarães Rosa.	USP	2000
12	MARTINS, Cláudio Luís Serra.	<i>Desmanchando preconceitos</i> : a Aids e a estética da mancha nas peças Angels in América, o Homem e a Mancha e A Mancha Roxa.	UERJ	2009
13	MELO, Cristina Teixeira Vieira de.	<i>Cartas</i> – a redação: uma abordagem discursiva.	Unicamp	1999
14	OLIVA, Osmar Pereira.	<i>O corpo e a voz</i> : inscrições do masculino em narrativas queirosianas.	UFMG	2002
15	RODRIGUES JR, Adail Sebastião.	<i>A representação de personagens gays na coletânea de contos Stud e em sua tradução As aventuras de um garoto de programa</i> .	UFMG	2006
16	RODRIGUES, Jorge Luis Pinto.	<i>Impressões de identidade</i> : histórias e estórias da imprensa gay no Brasil.	UFF	2006
17	SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari.	<i>A homossexualidade e a Aids no imaginário de revistas semanais (1985-1990)</i> .	UFF	2006
18	SOUZA, Olga Maria Machado Carlos de.	<i>André Gide e a função da escrita</i> .	UFRJ	1998
19	SOUZA, Pedro de.	<i>Confidências da carne</i> : o público e o privado na enunciação da sexualidade.	Unicamp	1993
20	THOME, Ricardo Luiz de Souza.	<i>Eros proibido</i> : as ideologias em torno da questão homoerótica na literatura brasileira.	UFRJ	2002
21	VENTURELLI, Paulo César.	<i>Um pequeno mundo flutuante</i> : literatura e homoerotismo em circuito fechado, Adolfo Caminha e Silviano Santiago.	USP	2001

Teses Defendidas no Campo Direito				
	Autor	Título	Instituição	Ano
01	PAIVA, Antônio Cristian Saraiva.	<i>Reservados e invisíveis: administração da intimidade nas parcerias homoeróticas.</i>	UFCE	2004
02	PERES, Ana Paula Ariston Barion.	<i>As novas fronteiras da família na pós-modernidade: adoção por homossexuais.</i>	UERJ	2003
03	SILVA, Aneleo Alcides da.	<i>Famílias e sexualidades: monogâmicas, poligâmicas, heteroafetivas, homoafetivas, fraternas.</i>	UFSC	2004
04	SILVA, Fernanda Duarte Lopes Lucas da.	<i>Uma questão de Direito: a homossexualidade e o universo jurídico.</i>	PUC-RS	2003
05	TONI, Cláudia Thomé.	<i>A união estável e a união homoafetiva no direito penal.</i>	PUC-SP	2007

Teses Defendidas no Campo da Comunicação				
	Autor	Título	Instituição	Ano
01	BARROS, Sebastião Amoedo de.	<i>A resiliência da comunicação, ou a mudança dos valores pela mediação da cultura.</i>	UFRJ	1999
02	BARROSO, Fernando Luiz Alves.	<i>Jornal do Nuances – a prática midiática de uma ONG de Porto Alegre-RS para o confronto político entre o “Gay Classe Média” e a “Bicha Bafona”.</i>	Unisinos	2007
03	GARCIA SOBRINHO, Wilton.	<i>Homoerotismo: a sexualidade no discurso da arte contemporânea.</i>	USP	2002
04	NUSSBAUMER, Giselle Marchiri.	<i>Comunicação, sociabilidade e escrita de si – a comunidade GLS no ciberespaço.</i>	UFBA	2004
05	RODRIGUES, André Iribure.	<i>As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira: um olhar contemporâneo das últimas três décadas.</i>	UFRGS	2008
06	SILVA, Ellis Regina Araújo da.	<i>Representações sociais e imagens em fotografias do corpo masculino em revistas gays.</i>	UnB	2007

Teses Defendidas nos Campos da Educação e das Humanidades				
	Autor	Título	Instituição	Ano
01	CECHIN, Andréa Forgiarini.	<i>Vivências em espaços educativos: constituição de identidades homossexuais em homens adultos.</i>	PUC-RS	2007
02	FERRARI, Anderson.	<i>“Quem sou eu? Que lugar ocupo?” – grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual.</i>	Unicamp	2005
03	FURLANI, Jimena.	<i>O bicho vai pegar! – um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis.</i>	UFRGS	2005
04	SOUZA, Marcelo Gustavo de.	<i>Tolerar é pouco? Por uma filosofia da educação a partir do conceito de tolerância.</i>	PUC-RJ	2006
05	TORRES, Raimundo Augusto Martins.	<i>Sexualidade e relações de gênero na escola: uma cartografia dos saberes, práticas e discursos dos/das docentes.</i>	UFCE	2009
06	CÓRDOVA, Luiz Fernando Neves.	<i>Trajetórias de homossexuais na ilha de Santa Catarina: temporalidades e espaços.</i>	UFSC	2006
07	OLIVEIRA, Rosa Maria Rodrigues de.	<i>Isto é contra a natureza? Decisões e discursos sobre conjugalidades homoeróticas em tribunais brasileiros.</i>	UFSC	2009
08	SARAIVA, Eduardo Steindorf.	<i>Performances do querer: sobre homens e masculinidades.</i>	UFSC	2007

DOCUMENTAÇÃO

A Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

A CONSAGRADA FAMÍLIA. *Veja*, 25 de fevereiro de 1970, p. 56-62.

ACAYABA, Cíntia. Deputado propõe que lei estadual paulista contra homofobia seja revogada. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 22/02/2008. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 25/05/2010.

Angels in America. Minissérie (adaptada da peça homônima escrita por Tony Kushner) em seis capítulos produzida pelo canal HBO, dirigida por Mike Nichols. Estados Unidos da América/Canadá, 2003, drama, 352 minutos.

AQUINO, Tomás. *Suma teológica*. São Paulo: Loyola, 2000, vol. 4.

_____. *Comentario a las sentencias de Pedro Lombardo*. Pamplona: Universidad de Navarra, 2004.

ARAUJO, Jackson. LaBruce defende ‘vida no armário’. *Folha de S. Paulo*, Acontece, 10 de novembro de 1997. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1997&banner=bannersarqfolha>, consultado em 31/05/2010.

ATHIAS, Gabriela. Governo lança programa contra homofobia. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 26/05/2004. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 26/05/2010.

_____. Governo lança programa contra homofobia. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 26/05/2004. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 25/05/2010.

BENTES, Ivana. “BBB” é melhor forma de merchandising da televisão. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 1º de abril de 2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0104201009.htm>, consultado em 31/05/2010.

BRAGON, Ranier. Segundo round. *Folha de S. Paulo*, Poder, 11/01/2011. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 21/01/2011.

BROD, Jairo Luis. Quando o Legislativo não legisla...: o caso do projeto de lei nº 1.151/95, que disciplina a união civil entre pessoas do mesmo sexo. E-legis, nº 1, 2º semestre de 2008, p. 44. Disponível em http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/1843/quando_legislativo_brod.pdf?sequence=5, consultado em 16/02/2011.

CABRAL, Maria Clara. Entrevista – Marco Maia. *Folha de S. Paulo*, Poder, 18/02/2011. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 21/02/2011.

Calendário da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transgêneros. Disponível em <http://abglt.org.br/port/paradas2009.php>, consultada em 21/10/2010 e <http://www.abglt.org.br/port/paradas2010.php>, consultada em 15/02/2011.

CALLIGARIS, Contardo. Crônicas americanas 2. *Folha de S. Paulo*, Mais!, 16/01/1994. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 25/05/2010.

_____. Discordar de nosso próprio desejo. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 20/08/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2008200924.htm>, consultado em 30/05/2010.

CASTRO, Viveiros de. *Attentados ao pudor* – estudo sobre as aberrações do instinto sexual. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1895.

CAZUZA – UMA VÍTIMA DA AIDS agoniza em praça pública. *Veja*, ano 22, nº 17, Edição 1077, 26/04/1989, p. 1; 80-87.

CHRYSÓSTOMO, Antônio. Cinelândia-Alaska-São João – Os caubóis, seus clientes: todos querem ser felizes no triângulo da badalação. *Lampião*, ano 1, nº 1, maio/junho de 1978, p. 4.

CINEMA ÍRIS: na última sessão, um filme de terror. *Lampião*, ano 1, nº 0, abril de 1978.

COELHO, Luciana. Governo britânico pede perdão a matemático gay. *Folha de S. Paulo*, Ciência, 12/09/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ciencia/fe1209200901.htm>, consultado em 30/05/2010.

_____. Ofensiva católica. *Folha de S. Paulo*, Mundo. 13/04/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1304201001.htm>, consultado em 25/05/2010.

CORREA, Vanessa. Hotéis buscam curso de atendimento GLS. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 28 de fevereiro de 2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2802201018.htm>, consultado em 31/05/2010.

CRIVELLA, Marcelo. “Vou criar uma zona franca social com a redução de impostos para gerar empregos”. Entrevista. *Folha de S. Paulo*, Brasil. 17/03/2008. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 25/05/2010.

DANTAS, Frederico Jorge. Qual é a nossa imprensa?, *Lampião*, número zero, abril de 1978, p. 5.

DATA RELEMBRA CONFRONTO EM NY. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 25 de junho de 2000. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2506200012.htm>, consultado em 09/08/2009.

DOURADO, Luiz Ângelo. *Homossexualismo (masculino e feminino) e delinquência*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

DOUTORANDO DA USP DIZ TER SIDO VÍTIMA DE ATAQUE HOMOFÓBICO. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 30/01/2011. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 21/02/2011.

EPICURO (de Samos). *Carta sobre a felicidade, a Meneceu*. São Paulo: Unesp, 1997.

EVANGÉLICOS PROTESTAM CONTRA LEI ANTI-HOMOFOBIA NO SENADO. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 26/06/2008. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 25/05/2010.

FISCHER, André. Parada gay atrai 200 mil em Sidney. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 23 de fevereiro de 1998. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq23029827.htm>, consultado em 08/08/2009.

FLOR, Ana. Bancada evangélica emperra projetos de gays no Congresso. *Folha de S. Paulo*, Brasil, 13/06/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1306200917.htm>, consultado em 25/05/2010.

FOREL, Augusto. *A questão sexual*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928.

FOUQUÉ, Charles. *Homossexualismo (o amor que não ousa dizer seu nome...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1953.

Franquia & Negócios. São Paulo, ABF, Ano 5, nº 28, dez.-jan. de 2010.

FREIRE, Vinicius Torres. Direitos gays devem compor pauta do Congresso este ano. *Folha de S. Paulo*, Brasil, 12/02/1995. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 31/05/2010.

FRIEDMAN, Richard A. Diante de pais intoleráveis, o melhor é deixá-los. *Folha de S. Paulo*, The New York Times, 09/11/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/newyorktimes/ny0911200917.htm>, consultado em 30/05/2010.

GALVÃO, Vinícius Queiroz. “É a inquisição para héteros”, diz terapeuta – entrevista com Rozângela Alves Justino. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 14/07/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1407200915.htm>, consultado em 30/05/2010.

_____. Psicóloga que diz curar gay é condenada à censura pública. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 01/08/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0108200908.htm>, consultado em 30/05/2010.

GANCIA, Bárbara. “É o celibato, estúpido!”. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 16/04/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1604201004.htm>, consultado em 05/05/2010.

GAY. *Folha de S. Paulo*, Folha Corrida, 30/12/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/corrida/cr3012200909.htm>, consultado em 25/05/2010.

GLOBO REPÓRTER. Bissexualidade. Programa exibido pela Rede Globo de televisão no ano de 1995.

GREEN, James Naylor & TRINDADE, Ronaldo (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

GUASCH, Jorge Casas (coord.). *Hábitos e atitudes sexuais dos brasileiros*. São Paulo: Cultrix, 1983.

HEE, Carlos. *Trem fantasma*. São Paulo: Mandarim, 2002.

HOMOFOBIA CATÓLICA. *Folha de S. Paulo*, Brasil, Paineis, 01/07/1997. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi->

[bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1997&banner=bannersarqfolha](#), consultado em 25 de maio de 2010.

INDICADORES E PESQUISAS DO TURISMO da cidade de São Paulo. Op. cit.; PARADA GAY deve atrair mais de 300 mil turistas a SP. *Folha Online*, Turismo, 21 de maio de 2008. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/turismo/noticias/ult338u404149.shtml>, consultado em 21/10/2010.

IRAJÁ, Hernani do. *Psicoses do amor*: estudos sobre as alterações dos instintos sexuais. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1930.

KORMANN, Alessandra. Questão divide adolescentes. *Folha de S. Paulo*, Folhateen, 22/03/2004, Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 25/05/2010.

KRAFFT-EBING, Richard von. *Psychopathia sexualis*: as histórias de caso. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

La Gandhi Argentina. Ano 2, vol. 3, nov. 1998.

LAGE, Beatriz (coord. téc.). *Indicadores e pesquisas do turismo da cidade de São Paulo*. São Paulo: São Paulo Turismo, 2008, p. 53-57; p. 63-67; p. 73-77. Disponível em http://spturis.com/download/arquivos/indicadores_pesquisas_spturis_2008_r.pdf, consultado em 22/10/2010.

LE MOS, Nina. “BBB” traz nova luta de classes. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 26 de fevereiro de 2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq260220101017.htm>, consultado em 31/05/2010.

MAMBABA, Rafaela. De Teresina para o mundo. *Lampião*, ano I, nº 2, junho/julho de 1978, p. 4.

MARAÑÓN, Gregorio. *La evolucion de la sexualidad y los estados intersexuales*. Santiago: Cultura: 1936.

MARIZA. Nossas gaiolas comuns. *Lampião*, Ano I, número 1, maio-junho de 1978, p. 2.

MARMOR, Judd. *A inversão sexual* – as múltiplas raízes da homossexualidade. Rio de Janeiro: Imago, 1973.

MATTOS, Laura. Globo estreia novelas com núcleo de personagens gays. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 16/01/2011. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 21/02/2011.

MENA, Fernanda. Homofobia na escola é tema de congresso que reúne 150 países. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 23/04/2004, disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 25/05/2010.

MÍCCOLIS, Leila. “Snob”, “Le Femme”... os bons tempos da imprensa gay. *Lampião* nº 28, Rio de Janeiro: Esquina Editora, setembro de 1980, p. 6.

____ & DANIEL, Herbert. *Jacarés e Lobisomens* – dois ensaios sobre a homossexualidade. Rio de Janeiro: Achimé, 1983.

MICHAEL, Andréia. Globo é alvo de inquérito em caso de homofobia no “BBB”. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 04 de março de 2010. Disponível em <http://www1.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0403201006.htm>, consultado em 31/05/2010.

Milk – a voz da Igualdade (*Milk*), Dir.: Gus Van Sant, 2008, Estados Unidos, Universal, Cor., 126 min.

MORAIS, Rodrigo. Arquidiocese do Rio condena união civil entre homossexuais. *Estado de São Paulo*. 10/05/2001, disponível em <http://.wysiwyg://2/file:/cartaeugeniosales.htm>, consultado em 09/07/2002.

MOTT, Luiz. Orgulho gay e consciência homossexual. *Folha de S. Paulo*, Opinião, 28 de junho de 2000. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz2806200010.htm>, consultado em 09/08/2009.

_____. Homofobia. *Folha de S. Paulo*, Painel do Leitor, 17/11/2001. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 25/05/2010.

_____; CERQUEIRA, Marcelo & ALMEIDA, Cláudia. *O crime anti-homossexual no Brasil*. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2002.

MURTA, Andrea. Imigrantes gays lutam para viver nos EUA. *Folha de S. Paulo*, Mundo. 24/05/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft2405200901.htm>, consultado em 25/05/2010.

NOLASCO-FERREIRA, Sônia. A Igreja e o homossexualismo: uma nova visão. *O Globo*, 29/12/1976, [s/n].

NUBLAT, Johanna. Homossexuais dizem em pesquisa que parentes são os que mais discriminam. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 15/05/2009. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 31/05/2010.

_____. Congresso “empurra” para Justiça questões polêmica. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 02/05/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0205201014.htm>, consultado em 31/05/2010.

O CONSELHO EDITORIAL. Saindo do gueto. *Lampião*, número zero, abril de 1978, p. 2.

PADRES DÃO ASSISTÊNCIA A HOMOSSEXUAL. *Jornal do Brasil*, 13/07/1972, [s/n].

PARADA GAY atrai 20 mil manifestantes em São Paulo. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 28 de junho de 1999. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff28069919.htm>, consultado em 09/08/2009.

PARADA GAY. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 15 de junho de 2004. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannerarqfolha>, consultado em 31/05/2010.

Parágrafo 175 (Paragraph 175), Dir. Rob Epstein & Jeffrey Friedman, Reino Unido, Estados Unidos, Alemanha, 2000, p&b, cor. 81 min. Documentário).

PENTEADO, Darcy. Homossexualismo: que coisa é essa?. *Lampião*, nº 2, p. 2.

PINHO, Ângela. Direitos humanos dependem mais da família, diz brasileiro. *Folha de S. Paulo*, Brasil, 12/12/2008. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc1212200802.htm>, consultado em 25/05/2010.

PINHO, Márcio. Homossexualidade é pecado para 58%, aponta pesquisa. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 08/02/2009. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0802200906.htm>, consultado em 25/05/2010.

Playboy Interview: Anita Bryant. *Playboy*, maio de 1978, p. 73-86.

PORTUGAL APROVA CASAMENTO HOMOSSEXUAL. *Folha de S. Paulo*, Mundo, 09/01/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft0901201011.htm>, consultado em 31/05/2010.

PROFISSÃO REPÓRTER, programa exibido pela Rede Globo de Televisão em 11/05/2010.

Projeto de Lei nº 1151, de 1995, de autoria da então deputada federal Marta Suplicy, que se propõe a disciplinar a união civil entre pessoas do mesmo sexo.

Projeto de Lei nº 5.252, de 2001, de autoria do então deputado federal Roberto Jefferson, que propunha disciplinar a Parceria da Solidariedade entre pessoas. Arquivado em 13/03/2008.

REAÇÃO: GRUPOS COBRAM PROVAS DE RELAÇÃO ENTRE GAYS E PEDOFILIA. *Folha de S. Paulo*, Mundo. 14/04/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1404201012.htm>, consultado em 25/05/2010.

RIBEIRO, Leonidio. *Homossexualismo e endocrinologia*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1938.

RICE, Xan. Ativista de direitos gays de Uganda é espancado até a morte. *Folha de S. Paulo*, Mundo, 28/01/2011. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 21/02/2011.

RITO, Lúcia. Essa zona vai acabar. *Lampião*, ano I, nº 3, julho/agosto de 1978, p. 7.

RODRIGUES, João Carlos. O homossexual e o cinema brasileiro. *Lampião*, ano I, nº 11, abril de 1979, p. 15.

ROGAR, Silvia & BORTOLOTTI, Marcelo. Ser jovem e gay – a vida sem dramas. *Veja*. Edição 2164, São Paulo: Abril, p. 106-112.

RUIZ, Silvia. Aluno homossexual é ameaçado com expulsão. *Folha de S. Paulo*, Folhateen, 18/10/1999. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm1810199902.htm>, consultado em 23/09/2010.

____. “Eu também passei por isso”. *Folha de S. Paulo*, Folhateen, 25/10/1999, p. 7-6.

____. Aluno gay ameaçado de expulsão vai sair da cidade. *Folha de S. Paulo*, Folhateen, 20/12/1999, p. 7-3.

____. Alunos defendem a escola. *Folha de S. Paulo*, Folhateen, 01/11/1999, p. 7-5.

____. Garoto diz estar sofrendo ameaça. *Folha de S. Paulo*, Folhateen, 01/11/1999, p. 7-5.

SAMPAIO, Paulo. “Nunca vi tanta gente feia”, dizem habitués. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 1º de junho de 2007. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi->

[bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha](#), consultado em 31/05/2010.

SÊNECA, Lucio Aneu. *A tranquilidade da alma e A vida retirada*. São Paulo: Escala, 2005.

SILVA, Adriana Souza. Skinheads espancam e matam homem em SP. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 07 de fevereiro de 2000. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0702200007.htm>, consultada em 21/10/2010.

SILVA, Aguinaldo. O nosso prazer é melhor?. *Lampião*, número zero, abril de 1978, p. 4.

SORDILI, Aline. Mundo cor-de-rosa. *Folha de S. Paulo*, TVFolha, 06 de junho de 1999. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv06069910.htm>, consultado em 09/08/2009.

SOTRATTI, Ligia. Colégios dizem que abordam tema conforme a necessidade. *Folha de S. Paulo*, Ribeirão, 04/04/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri0404201003.htm>, consultado em 25/05/2010.

_____. Escola Tropeça ao tratar homossexualidade. *Folha de S. Paulo*, Ribeirão, 04/04/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri0404201003.htm>, consultado em 25/05/2010.

_____. Namoradas afirmam que já foram ameaçadas na escola. *Folha de S. Paulo*, Ribeirão, 04/04/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri0404201005.htm>, consultado em 25/05/2010.

SUWWAN, Leila. Apoio de FHC à união gay causa protestos. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 19/05/2002. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 31/05/2010.

TREVISAN, João Silvério. Leyland fala sobre atuação política – entrevista com Winston Leyland. *Lampião*, número 2, p. 11.

_____. Morte em San Francisco. *Lampião*, ano 1, nº 8, janeiro de 1979, p. 2.

UM JESUÍTA DEFENDE HOMOSSEXUAIS. *Folha de S. Paulo*, 02/09/1976, [s/n].

VASSALLO, Marta. Uma vitória do laicismo. *Le Mond Diplomatique Brasil*, Ano 4, nº 37, Agosto de 2010, p. 30-32.

VIEIRA, Willian. Parada é pretexto de turista para cinco noites de balada. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 24 de maio de 2008, p. C5.

VILA-NOVA, Carolina. Parada gay não barra avanço da homofobia em SP. *Folha de S. Paulo*, Mundo, 18 de abril de 2004. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 31 de maio de 2010.

_____. Para gay não barra avanço da homofobia em SP. *Folha de S. Paulo*, Mundo, 18/07/2004. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 31/05/2010.

WERTHEIN, Jorge & ABRAMOVAY, Miriam. O desrespeito à diferença. *Folha de S. Paulo*, Cotidiano, 07/06/2009. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi->

[bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha](http://www1.folha.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha), consultado em 30/05/2010.

WHITMAN, Walt. *Folhas das folhas de relva*. 1 ed. 9 reimp. São Paulo: Brasiliense, 2002.

ZANINI, Fábio. Ativismo gay causa homofobia, diz Anistia. *Folha de S. Paulo*, Mundo, 18 de julho de 2004. Disponível em <http://www1.uol.com.br/cgi-bin/bibliot/arquivo.cgi?html=fsp1994&banner=bannersarqfolha>, consultado em 31/05/2010.

_____. Uganda debate lei que pune gays com morte. *Folha de S. Paulo*, Mundo, 16/03/2010, Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1603201008.htm>, consultado em 25/05/2010.

_____. Projeto contra homossexuais gera divisão na igreja ugandense. *Folha de S. Paulo*, Mundo, 17/03/2010. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1703201012.htm>, consultado em 25/05/2010.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOT, Pascal. *História da ecologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1990.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes – formação do Brasil no Atlântico Sul, séculos XVI e XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ALMEIDA NETO, Luiz Mello de. *Família no Brasil nos anos 90: um estudo sobre a construção da conjugalidade homossexual*. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de Brasília, Brasília, 1999, 329 p.
- ALMEIDA, Amylton de. *My funny valentine e A noite das longas facas, segunda parte*. Vitória: [s/n], 1985.
- ALMEIDA, Antônio Carlos Oliveira de. *O mel, a abelha e o cavalo que voava: escritas da Aids*. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, 277 p.
- ALMEIDA, Gláucia Elaine Silva de. *Da invisibilidade à vulnerabilidade: percursos do corpo lésbico na cena brasileira face à possibilidade de infecção por DST e Aids*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva), Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005, 358 p.
- ALMEIDA, Jozimar Paes de. *Extinção do arco-iris*. Ecologia e História. Campinas: Papirus, 1988.
- ALÓS, Anselmo Peres. *A letra, o corpo e o desejo – uma leitura comparada de Puig, Abreu e Bayly*. Tese (Doutorado em Letras), Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007, 230 p.
- ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 15, 1995, p. 145-151.
- ANTUNES, Ana Luiza Rodrigues. *Homossexualidade: a mestiçagem que Jorge Amado não viu*. Um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado. Tese (Doutorado em Linguística e Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009, 323 p.
- ANTUNES, Maria Cristina. *Territórios de vulnerabilidade ao HIV: homossexualidades masculinas em São Paulo*. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2005, 152 p.
- ARAÚJO, Noélia Borges de. *Geografias e identidade feminina nos romances de Kate O'Brien: Mary Lavelle, That Lady e As Music and Splendon*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003, 203 p.
- ARIÈS, Philippe & BÉJIN, André (orgs.). *Sexualidades ocidentais – contribuições para a história e para a sociologia da sexualidade*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*, vol. I – História da Imprensa Brasileira. 4 ed. São Paulo: Ática, 1990.

BAIRD, Vanessa. *Sex, love and homophobia: lesbian, gay, bisexual and transgender lives*. Londres: Anistia Internacional, 2004.

BARBERO, Graciela Haydée. *Homossexualidade e expressões contemporâneas da sexualidade: perversões ou variações do erotismo?*. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004, 186 p.

BARRET-DUCROCQ, François. *A intolerância*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BARRETO, Maria Teresa C. de Souza. *O dito interdito de Virgilio Piñera*. Tese (Doutorado em Literatura Espanhola e Hispano-Americana), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993, 312 p.

BARROS, Sebastião Amoedo de. *A resiliência da comunicação, ou a mudança dos valores pela mediação da cultura*. Tese (Doutorado em Comunicação), Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999, 172 p.

BARROSO, Fernando Luiz Alves. *Jornal do Nuances – a prática midiática de uma ONG de Porto Alegre-RS para o confronto político entre o “Gay Classe Média” e a “Bicha Bafona”*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale dos Sinos, 2007, 310 p.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

_____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

BECK, Ulrich. *Liberdade ou Capitalismo*. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony & LASH, Scott. *Modernidade reflexiva: trabalho e estética na ordem social moderna*. São Paulo: Unesp, 1997.

BELMONTE, Pilar Rodriguez. *História da homossexualidade: ciência e contra-ciência no Rio de Janeiro (1970-2000)*. Tese (Doutorado em História das Ciências), Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2009, 224 p.

BELTRAME, Luiz Ideraldo. *Recontando histórias positivas: narrativas de homens que fazem sexo com homens vivendo com HIV*. Tese (Doutorado em Saúde Pública), Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002, 219 p.

BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BESSA, Karla. História da sexualidade revisitada: “queering” a leitura de Michel Foucault. *História & Perspectivas*, Uberlândia, nº 35, jul.-dez. 2006, p. 291-298.

BHABHA, Romi K.. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BIER, Alexandre Luís Schultz. *Sobre cinemas e vídeo-locadoras pornôs, províncias de outros corpos e outros significados*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social),

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BRAGA JR. Luiz Fernando Lima. *Caio Fernando Abreu: narrativa e homoerotismo*. Tese (Doutorado em Estudos Literários), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006, 312 p.

BROD, Jairo Luis. Quando o Legislativo não legisla...: o caso do projeto de lei nº 1.151/95, que disciplina a união civil entre pessoas do mesmo sexo. E-legis, nº 1, 2º semestre de 2008, p. 44. Disponível em http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/1843/quando_legislativo_brod.pdf?sequence=5, consultado em 16/02/2011.

BRUN, Jean. *O estoicismo*. Lisboa: Edições 70, 1986.

BUENOS AYRES, Carlos Antônio Mendes de Carvalho. *Reforma do Estado, administração gerencial, política pública de emprego no Brasil do real: em busca da legitimidade perdida*. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de Brasília, Brasília, 2002, 369 p.

CAMARGO, Maria Silvia. *Mulher & Trabalho - 32 Histórias*. São Paulo: 34, 1997.

CAMARGOS, Moacir Lopes de. *Sobressaltos: caminhando e dançando na f(r)esta da Parada do Orgulho Gay de São Paulo*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007, 200 p.

CAPELATO, Maria Helena R.. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1988.

CAPUCHO, Luís. *Cinema Orly*. Rio de Janeiro: Interlúdio, 1999.

CASTRO, Edgard. *Vocabulário de Foucault – um percurso sobre seus temas, conceitos e outros*. Belo Horizonte: Antártica, 2009.

CASTRO, Elias Ribeiro de. *A estetização da sexualidade nas obras de Adolfo Caminha e Mikhail Kuzmin: um estudo comparativo do romance Bom-Crioulo e da novela Asas*. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura Russa), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, 233 p.

CECHIN, Andréa Forgiarini. *Vivências em espaços educativos: constituição de identidades homossexuais em homens adultos*. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007, 154 p.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia – a História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *A repressão sexual, essa nossa (des)conhecida*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CHAVES, Eliana Lorentz. *Violência, agressividade e dominação: uma reflexão psicanalítica sobre a masculinidade*. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008, 183 p.

CÓRDOVA, Luiz Fernando Neves. *Trajetórias de homossexuais na ilha de Santa Catarina: temporalidades e espaços*. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006, 320 p.

COSTA, Horácio et. al. (orgs.). *Retratos do Brasil homossexual – fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2010.

COSTA, Jurandir Freire. *A inocência e o vício* – estudos sobre o homoerotismo. 3 ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

_____. *A face e o verso* – estudos sobre o homoerotismo II. São Paulo: Escrita, 1995.

_____. *Ordem médica e norma familiar*. 4 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

COSTA, Rogério da Silva Martins da Costa. *Sociabilidade homoerótica masculina no Rio de Janeiro na década de 1960: relatos do jornal O Snob*. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais), Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

DANIEL, Herbert. Homossexual: defesa dos interesses?. *Gênero*, Niterói, vol. 8, nº. 2, 1º sem. 2008, p. 15-21.

DAVIS, Natalie Zemon. *As culturas do povo* – sociedade e cultura no início da França Moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DEL PRIORE, Mary. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *Corpo a Corpo com a Mulher* – pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: Senac, 2000.

DONZELOT, Jacques. *A polícia das famílias*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DURÃO, Fábio Akcelrud; ZUIN, Antônio & VAZ, Alexandre Fernandez (orgs.). *A indústria cultural hoje*. São Paulo: Boitempo, 2008.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo: Unesp, 2005.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000, p. 23.

ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

ESCUDEIRO, Richard Miskolci. *Thomas Mann, o artista mestiço*. Tese (Doutorado em Sociologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001, 259 p.

EULALIO, Alexandre. *Caminhos cruzados* – linguagem, antropologia e ciências naturais. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: Movimento homossexual e produção de identidades nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACCO, Lúcia. *Era uma vez um casal diferente: a temática homossexual na educação literária infanto-juvenil*. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008, 100 p.

FAJARDO, Gerardo Andrés Godoy. *Erotismo masculino no imaginário de Rubem Fonseca e José Donoso*. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006, 267 p.

FARIA, Nalu & NOBRE, Miriam. *Gênero e desigualdade*. São Paulo: Sempreviva, 1997.

FERRARI, Anderson. *“Quem sou eu? Que lugar ocupo?”* – grupos gays, educação e a construção do sujeito homossexual. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005, 234 p.

FERREIRA, Marcelo Santana. *A cidade como um texto: fragmentos da experiência homossexual masculina no Rio de Janeiro contemporâneo*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006, 203 p.

FIGUEIREDO, Virgínia Maria. *Comportamento clínico, virológico e histológico de doadores de sangue anti-HCV positivo de acordo com o fator de risco para aquisição do vírus da Hepatite C*. Tese (Doutorado em Gastroenterologia), Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, 106 p.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura na Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. *Vigiar e Punir – o nascimento da prisão*. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *História da sexualidade I – a vontade de saber*. 13 ed, Rio de Janeiro:Graal, 1999.

_____. *Os anormais*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FURLANI, Jimena. *O bicho vai pegar! – um olhar pós-estruturalista à Educação Sexual a partir de livros paradidáticos infantis*. Tese (Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005, 272 p.

GABEIRA, Fernando. *Vida Alternativa*. Um Revolução do Dia a Dia. Porto Alegre: L&PM., 1985.

GARCIA SOBRINHO, Wilton. *Homoerotismo: a sexualidade no discurso da arte contemporânea*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Escola de Cinema e Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002, 276 p.

GAZOLLA, Rachel. *O ofício do filósofo estóico: o duplo registro do discurso da stoa*. São Paulo: Loyola, 1999.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora da Unesp, 1991.

_____. *A transformação da intimidade: amor & erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da Unesp, 1993.

_____. *A terceira via: reflexões sobre o impasse político atual e o futuro da social-democracia*. São Paulo: Record, 2001.

GOMES, Aguinaldo Rodrigues & SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. *Poéticas do Desejo*. Campo Grande: Life, 2009.

GOMES, Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega. *História de confissões e de leituras: a emergência histórica das Edições GLS*. Tese (Doutorado em História do Norte-Nordeste do Brasil), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GRANATO, Celso Francisco Hernandes. *Estudo sequencial da infecção pelo vírus da imunodeficiência humana em grupos selecionados da cidade de Santos, SP – Brasil, 1987 a 1990*. Tese (Doutorado em Doenças Infecciosas e Parasitárias), Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991, 100 p.

GREEN, James Naylor & TRINDADE, Ronaldo (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.

- GREEN, James Naylor. *Além do carnaval – a homossexualidade no Brasil no século XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.
- GROSSI, Miriam Pillar et. all. (orgs.). *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- GUIMARÃES, Celeste M. B. *Homossexualismo: mitologias científicas*. Tese (Doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HAUPT, Georges. Por que a história do movimento operário?. *História & Perspectivas*, Uberlândia, nº 43, jul.-dez. 2010.
- HEILBORN, Maria Luiza de Amorim. *Dois é par: conjugalidade, gênero e identidade sexual em contexto igualitário*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992, 365 p.
- HOCQUENGHEM, Guy. *A contestação homossexual*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- HOLLANA, Heloisa B.. GONÇALVES, Marcos A.. *Cultura e participação nos anos 60*. 9º ed.. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- HOORNAERT, Eduardo. *História da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- ___ (org). *História da Igreja na América Latina e no Caribe. 1945-1995*. O debate metodológico. Petrópolis: Vozes, 1995.
- ISAIA, Artur César. O campo religioso brasileiro e suas transformações históricas. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Ano I, n. 3, p. 95-105, Jan. 2009.
- KALTAI, Caterina. *Por que pacifismo*. São Paulo: Moderna, 1986.
- KATZ, Jonathan Ned. *A invenção da heterossexualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996.
- KNUDSEN, Patrícia Porchat Pereira da Silva. *Gênero, psicanálise e Judith Butler: do transexualismo à política*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, 153 p.
- KRONKA, Graziela Zanin. *A encenação do corpo – o discurso de uma imprensa (homo)erótico pornográfica como prática intersemiótica*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005, 204 p.
- LANCETTI, Antônio (dir.). *Saúde Loucura*. São Paulo: Hucitec, 1991.
- LAURITSEN, John & THORSTAD, David. *Los primeros movimientos en favor de los derechos homosexuales (1864-1935)*. Barcelona: Tusquets Ed., 1974.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Lisboa/Rio de Janeiro: Portugal/Civilização Brasileira, 1938/1950.
- LÉVY, Bernard-Henri. *American vertigo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio – ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. Lisboa: Relógio D'Água, 1983.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal – ensaio sobre uma sociedade do hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A felicidade paradoxal – ensaio sobre uma sociedade do hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LOPES, Paulo César Carneiro. *Dialética da Iluminação* – a revelação como capacidade de escuta do outro, leitura de “Campo Geral”, de João Guimarães Rosa. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000, 357 p.

LOREA, Roberto Arriada. *Cidadania sexual e laicidade* – um estudo sobre a influência religiosa no poder judiciário. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Faculdade de Ciências Sociais e Humanidades, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008, 209 p.

LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação* – uma perspectiva pós estruturalista. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

LUNA, Expedito José de Albuquerque. *Uma abordagem epidemiológica dos comportamentos de risco para a infecção pelo HIV entre homens que fazem sexo com homens*. Tese (Doutorado em Medicina Preventiva), Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998, 282 p.

LUNEAU, René. MICHEL, Patrick (orgs). *Nem todos os caminhos levam a Roma*. As mutações atuais do catolicismo. Petrópolis: Vozes, 1999.

MACHADO, Roberto (org.). *A danação da norma*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

_____. *Foucault, a ciência e o saber*. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

MACIEL, Luiz Carlos. *Anos 60*. 2 ed. Porto Alegre: L&PM, 1987.

MacRAE, Edward. *A construção da igualdade* – identidade sexual e política no Brasil da “abertura”. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos* – o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MAGALHÃES NETO, José Vaz. *Masculinidades*: um estudo crítico das práticas discursivas dos alunos do Ensino Médio. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007, 165 p.

MANOEL, Ivan Aparecido. FREITAS, Nainora M. B. de. *História das Religiões*: Desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos. São Paulo: Paulinas, 2006.

MANTEGA, Guido. *Sexo & Poder*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações*: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003.

MARTINS, Ana Luiza & De LUCA, Tânia Regina. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MARTINS, Cláudio Luís Serra. *Desmanchando preconceitos*: a Aids e a estética da mancha nas peças Angels in América, o Homem e a Mancha e A Mancha Roxa. Tese (Doutorado em Letras), Faculdade de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009, 152 p.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Por uma história da mulher*. Bauru: Edusc, 2000.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Meu lar é o botequim*. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

___ & SOLLER, Maria Angélica (orgs.). *Da invisibilidade ao gênero*. São Paulo: NEM/PUC-SP, 2003.

MATOS, Olgária. *Contemporaneidades*. São Paulo: Lazuli/Cia. Editora Nacional, 2009.

MAYA, Acyr Correa Leite. *Homossexualidade: saber e homofobia*. Tese (doutorado em Teoria Psicanalítica), Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008, 180 p.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Espaço, lugar e deslugar. *Redes*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 93-107, 1997; ___. Símbolos dos lugares, dos espaços e dos “deslugares”. *Espaço e Cultura*, Edição comemorativa, p. 167-174, 2008.

MELO, Cristina Teixeira Vieira de. *Cartas – a redação: uma abordagem discursiva*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999, 264 p.

MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana; MALUF, Sonia W.; PUGA, Vera Lúcia (orgs.). *Olhares feministas*. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, 2009.

MELO, José Marques de (org.). *Imprensa Brasileira – personagens que fizeram história*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e Universidade Metodista de São Paulo, 2005.

MENEZES, Paulo & BRUNI, José Carlos (orgs.). *Michel Foucault: um pensamento desconcertante*. 7 ed. São Paulo: Edusp, 1995.

MESA, Ângela Maria Estrada. “*Comecei a ser uma pessoa que gostava de pessoas*”: narrativas eróticas dissidentes e posicionamentos do self nas redes cotidianas de significado. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009, 231 p.

MOÁS, Luciane da Costa. *O reconhecimento jurídico da família homoafetiva: uma questão de justiça*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva), Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006, 296 p.

MORENO, Antônio. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. Rio de Janeiro: Funarte/Eduff, 2001.

MOTT, Luiz. *O sexo proibido – virgens, gays e escravos nas garras da inquisição*. Campinas: Papirus, 1988.

___. Homossexualidade: uma história tabu e uma cultura revolucionária. *ArtCultura*, Uberlândia, vol. 4, nº 4, jan.-jun. de 2002, Edufu, p. 9-18.

MOTTA, Luiz Gonzaga (org.). *Imprensa e poder*. Brasília/São Paulo: Editora da UnB/Imprensa Oficial do Estado, 2002.

MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio Dayrell (orgs.). *O jornal: da forma ao sentido*. 2 ed. Brasília; Editora da UnB, 2002.

NAKAGIMA, Gerson Suguiyama. *Carcinoma de ânus*. Contribuição para o estudo dos aspectos epidemiológicos, histológicos, imunohistoquímicos e por hibridização in situ. Tese (Doutorado em Gastroenterologia), Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999, 136 p.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *Do convés ao porto: a experiência dos marinheiros e a revolta de 1910*. Tese (Doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

NASCIMENTO, Luis Felipe do. *O feitiço de Exu – um estudo comparativo sobre parcerias e práticas homossexuais entre homens jovens candoblesistas e/ou integrantes da comunidade entendida do Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva), Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004, 330 p.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. *Deus me aceita como eu sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008, 317 p.

NAXARA, Márcia; MARSON, Izabel & BREPOHL, Marion (orgs.). *Figurações do outro*. Uberlândia: Edufu, 2009.

NOVENA, Nadia Patrícia. *A sexualidade na organização escolar: narrativas do silêncio*. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004, 396 p.

NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansaraí, 2003.

NUNES, Altacilio Aparecido. *Perfil clínico-epidemiológico de pacientes com HIV/Aids e avaliação do uso de terapia anti-retroviral altamente ativa (HAART) e da adesão ao serviço de infectologia de um Hospital de ensino*. Tese (Doutorado em Medicina Tropical e Infectologia), Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2006, 105 p.

NUNES, César Aparecido. *Desvendando a sexualidade*. 7 ed. Campinas: Papirus, 2005.

NUSSBAUMER, Giselle Marchiri. *Comunicação, sociabilidade e escrita de si – a comunidade GLS no ciberespaço*. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004, 242 p.

OKAMURA, Cíntia. *Arouche 2004: uma incursão no território urbano da cidade de São Paulo através de seus personagens*. Estudo psicossocial sobre encontros e desencontros entre olhares, imagens e paisagens. Diagnóstico para uma intervenção ambiental. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004, 300 p.

OLIVA, Osmar Pereira. *O corpo e a voz: inscrições do masculino em narrativas queirobianas*. Tese (Doutorado em Estudos Literários), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002, 273 p.

OLIVEIRA, Roberto Menezes de. *Campo e ação das identificações na constituição da homossexualidade masculina*. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de Brasília, Brasília, 2002, 320 p. PINTO JR, Antônio Augusto. *Violência sexual doméstica contra meninos: um estudo fenomenológico*. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003, 232 p.

OLIVEIRA, Rosa Maria Rodrigues de. *Isto é contra a natureza? Decisões e discursos sobre conjugalidades homoeróticas em tribunais brasileiros*. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009, 260 p.

PAIVA, Antônio Cristian Saraiva. *Reservados e invisíveis: administração da intimidade nas parcerias homoeróticas*. Tese (Doutorado em Sociologia), Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004, 450 p.

PARIZI, Vicente. Uberman: mudanças na (auto)imagem masculina, homossexualidade e homofobia analisadas a partir de imagens produzidas por Tom of Finland. *História & Perspectivas*, Uberlândia, nº 35, jul.-dez. 2006, p. 57-98.

PARKER, Richard. *Abaixo do equador – culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PEIXOTO JR, Carlos Augusto. *Metamorfoses entre o sexual e o social – uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva), Centro Biomédico, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997, 248 p.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é Contracultura*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

____ & HERSCHMANN, Micael M. (orgs.). *A invenção do Brasil moderno: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

PEREIRA, Marta Regina Alves. *Nas malhas da diferença: nuanças do gênero na educação de crianças*. Uberlândia: Edufu, 2005.

PERES, Ana Paula Ariston Barion. *As novas fronteiras da família na pós-modernidade: adoção por homossexuais*. Tese (Doutorado em Direito), Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003, 182 p.

PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil: entre a militância e o consumo*. São Paulo: Publifolha, 2011.

PERET, Luiz Eduardo Neves. *Do armário à tela global: a representação social da homossexualidade na telenovela brasileira*. Dissertação (Mestrado em Comunicação), Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê – prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da História – operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

____. *As Mulheres ou Os Silêncios da História*. Bauru: Edusc, 2005.

PIERROTI, Ligia Carnera. *Fatores de risco para a ocorrência de viremia pelo herpesvírus 8 humano (HHV-8) em pacientes com Aids e Sarcoma de Kaposi*. Tese (Doutorado em Doenças Infecciosas e Parasitárias), Faculdade de Medicina de São Paulo, São Paulo, 2004, 188 p.

PINTO, Céli Regina Jardim. *Uma história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

PUGA, Vera Lúcia. *Paixão, sedução e violência (1960-1980)*. Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

RIBEIRO, Aldry Sandro Monteiro. *Os homossexuais em busca da visibilidade social*. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade de Brasília, Brasília, 2005, 340 p.

RIBEIRO, Irineu Ramos. *A TV no armário – a identidade gay nos programas e telejornais brasileiros*. São Paulo: Edições GLS, 2010.

RIBEIRO, Renato Janine (org.). *Recordar Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias na Idade Média*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

RIZZINI, Carlos. *O Livro, o Jornal e a Tipografia no Brasil*. Rio de Janeiro: Kosmos, 1945.

RODRIGUES JR, Adail Sebastião. *A representação de personagens gays na coletânea de contos Stud e em sua tradução As aventuras de um garoto de programa* Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos), Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006, 255 p.

RODRIGUES, Almira Correia de Caldas. *Cidadania nas relações afetivas sexuais no Brasil contemporâneo: uma questão de políticas públicas*. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de Brasília, Brasília, 1998, 272 p.

RODRIGUES, André Iribure. *As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira: um olhar contemporâneo das últimas três décadas*. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação), Instituto de Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008, 309 p.

RODRIGUES, Jorge Luis Pinto. *Impressões de identidade: histórias e estórias da imprensa gay no Brasil*. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007, 230 p.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade*. Petrópolis: Vozes, 1969.

_____. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

_____. *Gênero, Patriarcado, Violência*. São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

_____ & MUÑOZ-VARGAS, Monica (orgs.). *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; Brasília: UNICEF, 1994.

SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do Riso*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SANT'ANA, Vânia Lúcia Pestana. *Levantamento de características comportamentais em uma população masculina com diferentes orientações sexuais*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995, 197 p.

SANTOS, Claudine dos. *A parentalidade em famílias homossexuais com filhos: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas*. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2005, 445 p.

SANTOS, Josadac Bezerra dos. *Conflito e novas identidades no campo religioso brasileiro: feminismo, aborto, homossexualidade e eutanásia*. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade Federal de Pernambuco, 2006, 355 p.

SARAIVA, Eduardo Steindorf. *Performances do querer: sobre homens e masculinidades*. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007, 256 p.

SAVIN-WILLIAMS, Ritch. *The new gay teenager*. Cambridg: Harvard University Press, 2005.

SCAVONE, Lucila; ALVAREZ, Marcos César & MISKOLCI, Richard (orgs.). *O legado de Foucault*. São Paulo: Editora da Unesp, 2006.

SCHNEYDER, Daniela Ribeiro. *Novas perspectivas para a Psicologia Clínica* – um estudo a partir da obra “Saint Genet: comédien et martyr” de Jean-Paul Sartre. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002, 338 p.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público* – as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. *A cultura do novo Capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SILVA, Adriana Nunan do Nascimento. *Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado*. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007, 231 p.

SILVA, Aneleo Alcides da. *Famílias e sexualidades: monogâmicas, poligâmicas, heteroafetivas, homoafetivas, fraternas*. Tese (Doutorado em Direito), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004, 235 p.

SILVA, Cláudio Roberto da. *Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*. Dissertação (Mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

SILVA, Ellis Regina Araújo da. *Representações sociais e imagens em fotografias do corpo masculino em revistas gays*. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade de Brasília, Brasília, 2007, 273 p.

SILVA, Fernanda Duarte Lopes Lucas da. *Uma questão de Direito: a homossexualidade e o universo jurídico*. Tese (Doutorado em Direito), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003, 111 p.

SILVA, Marcos Antônio da. *Prazer e Poder do Amigo da Onça*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. *Caricata Republica - Zé Povo e O Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SILVA, Samuel Costa da. *A arquitetura da violência: o Centro de Atendimento Juvenil Especializado (CAJE) enquanto forma singular de campo de concentração de adolescentes*. Tese (Doutorado em Sociologia), Universidade de Brasília, Brasília, 2002, 402 p.

SIMÕES, Anna Maria Azevedo. *A utilização de tecnologia computadorizada para coleta de informações sobre comportamentos sociais estigmatizados e/ou ilegais: ensaio clínico randomizado em um centro de tratamento e prevenção ao uso de drogas*. Tese (Doutorado em Saúde Pública), Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2005, 87 p.

SIVORI, Horacio Federico. *Ativistas e peritos no movimento GLTTB-Aids Argentino: ciências e política da identidade sexual*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007, 242 p.

SKEGGS, Beverley. *Formations of class & gender*. Londres. Sage, 1997.

SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. *A homossexualidade e a Aids no imaginário de revistas semanais (1985-1990)*. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006, 231 p.

SOIETH, Rachel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana (1890-1920)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SOTANA, Edvaldo Correa. *A paz sob suspeita* - representações jornalísticas sobre a manutenção da paz mundial, 1945-1953. Tese (Doutorado em História). Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2010.

SOUSA NETTO, Miguel Rodrigues de. *Poéticas do desejo* – a ruptura do interdito lida em três contos de João Silvério Trevisan, de 1976. Dissertação (Mestrado em História Social). Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

SOUZA, Eloísio Moulin de. *Sexualidade e trabalho*: estudo sobre a discriminação de homossexuais no setor financeiro. Tese (Doutorado em Psicologia), Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009, 350 p.

SOUZA, Erica Renata de. *Necessidade de filhos*: maternidade, família e (homo)sexualidade. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006, 242 p.

SOUZA, Marcelo Gustavo de. *Tolerar é pouco?* Por uma filosofia da educação a partir do conceito de tolerância. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006, 199 p.

SOUZA, Olga Maria Machado Carlos de. *André Gide e a função da escrita*. Tese (Doutorado em Ciências da Literatura), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998, 270 p.

SOUZA, Pedro de. *Confidências da carne*: o público e o privado na enunciação da sexualidade. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993, 384 p.

TELES, Maria Amélia da Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TENGAN, Táfima Mitiko. *Fatores de risco associados à infecção pelo vírus da Hepatite C*. Tese (Doutorado em Doenças Infecciosas e Parasitárias), Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997, 103 p.

TERTO JR, Veriano de Souza. *Reinventando a vida*: histórias sobre homossexualidade e Aids no Brasil. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva), Centro Biomédico, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997, 249 p.

THOME, Ricardo Luiz de Souza. *Eros proibido*: as ideologias em torno da questão homoerótica na literatura brasileira. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002, 210 p.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, Luiz Celso Castro de. *A família no discurso dos membros homoparentais*. Tese (Doutorado em Psicologia Social), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, 241 p.

TONI, Cláudia Thomé. *A união estável e a união homoafetiva no direito penal*. Tese (Doutorado em Direito), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007, 192 p.

TORRES, Raimundo Augusto Martins. *Sexualidade e relações de gênero na escola*: uma cartografia dos saberes, práticas e discursos dos/das docentes. Tese (Doutorado em

Educação), Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009, 192 p.

TREVISAN, João Silvério. *Testamento de Jônatas deixado a David*. São Paulo: Brasiliense, 1976.

_____. *Em nome do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

_____. *Vagas notícias de Melinha Marchiotti*. São Paulo: Codecri, 1983.

_____. *Devassos no paraíso – a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 3 ed. rev. amp. São Paulo: Record, 2000.

TRINDADE, José Ronaldo. *De dores e de amores: transformações da homossexualidade paulistana na virada do século XX*. Tese (Doutorado em Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005, 229 p.

TRONCA, Ítalo (org.). *Foucaultiano*. Campinas: AP Pontes, 1987.

TROVÃO, Fávio Vilas-Bôas. *“O Exército Inútil” de Robert Altman: Cinema e Política* (1983). Tese (Doutorado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

TURCHI, Marília Dalva. *Perfil de risco e estimativa de ocorrência de infecções de transmissão sanguínea ou sexual – HIV, Hepatite B, Hepatite C, HTVL e Sífilis – entre usuários de cocaína, em São Paulo*. Tese (Doutorado em Doenças Infecciosas e Parasitárias), Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000, 154 p.

UZIEL, Anna Paula. *Família e homossexualidade: velhas questões e novos problemas*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002, 210 p.

VAINFAS, Ronaldo. *Casamento, amor e desejo no Ocidente cristão*. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. *No escurinho do cinema: cenas de um público implícito*. São Paulo/Fortaleza: Annablume/Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.

VENTURELLI, Paulo César. *Um pequeno mundo flutuante: literatura e homoerotismo em circuito fechado*, Adolfo Caminha e Silviano Santiago. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001, 316 p.

VIEIRA, Luciana Leila Fontes. *As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana*. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva), Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005, 112 p.

WERNECK SODRÉ, Nelson. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

WHITMAN, Walt. *Folhas das folhas de relva*. 1 ed. 9 reimp. São Paulo: Brasiliense, 2002.

WILLIAMS, Raymond. Base e superestrutura na teoria cultural marxista. *Revista USP*. mar./mai. 1989. São Paulo: USP/CCS, 1989.

ZAMBRANO, Elizabeth Fetter. *“Nós também somos família”*: estudo sobre a parentalidade homossexual, travesti e transsexual. Tese (Doutorado em Antropologia Social),

Faculdade de Ciências Sociais e Humanidades, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008, 228 p.

Quando acordei, André me olhava dum jeito totalmente novo. Quase como o jeito antigo, mas muito mais intenso e calmo. Como se agora partilhássemos o mesmo reino. André sorriu. Depois estendeu a mão direita em direção aos meus cabelos, uniu o polegar ao indicador e, gentilmente, apanhou uma borboleta. Era das verdes. Depois baixou a cabeça, eu estendi os dedos para seus cabelos e apanhei outra borboleta. Era das amarelas. Como não havia telhados próximos, esvoaçavam pelo pátio enquanto falávamos juntos aquelas mesmas coisas – eu para as borboletas dele, ele para as minhas. Ficamos assim por muito tempo até que, sem querer, apanhei uma das negras e começamos a brigar. Mordido muitas vezes, tirando sangue da carne, enquanto ele cravava as unhas no meu rosto. Então vieram os homens, quatro desta vez. Dois deles puseram os joelhos sobre nossos peitos, enquanto os outros dois enfiavam agulhas em nossas veias. Antes de cairmos outra vez no poço acolchoado de branco, ainda conseguimos sorrir um para o outro, estender os dedos para nossos cabelos e, com os indicadores e polegares unidos, ao mesmo tempo, com muito cuidado, apanhar cada um uma borboleta. Essa era tão vermelha que parecia sangrar.

Caio Fernando Abreu, *Uma história de borboletas*.